

PROSA E  
POESIA  
NO MORRO

GUIA DA  
**CIDADANIA E  
IDENTIDADE**  
METROPOLITANA NA RMBH



2018

CLARICE LIBÂNIO  
[ORGANIZAÇÃO]

PROSA E  
POESIA  
NO MORRO

GUIA DA  
**CIDADANIA E  
IDENTIDADE**  
METROPOLITANA NA RMBH

CLARICE LIBÂNIO  
[ORGANIZAÇÃO]



2018

## Copyright © 2018 Favela é Isso Aí

**Realização** – Favela é Isso Aí e Casa do Beco

**Coordenação editorial** – Clarice Libânio

**Concepção e organização do volume** – Clarice Libânio

**Supervisão de Pesquisa** – Luísa Nonato e Thales Santos

**Pesquisadores** – Aleksandro Trigger; César Zanandreis; Dandara Aimée dos Santos; Juliana Aquino; Maria Clara Ribeiro Soares; Tiphany Gomes.

**Textos** – Aleksandro Trigger; Ana Mourão Oliveira; André Veloso; Caroline Craveiro; César Zanandreis; Clarice de Assis Libânio; Dandara Aimée dos Santos; Daniel Netto; Daniela Andrade; Flávia Mourão Parreira do Amaral; Gustavo Nogueira; Heloisa Costa; Josemeire Alves Pereira; Juliana Aquino; Júnia Ferrari; Jupira Gomes de Mendonça; Lucien Marques; Luísa Nonato; Luiz Ferraz; Maria Clara Ribeiro Soares; Melissa Luciana de Araújo; Patrícia Cristina Coutinho Nardini; Pedro Cícero; Roberto Luís Monte-Mór; Rodolfo Ataíde; Rodrigo Silva Lemos; Saulo Albuquerque; Sibelle Cornélio Diniz; Thales Santos; Tiphany Gomes.

**Revisão** – Josemeire Alves Pereira

**Fotografias** – Consuelo Abreu, Eduardo Memória, Élcio Paraíso, Fernando Libânio, Leopoldo Curi, Rodolfo Ataíde e Thales Santos, exceto fotos institucionais cedidas pelas Prefeituras locais e pelas equipes Lumes, Periferias em Rede e PDDI, produzidas pelo Centro da Imagem da Escola de Design da Universidade Estadual de Minas Gerais.

**Foto da capa** – Folia de Reis, de Élcio Paraíso

**Capa, projeto gráfico e diagramação** – Carol D'Alessandro

### Catálogo da publicação (CIP)

G943 Libânio, Clarice de Assis (org.)  
Guia da cidadania e identidade metropolitana na RMBH /  
Clarice de Assis Libânio (organizadora) - Belo Horizonte:  
Favela é Isso Aí, 2018.  
288 p.: il. color. (Prosa e Poesia no Morro)

ISBN 978-85-60740-14-7

1. Belo Horizonte, Região Metropolitana de (MG) 2. Cidadania  
3. Identidade social I. Título II. Série

CDD: 918.151

Elaboração: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

corealização:



patrocínio:



realização:





**GUIA DA**  
**CIDADANIA E**  
**IDENTIDADE**  
**METROPOLITANA NA RMBH**

Festa na comunidade dos Arturos, Contagem  
Foto: Élcio Paraíso



Festa na comunidade dos Arturos, Contagem  
Foto: Élcio Paraíso

# APRESENTAÇÃO

A Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) sabe o quão precioso e único é o patrimônio cultural e artístico mineiro. Por esse motivo, a chance de poder apoiar o projeto Periferias em Rede – e, conseqüentemente, a elaboração deste Guia – foi recebida com muito entusiasmo pela Companhia.

Para a Cemig, que historicamente contribui com a divulgação de bens culturais, este guia favorece não somente o morador, mas também o artista de todas as vilas e favelas da Região Metropolitana de Belo Horizonte, que ainda carece de visibilidade e acesso.

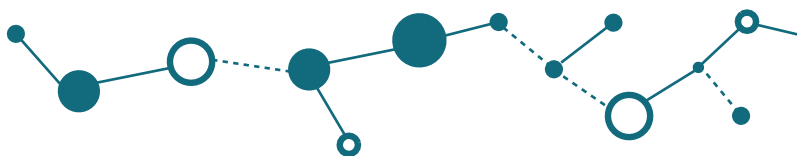
Porém, a Companhia entende que a publicação é uma demanda de todo o público – irrestrita àqueles que moram nas periferias –, com destaque para o turista, cujo interesse por diferentes expressões artísticas, fora dos circuitos tradicionais, cresce dia após dia.

O fato é que, independentemente de quem se propuser a folhear estas páginas, tem-se aqui uma referência valiosa para identificação e localização de espaços e artistas das mais diversas vertentes da pulsante e cheia de vida cultura de Minas Gerais.

A Cemig parabeniza a todos que se fizeram presentes neste trabalho coletivo, especialmente a ONG Favela é Isso Aí (aliás, fruto da primeira edição do guia) e, claro, a autora. E espera que outras Clarices se inspirem e vivam a periferia e a sua arte, e tenham a oportunidade de descobrir, aqui, os caminhos para tantas manifestações culturais.







# CONTEÚDO

Prefácio: Das promessas e (im)possibilidades de um Guia da cidadania e identidade metropolitana .....	11
---	----

## **1. RMBH QUADRO A QUADRO: TERRITÓRIOS E IDENTIDADES ..... 18**

RMBH: uma região, múltiplas realidades.....	21
Baldim .....	34
Belo Horizonte .....	39
Betim .....	51
Brumadinho.....	57
Caeté .....	63
Capim Branco .....	71
Confins .....	75
Contagem.....	79
Esmeraldas .....	85
Florestal .....	89
Ibirité.....	94
Igarapé .....	99
Itaguara .....	103
Itatiaiuçu .....	107
Jaboticatubas.....	111
Juatuba .....	117

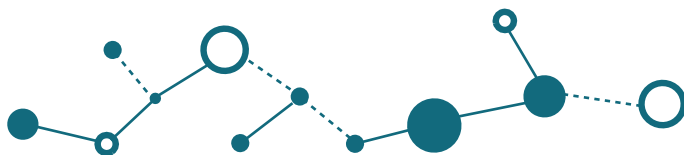


Lagoa Santa .....	123
Mário Campos .....	129
Mateus Leme .....	133
Matozinhos .....	137
Nova Lima .....	143
Nova União.....	149
Pedro Leopoldo .....	157
Raposos .....	163
Ribeirão das Neves.....	167
Rio Acima .....	173
Rio Manso .....	177
Sabará .....	181
Santa Luzia.....	187
São Joaquim de Bicas.....	191
São José da Lapa .....	195
Sarzedo .....	199
Taquaraçu de Minas.....	208
Vespasiano .....	212

## **2. PENSAR A REGIÃO E SEUS TEMAS INTEGRADORES..... 218**

Água, gente, trabalho, mobilidade, participação: Temas integradores e elementos compartilhados da cidadania metropolitana.....	220
Tema integrador 1: Desigualdade socioespacial <i>Região Metropolitana de Belo Horizonte: uma realidade socioterritorial desigual</i> .....	223
Tema integrador 2: Governança Metropolitana.....	227

Tema integrador 3: Cidadania e urbanidade metropolitana .....	232
Tema integrador 4: Extensão universitária <i>Participação, Integração e Cidadania: processos em construção</i> .....	236
Tema integrador 5: Lutas ambientais <i>Lutas e encontros pela criação do Parque Nacional da Serra do Gandarela</i> .....	240
Tema integrador 6: Urbanização e natureza <i>Agriculturas na RMBH</i> .....	246
Tema integrador 7: Mobilidade urbana <i>Construir e inventar a integração metropolitana</i> .....	253
Tema integrador 8: Trabalho <i>Economias populares na Região Metropolitana de Belo Horizonte: integração entre trabalho, cultura e território</i> .....	258
Tema integrador 9: Meio ambiente <i>Paisagem e meio ambiente na dinâmica metropolitana: as serras, as águas e as pessoas.</i> .....	263
Tema integrador 10: Trama verde e azul <i>Uma nova aposta para a articulação metropolitana</i> .....	271
<b>CRÉDITOS E EQUIPE</b> .....	<b>280</b>





Festa de São João - Quilombo do Matição - Jaboticatubas/MG  
Foto: Consuelo Abreu

# PREFÁCIO: DAS PROMESSAS E (IM)POSSIBILIDADES DE UM GUIA DA CIDADANIA E IDENTIDADE METROPOLITANA

*Clarice de Assis Libânio*

Antes de adentrar pelas páginas que se seguem é fundamental que o leitor entenda do que se trata este livro. Com um título talvez pretensioso, daqueles que prometem muito, mas podem entregar pouco ao final, este volume tem características importantes que o tornam único, em minha opinião, para o bem ou para o mal.

Este Guia se construiu como um produto do projeto Periferias em Rede, parte da Série Prosa e Poesia no Morro 2018, cuja publicação foi viabilizada através da Lei Federal de Incentivo à Cultura – Lei Rouanet, do Ministério da Cultura, financiado pela empresa Cemig Distribuição. Mais uma parceria frutífera entre o Favela é Isso Aí e a Casa do Beco, este livro buscou extrapolar as visões das periferias para além das favelas de Belo Horizonte, entendendo sua região metropolitana como um corpo só que não tem mais como ser visto separado de sua Capital.

Entretanto, para além desta parceria, este é um produto de muitas mãos, muitas mesmo, e de muito tempo de discussão acumulada, em outras rodas e espaços, que extrapolam em muito aquilo que foi possível mostrar aqui. Como se verá ao longo do volume, foram vários os autores que contribuíram com suas visões sobre a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), ora em uma perspectiva ampliada, ora a partir de um olhar específico para cada uma de suas unidades territoriais, as cidades e municípios.

Na verdade o desejo de fazer este Guia nasceu muito antes de ter sido possível viabilizá-lo. Nasceu durante os processos de elaboração dos instrumentos de



planejamento metropolitano, num sonho da equipe dos Lugares de Urbanidade Metropolitana (Lumes), lá em 2014. Este sonho, que desde então não deixou de ser perseguido, foi acumulando subsídios, foi mudando de cara e, finalmente, hoje se tornou realidade.

Sua construção teve um caminho longo e, de certa forma, como poderá ser visto a seguir, gerou duas trilhas paralelas e complementares. De um lado, foi construído a partir de pesquisas em campo, feitas pelos bolsistas dos Lumes, pelos estagiários do Favela é Isso Aí e pelos alunos das disciplinas oferecidas na UFMG, ao longo dos últimos quatro anos. Estes visitaram as 34 cidades que compõem a região para conhecer cada território e entrevistar artistas, grupos culturais, gestores públicos e privados, enfim, moradores e moradoras que, ao final, nos ajudaram a entender um pouco quais eram as características que poderiam definir cada local e mostrar sua cara para aqueles que nunca tinham estado ali.

Esta, talvez, seja a parte mais forte e, ao mesmo tempo, mais frágil deste Guia. Isto porque ficou claro que qualquer visão que apresentemos aqui será uma visão parcial, um olhar apenas, uma fração pequena da diversidade e da multiplicidade de culturas e identidades que compõem cada uma das 34 cidades da região. Cada um dos territórios visitados daria um livro próprio, e esta foi uma conclusão que poderia colocar a perder todo o projeto, por nossa impossibilidade financeira e temporal para executá-lo.

Assim, decidimos assumir o risco de sermos parciais, de mostrar apenas a ponta dos icebergs identitários que estão submersos na riquíssima cultura e nas mais diversas manifestações que podemos encontrar na região. Por isso também cada texto está assinado por aqueles que participaram de sua elaboração, de forma a dizer que cada um mostra uma visão específica, a partir de seu olhar, cada qual um ponto de vista particular, que obviamente não representa ou retrata o que cada território e cultura contém em sua totalidade.



Refletindo sobre a célebre frase de Guimarães Rosa, entendemos que, assim como Minas Gerais, a RMBH é muitas, é um todo complexo formado não só por muitas cidades, mas também por muitas culturas em cada uma delas. Nenhum lugar é só isto ou só aquilo. Ninguém vive de uma só atividade. Ninguém pratica uma só cultura.

As pessoas são múltiplas, as culturas e as identidades também. Seja na cultura ou na economia, é na pluralidade que reside a verdadeira identidade de um povo e, mais ainda, suas melhores chances de sobrevivência no tempo. Assim como a diversidade biológica é a garantia da sobrevivência das espécies, é na diversidade cultural que se constrói a história e o desenvolvimento dos povos e dos territórios. Por isso, deixamos desde já nossas desculpas ao leitor que se sentir frustrado por aquilo que falta neste livro, o que também é um convite para completar com sua própria visão e experiência o que não conseguimos mostrar.

De outro lado, para além das pesquisas nos municípios, o volume traz reflexões e conceitos que vêm sendo trabalhados há anos por vários autores e pesquisadores da área do planejamento urbano e regional, alguns dos quais também deram aqui sua contribuição. Neste sentido, é primordial destacar que são incorporados nos textos algumas discussões presentes no Estatuto das Cidades (2001) e no Estatuto das Metrôpoles (2015), além de reflexões a respeito das formas de viver e conviver nas metrôpoles de maneira justa e com qualidade de vida para todos seus cidadãos. Especial destaque para os trabalhos que vêm sendo elaborados como suporte ao planejamento metropolitano na RMBH, capitaneados pela Agência Metropolitana e pela equipe de elaboração do Plano Metropolitano (UFMG, 2011) e do Macrozoneamento Metropolitano (UFMG, 2015), dos quais se falará mais adiante.

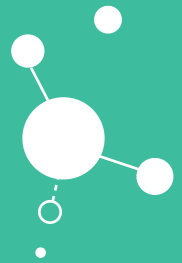
Outra atividade que contribuiu para a elaboração deste Guia foram os seminários realizados pelo projeto




Periferias em Rede, em que artistas, gestores culturais, estudantes e moradores da RMBH puderam sentar juntos, conversar e trocar informações sobre seus projetos, ideias e ações desenvolvidas nos municípios que valorizavam, em alguma medida, as manifestações culturais. Uma dessas rodas de conversa trouxe o debate sobre a importância de um registro atemporal, que fosse além de apenas catalogar as ações socioculturais no momento da pesquisa. As pessoas na roda queriam mais, queriam um material que mostrasse potências, que revelassem as diferentes identidades locais, as culturas, os entraves, os sucessos, a história que cada grupo, gestor ou ator social escreve dentro desta grande diversidade que é Minas.

A partir das diversas fontes de conteúdo, dos vários inputs que geraram este livro, o material que se segue está organizado em duas seções, que podem ser lidas em paralelo, juntas ou em separado, simultaneamente ou aleatoriamente, enfim, pois cada texto tem sua própria unidade, ainda que dialogue com o conjunto da obra.

A primeira parte apresenta o resultado da pesquisa de campo realizada nos municípios e tenta mostrar a RMBH “quadro a quadro”. Nela buscamos trazer um breve olhar para cada cidade da região, descrevendo e apresentando algumas características identitárias e culturais que podem fazer com que o leitor se interesse por visitar este ou aquele local e aprofundar o conhecimento sobre ele. É uma visão pequena e parcial, como já dito, mas que tem o propósito justamente de instigar o desejo e deixar o gostinho de quero mais. Aqui buscamos entender quais eram as principais manifestações de cada território, suas festas, os destaques de sua culinária, os grupos e artistas locais, seus traços identitários e seus referenciais de cidadania. Para aprofundar em cada local, apresentamos ainda algumas referências, sites, vídeos, livros ou artigos que podem ser consultados por aqueles que desejem conhecer um pouco mais sobre cada municipalidade.





Já a Seção 2 traz textos que buscam fazer uma reflexão sobre a região como um todo, a partir de algumas de suas principais características, que aqui chamamos de temas integradores ou transversais. São elementos que perpassam por vários municípios e que não se referem a apenas um deles. São temas que chamam à reflexão sobre a metrópole que temos e a que queremos, sobre o que é ser cidadão deste território, para além de suas fronteiras internas e do umbigo de cada um de nós. Nesta seção se apresentam textos com teor mais reflexivo, ainda que sem o perfil acadêmico, mas que trazem elementos para se discutir conceitualmente a realidade da RMBH.

É importante realçar que este livro não tem como foco especial o turista, aquele que vem de fora da região e quer encontrar atrativos para seu final de semana, saber como chegar ou onde se hospedar, por exemplo. Ainda que possa ser uma boa referência inicial sobre as cidades da RMBH – e que aponta para a lacuna existente, a falta de um guia realmente turístico da região, completo e que sirva de norte para estes visitantes – o seu alvo principal é o morador da metrópole.

Nossa proposta é mostrar que somos cidadãos de um território ampliado, interdependente e indissociável, independente de onde esteja fincada nossa casa, e que, para além da vivência cotidiana, é fundamental conhecer este território e suas características para valorizar nossa identidade e exercer nossa cidadania metropolitana. Este conceito de cidadania metropolitana, aliás, é o cerne deste Guia e das discussões que temos empreendido nos últimos anos, e indica a perspectiva de que em um território conurbado e interconectado por vários fluxos – de pessoas, produtos, serviços, recursos e desafios –, como é o caso da RMBH, é preciso pensar-se e viver como cidadão da metrópole como um todo, e não apenas de um município em particular, abraçar a região e participar de seus rumos e da tomada de decisões sobre ela.



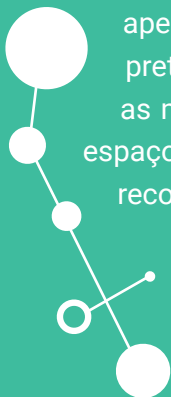
Gostaríamos de deixar aqui nosso agradecimento a todos os entrevistados para a construção deste Guia, a todos os autores que contribuíram com seus textos, aos moradores das cidades e seus gestores e lideranças, aos fotógrafos que compartilharam sua arte e sua visão particular sobre as cidades visitadas e suas manifestações, aos grupos culturais e artistas destes territórios e, obviamente, a todos os membros da equipe da UFMG, dos Lumes, do projeto Periferias em Rede, colaboradores do Favela é Isso Aí e da Casa do Beco.

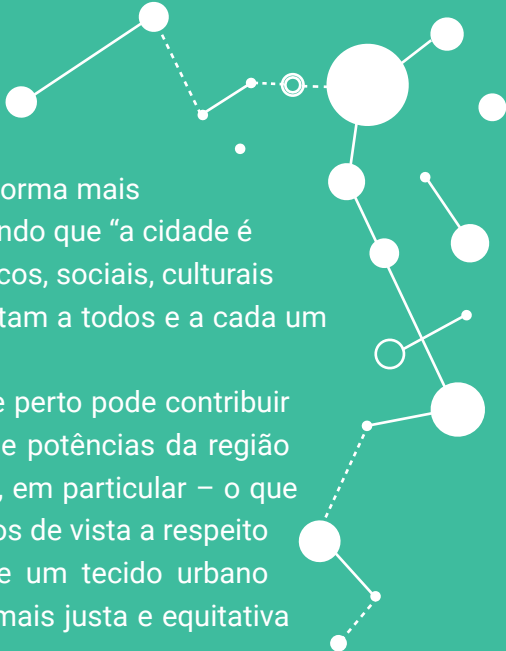
Por fim, à Cemig, financiadora e apoiadora deste projeto, que permitiu sua viabilização e publicização. Agradecimento especial a Thiago Camargo, Diretor de Relações Institucionais da empresa à época da concessão do patrocínio, que foi quem provocou o nascimento do projeto Periferias em Rede e que, com sua sensibilidade, mostrou que há formas mais humanizadas de se trabalhar o ambiente corporativo, em comunhão entre os três setores, governo, sociedade civil e ambiente empresarial.

Agradecemos ainda, de forma carinhosa, ao Professor Roberto Luis de Melo Monte-Mór, pesquisador do CEDEPLAR/UFMG e coordenador do programa dos Lumes, de quem veio a inspiração para pensar a cidadania e a identidade metropolitana e o incentivo para perseguirmos a construção deste Guia por tantos anos.

Para finalizar, é fundamental apontar que este livro, apesar de ser chamado “Guia”, não tem a intenção e a pretensão de ser definitivo, de ser um compilado de todas as manifestações, culturas, identidades e características do espaço metropolitano e das cidades da RMBH. Ao contrário, reconhece que este território é múltiplo, complexo, dinâmico, plural, conflitante e até mesmo desconhecido de seus próprios moradores e lideranças, o que o torna um campo a ser (re)conhecido e (re)descoberto a cada dia.

Entende-se que um olhar sobre a RMBH, seja através de suas periferias, seja através de sua cultura,





identidade ou temas transversais, permite entender o território de uma forma mais coletiva, não fragmentária, reconhecendo que “a cidade é uma só” e que os processos econômicos, sociais, culturais e urbanos que aí se desenvolvem afetam a todos e a cada um de nós de várias formas.

Conhecer este universo mais de perto pode contribuir para um reconhecimento das forças e potências da região como um todo – e de suas periferias, em particular – o que traz ainda outras perspectivas e pontos de vista a respeito das possibilidades de construção de um tecido urbano menos excludente e uma metrópole mais justa e equitativa para todos seus moradores.

Este texto pode ser um início para esta jornada, e tomara que seja um companheiro instigante e prazeroso para quem quiser levá-lo consigo debaixo do braço.



#### **PARA SABER MAIS:**

Estatuto da Cidade (2001), disponível em [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/LEIS\\_2001/L10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10257.htm), acesso em 10/02/2019.

Estatuto da Metrópole (2015), disponível em [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13089.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13089.htm), acesso em 10/02/2019.

UFMG. Macrozoneamento RMBH. *Produto 01. Marco teórico-metodológico e definição das áreas temáticas afetas ao interesse metropolitano*. Belo Horizonte, fevereiro de 2014. Disponível em [www.rmbh.org.br/central.php?tema=Plano\\_Metropolitano](http://www.rmbh.org.br/central.php?tema=Plano_Metropolitano), acesso em julho de 2017.

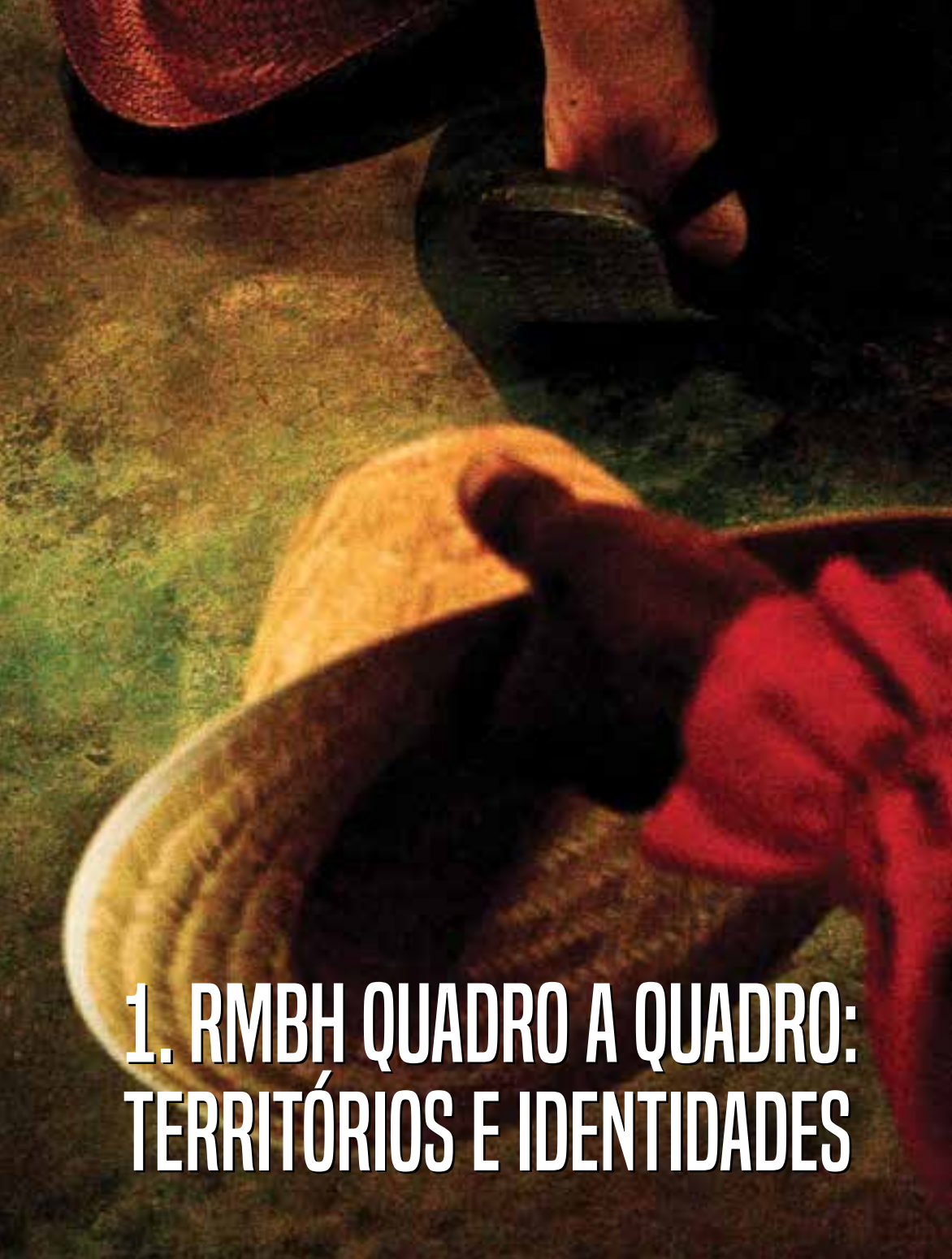
UFMG. *Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte – PDDI*, volume I. Belo Horizonte, 2011.

UFMG. *Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte – PDDI*, volume IV. Belo Horizonte, 2011.

UFMG. Site do plano metropolitano: [www.rmbh.org.br](http://www.rmbh.org.br)

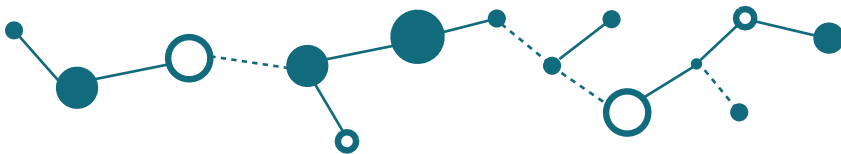


Folia de Reis na comunidade dos Arturos, Contagem  
Foto: Élcio Paraíso



**1. RMBH QUADRO A QUADRO:  
TERRITÓRIOS E IDENTIDADES**





## ***RMBH: UMA REGIÃO, MÚLTIPLAS REALIDADES<sup>1</sup>***

Pensar em uma região metropolitana, e este também é o caso da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), implica necessariamente pensar na perspectiva da pluralidade e da diversidade. Isto se diz tanto do ponto de vista das atividades produtivas quanto de seu perfil socioeconômico, identitário e cultural.

Sendo a terceira maior do Brasil, a RMBH conta com 34 municípios<sup>2</sup> e cerca de cinco milhões de habitantes (26% da população do estado), 24% do eleitorado e 40% do Produto Interno Bruto de Minas Gerais. A Figura 1 mostra os municípios que compõem a RMBH, bem como seu entorno imediato, chamado Colar Metropolitano.

---

<sup>1</sup> Adaptado e ampliado a partir de Libânio, 2017.

<sup>2</sup> São eles: Baldim, Belo Horizonte, Betim, Brumadinho, Caeté, Capim Branco, Confins, Contagem, Esmeraldas, Florestal, Ibirité, Igarapé, Itaguara, Itatiaiuçu, Jaboticatubas, Juatuba, Lagoa Santa, Mário Campos, Mateus Leme, Matozinhos, Nova Lima, Nova União, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Rio Manso, Sabará, Santa Luzia, São Joaquim de Bicas, São José da Lapa, Sarzedo, Taquaraçu de Minas e Vespasiano.



do fortalecimento das “centralidades em rede” (UFMG, 2014, p. 58/59). Assim, “a redução das desigualdades socioespaciais passa necessariamente pela transformação da RMBH numa metrópole policêntrica e mais compacta, em oposição a um crescimento extensivo ou contínuo da mancha urbana do tipo centro-periferia, prevalente até hoje” (UFMG, 2014, p. 59).

Como pode ser visto na Tabela 1, a seguir, há desigualdades e disparidades nos indicadores selecionados. De fato, os municípios da RMBH são desiguais entre si e estas desigualdades são distribuídas de maneira diretamente proporcional à segregação espacial e territorial e ao próprio perfil econômico e social da região.

Um exemplo do que se vem de afirmar são os indicadores de pobreza e renda apurados na RMBH, que, independente do aspecto analisado, mostram inequivocamente os altos níveis de disparidade interna da região. A título de exemplo: em 2010, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) trabalhados pela Fundação João Pinheiro (FJP), 67% da população de Taquaraçu de Minas estava inserida nas categorias de extremamente pobre (5,5%), pobre (20,4%) ou vulnerável à pobreza (41,1%). No extremo oposto se situava o município de Nova Lima, onde os percentuais eram, respectivamente, de 0,5% (extremamente pobres), 2,8% (pobres) e 13,7% (vulneráveis à pobreza), totalizando 17% de sua população nas piores situações econômicas. De maneira análoga, a renda *per capita* na região variava de R\$ 1.731,84 (Nova Lima) a R\$ 387,68 (Nova União).



**Tabela 1 – Municípios da RMBH, segundo indicadores selecionados**

<b>Município</b>	<b>População total (2010)</b>	<b>Estimativa População (2018)</b>	<b>Mulheres (%)</b>	<b>Homens (%)</b>	<b>Cor ou Raça Branca (%)</b>
Baldim	7.913	7.851	50,2	49,8	25,9
Belo Horizonte	2.375.151	2.501.576	53,1	46,9	46,7
Betim	378.089	432.575	50,7	49,3	33,1
Brumadinho	33.973	39.520	49,9	50,1	46,7
Caeté	40.750	44.377	51,3	48,7	31,2
Capim Branco	8.881	9679	50,3	49,7	25,4
Confins	5.936	6.657	50,8	49,2	25,4
Contagem	603.442	659.070	51,5	48,5	39,3
Esmeraldas	60.271	70.200	49,8	50,2	26,5
Florestal	6.600	7.386	50,8	49,2	44,2
Ibirité	158.954	179.016	51,0	50,0	31,1
Igarapé	34.851	42.246	50,3	49,7	35,1
Itaguara	12.372	13.278	49,4	50,7	73,2
Itatiaiuçu	9.928	11.037	49,2	50,8	43,2
Jaboticatubas	17.134	19.858	49,2	50,8	24,0
Juatuba	22.202	26.484	49,5	50,5	32,4
Lagoa Santa	52.520	63.359	51,0	49,0	37,8
Mario Campos	13.192	15.207	49,7	50,3	34,9
Mateus Leme	27.856	30.798	50,4	49,6	40,1
Matozinhos	33.955	37.473	50,7	49,4	27,5
Nova Lima	80.998	93.577	51,7	48,3	37,2
Nova União	5.555	5.718	49,7	50,3	31,1
Pedro Leopoldo	58.740	63.789	51,1	48,9	30,8
Raposos	15.342	16.277	51,9	48,1	26,3
Ribeirão das Neves	269.317	331.045	50,4	49,6	26,6
Rio Acima	9.090	10.203	50,8	49,2	26,0
Rio Manso	5.276	5.783	47,4	52,6	56,4
Sabará	126.269	135.421	51,8	48,2	28,0
Santa Luzia	202.942	218.147	51,5	48,5	27,8
São Joaquim de Bicas	25.537	30.989	46,2	53,8	30,8
São José da Lapa	19.799	23.385	50,4	49,6	30,5
Sarzedo	25.814	32.069	50,1	49,9	32,8
Taquaraçu de Minas	3.794	4.055	49,6	53,4	26,7
Vespasiano	104.527	125.376	51,2	48,8	28,2

FONTES: IBGE. Censo Demográfico (2010) e Estimativa da População (2018); IPEA - Atlas da Vulnerabilidade

3 Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM, adaptado para os municípios a partir da metodologia do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - ONU / PNUD (ver PNUD, 2013 e FJP, 2013) para todos os países do mundo. Este índice – que varia entre 0 e 1, com melhor situação quanto mais próximo de 1 está um território – mede o grau de desenvolvimento humano de países, estados e municípios, a partir de três dimensões principais: Renda, Educação e Longevidade. Ver Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2010.

	Cor ou Raça Preta (%)	Cor ou Raça parda (%)	Renda per capita (R\$)	IDHM <sup>3</sup>	População abaixo da linha de pobreza (%)	IVS <sup>4</sup>
	6,8	66,0	458,08	0,671	41,6	0,365
	10,2	41,9	1.497,29	0,810	13,9	0,276
	10,8	55,1	660,56	0,749	24,0	0,319
	10,2	41,9	910,31	0,747	19,9	0,224
	8,2	59,8	586,16	0,728	29,0	0,326
	9,7	63,6	497,48	0,695	28,3	0,267
	7,1	66,9	647,20	0,747	22,4	0,181
	10,2	49,0	824,30	0,756	18,0	0,300
	12,3	59,9	452,62	0,671	36,3	0,404
	5,7	49,9	741,46	0,724	20,8	0,214
	12,0	55,3	525,64	0,704	28,2	0,342
	8,6	54,7	570,58	0,698	28,0	0,361
	9,6	16,8	610,65	0,691	24,4	0,231
	8,6	47,0	490,54	0,677	31,2	0,263
	9,5	65,1	602,48	0,681	35,7	0,331
	10,0	55,6	517,18	0,717	36,1	0,316
	10,0	51,1	1.089,96	0,777	17,9	0,242
	12,4	51,1	551,93	0,699	31,8	0,359
	7,5	51,1	579,23	0,704	35,1	0,307
	9,4	62,0	584,15	0,731	24,3	0,266
	10,0	51,8	1.731,84	0,813	13,7	0,236
	9,3	59,1	387,68	0,662	43,9	0,323
	9,0	59,1	721,11	0,757	21,2	0,261
	11,5	59,2	646,62	0,730	27,1	0,329
	13,7	57,8	479,77	0,684	30,0	0,358
	11,7	60,8	582,71	0,673	29,6	0,341
	6,4	36,8	536,99	0,648	29,2	0,241
	15,4	54,9	619,23	0,731	25,3	0,329
	13,6	57,4	557,62	0,715	26,3	0,333
	10,8	56,8	498,26	0,662	33,0	0,371
	11,4	57,1	540,26	0,729	27,0	0,306
	11,3	54,0	648,26	0,734	24,5	0,311
	10,9	60,8	436,05	0,651	41,0	0,327
	13,8	55,9	539,05	0,688	28,2	0,354

social, 2010; FJP - Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2010.

4 Índice de Vulnerabilidade Social – IVS, índice sintético que reúne indicadores do bloco de vulnerabilidade social do Atlas do Desenvolvimento Humano (ADH) no Brasil. Mede, para além da insuficiência de renda, indicadores de exclusão social, pobreza multidimensional e vulnerabilidade social, através das dimensões Infraestrutura Urbana, Capital Humano e Renda e Trabalho. O valor do IVS varia entre 0 e 1, sendo maior a vulnerabilidade quanto mais próximo de 1 estiver a situação do indicador. Ver IPEA - Atlas da Vulnerabilidade social, 2010.

Não se pretende aqui detalhar as características físico-territoriais e socioeconômicas da RMBH<sup>5</sup>, mas sim focar na descrição de seu perfil e manifestações culturais, antes de passar à apresentação das informações coletadas para cada município em particular.

Desde 2014/2015, vem sendo realizado um trabalho de pesquisa e mapeamento pela equipe dos Lugares de Urbanidade Metropolitana (Lumes) da UFMG<sup>6</sup>, que foi incrementado através de levantamentos feitos pelos alunos das disciplinas Lumes e, mais recentemente, pela equipe de pesquisadores do Favela é Isso Aí, cujo resultado se apresenta neste volume.

Quando pensamos em editar um Guia da identidade cultural da RMBH o que queríamos era discutir o que é a região, quais suas características, quais as cidades e o que elas têm de próprio e particular. Por outro lado, também buscávamos o que era comum entre as várias cidades e que poderia configurar uma identidade coletiva, metropolitana, enfim...

Para isso, consideramos alguns elementos importantes que poderiam contribuir para formar as identidades locais e regionais, entre os quais seu patrimônio natural; seu patrimônio histórico – entendido como registro e testemunho da formação do território e de sua gente –; as festas e celebrações das diversas matrizes culturais presentes no local; os artistas e grupos culturais em atuação; os pontos de interesse turístico ou para lazer; os equipamentos culturais; a culinária e outros elementos importantes da identidade local, de acordo com a informação de seus moradores.

Através de visitas de campo, com aplicação de questionários e realização de entrevistas semiestruturadas com gestores públicos e secretarias dos municípios<sup>7</sup>, bem como da construção de um

---

5 Para tal, ver UFMG 2010; UFMG 2014; Andrade et al, 2015; e Ribeiro e Ribeiro, 2013.

6 Para saber mais acesse: <http://www.rmbh.org.br/lumes.php/>

7 Propositamente não foram incluídos levantamentos de campo na capital, Belo Horizonte, tanto por seu grande porte quanto pelo fato que sua prefeitura, através da Fundação Municipal de Cultura, já realiza ações nesse sentido, inclusive já conta com seu próprio mapeamento cultural

mapeamento colaborativo *online*, foi possível identificar as seguintes informações para as cidades que compõem a região: principais equipamentos culturais; instituições e serviços existentes no município; conselhos municipais, projetos, programas e associações atuantes; calendário de festas locais; cadastro de artistas, grupos e coletivos atuantes na localidade; e diagnósticos e planos municipais já elaborados.

Em relação às informações coletadas, é fundamental destacar que se verificou existirem lacunas importantes em todos os municípios, especialmente relacionadas à inexistência de cadastros atualizados que permitam registrar e conhecer os agentes culturais atuantes em cada cidade, além da falta de espacialização dos espaços culturais, eventos e patrimônio no território.

Na pesquisa de 2014/2015, conduzida pela equipe dos Lumes, foram identificados 926 equipamentos públicos, associações, mídias locais e projetos nos municípios (nas diversas áreas mencionadas), mapeadas mais de 120 festas, 113 grupos artísticos e 224 artistas individuais, em variadas modalidades artísticas (Soares *et al*, 2015, p. 4).

Com os dados obtidos foi elaborada uma matriz de análise das identidades culturais dos municípios da RMBH, buscando-se entender as semelhanças e diferenças, aproximações, afastamentos e interações existentes entre as variadas práticas ocorrentes em tal território, tão vasto e diverso, como antes mencionado. A Matriz foi dividida em três temáticas: Cultura e Patrimônio; Cultura e Turismo; e Organização Social, Esporte e Lazer. Além disso, alguns dados foram georreferenciados, nos casos possíveis, e geraram um mapa colaborativo, disponível no site do projeto (ver [www.rmbh.org.br/mapa.php](http://www.rmbh.org.br/mapa.php)).

---

*online*, integrado à plataforma disponibilizada pelo Ministério da Cultura (Mapas da cultura), e que será apresentado mais adiante.

Já em 2018, optou-se por visitar novamente todos os municípios, atualizando e complementando os dados de 2015, porém com um olhar menos quantitativo e mais qualitativo, menos focado no levantamento e mapeamento das manifestações e equipamentos locais, e mais no perfil cultural e identitário e na identificação de destaques para cada cidade visitada.

A partir das matrizes de 2014/2015 e das visitas de campo de 2018 é possível traçar algumas considerações gerais sobre o perfil cultural da região.

Em primeiro lugar, pode-se afirmar que suas características culturais estão diretamente relacionadas ao seu processo de povoamento, bem como ao desenvolvimento e perfil econômico e produtivo de cada um dos municípios que a compõe. Assim,

não há como dissociar, por exemplo, as tradicionais festas religiosas (eventos de maior predominância no território metropolitano) do contexto de formação e desenvolvimento dos municípios em todo o estado de Minas Gerais, com forte influência religiosa (Soares *et al*, 2015, p. 10).

Outro estudo (ver Favela é Isso Aí, 2009) – focado nas regiões culturais de Minas Gerais e realizado para o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA)/Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais (SEC/MG) – também indicou a importância do perfil econômico na determinação das características culturais de cada território. Viu-se, por exemplo, que

A ocupação inicial da região está associada diretamente à descoberta de ouro, sobretudo em Sabará e Caeté. A partir deles ocorreram inúmeras emancipações, que deram origem às principais cidades que pertencem a este recorte. (...) É apenas na década de 1940 que a nova capital, Belo Horizonte se consolida como o principal polo econômico do Estado (Favela É Isso Aí, 2009, p. 61/62).

Convivem na região “a grande capital cosmopolita, as ‘cidades industriais’, as pequenas cidades marcadas pela sensibilidade barroca

e os importantes núcleos da arqueologia pré-histórica, sobretudo Lagoa Santa, Pedro Leopoldo e Confins”. Em decorrência de todo este rico processo de ocupação, a região acaba por apresentar grande pluralidade e diversidade cultural, o que pode ser visto em seus vários estilos arquitetônicos: “barroco, ecletismo, *art déco*, modernismo, pós-modernismo etc.” (Favela é Isso Aí, 2009, p. 62).

A riqueza da região também pode ser vista a partir de seu patrimônio cultural material, que representava, à época do estudo, 10% de todos os bens tombados em Minas Gerais. Entre eles citam-se os conjuntos paisagísticos tombados (Serra do Curral, em Belo Horizonte, Serra da Piedade em Caeté, Gruta da Lapinha em Lagoa Santa, entre outros); a arquitetura religiosa (por exemplo a capela de Nossa Senhora do Ó, Sabará; a Matriz de Caeté, de Manoel Francisco Lisboa; o Santuário de Nossa Senhora da Piedade, também em Caeté; a Igreja Matriz de Santa Luzia; a Igreja Matriz da Boa Viagem, em Belo Horizonte e a Igreja de São Francisco, parte do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha); o patrimônio arqueológico e paleontológico (constituído pelas grutas da região do Carste, por exemplo); o casario colonial e acervos arquitetônicos e artísticos do período colonial e ligados ao barroco; as estações de trem; praças e coretos, entre outros.

Na área do patrimônio imaterial, destacam-se as manifestações da cultura popular, tais como o Congado, Folia de reis, Boi da Manta, Cavalgadas; Tambores; Capoeira; Corporações musicais/Bandas de música, serestas; Festas populares e religiosas, etc. Destaca-se ainda que há uma ampla gama de artistas, grupos e manifestações culturais, sejam estas populares, tradicionais ou de vanguarda, nas diversas áreas artísticas. Como exemplo, pode-se citar

Na capital (...) as manifestações ligadas ao teatro, à dança, à música, ao audiovisual e às artes plásticas, cada qual com seus respectivos festivais de renome internacional. (...) Nas demais cidades da região, destaque para as festas religiosas e

populares, carnaval, semana santa, tapetes de Corpus Christi, congado, folias de reis, cavahada, música sacra e encontro de bandas. Também na capital, registra-se a presença de 34 grupos de devoção a Nossa Senhora do Rosário, com guardas de Moçambique, congo, marujada, caboclos e candombe. Também se destacam festivais gastronômicos típicos, como as festas da Jabuticaba e do Ora-pro-nobis em Sabará, Feira de artesanato e gastronomia em Brumadinho, Festival da Goiaba em Rio Acima, entre outros (Favela é Isso Aí, 2009, p. 64).

Em relação às festas e eventos, realçam as de cunho religioso, como, por exemplo: São Sebastião (janeiro); Festas dos santos padroeiros; Divino (março); Semana Santa (abril); Festividades pelo mês de Nossa Senhora (maio); Santo Antônio, São João, São Pedro e festas juninas (junho); São Cristóvão (julho); Nossa Senhora do Rosário, São Francisco, Cosme e Damião (setembro); Nossa Senhora Aparecida (outubro); São Benedito (novembro); Natal (dezembro), etc. Também são realizadas várias festas comunitárias e eventos ligados à cultura popular, como o aniversário das cidades, carnaval, réveillon, dia das crianças, cavalgada, encontro de bandas, exposição agropecuária, parada LGBTQ+, rodeio, feira da paz, festival de capoeira, serestas etc.

A produção artesanal é outro elemento importante da cultura regional, encontrando-se em toda a RMBH uma ampla gama de produtos e materiais, desde trabalhos com madeira até bordado, tear e produção de alimentos caseiros. Aliás, a culinária e a gastronomia também apresentam diversidade e relevância na região, visto que

são encontrados nos municípios diversos pratos típicos de Minas Gerais e suas variações, como é o caso do pão de queijo na folha de bananeira, característico do município de Esmeraldas; o doce de leite em Baldim, que faz com que a cidade seja reconhecida como a “Cidade do Doce”, dentre outros. Um dos destaques na culinária da RMBH é o Festival Gastronômico Igarapé Bem Temperado, (...) que visa preservar, conservar e promover a culinária através das mestras cozinheiras, senhoras com idade acima de 60 anos que conhecem e mantêm vivo o universo da gastronomia tradicional na região (Soares et al, 2015, p. 9/10).

Se, por um lado, é possível perceber características e traços culturais comuns na região, por outro também se veem disparidades internas e especificidades municipais e/ou regionais, também muito marcadas pelo desigual desenvolvimento produtivo do território. Segundo o estudo dos Lumes identificou,

A grande diferença observada entre os vetores de expansão metropolitana de Belo Horizonte dá o tom a uma região extremamente heterogênea, marcada por grandes disparidades socioeconômicas, que se refletem diretamente nos aspectos culturais de cada município. Ainda que tenham sido observados vários aspectos em comum ao longo do território metropolitano (por exemplo, no artesanato, na culinária, nas festas religiosas, na presença da agricultura para abastecimento da região) muitos dos fatores do desenvolvimento urbano acabam por determinar o enfraquecimento e mesmo a supressão das manifestações culturais regionais, fazendo com que suas características culturais se manifestem em escalas, com intensidades e de formas diferentes no território (Soares *et al*, 2015, p. 10/11).

No contexto da produção cultural da RMBH – que, como se comentou anteriormente, é diversa, múltipla e plural –, destaca-se o surgimento e a proliferação dos coletivos juvenis, especialmente nos municípios que fazem divisa com a capital e naqueles com perfil mais urbano-periférico. Tais coletivos vêm se formando na RMBH, a exemplo de outras regiões do Brasil, e atualmente representam uma nova forma de organização e mobilização através da cultura.

Estes, em geral, apesar de apresentarem propostas e configurações muito diversas entre si, têm em comum a utilização das práticas culturais e das novas tecnologias de comunicação e informação como ferramentas para a transformação social e alteração de seu lugar nas cidades contemporâneas. Além disso, trabalham na maior parte das vezes na perspectiva da economia popular e solidária, com a conformação de redes de produção colaborativa e compartilhamento de produtos e serviços.



Tais movimentos vêm crescendo nos últimos anos, favorecidos pela ampliação do acesso à internet por meio dos dispositivos móveis – celulares –, dos espaços virtuais de compartilhamento de arquivos – as nuvens, repositórios de vídeo e foto etc. –, e das próprias redes sociais, usadas como espaços de informação, reivindicação e mobilização, além de criação colaborativa e compartilhada. Através de tais ferramentas se desenvolve a produção e “disseminação de novos conteúdos simbólicos” que têm por consequência a alteração das “interações sociais que os integrantes dos Coletivos têm com a cidade, geralmente em uma tentativa de mudar um quadro simbólico de desigualdade e depreciação” (Benvindo, 2012, p. 3).

O crescimento e fortalecimento dos coletivos no Brasil teve também impulso importante a partir das políticas públicas de cultura implementadas na gestão do músico baiano Gilberto Gil (MINC 2003/2008) à frente do Ministério da Cultura, com o lançamento de uma série de editais e linhas de apoio à produção popular e independente.

Em Belo Horizonte e na RMBH também há uma série de coletivos juvenis e redes. Nessa perspectiva, cita-se aqui uma rede importante na RMBH, que integra e articula várias outras ações, grupos e coletivos: o Fórum das Juventudes da Grande BH<sup>8</sup>. Foi criado em 2004, através da iniciativa de grupos como o Observatório da Juventude da UFMG e o D.vErCidaDe Cultural – coletivo de jovens que buscava discutir e implementar políticas públicas para a juventude –, com a participação de mais de 40 grupos da capital mineira e da RMBH, sendo aberto à participação de todos que compartilhem seus princípios e objetivos.

Seja através das manifestações juvenis, com a força dos coletivos, seja nos exemplos da tradição religiosa e da cultura popular, seja pelos pratos da culinária local e mostras de seu artesanato, o fato é que a região tem uma cultura que fala por si só e traz elementos importantes da identidade de seu povo, construída ao longo do tempo, e que vale a pena ser conhecida, experienciada e compartilhada.

---

<sup>8</sup> Ver mais em: <http://forumdasjuventudes.org.br/>



## PARA SABER MAIS:

ANDRADE, Luciana Teixeira de; MENDONÇA, Jupira Gomes de. ALVES DINIZ, Alexandre Magno (Eds.). *Belo Horizonte: transformações na ordem urbana* - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles; Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2015.

BENVINDO, Antonio Carlos Silva. *Coletivo Semifusa: práticas sociais e a relação com a cidade*. Trabalho de conclusão de curso da Especialização em Processos comunicativos e dispositivos midiáticos / Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da professora Ângela Maria Marques, 2012.

FAVELA É ISSO AÍ. *Implantação do Sistema de Informações Culturais*. Pesquisa e proposta de implementação de circuitos culturais nos 853 municípios mineiros. Belo Horizonte, 2009 [relatório da pesquisa].

Fundação João Pinheiro – FJP. *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*, disponível em [http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/o\\_atlas/o\\_atlas/](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/o_atlas/), data de acesso: 03/04/2017

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA. *Atlas da Vulnerabilidade social*, 2010. Disponível em [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=26118](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=26118), data de acesso: 03/04/2017

LIBÂNIO, CLARICE. *Reinventando o urbano: Práticas culturais nas periferias e direito à cidade* [manuscrito]. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Arquitetura e Urbanismo, 2017. Orientador: Prof. Dr. Roberto Luís de Melo Monte-Mór.

PNUD - *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*. Relatório do desenvolvimento humano, Nova Iorque, 2013.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; RIBEIRO, Marcelo Gomes (orgs.). *IBEU: índice de bem-estar urbano*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

SANTOS SOARES, Matheus; ROCHA, Alessandra; LARES, Ana; LAZZARINI, Júlia. *Mapeamento da identidade cultural na Região Metropolitana de Belo Horizonte e a contribuição do projeto Lumes na constituição de uma cidadania metropolitana*. Belo Horizonte, 2015 [manuscrito].

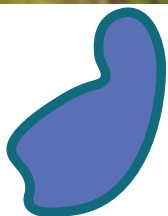
UFMG. Macrozoneamento RMBH. Produto 01. *Marco teórico-metodológico e definição das áreas temáticas afetadas ao interesse metropolitano*. Belo Horizonte, fevereiro de 2014. Disponível em [http://www.rmbh.org.br/central.php?tema=Plano\\_Metropolitano](http://www.rmbh.org.br/central.php?tema=Plano_Metropolitano), acesso em julho de 2017.

UFMG. *Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte – PDDI*, volume I. Belo Horizonte, 2011.

UFMG. *Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte – PDDI*, volume IV. Belo Horizonte, 2011.



Fábrica de doces Gostoso e Cia  
Foto: Equipe Lumes



## BALDIM

*Thales Santos e Clarice Libânio*

O município de Baldim tem 554.029 km<sup>2</sup> e localiza-se no vetor norte da RMBH, sem, no entanto, ter grandes articulações com a capital, Belo Horizonte. Sua principal referência é o município de Sete Lagoas – situado no chamado Colar Metropolitano –, em virtude das facilidades de acesso a este polo regional e, em paralelo, às dificuldades de integração via transporte público com outros municípios da RMBH.

A ocupação do território onde hoje se encontra o município iniciou-se a partir do Rio das Velhas, com a entrada das bandeiras, em fins do século XVII. Atualmente Baldim tem apresentado mudanças em

seu perfil, até então tipicamente agropecuário, em função do aumento de loteamentos destinados a moradias de fim de semana e lazer.

Com população estimada em 7.913 habitantes no ano de 2010 (25,9%, brancos e 72,7% pardos e pretos), segundo o IBGE, é um município que vem experimentando baixo dinamismo demográfico, o que pode ser percebido a partir da estimativa populacional para 2018, de 7.851 pessoas, menos que no Censo anterior. Do ponto de vista das condições e da qualidade de vida, o município tem apresentado melhorias nos indicadores sociais e de desenvolvimento humano, mas em 2010 ainda apresentava 41,6% da população em situação de vulnerabilidade à pobreza, rendimento domiciliar *per capita* médio de R\$160,70 com o IDHM em 0,671, o que situa esse município na faixa crescimento médio.

Em termos de atividades econômicas, Baldim é um dos principais fornecedores de hortifrutigranjeiros para a Central de Abastecimento de Minas Gerais (CEASAMINAS-BH), contando ainda com a criação de gado leiteiro e de corte. Conforme apurado nas entrevistas, a produção leiteira alimenta a principal atividade econômica do município: a fabricação de doces.

A região tem importante patrimônio ambiental formado por suas nascentes e cursos d'água, grutas e sumidouros, sendo parte integrante do Circuito das Grutas. Também está nas proximidades



Igreja de São Bernardo  
Foto: Thales Santos



do Parque Nacional da Serra do Cipó, na Cordilheira do Espinhaço.

Na visita de campo foi possível conhecer a simpática e acolhedora Igreja de São Bento, simpatia esta que também é visível nos sorrisos de suas/seus moradoras/es quando nos oferecem uma colher de doce.

As festas religiosas são importantes na cidade, mas outras duas têm destaque no local: o carnaval e a Festa do Doce. De acordo com os entrevistados, o carnaval foi retomado recentemente. Seu retorno trouxe a valorização dos blocos de rua, com a ocupação dos espaços públicos da cidade. Os blocos mais conhecidos são o do Cerradinho – com uma bateria que agrega jovens, adultos e idosos – e o Bloco das Donzelas, o mais antigo. Este último é formado por toda a diversidade que o município de Baldim consegue receber muito bem: travestis e pessoas trans, gays, lésbicas, bissexuais, *drag queens*<sup>9</sup>, mulheres vestidas de homens, homens vestidos de mulheres, além de manifestantes fantasiados para questionar as ações da prefeitura que não agradaram às/aos foliões.

Segundo seus/suas organizadores/as, o Bloco das Donzelas – de onde surgiram estrelas como Xaeny, eleita em 2016 a Rainha do bloco – sai de uma antiga padaria da cidade e durante o seu percurso quem está desfilando ganha caipirinha e sorrisos dos/as comerciantes locais. Tudo é feito com muita “*cachaça boa e nada de ressaca no dia seguinte*” – garantem as/os moradoras/es! Baldim conta com diversos alambiques, famosos por preservarem formas de produção artesanal.

E por falar em produção artesanal, vale aprofundar sobre uma das referências do município, não só para a RMBH, mas para todo o Brasil: os doces de Baldim. Há cerca de 50 anos, uma antiga fábrica de manteiga tornou-se uma das maiores produtoras de doce e hoje

---

<sup>9</sup> São transformistas que vivenciam a inversão do gênero como diversão, entretenimento e espetáculo, não como Identidade. Para saber mais conheça o Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, de Jaqueline Gomes de Jesus (2012).

já são nove indústrias produzindo de Baldim para o Brasil e para o mundo, com destaque para os elementos da produção artesanal e a utilização de leite, frutas e outras matérias primas locais, que fazem toda a diferença no produto final.

A fama dos sabores de Baldim começou a correr de boca em boca na região, com pessoas de vários lugares chegando à cidade para conhecer estes produtos. A população entendeu, então, o potencial econômico desta produção e decidiu explorá-lo, por meio de uma festa – famosa Festa do Doce de Baldim. Durante a mesma, comerciantes de todo o país desembarcam na cidade, fazem a festa com degustação de novos produtos, boa música, bons papos e a eleição da Princesa do Doce. O “Centro de Atenção ao Turista” já destacou que o próximo passo é a eleição do Príncipe do Doce, porque em Baldim todas as pessoas são e devem ser tratadas com respeito e igualdade.

Além da Festa do Doce e do Carnaval, destacam-se outras manifestações tradicionais do município: Baldim possui vários grupos de Folia de Reis, famosos em Minas Gerais, como a Folia de São Vicente e a Folia em Vila Amanda, bem como grupos de congado e guardas. Além disto, realça a Capela Nossa Senhora da Conceição, no povoado de Rótulo, com mais 300 anos de idade e possuidora de um conjunto de imagens muito importantes para a região.



#### **PARA SABER MAIS:**

Sítio da Prefeitura - [www.baldim.mg.gov.br/](http://www.baldim.mg.gov.br/)

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/municipio/310500](http://www.cidades.ibge.gov.br/municipio/310500)



#### **VÍDEOS:**

Trilhas do Sabor - Baldim - A Cidade dos Doces - Ep. 44 - Parte 1e 2 ([www.youtube.com/watch?v=TBNLFMChO8o](https://www.youtube.com/watch?v=TBNLFMChO8o); [www.youtube.com/watch?v=IUdN-veZvP7g](https://www.youtube.com/watch?v=IUdN-veZvP7g))

Sobre o Circuito das Grutas - ([www.circuitodasgrutas.com.br/novo/](http://www.circuitodasgrutas.com.br/novo/))



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br:8081/plano/index.php?mun=baldim](http://www.rmbh.org.br:8081/plano/index.php?mun=baldim)



Carnaval de BH Bloco Tico Tico Serra Copo 2018  
Foto: Élcio Paraíso



## BELO HORIZONTE

Josemeire Alves Pereira e Caroline Craveiro

A capital de Minas Gerais está situada na região central do Estado e ocupa área aproximada de 331.401 Km<sup>2</sup>. De acordo com o Censo de 2010, do IBGE, sua população totalizava 2.375.151 habitantes, dentre os quais 46,7% declaravam-se brancos e a soma de pretos e pardos constituía cerca de 52%. Em 2018 a população está estimada em 2.501.576 pessoas.

Entre 1991 e 2010, a cidade viu seu IDH aumentar, chegando a 0,810 no último ano apurado. Outros índices apontam para o desenvolvimento contínuo da qualidade de vida deste território, entre eles o aumento da escolarização, a queda da mortalidade infantil e a elevação do PIB *per capita*, o que a coloca em destaque no país, com consequente atração de investimentos. Por outro lado, entretanto, a cidade também apresenta desigualdades marcantes e segregação socioespacial, observando-se, entre outros elementos, forte concentração de população negra nas regiões mais periféricas e empobrecidas da cidade – o que denota o desafio de que o avanço da qualidade de vida seja equanimemente acessado por toda a população.

Este perfil populacional da cidade, aliás, já podia ser observado nas primeiras décadas que se seguiram ao advento de sua inauguração, em 1897. Desde então, em contexto subsequente ao regime escravista no país, número cada vez maior de trabalhadores/as e migrantes negros/as e mestiços/as de diversas regiões do Estado afluíam para a nova capital, devido às oportunidades de trabalho e subsistência. Somavam-se aos migrantes europeus subsidiados pelo governo e à população do antigo Distrito de Belo Horizonte (outroa popularmente conhecido como Arraial do Curral Del Rei), majoritariamente constituída por pardos, pretos e africanos de diversas nações, conforme atestam



fontes historiográficas (APM, 1816, 1840; BRAZIL, 1872; TASSINI, 1947).

A partir dos anos 1940, especialmente, nota-se o aumento desta população no fluxo migratório interno, devido a um novo impulso do Estado para industrialização, e observa-se, desde então, acentuado processo de segregação racial no espaço urbano, com a criação de políticas públicas de remoção das favelas que se formavam em áreas centrais, devido às difíceis condições de habitação para a população pobre na cidade. Este processo ampliou-se devido à ação do mercado imobiliário que já incidia na apropriação do espaço, influenciando a alteração dos projetos governamentais para a Capital e que tem produzido, em ritmo cada vez mais intenso, processos de expulsão da população pobre e negra de áreas situadas além do perímetro urbano original da cidade.

A diversidade de expressões culturais que vigora em Belo Horizonte, na contemporaneidade, apresenta traços das dinâmicas de produção e ocupação do espaço e da atuação de grupos sociais que desde a origem da cidade lutam pelo direito de usufruir da mesma – frente à negação deste direito nos projetos de modernidade e desenvolvimento econômico para ela forjados, ao longo do tempo.

Assim, a despeito de representações museais e narrativas de memória e história que ainda não contemplam com justeza esta diversidade de experiências e expressões, observa-se, por exemplo, a vivacidade de inúmeros grupos de tradição de matriz africana e afro-indígena presentes nos bairros onde predomina população negra; de culturas juvenis alicerçadas em referências como o movimento *black soul*, capoeira, hip hop, rock; de atividades que mobilizam, por meio da arte e da cultura, temas afetos à sociedade contemporânea e relacionados aos desafios da condição feminina, das relações de gênero, de direitos humanos, do enfrentamento ao alto índice de mortalidade e de encarceramento de jovens negros e negras, dentre outros.

Em seus 121 anos de existência, Belo Horizonte tornou-se uma

cidade plural e diversa do ponto de vista de práticas e expressões culturais e artísticas. A vida cultural da capital de Minas revela a confluência de referências culturais de todo o estado de Minas Gerais, bem como de outras partes do Brasil e do mundo. As vivências culturais e artísticas do município são diversas porque também são diversos seus grupos sociais e comunidades, seus lugares e territórios. Belo Horizonte é habitada por muitos artistas, coletivos, grupos tradicionais que configuram em seus territórios uma riqueza cultural cujos calendários se sobrepõem e criam camadas muitas no mapa da cidade. As culturas populares e tradicionais, as culturas urbanas, as artes em suas múltiplas linguagens e intertextualidades, os campos do patrimônio material e imaterial são coexistências e equilíbrios mútuos à vida cotidiana da cidade e às representações e significados dos cidadãos de Belo Horizonte.



Vista aérea de Belo Horizonte  
Foto: Fernando Libânio

## Política pública e diversidade cultural: apreensão a partir dos mapeamentos culturais

Nos últimos anos, mesmo em áreas artísticas durante muito tempo consagradas ao usufruto da população de maior poder aquisitivo, como artes plásticas, dança e, especialmente, teatro, notam-se mudanças no sentido de ampliar a democratização do acesso e dos mecanismos de produção. O desenvolvimento e a luta por consolidação de uma política cultural em âmbito municipal, estadual e nacional, fundamentada nos princípios de democratização, têm papel importante nestas mudanças.

No âmbito do desenvolvimento das políticas culturais de Belo Horizonte, as demandas e pautas que chegam à agenda pública da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e da Fundação Municipal de Cultura (FMC) mostram-se também plurais e diversas. Desde a primeira conferência municipal de cultura, realizada em 2005, têm sido expostos vívidos saberes e fazeres artísticos e culturais constituídos do município que pautam pela democratização do acesso aos bens e serviços culturais e pelo fortalecimento da Cultura como pilar de desenvolvimento humano.

A apreensão da pluralidade e diversidade do cenário cultural de Belo Horizonte é possível por observações de seu cotidiano, dos eventos e muitas programações culturais de espaços públicos e privados que se realizam em seu território. Assim, entende-se que apresentar em poucas páginas o perfil cultural do município é tarefa impossível, sob pena de se descaracterizar e inviabilizar elementos importantes das diversas matrizes que, como antes citado, compõem e constroem a cidade. Por este motivo, optou-se por apresentar, aqui, algumas pesquisas e mapeamentos mais gerais que podem contribuir para uma visão rápida e mais panorâmica, na medida do possível, do cenário cultural de Belo Horizonte.

O mapeamento cultural é um dos instrumentos previsto no Plano Municipal de Cultura de Belo Horizonte e reforçado pelo Conselho



Encontro de bandas na Praça da Liberdade  
Foto: Élcio Paraiso

Municipal de Política Cultural, considerado, pelo Ministério da Cultura (MINC) uma ação fundamental para a formulação de políticas públicas para a área e como um processo importante para o reconhecimento das expressões e práticas culturais de um território. Além de contribuir para a formulação das políticas públicas, também contribui para identificar vocações, potenciais e demandas locais, servindo de referência para o trabalho dos agentes do campo cultural (produtores, empreendedores, artistas, coletivos, etc.).

Atualmente, por meio do Mapa Cultural BH – uma plataforma de *software* livre, gratuita e colaborativa *online* criada, em 2016, pela FMC, em parceria com o MINC e o Instituto TIM – configura-se uma possibilidade de criação de um banco de dados georreferenciado do cenário cultural da cidade (ver Figura 2). A alimentação do Mapa Cultural BH, ainda incipiente, pode se dar pela própria instituição ou pelos agentes e espaços culturais da cidade, dispondo ali sobre dados de sua atuação, projetos e eventos. Outro aspecto importante do Mapa

Cultural BH é sua integração ao Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC) do MINC.

Figura 2 – Mapa cultural BH



Fonte: [mapaculturalbh.gov.br/](http://mapaculturalbh.gov.br/) / consulta – 15/11/2018

Por meio do Mapa, é possível identificar os diferentes segmentos artísticos da cidade apontados pelos agentes culturais (individuais e coletivos) cadastrados. Estes agentes culturais apresentam as áreas de sua atuação e muitos demonstram, inclusive, uma atuação plural dentro de várias modalidades. O que se pode constatar a partir dos cadastros do mapa é a abrangência de muitos agentes culturais individuais e coletivos no campo cultural na cidade, com a realização de projetos que articulam diferentes linguagens artísticas.

Analisar este campo cultural e artístico da cidade pressupõe reconhecer esta multiplicidade de agentes (coletivos e individuais) e dos espaços culturais (públicos, privados e comunitários). O Mapa apresenta, por exemplo, desde o cadastro de um radialista com 50 anos de profissão e do clube do Choro, até DJs iniciantes e militantes do hip hop. Espaços culturais alternativos e comunitários, como bibliotecas e ateliês e espaços públicos já consagrados da vida cultural da cidade também estão aí lançados.

Entende-se o Mapa como um instrumento com grande potencial para demonstrar a pluralidade e a diversidade da vida cultural da cidade. No entanto, muitos segmentos ainda não estão inseridos na plataforma, por um lado porque muitos ainda não se utilizam de suportes virtuais para cadastro de suas atividades – como é o caso das manifestações tradicionais (guardas de Congado, etc.), por exemplo – e, por outro, porque muitos agentes culturais e artistas não participam dos mecanismos de concorrência ao financiamento público, como a Lei Municipal de Incentivo à Cultura, que atualmente é o principal indutor para cadastros na plataforma.

Até outubro de 2018 o Mapa Cultural BH continha 1.443 espaços cadastrados em todas as regionais da cidade (Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova). Destes, as áreas de atuação mais citadas foram Literatura (137

ocorrências), Música<sup>10</sup> (106), Dança e Design (63), Cultura Negra (60), além das demais citações, com menor ocorrência numérica. Até outubro de 2018, do total de 11.093 agentes culturais cadastrados, a área da Música foi citada como área de atuação por 1.556 empreendedores, seguido de 884 citações de atuação em Produção Cultural, 872 em Teatro e 745 em Artes Visuais.

Também podemos constatar a pluralidade e diversidade da produção cultural e artística da cidade pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura que recebe, a cada edição, um número maior de projetos inscritos nas várias áreas (Teatro, Dança, Circo, Música, Audiovisual, Artes Visuais, Literatura, Patrimônio Cultural Material e Imaterial). No edital 2017-2018 foram 1.663 projetos inscritos, dos quais 1.480 foram habilitados e 275 contemplados.

Para além da utilização do Mapa Cultural BH, é possível também, por meio de sítios eletrônicos de programação de eventos da cidade, reunir as várias ofertas e experiências da arte e cultura, gratuitas ou não. Um exemplo de portal público de programação cultural, artística, de entretenimento, lazer e turismo é o da Belotur (ver [www.belohorizonte.mg.gov.br/](http://www.belohorizonte.mg.gov.br/)). Por este site é possível levantar dados sobre a diversidade e pluralidade cultural e artística de Belo Horizonte, agenda de eventos gratuitos e pagos, de casas de shows, teatros e cinemas, bem como grandes eventos, atividades para público infantil e LGBTIQ+, entre outros.

São muitas as experiências públicas e da sociedade civil para realizar mapeamentos culturais. Outro exemplo é o mapeamento das comunidades tradicionais de terreiros nas capitais e regiões metropolitanas do Pará, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul – Mapeando o Axé – executado pela Associação Filmes de

---

10 Cabe ressaltar que o grande indutor para cadastro no Mapa Cultural BH, desde seu lançamento, foi o processo de inscrição para a Lei Municipal de Incentivo à Cultura na qual a área de Música apresenta o maior número de proponentes, o que se verifica na predominância de citações desta área no total de agentes culturais cadastrados no Mapa Cultural. Fonte: [mapa-culturalbh.pbh.gov.br](http://mapa-culturalbh.pbh.gov.br)



Quintal, com apoio do então Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que pode ser visto no site [www.mapeandoaxe.org.br](http://www.mapeandoaxe.org.br). Este e outros mapeamentos, como o Cê Fraga?<sup>11</sup>, indicam a presença de variadas experiências sociais e culturais em diversas regiões da cidade, muitas vezes invisíveis para o poder público.

Além do mecanismo para fomento e incentivo, o campo cultural requer instrumentos que ampliem sua visibilidade e difusão em espaços concretos e nas mídias de comunicação. Da mesma forma que se requer estudos de reconhecimento da pluralidade e diversidade da cultura e da arte na cidade, é necessário mecanismos de valorização, promoção e difusão destas produções e experiências.

---

11 Chamada pública realizada pelas vereadoras Áurea Carolina e Cida Falabella para reconhecimento e cartografia de iniciativas sociais e culturais da cidade, através de indicação de qualquer cidadão ou cidadã. O objetivo é apoiar as lutas por culturas urbanas, populares ou tradicionais, educação, moradia, agroecologia, promoção das artes, economia solidária, mobilidade, direitos humanos e radicalização da democracia e que contribuam para a emancipação de mulheres, pessoas jovens, negras, indígenas e LGBTIQ. Ver site: <http://gabinetona.org/cefraga/index.html> - consulta: 11/11/2018



A aproximação da política cultural com outras políticas públicas, tais como a de Turismo, Desenvolvimento Econômico, Educação, Políticas Sociais, etc. também se faz fundamental para maior conformação do escopo das políticas culturais no município e no cotidiano das pessoas e para buscar ações de reconhecimento de suas diferenças.

É preciso reconhecer que – das rodas de samba que ocorrem nas regionais Nordeste, Noroeste, Leste ou Venda Nova aos eventos de massa realizados na Praça da Estação, na regional Centro-Sul – existem várias territorialidades culturais e artísticas que se conformam no espaço da cidade. Dos encontros espontâneos e cotidianos aos eventos organizados e licenciados pela prefeitura, o município apresenta diferentes contextos urbanos, regionais e intrarregionais, que devem ser considerados pelo poder público a fim de desenvolver políticas que viabilizem o fortalecimento da cultura local, baseando-se nas diretrizes da democratização, diversidade cultural, inclusão social, acessibilidade e sustentabilidade e nos princípios da administração pública.

No universo acadêmico e das práticas sociais, as possibilidades de apreensão desta pluralidade e diversidade cultural do município se estendem ainda mais com abordagens e metodologias diversas. Caberá ao poder público, no âmbito da política cultural municipal, articular, fomentar e assimilar conhecimentos produzidos no âmbito das instituições, de ensino e pesquisa, das comunidades e da sociedade. E caberá à cidade, em seus múltiplos agentes, coletivos e instituições reconhecer-se continuamente em suas práticas culturais e artísticas, fortalecendo identidades e constituindo-se espaço dinâmico e diverso de cultura.



## PARA SABER MAIS:

Sítio da Prefeitura - [www.prefeitura.pbh.gov.br/](http://www.prefeitura.pbh.gov.br/)

Fontes Arquivísticas

Arquivo Público Mineiro – Mapa da População do Termo da Vila de Sabará (1816)

Arquivo Público Mineiro – Mappa da População existente no Distrito da Parochia do Curral D’El Rei, anno de 1840.

BRASIL. [Império]. Recenseamento do Brasil em 1872. Rio de Janeiro: Typ. De G. Leuzinger & filhos. s.d.

TASSINI, Raul. Relação de habitantes da então Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral Del Rei (1828). In: *Verdades históricas e pré-históricas de Belo Horizonte antes Curral Del Rei*. Belo Horizonte: s. n., 1947. (Acervo da Biblioteca do Arquivo Público Mineiro), p. 31-42.



## PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

ARROYO, Miguel G. *O aprendizado do direito à cidade: Belo Horizonte – a construção da cultura política*. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 26, p. 23-38, dez. 1997.

BOTELHO, Tarcísio R. *A migração para Belo Horizonte na primeira metade do século XX*. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 9, n. 12, p. 11-33, 2º sem. 2007.

CRAVEIRO, Caroline. *Mapeamento cultural como instrumento da gestão da política pública de cultura em Belo Horizonte, MG*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. [manuscrito]

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA. *Salve Maria*. Memória da religiosidade afro-brasileira em Belo Horizonte: Reinados negros e Irmandades do Rosário. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2006.

GOMES, Ângela Maria da Silva. *Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: Terreiros, Quilombos, Quintais da Grande BH*. 2009. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

GUIMARÃES, Berenice. *Favelas em Belo Horizonte: tendências e desafios. Análise & Conjuntura*, Belo Horizonte, v.7, n.2 e 3, maio/dez. 1992.

LIBÂNIO, Clarice A. *Guia Cultural das Vilas e Favelas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2004.

PONTES, Ana Carolina e MORAIS, Fernanda Emília de (org.). *Heranças do tempo, tradições afro-brasileiras em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2006. 144p.

SEPULVEDA, Lucas Oliveira. *A palavra é sua!: os jovens e os saraus marginais em Belo Horizonte*. 2017.

SILVA, Lisandra Mara. *Propriedades, Negritude e Moradia na Produção Social da Segregação Racial da Cidade: cenário de Belo Horizonte*. 2018. Dissertação. (Mestrado) – Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Regina Helena Alves; SILVEIRA, Anne Jackeline Torres. *Cenas de um Belo Horizonte*. Belo Horizonte, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – PBH, 1994.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama)



#### **REVISTAS E OUTROS MATERIAIS:**

[www.cultura.mg.gov.br/files/Arquivo\\_publico/rapm5.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/files/Arquivo_publico/rapm5.pdf)

[www.bhaz.com.br/](http://www.bhaz.com.br/)

[www.uai.com.br/](http://www.uai.com.br/)

[www.belo Horizonte.mg.gov.br/](http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=belo\\_horizonte](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=belo_horizonte)

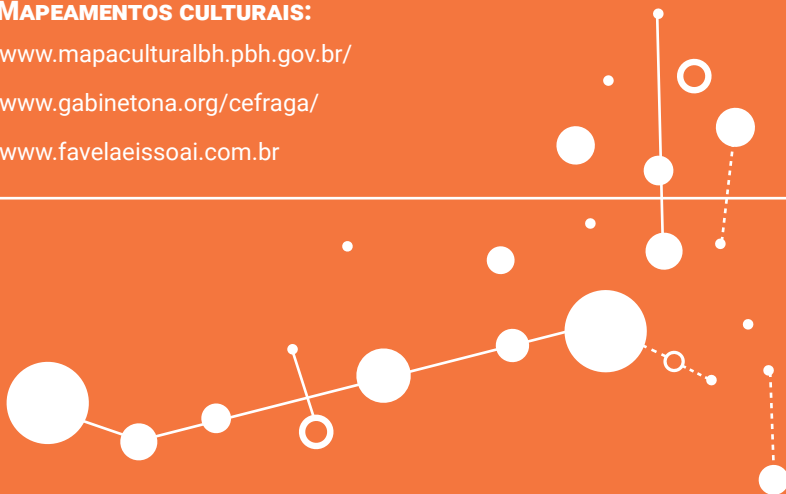


#### **MAPEAMENTOS CULTURAIS:**

[www.mapaculturalbh.pbh.gov.br/](http://www.mapaculturalbh.pbh.gov.br/)

[www.gabinetona.org/cefraga/](http://www.gabinetona.org/cefraga/)

[www.favelaeissoai.com.br](http://www.favelaeissoai.com.br)





**BETIM**

*Luísa Nonato e Josemeire Alves Pereira*

Atualmente um dos mais populosos municípios da RMBH, Betim tem origem no antigo vilarejo (depois Distrito), conhecido por Capela Nova do Betim, formado devido à ação exploratória de bandeirantes paulistas. O nome do lugar é legado do bandeirante Joseph Rodrigues Betim, que se tornou concessionário de Sesmarias, já no início do século XVII. O lugar era, até o século XIX, região de passagem de tropeiros e tinha por principal atividade econômica a produção de subsistência e de alimentos para abastecimento da população que habitava a região mineradora.

A população de 438.575 habitantes (IBGE, 2018), que ocupa área atual de 343.856 Km<sup>2</sup>, começou a afluir para a região em maior



Praça Milton Campos  
Foto: Élcio Paraíso

número a partir dos anos 1960, devido à criação da Refinaria Gabriel Passos e ao desenvolvimento da indústria automobilística, com a instalação da FIAT Automóveis. Em 2010, 65,9% dos habitantes de Betim se autodeclaravam pardos ou pretos, enquanto 33,1% brancos. O IDHM do município, à mesma época, mantinha-se ascendente e era registrado em 0,749 e o PIB *per capita*, em 2015, era de R\$57.283,41. Por outro lado, em 2010, 33,7% de sua população possuía rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa.

Diferentemente de outras cidades da região, que apresentaram padrão de crescimento mais relacionado aos interesses do mercado imobiliário, Betim foi um dos municípios que recebeu grande volume de investimento industrial, afetando também as formas como a população se apropria do espaço urbano e se manifesta culturalmente.

Assim, do ponto de vista das culturas tradicionais, Betim possui algumas comemorações religiosas mais pontuais, como o congado de Nossa Senhora do Rosário, a Folia de Reis e a Cavalgada de São Jorge, constantes do calendário oficial da Prefeitura. Possui também uma Associação de Capoeiristas, a Associação Cultural Arte Capoeira Brasileira (ABAC), responsável por importantes articulações culturais em Betim e outros municípios vizinhos.

Em visita à cidade é possível conhecer a sede da Fundação Artístico-Cultural de Betim (FUNARBE), órgão ligado à prefeitura municipal que tem como objetivo implementar ações que promovam o desenvolvimento através da cultura, das artes, da preservação e do fomento às tradições e à memória do município. A FUNARBE, localizada na região central da cidade, mantém alguns equipamentos para a promoção da cultura local, como a Casa da Cultura e o Museu Josephina Bento, os Centros Populares de Cultura, o Cine Teatro Glória e o Museu Paulo Araújo Moreira Gontijo.

Além disso, Betim conta com outros equipamentos privados para a promoção da cultura, como, entre outras iniciativas locais, o



Centro Cultural Dona Antônia e o Espaço Cultural Meu Canto, idealizado pelo ativista cultural Carlos Nicomedes – onde acontecem de forma independente ações junto a coletivos culturais, como o Coletivo Flores do Beco, a Batalha do Roleta Crew e inúmeras manifestações culturais como o rock, o samba, entre outras.

Também são desenvolvidas feiras de artesanato em diferentes espaços da cidade, como a Feira Bem Popular ArtPop, no bairro São Caetano, que conta com o apoio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico. O município também possui a Loja da Economia Solidária, que promove e valoriza trabalhos artesanais. Trata-se de uma importante alternativa na geração de trabalho e na inclusão social. Ao todo, 15 empreendimentos fazem parte do programa, 11 dos quais se fazem presentes na nova loja, com exposição e venda de seus produtos nas áreas de vestuário, acessórios femininos e masculinos, cosméticos, utensílios de casa, decoração, pinturas em

tecido e alimentos não perecíveis. Este é um programa realizado pela Prefeitura, por meio da Superintendência de Trabalho, Emprego e Renda (SETER), ligada à Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS), e do Fórum Municipal de Economia Solidária de Betim.

Ainda do ponto de vista da geração de renda e do turismo, destaca-se a Rua do Rosário, onde ocorrem atividades gastronômicas. Há, ainda, uma premiada cervejaria artesanal que ganhou destaque com o Festival Degusta-me, evento que atrai apreciadores de toda a região.

No que se refere aos bens edificados tombados de Betim, há a Igreja Nossa Senhora do Rosário, construída no século XIX e onde acontece, anualmente, a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Há também a Estação Ferroviária, inaugurada em 1910, integrando o trecho da Estrada de Ferro Oeste de Minas, que ligava Belo Horizonte a Divinópolis.

Destaca-se na paisagem de Betim o Portal da Colônia Santa Izabel que, na história local, demarca o território para onde eram enviados portadores de hanseníase. O Portal é considerado um marco importante para a memória local e para a compreensão da história das políticas sanitárias já adotadas no país.

Para desenvolvimento das ações de preservação e educação ambiental, Betim possui o Centro de Educação Ambiental Geraldo Henrique Rodrigues Neves, que oferta formações dirigidas a professores, funcionários e comunidade escolar das redes de ensino do município. Há também alguns parques ecológicos espalhados por diferentes bairros de Betim, como o Parque Ecológico Chico Mendes, que se configura como um espaço de convívio social com quadra e pista de skate. Entretanto, muitos desses espaços estão sem manutenção ou não disponibilizam acesso integral aos moradores.

Destaca-se ainda, na vida cultural da cidade, a Praça Milton Campos, espaço de convívio social e referência dos moradores como um local para apresentações culturais diversas.



## PARA SABER MAIS:

Sítio da Prefeitura - [www.betim.mg.gov.br/home/41822%3B66975%3B03%3B0%3B0.asp](http://www.betim.mg.gov.br/home/41822%3B66975%3B03%3B0%3B0.asp)



## PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

PINTO, Terezinha Assis. *A história da construção de Betim: espaço geográfico construído por gente*. Prefeitura Municipal de Betim. Betim/MG, 1996.

BORGES, Juliana Gertrudes; DA SILVA, Ronaldo André Rodrigues; ROSSI, Maria de Fátima Pereira. *DIVERSIDADE ÉTNICA E OS NEGROS NAS ORGANIZAÇÕES: UM ESTUDO EM BETIM*.

BRAGANÇA, Mário Teixeira Rodrigues; *DO NASCIMENTO PORCINO, Silvania. FAZENDA SANTA CRUZ: ESTUDO DE UM ASSENTAMENTO AGRÁRIO NO ESPAÇO PERIURBANO DE BETIM* (MG). Anais, p. 1-17, 2016.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/betim/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/betim/panorama)



## LINKS:

Vídeo comemorativo - 300 Anos da Carta de Sesmaria de Betim; [www.youtube.com/watch?v=cvNtR18xiPY](http://www.youtube.com/watch?v=cvNtR18xiPY)

ABAC - [www.facebook.com/pg/Associação-Cultural-Arte-Capoeira-Brasileira-Betim-Mg-161649813999581](http://www.facebook.com/pg/Associação-Cultural-Arte-Capoeira-Brasileira-Betim-Mg-161649813999581)

Centro Cultural Dona Antônia - [www.facebook.com/donaantonia/](http://www.facebook.com/donaantonia/)

Espaço Cultural Meu Canto - [www.facebook.com/meucantobetim/](http://www.facebook.com/meucantobetim/)

Coletivo Flores do Beco - [www.facebook.com/floresdobeco/](http://www.facebook.com/floresdobeco/)

Feira Bem Popular Art Pop - [www.facebook.com/Feira-Bem-popular-ART-POP-274418503233848/](http://www.facebook.com/Feira-Bem-popular-ART-POP-274418503233848/)

Sítio da FUNARBE - [www.funarbe.betim.mg.gov.br/](http://www.funarbe.betim.mg.gov.br/)



## OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=betim](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=betim)



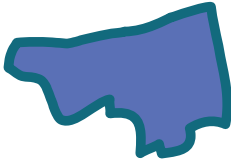
## JORNAIS LOCAIS:

[www.betimonline.com/](http://www.betimonline.com/)





Serras de Brumadinho  
Foto: Fernando Libânio



## **BRUMADINHO**

*Thales Santos e Josemeire Alves Pereira*

Com grande extensão territorial, de 643.52 km<sup>2</sup>, Brumadinho faz divisa com 13 cidades da RMBH, mantendo importantes conexões com os municípios de Ibirité, Sarzedo, Nova Lima e a região do Barreiro, em Belo Horizonte.

Sua formação remonta à ocupação das antigas terras do Brumado do Paraopeba pelos bandeirantes. O lugar era, no século XVIII, ponto de parada e repouso de tropas e de abastecimento de víveres. Posteriormente, tornou-se pequeno arraial de mineradores. No século XIX, desenvolveu-se como povoado, a partir da instalação do ramal do Paraopeba da Estrada de Ferro Central do Brasil, construída em função do desenvolvimento da cafeicultura na região Sudeste. Nesse período, para ali afluíram trabalhadores nacionais e migrantes estrangeiros, desenvolvendo pequeno comércio e considerável número de moradias, consolidando a fixação da população. O lugar tornou-se Distrito em 1891, associado ao município de Bonfim, sendo elevado a município em 1938.

Atualmente é constituído por cinco distritos: Brumadinho Sede, Aranha, Conceição do Itaguá, Piedade do Paraopeba e São José do Paraopeba. Em termos de população total, Brumadinho possui 39.520 pessoas (IBGE, 2018). Segundo o último Censo Demográfico (IBGE 2010), era habitado por 46,7% de pessoas que se autodeclaravam brancas e 52,1% pretas e pardas. Dentre as principais atividades econômicas estão aquelas relacionadas ao abastecimento de água operado pela Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA), junto aos mananciais locais, além do turismo, em função de importantes festivais que acontecem no local e da paisagem com importantes serras, como a Serra da Moeda. Por outro lado, a atividade

mineradora é também predominante, gerando conflitos de uso com as duas atividades anteriores<sup>12</sup>.

Sua produção agropecuária também deve ser apontada como relevante, sendo atestada pela realização de vários festivais, dentre os quais o da Jabuticaba; da Mexerica (este em Melo Franco); o Festival do Milho, no distrito de Suzana; Festival da Cachaça, em Córrego das Almas; Festival Brumadinho Gourmet, em Casa Branca; e o Festival de Inverno, antigo Festival da Laranja, em Piedade do Paraopeba.

A produção de artesanato também é forte na região, em várias modalidades. Destaque para a produção de cerâmica, favorecida tanto pela grande quantidade de argila de boa qualidade ali encontrada quanto pelo histórico do município, que recebeu artesãs e artesãos vindos de outros locais, que acabam multiplicando a arte entre as/os brumadinhenses. A chegada da ceramista japonesa Toshiko Ishii, por exemplo, é apontada como um importante acontecimento, quando a artista convidou moradoras e moradores para acompanharem uma oficina de cerâmica e ensinou o manuseio com a argila e suas possibilidades artísticas. Muitas pessoas que fizeram esse curso conseguiram seguir desenvolvendo peças vendidas em diferentes regiões da cidade.

O distrito de Aranha também agrega uma grande diversidade de atividades e conta com moradoras e moradores que são importantes agentes culturais na região. Há alguns anos, um grupo destes foi convidado a conhecer em Sabará um trabalho com artesanato e acabou aprendendo técnicas que se tornaram muito importantes na confecção artesanal que vigora, atualmente, em Brumadinho. A região é conhecida pela produção dos muitos/as artesãos/ãs, que expõem suas peças em barracas, num simples tecido estendido sobre o chão

---

<sup>12</sup> É importante ressaltar que à época da finalização deste Guia ocorreu o rompimento de uma barragem de rejeitos da mineradora Vale, que impactou a comunidade de Córrego do Feijão e toda a bacia do Rio Paraopeba, a jusante da barragem, com impactos incalculáveis do ponto de vista das vidas perdidas e dos danos ambientais.

ou as vendem em algumas lojas de artesanato da região. Turistas que por ali passam buscando conhecer o Museu de Inhotim – uma área a céu aberto que abriga importantes acervos de arte contemporânea, considerado um dos mais importantes do mundo – se surpreendem com tantas peças bonitas e diferentes, ao longo do caminho. O distrito também é palco de uma famosa Festa da Jabuticaba, na qual diversos produtos alimentícios feitos a partir da fruta são vendidos por pessoas da cidade e do entorno, sem deixar de lado as festividades com ótimos shows e danças por toda a noite.

O carnaval é uma festividade de destaque em Brumadinho e nos distritos ao redor. As festas são animadas pelas bandas tradicionais locais e as ruas recebem foliões e blocos que fazem a alegria de



Festa de Nossa Senhora do Rosário em Conceição de Itaguá  
Foto: Consuelo Abreu



brumadinenses e visitantes. Entre eles destacam-se os blocos “Ex-presidiários”, “Cantores do rádio” e o “Quarando a Madrugada”. Para alegrar os foliões, cachaça é uma bebida que não falta na cidade – são 12 alambiques em pleno funcionamento, exportando a bebida não só para o Brasil, mas para o mundo – que, segundo seus moradores, é importante experimentar.

Brumadinho nos surpreende e nos mostra que a cidade e seus arredores fazem parte não só dos circuitos de museus, mas de várias outras formas de expressão artísticas. Manifestações que surgem com os movimentos de resistência dos Quilombos e também de movimentos mais recentes de novos grupos que se encantam com a natureza e as pessoas da região.

Nos arredores de Brumadinho é possível conhecer um pouco sobre a história de resistência protagonizada por muitas famílias quilombolas que participaram da construção econômica e cultural

do lugar. Os Quilombos de Marinheiros e Sapé se destacam não só em relação à sua importância para Brumadinho, como também em suas manifestações culturais. São grupos de capoeira, musicais e de dança, de congado e outras expressões artísticas que circulam por todo o território mineiro.

Além da cultura imaterial, destaca-se também o Conjunto Histórico e Paisagístico da Serra da Calçada, a Estação de Trem em Marinheiros e a Fazenda Boa Vista dos Martins, tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) e cuja existência, segundo moradores antigos, está também ligada à história do Quilombo Sapé, tendo sido construída por escravizados.

A Serra da Moeda, no Vale do Paraopeba, é outro importante atrativo para os amantes de esportes de aventura que procuram o que fazer pela cidade. Asas delta, parapentes e até balões colorem



Guarda de Congo de São Benedito – Quilombo do Sapé  
Foto: Consuelo Abreu

os céus da região ao cair da tarde, atraindo os olhares curiosos dos turistas para a área de decolagem, que está a 1.450 metros do nível do mar. É de lá que se descortina todo o encanto da Serra da Moeda. O local abriga duas rampas naturais com boa inclinação para a prática do voo livre, a Moedinha, a 170 metros de altura, e a Moedão, a 580 metros. Para fazer os voos é preciso contratar escolas especializadas, que oferecem cursos de parapente e voos duplos acompanhados por instrutor.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.portal.brumadinho.mg.gov.br/](http://www.portal.brumadinho.mg.gov.br/)



#### **PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:**

FARIA, Diomira M.C.P. *Análisis de la capacidad del turismo en el desarrollo económico regional: el caso de Inhotim y Brumadinho*. Disponível em [www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/AMSA-8WTK9U?show=full](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/AMSA-8WTK9U?show=full), acesso em 05/12/2018.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/brumadinho/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/brumadinho/panorama)



#### **LINKS:**

Carnaval em Brumadinho

[www.youtube.com/watch?v=lontGY2cqbM](http://www.youtube.com/watch?v=lontGY2cqbM)

[www.youtube.com/watch?v=x0g398f740A](http://www.youtube.com/watch?v=x0g398f740A)

Quilombo de Marinhos e Sapé - [www.globoplay.globo.com/v/4361037/](http://www.globoplay.globo.com/v/4361037/)

Museu INHOTIM - [www.inhotim.org.br/](http://www.inhotim.org.br/)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=brumadinho](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=brumadinho)



#### **JORNAIS LOCAIS:**

[www.pt-br.facebook.com/jornalgazetadebrumadinho/](http://www.pt-br.facebook.com/jornalgazetadebrumadinho/)





## CAETÉ

*Luísa Nonato, Clarice Libânio e Josemeire Alves Pereira*

O município de Caeté faz divisa com os municípios de Raposos, Rio Acima, Sabará, Nova União e Taquaraçu de Minas, na RMBH, além de Santa Bárbara, Barão de Cocais e Bom Jesus do Amparo, no Colar Metropolitano. Integrando o circuito da Estrada Real, constituiu-se como povoado no chamado caminho do Sabarabuçu, percurso criado pela Coroa Portuguesa para escoamento de ouro até o Rio de Janeiro, ainda no século XVII. Inicialmente conhecido como os Sertões de Caeté, recebeu a Entrada de Lourenço Caetano Taques por volta dos anos de 1663 ou 1662, uma das precursoras na exploração do planalto mineiro.



A instalação e urbanização da cidade, nos primeiros anos do século XVIII, foi motivada pela mineração de ouro. Entre 1708 e 1709, o povoado foi palco da Guerra dos Emboabas, que se deu a partir de um desentendimento entre bandeirantes paulistas e forasteiros vindos de Portugal e das regiões ao nordeste da América Portuguesa, pelo curso do Rio São Francisco, na disputa pela posse das minas. O arraial rapidamente desenvolveu-se e foi elevado a Termo, tendo por nome Vila Nova da Rainha do Caeté em 1714 – o quinto arraial no Brasil a ser elevado para Vila e um dos primeiros povoamentos de Minas Gerais. Tornou-se município em 1840, com denominação atual, foi elevado à categoria de cidade em 1865, sendo composto, desde 1962, pelos distritos de Caeté (sede), Antônio dos Santos, Morro Vermelho, Penedia e Roças Novas.

A partir do século XIX, a economia local se desenvolveu em torno do comércio de carvão, das atividades agrícolas e industriais – com destaque para a usina cerâmica João Pinheiro e a usina de Ferro Gorceix. Já no século XX destacaram-se as siderúrgicas, especialmente a Companhia Ferro Brasileiro. Nos dias atuais o município é formado pela sede e por outros núcleos urbanos, destacando-se Morro Vermelho e Roças Novas.

Caeté integra o Quadrilátero Ferrífero (QF), área impactada pela extração de ouro desde o século XVII e que, atualmente, abriga grandes minerações de ferro, com vários empreendimentos que exploram jazidas de rochas de minerais como o topázio e a bauxita. Nesta área do QF, na porção centro-nordeste, encontra-se a Serra do Gandarela, entre a Serra da Piedade e Serra do Caraça.

Em 2010, o IBGE registrou uma população de 40.750 habitantes (68,0% autodeclarados pretos ou pardos e 31,2% brancos) e IDHM considerado alto, acima de 0,784. O acesso do município a Belo Horizonte é difícil, agravado pelas dificuldades de percurso rodoviário pela BR-381 e de precária oferta de transporte público. É importante

destacar que Caeté é um dos territórios impactados pela implantação do Projeto Apolo, da empresa Vale, visando a extração de diversos minérios da região, o que agrava ainda mais o problema viário. Além disso, a mineração tem forte impacto negativo sobre o turismo, uma das principais atividades econômicas do município.

Caeté preserva importantes manifestações culturais, especialmente as de caráter religioso, tanto na sede como nos distritos. No calendário oficial do município destacam-se a Folia de Reis e a Festa de São Sebastião, em janeiro. Fevereiro e março são marcados pelas festividades do carnaval, com o Carnacatu e outros blocos locais, e as comemorações de aniversário do município e início da Semana Santa. Em maio/junho, no feriado de *Corpus Christi*, a cidade realiza a confecção de um grande tapete de serragens, o que atrai muitos turistas para o local. No decorrer dos meses acontecem muitas comemorações religiosas, como, por exemplo, as de Nossa Senhora de Fátima, Santo Antônio, Nossa Senhora da Penha, São Cristóvão, Nossa Senhora do Bom Sucesso, Santa Frutuosa, São Francisco de Assis, Nossa Senhora Aparecida, São Geraldo, São Judas Tadeu, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Mãe de Deus, bem como as Cavalhadas de Nossa Senhora de Nazaré.

Além do turismo, fomentam a economia local as ações de geração de renda, como a Feira Artesanal que acontece todo sábado, próximo ao Mercado Municipal. Esta feira apresenta-se como uma importante estratégia de organização de produtores no local, que veem nesta articulação uma possibilidade de gerar renda e fortalecer ainda mais o município, cultural e economicamente. Desta iniciativa surgiu a Associação de Artesãos e Artistas de Caeté. Às quartas-feiras também acontece o encontro dos artesãos na praça.

Outro fator de fortalecimento e reconhecimento de artesãos no município é a articulação com artistas e a possibilidade de formação

profissional de moradores nestas atividades. Em Caeté alguns artesãos/artesãs oferecem cursos para outros moradores, como o de tapeçaria, junto à Secretaria de Assistência Social.

Quanto ao patrimônio material, Caeté possui importantes igrejas e casarões de arquitetura colonial, destacando-se como o primeiro município a sediar uma igreja de alvenaria do Estado e também a menor basílica do mundo – a Ermida da Padroeira de Minas Gerais. Importante também é o Monumento Natural da Serra da Piedade, onde se localiza o complexo turístico da Serra da Piedade, incluindo Capela e o Observatório Astronômico da UFMG.

Na gastronomia destaque para os doces em compota e geleias, além dos queijos do Frei Rosário, o doce de queijão e bolinho de feijão da Dona Nazinha e outros cozinheiros moradores dos distritos de Roças Novas e Morro Vermelho.

O município participa dos circuitos turísticos da Estrada Real e da Serra da Piedade, além dos circuitos Rota das Águas, Caminhos de Fé, Encantos da Natureza e Baú de Sabores. Em seu território destaca-se tanto o turismo religioso, realizado na Serra da Piedade, o turismo de aventura e ecológico quanto o turismo histórico-cultural. Outro potencial é a exploração do recém-criado Parque do Gandarela.

Os alunos da disciplina dos Lumes<sup>13</sup>, da UFMG, realizaram um mapeamento em Caeté, com foco nas possibilidades de sua Trama Verde Azul. A este respeito Ademir Martins Bento, ex-vereador de Caeté e um dos entrevistados para o trabalho, foi enfático: “Caeté está além da Serra da Piedade!” Assim, o mapeamento de Caeté foi orientado pela proposta de integrar o extenso território para além do turismo concentrado na Serra da Piedade. A análise de novas rotas turísticas e culturais, em busca da história do município, direcionou a escolha de pontos em que pudesse se originar uma nova dinâmica no aspecto socioeconômico da região.

---

13 Os alunos participantes foram Daniela Andrade, Lucien Marques e Pedro Cícero.



#### Caeté

- ▲ Cachoeira de Santo Antônio
  - ▲ Capela de São Gonçalo
  - ▲ Casa do Artesanato de Caeté
  - ▲ Cemitério dos Ingleses
  - ▲ Igreja Matriz Nossa Senhora do Bom Sucesso
  - ▲ Observatório Astronômico da UFMG
  - ▲ Praça Dr. João Pinheiro
  - ▲ Serra da Piedade
- Propostas Trama Verde e Azul
- Mista Atlântica
  - Ruínas
  - Limites Municipais

O complexo turístico da Serra da Piedade, que compreende também o Observatório Astronômico da UFMG, configura uma atividade importante para o município, e foi o ponto de partida para o estudo de campo. Este complexo é uma continuação da Serra do Curral e abarca em si uma grande tradição para o povo mineiro. O objetivo era encontrar pontos para manter e potencializar o turismo que já ocorre no espaço como porta de entrada para Caeté.

Ademais foram mapeados outros pontos em regiões diferentes do município para integrar o turismo ao longo da cidade. Os pontos centrais escolhidos para interligar a análise localizam-se de forma estratégica para a organização do território de Caeté, estando dispostos no entorno da Praça Dom João Pinheiro, praça principal da cidade que recebe muitos eventos culturais promovidos pela Prefeitura Municipal. A própria praça



Monumento na Serra da Piedade  
Foto: alunos Lumes

central da cidade é, portanto, um ponto de plena exploração para a atividade cultural do município, sendo rodeada pelos demais pontos mapeados – a Casa do artesanato de Caeté, que reforça a arte e a cultura da cidade; e a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, a primeira igreja em alvenaria no Brasil, criada pelo pai do renomado artesão Aleijadinho.

Na divisa de Caeté com Sabará localizam-se outros importantes pontos que ainda carecem de mais ampla exploração por parte de pesquisadores e estudiosos: as ruínas do Cemitério dos Ingleses e as ruínas da Capela de São Gonçalo, fruto de um incêndio em 1929. As ruínas do Cemitério dos Ingleses são consideradas – por estudiosos e turistas – uma das mais importantes reminiscências do Ciclo do Ouro na região, fazendo parte da Estrada Real. Historicamente o local serviu de ligação entre Sabará a Caeté como rota de transporte de ouro, alimentos e gado. Segundo os registros bibliográficos, o Cemitério dos Ingleses foi por muitos anos um lugar marcado por superstições



e lendas e, com o passar dos anos, foi paulatinamente abandonado pelos governantes, ficando sem divulgação e mesmo manutenção.

De acordo com entrevistados, o Cemitério dos Ingleses seria uma das boas opções para alavancar o turismo de aventura e *trekking* no município. O local possui um conjunto de trilhas bem demarcadas e conservadas, decorrente da passagem de trilheiros, motociclistas e ciclistas. Segundo foi apurado, a empresa AngloGold Ashanti<sup>14</sup> vem realizando um projeto de reflorestamento, com a plantação de 35.000 mudas de plantas típicas da região.

Por último, ao sul do município, na divisa com a cidade de Raposos, foi mapeada a Cachoeira de Santo Antônio, ponto importante de Caeté que faz parte do distrito de Morro Vermelho. No entanto, o acesso à cachoeira, que tem 35 metros de queda d'água, é muito dificultado pela falta de infraestrutura da estrada, o que impede a atividade turística no local.

---

14 Antiga Saint John Del Rey Mining Company, estabelecida a partir da Mina de Morro Velho.

Foi possível perceber que existem diversas oportunidades de explorar o turismo no município de Caeté, no entanto, estas carecem de políticas públicas para se viabilizar, incluindo ações de restauração e manutenção das rotas traçadas. A infraestrutura é ponto crucial para o desenvolvimento desta atividade econômica no município, que além de integrar a sociedade em torno de um projeto comum trará luz à sua história, dinamizando-a na memória pública, para as futuras gerações.



### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.caete.mg.gov.br/](http://www.caete.mg.gov.br/)



### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

RESENDE, Márlon Sidey; *A construção do plano diretor de Caeté e as (im)possibilidades à participação social*. Dissertação (Pós-graduação em Geografia) - Instituto de Geociências -UFMG. Belo Horizonte - [www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-759NGT/apres\\_capa\\_res\\_sum.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-759NGT/apres_capa_res_sum.pdf?sequence=1)

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/caete/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/caete/panorama)



### LINKS:

Caminhos do Saber em Caeté - MG | ep. 15; 16 e 17 | Editora Positivo - [www.youtube.com/watch?v=ElnHSI8kC2U](http://www.youtube.com/watch?v=ElnHSI8kC2U); Cidade de Caeté, 1958, tempo antigo, [www.youtube.com/watch?v=VPDEltMiH9k](http://www.youtube.com/watch?v=VPDEltMiH9k)

Caminho Religioso da Estrada Real - [www.pelasestradasdeminas.com.br/caminho-religioso-da-estrada-real-crer/](http://www.pelasestradasdeminas.com.br/caminho-religioso-da-estrada-real-crer/)

ONG MACACA - [www.facebook.com/omacaca](http://www.facebook.com/omacaca)

Associação Casa do Artesão - [www.facebook.com/casadoartesao.assoc](http://www.facebook.com/casadoartesao.assoc)



### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

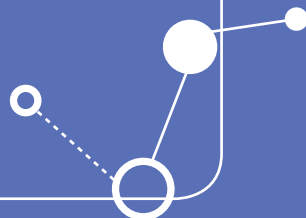
[www.rmbh.org.br/central.php?local=caet%C3%A9](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=caet%C3%A9)



### JORNAIS LOCAIS:

[www.caetenews.com.br/](http://www.caetenews.com.br/)

[www.facebook.com/gazetacaeteense/](http://www.facebook.com/gazetacaeteense/)





## CAPIM BRANCO

*Thales Santos e Clarice Libânio*

O município de Capim Branco se desenvolveu em uma das rotas que contribuíram no fomento das atividades de mineração do ouro, sendo originalmente um dos locais onde as caravanas de tropeiros que levavam os produtos para abastecimento das minas paravam para descansar, alimentar-se e dar água aos animais. Era, então, conhecido como Rancho Grande, parada situada às margens do Ribeirão da Mata, e mais tarde nomeada Capim Branco pelos tropeiros, em virtude de um grande campo de pequenas flores brancas, nativas da região, que formava um imenso tapete.

Ao longo de seu desenvolvimento, a região já foi distrito das cidades de Santa Luzia, Pedro Leopoldo e Matozinhos. O município recebe influência tanto de Belo Horizonte quanto de Sete Lagoas, com maior vinculação com esta última. Além disso, mantém a ligação com a cidade de Matozinhos, com quem faz divisa. A população, que em 2018 é estimada em 9.679 habitantes, em 2010 era de 8.881 pessoas (73,2% autodeclarados pardos ou pretos e 25,4% brancos), segundo estimativas do IBGE.

Situada no vetor norte da RMBH, nos últimos anos a cidade vem atraindo novos loteamentos, em decorrência da implantação da linha



verde, do Aeroporto Internacional Tancredo Neves e da construção da Cidade Administrativa do Governo de Minas Gerais.

Em termos econômicos, o território de Capim Branco registra atividade minerária de extração de calcário, o que pode ser conflitante com a preservação de parte de seu patrimônio cultural e ambiental, dado pela marcante presença de grutas no seu território, que também indicam potencial para o turismo ecológico.

Por outro lado, o maior destaque da produção local é a agropecuária. O território municipal abriga produção agrícola convencional – a produção leiteira, absorvida pela Itambé de Sete Lagoas; produção de cana de açúcar e cachaça –; e, mais recentemente, a agricultura orgânica (tanto familiar quanto empresarial). Os dados do Plano Diretor do município apontam que são cerca de 150 os produtores de orgânicos ou em transição agroecológica na localidade. A cidade já foi conhecida como a “terra do alho”, inclusive com uma das mais famosas festas da região, a Festa do Alho. Entretanto, uma praga dizimou esta plantação na região, acabando também com as práticas culturais a ela relacionadas.

Capim Branco é dotada de campos verdes e diversos riachos, conhecido na RMBH por sua importância na produção e fornecimento de hortaliças. Como citado anteriormente, são várias as fazendas e famílias especializadas na cultura de orgânicos e uma crescente oferta de atrações para receber turistas e excursões escolares interessadas em conhecer o processo de produção do alface.

Do ponto de vista cultural e religioso, existe no município a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, que se destaca na praça principal. Com um histórico de luta e resistência, após um grande incêndio provocado por um raio, no início da década de 1940, as/os moradoras/es da cidade se juntaram e conseguiram controlar o fogo. Entretanto, em 1946, a população se organizou e decidiu por demolir toda a estrutura e reconstruir uma nova Igreja, maior que a anterior, já prevendo o crescimento da população. A participação das mulheres

foi fundamental: buscavam água em latas e armazenavam-na em um poço, possibilitando o trabalho dos pedreiros na construção da igreja.

Há também a Igreja Batista Central, que iniciou os seus trabalhos em 1967, ainda sem um espaço físico definido, mas improvisado debaixo de um pé de manga. Hoje conta com um espaço próprio, capaz de acolher 300 pessoas.

Além das igrejas mencionadas, o Herbarium Franz Mesmer, que faz parte da Sociedade Espírita Maria Nunes de Belo Horizonte, é um espaço de referência, onde se desenvolvem atividades espirituais e sociais, além do cuidado através das ervas medicinais.

Os campos da cidade foram utilizados não só para o plantio de hortaliças, mas também para o lazer. Uma atividade importante para a população é o futebol. O primeiro campo da cidade, o Estádio Artur Botelho, foi construído com a ajuda dos moradores, no cerrado da região. Ao longo do tempo, surgiram muitos times, como o Diplomata, Sukata, Kuscavel, Tsupap, Foi Um Sonho, Rodo Velho, Los Primos, Come Jiló, Pé na Cova, dentre outros. Na atualidade, os que mais mobilizam adeptos são o Peri-Peri, o Boa Vista, o Sant'Ana, o Salvador e o Pinto de Ouro.

O povo capim-branquense atrai atenção de quem chega à cidade, especialmente pela sua capacidade de união e, claro, pelo espírito festeiro. O carnaval da cidade é tradicional e bastante

conhecido em toda a região. As pessoas iniciam o dia pulando nas ruas, nos blocos acompanhados pela fanfarra. Depois da festa na rua, os bailes fechados recebiam a brincadeira. Há relatos de que o futebol e as escolas de samba eram importantes e atuavam em tamanha aliança



Museu Histórico de Capim Branco  
Foto: Leopoldo Curi

que quem torcia para determinado time não pisava em outro baile de carnaval. Claro que quando corria a notícia de que “o outro” baile estava animado, as pessoas corriam e iam “escondidas” averiguar.

Outra festa que se destaca na história do município é a do Boi da Manta. Dizem que a festa surgiu antes mesmo da cidade e mobiliza toda a população, sendo reconhecida como a principal na cena cultural de Capim Branco. Além dela, ocorrem outros eventos que mobilizam a comunidade, como a Coroação de Maio e as apresentações da Semana Santa.

Quanto ao patrimônio edificado, realçam o Cruzeiro do Barão, a Sede da Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição de Capim Branco e o Museu Histórico de Capim Branco, que, além de ser ponto de manutenção da memória local, realiza o tradicional encontro de carros antigos.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.capimbranco.mg.gov.br/](http://www.capimbranco.mg.gov.br/)



#### **PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:**

DEUS, Gerne Adriana (org.). *Capim Branco, minha cidade, meu patrimônio*. Prefeitura Municipal de Capim Branco, 2010.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/capim-branco/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/capim-branco/panorama)



#### **LINKS:**

Capim Branco - cidade é exemplo de incentivo à agricultura familiar [www.youtube.com/watch?v=-lyD11VISFQ](https://www.youtube.com/watch?v=-lyD11VISFQ);

Produtor de conteúdo de Capim Branco - André Serra - Velharia old school [www.youtube.com/channel/UCU-PufZpA050s-QCfJSI6vw](https://www.youtube.com/channel/UCU-PufZpA050s-QCfJSI6vw)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=caet%C3%A9](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=caet%C3%A9)



## CONFINS

*Tiphany Gomes e Josemeire Alves Pereira*

Confins é um município da RMBH que se emancipou há apenas 23 anos. Entre 1953 e 1993 era distrito de Lagoa Santa e se tornou município em 1995. O antigo povoado de Confins surgiu, como diversos outros na atual RMBH, como ponto de parada de tropeiros e bandeirantes, nos séculos XVII e XVIII. Situava-se nos limites de grandes fazendas que havia na região, desde então, até meados do século XX. Sua população, estimada em 6.657 pessoas, em 2018, era de 5.936, em 2010 – das quais 74,0% autodeclaravam-se pretos e pardos e 25,4%, brancos.

Por mais que Confins tenha se constituído recentemente como município, a presença humana na região, contudo, data de milhares de anos, sendo o lugar, tal como Lagoa Santa e Pedro Leopoldo, referência importante para pesquisas arqueológicas e paleontológicas fundamentais à compreensão do surgimento das populações originárias do que hoje conhecemos por América Latina. A descoberta de artefatos e ossadas humanas milenares encontrados em suas grutas e lagoas ocorreu em diferentes momentos do século XIX até a atualidade, estando estes objetos sob guarda de instituições museais nacionais e em outros países.

A ocupação mais recente do território, iniciada no período colonial, legou a seus moradores manifestações tradicionais, tais como a festa da Mãe Rainha e a do Boi da Manta, bem como a Cavalgada, o Carnaval, o Aniversário da Cidade e o Festival de Artes integradas.

Criação mais contemporânea, a Mostra de Arte da cidade<sup>15</sup> acontece anualmente desde 2013 e busca identificar e dar visibilidade aos artistas locais. A organização da Mostra privilegia tanto artistas profissionais quanto amadores e, dessa forma, possibilita a construção e o reconhecimento de inúmeros artistas da região e de diversas linguagens artísticas.

Quanto aos equipamentos culturais, Confins conta com uma Biblioteca Municipal, o Casarão – espaço de artes da Companhia Produz Ação Cênica –, o CRASLEM e a Gamela Cultural e, mais relacionados ao esporte, o Centro Poliesportivo e a Quadra de Esportes da Escola Tavares, que é cedida para uso público. Além disso, há a Praça Central – um dos locais mais frequentados por ser a passagem para outros bairros; a quadra de esportes Netbol, com restaurante, também muito frequentada, e o Restaurante Guimarães, situado no bairro do Retiro.

---

<sup>15</sup> Ver um dos catálogos da mostra em <http://conviversabersocial.com.br/index.php/1o-catalogo-de-arte-e-cultura-de-confins/>.



Do patrimônio edificado citam-se os fornos de cal, onde se trabalhavam pedras de calcário; a Igreja São José e o Cemitério Pedras do Bexigentas, onde se enterravam pessoas com problemas na bexiga.

O turismo em Confins ainda é pouco desenvolvido, embora a cidade tenha um importante patrimônio ambiental, paleontológico e arqueológico, conforme já mencionado. Todo seu território está inserido na Área de Proteção Ambiental – APA Carste (que compreende também os municípios de Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Matozinhos e Funilândia). Entretanto, muitas das grutas e das lagoas são de difícil acesso e, além disso, esse patrimônio vive sob risco, desde a instalação do Aeroporto Internacional Tancredo Neves, que opera no local há mais 15 anos, e, mais recentemente, das obras para sua ampliação.



### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.portal.confins.mg.gov.br/](http://www.portal.confins.mg.gov.br/)



### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

PEREIRA, Grasieli Adriana Souza et al. *De Belo Horizonte a Confins: a reconfiguração espacial metropolitana e a tipicidade do lugar*. 2011.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/confins/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/confins/panorama)



### LINKS:

Skate no Recreio E.M de Tavares (Confins - MG) - Família Pró Skate - [www.youtube.com/watch?v=ej28BmWHy4s](http://www.youtube.com/watch?v=ej28BmWHy4s); Confins comemora 22 anos de emancipação - [www.youtube.com/watch?v=RvwYo4VXcSc](http://www.youtube.com/watch?v=RvwYo4VXcSc)

[www.facebook.com/www.ciaproduzacaocenica.blogspot.com.br/](http://www.facebook.com/www.ciaproduzacaocenica.blogspot.com.br/)

[www.facebook.com/projeto.voar.confins/](http://www.facebook.com/projeto.voar.confins/)

[www.facebook.com/nucleotecnicodeartescenicas/](http://www.facebook.com/nucleotecnicodeartescenicas/)



### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=confins](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=confins)



Coreto da Praça Brigadeiro Délio Jardim de Matos  
Foto: equipe PDDI – RMBH



**CONTAGEM**

*Alexsandro Trigger e Josemeire Alves Pereira*

Considerado atualmente o terceiro mais populoso município de Minas Gerais, Contagem originou-se do povoamento em torno do Posto Fiscal instalado pela Coroa Portuguesa às margens do Ribeirão das Abóboras, no início do século XVIII. A iniciativa tinha por finalidade realizar a contagem do gado que vinha da região do Rio São Francisco em direção a Mariana e Ouro Preto. Passaram a constituir o povoado pessoas de origens e ocupações diversas, a partir de 1716: funcionários do Posto, religiosos, proprietários de escravos, proprietários de datas minerais em busca de trabalhadores, delatores, taberneiros... Alimentavam um comércio significativo, ainda que precário, se comparado a outras regiões das Minas. O Posto, cujas instalações abrigam, hoje, a Casa de Cultura de Contagem, foi fechado em 1759, tendo funcionado por 58 anos.

Até 1854, o povoado era ligado à Paróquia de Nossa Senhora de Boa Viagem do Curral Del Rei, quando dela foi desmembrado, alçando a condição de Distrito de Contagem das Abóboras, subordinado aos municípios de Santa Quitéria (atualmente Esmeraldas) e Sabará. Tem sua trajetória de emancipação relacionada aos municípios de Pedro Leopoldo, Ribeirão das Neves, Belo Horizonte, Betim e Ibirité, ora integrando alguns destes territórios, ora tendo-os integralmente ou parte deles subordinados ao seu próprio território. Tornou-se Vila de Contagem, em 1911 e, município, em 1948, à mesma época em que passava a receber a atenção do Governo Estadual, que decidira investir no desenvolvimento industrial do Estado, concentrando instalação de indústrias neste município.

O Parque Industrial (Cidade Industrial), criado a partir destes investimentos, foi anexado como Distrito ao Município de Contagem,



Festa na comunidade dos Arturos  
Foto: Élcio Paraiso



em 1953. Nos anos 1970, novo impulso ao aprimoramento do desenvolvimento industrial resultou na implantação do Centro Industrial de Contagem (CINCO), propiciando geração de novos empregos. Muitos trabalhadores de Belo Horizonte e de outras regiões do estado instalaram-se em Contagem, atraídos pelos processos de industrialização.

A população – estimada em 659.070 habitantes, em 2018 – registrava, em 2010, 603.442 habitantes, sendo então formada por 39,3% de autodeclarados brancos e 59,2% negros (pretos e pardos), vivendo em uma área de 195.045 Km<sup>2</sup>, com bom índice de esgotamento sanitário (92,0%), mas com apenas 39,0% das vias públicas urbanizadas. O município apresenta taxa de escolarização de 97,4%, mas baixo IDEB para os anos finais do Ensino Fundamental (4,4). Em termos de Trabalho e Rendimento havia, em 2010, 30,5% da população com rendimentos mensais de até meio salário mínimo; a proporção de população ocupada era de 31,6% e o salário médio de 2,5 salários mínimos.

A vida cultural de Contagem é intensa e variada, movida pela atuação de grupos e instituições diversos que promovem periodicamente manifestações e festas. Destaca-se o movimento hip hop, muito forte e ativo, cuja ação das mais conhecidas são os Duelos de MC's, que ocorrem em diferentes regiões da cidade. A cultura de intervenção urbana é forte e se manifesta nos *graffites* inscritos na paisagem urbana dos bairros.

Há também os esportes urbanos, como skate, basquete e *hockey*, com apoio do poder público, que cria espaços propícios como quadras e pistas. Quanto ao futebol, segundo moradores entrevistados, Contagem seria conhecida como a cidade com maior concentração de times amadores da América Latina, promovendo grandes campeonatos.

A cidade tem diversas manifestações culturais, que vão desde as mais tradicionais, como os Reinados e Folias de Reis, até

manifestações contemporâneas, que englobam diversos públicos. A música em seus variados gêneros também é forte, com destaque para as bandas – desde as de garagem até grupos de renome nacional. Muitos coletivos, além dos ligados à cultura hip hop, compõem a cena cultural da cidade, em especial os de teatro, música, artes plásticas e cinema, como, por exemplo, a produtora audiovisual Filmes de Plástico e o projeto Cine Sem Churumelas.

Em Contagem acontecem muitas festas ao longo do ano, destacando-se as ações realizadas no mês de agosto, como o Festival das Abóboras; a Corrida da Avenida João César de Oliveira; a Parada LGBTQ+; a grande Gincana de Contagem, um dos pontos fortes do mês. Para além de agosto, ocorrem diversas festas em outros períodos do ano, a exemplo das promovidas pela Comunidade dos Arturos: a Festa da Abolição, em maio; a do Rosário, em outubro, a da Capina ou João do Mato, em dezembro, além da Folia de Reis, entre dezembro e janeiro. Há ainda a Festa do Trabalhador, em maio; as diversas quadrilhas juninas e julinas, com destaque especial para o grupo Chic Chic – um dos mais conhecidos dentro e fora da cidade –; as apresentações teatrais que ocorrem na Semana Santa, entre março e abril; o carnaval de rua, com os blocos locais; além das festas de Natal e da passagem de ano.

A cidade também mantém referências importantes de seu patrimônio material, tais como algumas edificações, dentre as quais destacam-se os três casarões que abrigam o Centro Cultural Francisco Firmo Mattos Filho (Casa Azul, Casa Rosa e Casa Amarela); as chaminés ou torres do Itaú (duas torres remanescentes de uma antiga fábrica de cimento); o Galpão Lafersa, que abriga o Centro de Memória do Trabalhador e o imóvel que sedia o Projeto Casa Criativa, organizada pelo coletivo MOVE Cultura. Do patrimônio natural de Contagem registram-se o Horto Ecológico, a Pedreira Santa Rita, o Parque Gentil Diniz, o Parque Ecológico Eldorado e a Lagoa Várzea das Flores.

As comunidades se organizam de diversas formas e constituíram vários pontos de encontro, sendo as praças os mais fortes: Praça da Glória, Praça Tancredo Neves, Praça do Sol, Praça Sô Teco e Praça da Jabuticaba. Não menos importantes, neste aspecto da convivência social, são os parques: o Parque Ecológico do Eldorado e o Parque ecológico Fernão Dias – que se encontrava fechado, em 2018. Dentre os bares, os mais conhecidos são o Rock Oldschool, o Aquarela Bar e o Bar do Cornélio, que abriga um pequeno museu com diversas peças antigas.



A cidade conta também com importantes equipamentos culturais públicos, entre os quais o Centro Cultural Francisco Firmo Mattos Filho, a Casa de Cultura Nair Mendes Moreira (atualmente fechada para restauração), o Cine Teatro Toni Vieira, o Espaço Popular, o Museu Casa de Cacos de Louça (atualmente fechado) e o Centro de Memória do Trabalhador.



### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.contagem.mg.gov.br/novoportal/](http://www.contagem.mg.gov.br/novoportal/)



### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

GÓIS, Aurino José. *A geografia Religiosa dos terreiros de candomblé de Contagem*, MG. - INTERAÇÕES – CULTURA E COMUNIDADE, BELO HORIZONTE, BRASIL, V.8 N.14, P. 348-361, JUL./DEZ.2013  
ISSN 1983-2478; [200.229.32.55/index.php/interacoes/article/viewFile/6160/6236](http://200.229.32.55/index.php/interacoes/article/viewFile/6160/6236)

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/contagem/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/contagem/panorama)



### LINKS:

Conexão Horizonte “Contagem 100 anos” [www.youtube.com/watch?v=ik-j069hsxBU](http://www.youtube.com/watch?v=ik-j069hsxBU); Canal mapeamento Cultural de Contagem [www.youtube.com/channel/UCe0ji03Sv2fLS9wkC6bDfWw/videos](http://www.youtube.com/channel/UCe0ji03Sv2fLS9wkC6bDfWw/videos)

[facebook.com/revistacidadecontagem/](https://facebook.com/revistacidadecontagem/)

Cine Sem Churumelas - [www.facebook.com/cinesemchurumelas/](http://www.facebook.com/cinesemchurumelas/)

Grupo Chic Chic - [www.facebook.com/GrupoSambaChic/](http://www.facebook.com/GrupoSambaChic/)

Projeto Casa Criativa - [www.facebook.com/CasaCriativaContagem/](http://www.facebook.com/CasaCriativaContagem/)

Coletivo MOVE Cultura - [www.facebook.com/MoveCultura/](http://www.facebook.com/MoveCultura/)



### REVISTAS E OUTROS MATERIAIS:

[www.contagem.mg.gov.br/?ga=publicacoes\\_capa](http://www.contagem.mg.gov.br/?ga=publicacoes_capa)



### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=contagem](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=contagem)



Boi da Manta e mascarados no carnaval  
Foto: Pedro Campolina



## ESMERALDAS

*Tiphany Gomes, Alessandro Trigger  
e Josemeire Alves Pereira*

Outrora denominada de Santa Quitéria, a cidade de Esmeraldas, assim como outros municípios da região, teve sua origem no século XVII. De sua trajetória de formação administrativa, desde o século XIX, destaca-se sua instituição como município, em 1901, ainda nominado como Santa Quitéria. Desde então, regiões que constituem atualmente os municípios de Contagem, Betim e Ibitiré, dentre outros, foram anexadas ao seu território como distritos e posteriormente desmembradas. Tornou-se município em 1948, com a denominação de Esmeraldas, atualmente integrado pelos distritos de Andiroba e Melo Viana, além da Sede.

Festa de Nossa Senhora do Rosário – Uruçuia  
Foto: Consuelo Abreu



Os indicadores atuais apontam aumento de sua população, estimada em 70.200 habitantes (IBGE, 2018). Em 2010, eram 60.271 pessoas, das quais, 72,1% declaravam-se pretas ou pardas e 26,5%, brancas. Esta população vive sob condições que demandam melhorias: apenas 25,2% possuem esgotamento sanitário adequado e a cidade apresenta um dos mais baixos rendimentos médios mensais da região (1,9 salários mínimos), com 36,2% da população com rendimento nominal mensal *per capita* de até meio salário mínimo. O IDHM, em 2010, era registrado em 0,671 – comparativamente mais baixo que o de outros municípios da RMBH.

Em sua identidade cultural, Esmeraldas é marcada pela tradição de festas religiosas e grupos referenciados nas culturas de matrizes africanas. O Congado, a Folia de Reis, o Boi da Manta e a capoeira são exemplos de tradição na região. Além disso, nos últimos anos o movimento hip hop também tem se destacado e se tornado parte das manifestações culturais.

A força dos movimentos culturais pode ser percebida em ações como o Mussarau; a Batalha do Coreto; as festas locais, como Boi da Manta, a Festa de São Jorge; os eventos da Feira Livre, sempre aos sábados; a Feira da Cachaça e o Bingo de Santa Quitéria, além das festas que acontecem em regiões específicas, como os terreiros.

Esmeraldas detém um saber especial sobre o Pão de Queijo: moradoras e moradores destacam que a melhor forma de se assar o produto é enrolado em uma folha de bananeira, que resulta em um sabor inigualável. As quitandas também são muito fortes, fomentando a criação da Associação das Quitandeiras.

Na cidade há equipamentos, grupos e instituições que se destacam, como o Casarão de Santo Antônio, a Biblioteca Pública, o Grupo Afro Esmeraldense, o Arte Bordados, o Centro Cultural Chico Mineiro, a Confraria da Horta, o Clube do Vinil de Esmeraldas, o Coletivo hip hop de Esmeraldas, a Fundação Caio Martins (que existe



há 40 anos e, após um período paralisada, retomou as atividades), o Grupo Folia de Reis de Padre João, o Instituto de Desenvolvimento e Sustentabilidade Sócio Cultural (IDESSC), o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Santa Cecília, o Centro de Artes e o Projeto Arte Pela Paz, que produzem e fomentam a cultura na cidade.

Pouco conhecido, mas muito importante para os esmeraldenses, o Cristo localizado no Mirante de Esmeraldas destaca-se na paisagem e atrai turistas. Vale a pena conhecer o monumento e aproveitar para ter acesso a ampla vista do município e região.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.esmeraldas.mg.gov.br/](http://www.esmeraldas.mg.gov.br/)

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/esmeraldas/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/esmeraldas/panorama)



#### **LINKS:**

Viajando com Toledo - Esmeraldas MG - [www.youtube.com/watch?v=gOnmU8MU704](http://www.youtube.com/watch?v=gOnmU8MU704)

Retomada Indígena Kamakã Grayra/Esmeraldas/MG: O direito à terra. 1ª Parte - [www.youtube.com/watch?v=\\_Y7JN9YfEFs](http://www.youtube.com/watch?v=_Y7JN9YfEFs).

Centro Cultural Chico Mineiro - [www.facebook.com/centroculturalchicomineiro/](http://www.facebook.com/centroculturalchicomineiro/)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=esmeraldas](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=esmeraldas)





Zona rural e produção leiteira em Florestal  
Foto: equipe PDDI – RMBH



## FLORESTAL

*Maria Clara Ribeiro Soares e Josemeire Alves Pereira*

O povoado que originou o atual município de Florestal surgiu por volta de 1845, a partir da instalação de seu primeiro morador – o Guarda-Mor Salles, que era capitão do mato e ali aportara em busca de escravizados fugidos das fazendas situadas nos limites da então Província de Minas. Posteriormente chegaram outras famílias, atraídas pela riqueza mineral do solo. Durante muito tempo, o vilarejo permaneceu vinculado política e economicamente ao então Distrito de Mateus Leme. Em 1911, foi elevado a Distrito e, em 1962, a Município.

A população atual de Florestal é estimada em 7.386 pessoas (IBGE, 2018), o que denota crescimento em relação aos 6.600 habitantes de 2010, dos quais 55,7% se autodeclaravam negros e 44,1% brancos. O território do município, compreendido em uma área de 194.242 Km<sup>2</sup>, possui 78,3% de esgotamento sanitário adequado



Paróquia São Sebastião  
Foto: equipe PDDI – RMBH

e apenas 21,9 % das vias públicas asfaltadas. Embora o IDMH seja de 0,724, considerado alto, e os dados sobre Educação apontem evolução positiva – com 98,8% de taxa de escolarização e IDEB para anos iniciais do Ensino Fundamental de 7,3–, o índice de mortalidade infantil é dos mais elevados da RMBH: 25 óbitos a cada mil nascidos vivos. Além disto, a média salarial é de apenas 1,6 salários mínimos, enquanto 32,3% da população apresenta rendimento nominal mensal *per capita* de até meio salário mínimo. Os maiores geradores de emprego, renda e formação na cidade são a Prefeitura Municipal e a Universidade Federal de Viçosa (UFV), campus Florestal, que é referência internacional na área de estudos agrários.

O município tem em seu calendário muitas festas, dentre as quais se destacam a do Padroeiro, São Sebastião, que acontece em janeiro e é celebrada com missas, shows e barraquinhas. Em junho ocorrem as festas juninas escolares, que extrapolam o espaço das escolas e ocupam as ruas. Em julho é a vez da Semana do Produtor Rural, que conta com o apoio e a organização da UFV. Na programação da semana acontece o “Balaio dos Saberes”, cujo objetivo é a divulgação da produção agroecológica local. No “Balaio” ocorrem palestras, atividades culturais, atividades voltadas para as mulheres, conversas com rezadeiras e rodas de conversas abordando questões sociais diversas.

Outras comemorações – como o aniversário de Florestal, o Carnaval e Florestal Gourmet – acontecem de forma mais espontânea, sem respaldo e investimentos da prefeitura. O município não possui Secretaria de Cultura e sim uma pasta destinada ao tema, vinculada à Secretaria de Educação. Esse fator dificulta o investimento na cultura do local, o que pode ser um dos motivos para a falta de recurso nos eventos e festas deste município.

Há, contudo, alguns equipamentos culturais públicos, como a Biblioteca Municipal Professor Raimundo Brito Passos Pinheiro,



que funciona com empréstimos de livros e local de estudos, além das bibliotecas das Escolas e da Universidade. Existe um teatro no município, que está fechado por falta de recursos para ajustes finais e manutenção. O Espaço Cultural da Terceira Idade, apesar de ser conhecido por esse nome, funciona para todos os públicos, com aulas de capoeira e música. Além deste, existe o Salão da Terceira Idade, que fica no Bairro Dona Suzana, e no qual ocorrem várias atividades para este público, tais como baile, ginástica, hidroginástica e palestras.

Destacam-se, ainda, as atividades de geração de renda, dentre as quais a Feira Livre que acontece todos os sábados, com exposições de artesanato, comidas e produtos agrícolas. A fabricação de tapetes de Arraiolo é uma especificidade da cidade. A tradição existe em Florestal desde a década de 1970, quando a matriarca de uma das famílias começou a fabricação dos tapetes. Hoje quem ocupa-se do ofício na família é seu filho Jhoannes Rodrigues.

Segundo entrevistados, algo singular no município é o fato de não abrigar indústrias poluentes e isto resulta de um pacto feito por

seus moradores. Em Florestal, que preserva grande quantidade de área verde, o ar é mais puro, contribuindo para melhor qualidade de vida de seus moradores.

Quanto ao patrimônio tombado, a cidade conta com a antiga Usina Hidrelétrica – inaugurada em 1938 e desativada em 1983 – que foi muito importante para a geração de energia para a cidade. A Usina foi tombada pelo município, em 2005, restaurada e reconhecida como patrimônio também no âmbito estadual (Conjunto Arquitetônico, Paisagístico e o Espaço Cultural da Usina de Marmelos Zero). Além dela, há a Vila de Professores, com cerca de 30 casas; o Núcleo Histórico da UFV; a Fazenda Machadoão, atualmente fechada; e o centenário Hotel Boa Esperança. São também considerados como patrimônio os Tapetes de Arraiolo e os laticínios produzidos pela UFV (pequena produção de queijo). Existe, ainda, rico patrimônio natural composto pelas matas e lagoas da região.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.florestaltransparente.com.br/](http://www.florestaltransparente.com.br/)



#### **PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:**

DO NASCIMENTO GOMES, Antônio et al. *Sustentabilidade de empresas de base florestal: o papel dos projetos sociais na inclusão das comunidades locais*. Revista *Árvore*, v. 30, n. 6, 2006.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/florestal/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/florestal/panorama)



#### **LINKS:**

Grupo de Extensão Balaio de Agroecologia - [www.facebook.com/grupo-balaioufv1/](http://www.facebook.com/grupo-balaioufv1/)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=florestal](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=florestal)

O município de Ibirité tem sua história ligada à antiga Vargem ou Várzea da Pantana, como era conhecida a região da Fazenda da Pantana. Teve sua ocupação iniciada por volta dos séculos XVII e XVIII, em decorrência da ação de exploradores que integravam entradas e bandeiras, ávidos por pedras preciosas, ouro e pela escravização de povos indígenas. Inventários e outros documentos analisados por Leda Maria Martins, no livro *Afrografias da Memória*, informam que eram pardos os antigos proprietários das terras da Pantana – Pulquéria Pereira de Freitas e seu esposo, Alferes Antônio José de Freitas. Pulquéria foi considerada matriarca do Reinado do Jatobá – reconhecido como patrimônio de Belo Horizonte, em 1995, por ser o mais antigo da cidade –, nos tempos em que a Fazenda Jatobá pertencia à Pantana.

Em fins do século XIX, nota-se o aumento do povoamento ao longo das margens do Ribeirão da Pantana, devido à construção da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB). A localidade passou à condição de vila, tendo pertencido sucessivamente a Sabará, Esmeraldas (Santa Quitéria) e Betim. Passou a ser denominado Ibirité em 1923, e a figurar como Distrito de Betim em 1938. Seu reconhecimento como Município deu-se apenas em 1962. Atualmente, é integrado pelo Distrito Sede e o Distrito de Durval de Barros.

Monumento Cristo Bela Vista  
Foto: equipe PDDI – RMBH



Com pequena área territorial, Ibirité divisa com vários municípios da RMBH: Belo Horizonte, Contagem, Betim, Sarzedo e Brumadinho, os quais empregam grande parte de sua população, especialmente nos setores terciário e secundário. Segundo dados o IBGE (2018), estima-se que vivem em Ibirité aproximadamente 179.015 pessoas – população que tem crescido desde o Censo de 2010, quando contavam-se 158.954 pessoas (67,3% negros e 31,1% brancos).



Embora o IDHM da região seja elevado (0,704), outros índices recentes denotam precariedade das condições econômicas, de trabalho, educação, urbanização e saúde das/os ibiritenenses. Em 2016, por exemplo, a média salarial dos trabalhadores/as formais era de 2,2 salários mínimos e 34,0% era o percentual da população com rendimento médio mensal de até meio salário mínimo. Apenas 15,5% das vias eram asfaltadas, em 2010, embora o município contasse com 83,6% de esgotamento sanitário adequado em seu território, cuja área é de 72.573 Km<sup>2</sup>.

O intenso crescimento populacional do município nas últimas décadas, influenciado pela dinâmica do vetor oeste de Belo Horizonte e pelo município de Contagem, não foi acompanhado por um planejamento adequado de expansão urbana. Desta forma, suas áreas agrícolas sofrem pressão provocada pelas atividades desenvolvidas no ambiente urbano. Além disso, sua porção sudeste faz limite com o Parque Estadual do Rola Moça, o que ocasiona conflitos entre os interesses da expansão urbana e a preservação ambiental.

Ibirité é dotado de equipamentos culturais e sociais, como o Teatro Municipal de Ibirité, Estádio Municipal, Centro Poliesportivo e





bibliotecas, os quais contribuem para o desenvolvimento de importantes relações de convívio social nos locais em que estão estabelecidos. Nestes espaços acontecem variadas atividades, como o grupo de ginástica da Melhor Idade, o Forró e a Zumba. Destacam-se também a Casa ADAV (sede da Associação Milton Campos para Desenvolvimento e Assistência à Vocação de Bem Dotados). A Casa ADAV, idealizada pela psicóloga e educadora Helena Antipoff enquanto esteve no Brasil, oferece aos jovens da região, desde 1972, atividades educativas de cunho cultural e social que

estimulam o desenvolvimento de habilidades.

A Fundação Helena Antipoff trabalha com várias formações voltadas para o fomento à economia solidária, tendo como base a agroecologia, além de ações integradas, que agregam preservação e conservação de recursos naturais importantes para a sustentabilidade social e econômica dos sistemas produtivos. Tais formações são importantes para o fortalecimento da atividade agrícola do município – um importante fornecedor da RMBH e, popularmente, conhecido como a “terra do chuchu”, destacando-se na produção deste e de outros produtos hortigranjeiros, como cebolinha, beterraba, almeirão e alface.

Ressaltam ainda as ações culturais realizadas por jovens de Ibirité, Sarzedo, Betim e da região do Barreiro, em Belo Horizonte,

ligados ao Coletivo Terra Firme, que ocupam as praças e realizam intervenções poéticas e competições, dentre outras atividades, que ocorrem especialmente no bairro Morada da Serra.

A cidade preserva manifestações populares tradicionais, como a Folia de Reis Maria José, a do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora Aparecida e os congados da Guarda São José e da Guarda Irmandade da Nossa Senhora do Rosário. Além disso, existe no município o Conselho de Mestres de Capoeira, responsável por uma importante articulação cultural local.

Dentre as festividades importantes de Ibitaré estão a Festa do Milho e a Semana da Consciência Negra, quando são realizadas atividades ao longo de todo o mês de Novembro e uma solenidade envolvendo autoridades municipais.

Além disto, realçam suas potencialidades turísticas, dadas pela Serra e pelo Parque do Rola Moça; o Mirante, com belas vistas da região; além das cachoeiras e matas localizadas em suas divisas, as quais são parte do patrimônio natural preservado. Atualmente, segundo alguns entrevistados/as, a Prefeitura, por meio de sua Secretaria Municipal de Turismo, tem desenvolvido um estudo relacionado ao turismo em Ibitaré, como forma de fomentá-lo.

O município possui um Conselho de Patrimônio e preserva importantes edificações, como a Casa sede da ADAV, antes citada; o Pavilhão da Fundação Helena Antipoff; o prédio da Estação Ferroviária; e a Capela da Fazenda do Rosário, com destaque a esta última, que foi criada em 1940 para receber meninos e meninas considerados/as “excepcionais” de Belo Horizonte e que eram atendidos/as pela Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, cuja presidente era Helena Antipoff. É importante ressaltar que na maioria desses equipamentos e das edificações do município de Ibitaré acontecem atividades culturais e sociais que contribuem para a ocupação e o encontro de manifestações do território.



### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.ibirite.mg.gov.br/](http://www.ibirite.mg.gov.br/)



### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

CÂNDIDO, Rita de Cássia; GOMES, Maria de Fátima Cardoso. *Brincadeira Teatral na Experiência Criativa de Alunas em Sala de Aula de Música. III Seminário Internacional de Arte*, p. 66.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário do Jatobá*. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

OLIVEIRA, Angelita Inocência Marques de et al. *Fortalecimento da rede de atenção psicossocial infanto-juvenil. I Primeiro Fórum Municipal da Criança e do Adolescente do município de Ibirité/MG*. 2016.

RAFANTE, Heulalia Charalo; LOPES, Roseli Esquerdo. *Helena Antipoff e a Fazenda do Rosário: a educação pelo trabalho de meninos "excepcionais" na década de 1940*. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 19, n. 3, p. 144-152, set./dez. 2008

SIMÕES, Patrícia Mara Lage. *A alteração do Uso do Solo no Município de Ibirité e consequências Associadas*. 2007. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociências. Belo Horizonte, 2007.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ibirite/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ibirite/panorama)



### LINKS:

Produtor de conteúdo local - [www.youtube.com/user/russo838](https://www.youtube.com/user/russo838)

Casa ADAV - [www.adav.org.br/](http://www.adav.org.br/)

Fundação Helena Antipoff - [www.fha.mg.gov.br/](http://www.fha.mg.gov.br/)

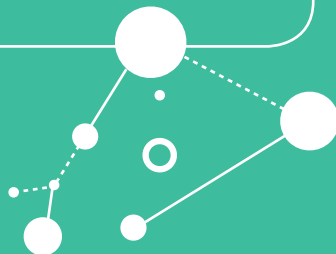
Coletivo Terra Firme - [www.facebook.com/terrafirmeshow/](https://www.facebook.com/terrafirmeshow/)

Fazenda do Rosário - [www.facebook.com/fazendadorosario/](https://www.facebook.com/fazendadorosario/)



### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=ibirite%C3%A9](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=ibirite%C3%A9)





O território onde hoje se localiza a cidade de Igarapé teve sua ocupação iniciada por volta do ano de 1710 a partir da formação de um pequeno povoado, denominado Pousada dos Tropeiros. Por ali passavam e paravam para descanso os viajantes que abasteciam as zonas mineradoras com gêneros alimentícios.

Segundo a estimativa do IBGE para 2018, a população total do município é de 42.246 habitantes, apresentando crescimento, em relação a 2010, quando foram registrados 34.851 habitantes (63,2% dos quais autodeclarados pardos ou pretos e 35,1% brancos). O crescimento demográfico da cidade está relacionado ao aumento da especulação imobiliária, a curto e médio prazos, em virtude de sua proximidade com Belo Horizonte e boa conexão viária, através da BR-381.

Suas principais atividades econômicas são ligadas ao comércio e à prestação de serviços, além da construção civil – área em franca em expansão. No setor primário, destaca-se a produção de hortifrutigranjeiros, destinados à CEASAMINAS-BH, além da criação de gado de leite e corte e da avicultura.

O município situa-se na confluência de dois circuitos turísticos: o Circuito Trilha dos Bandeirantes e o Circuito Veredas do Paraopeba, em cuja bacia se insere.

A cidade conta, ao longo de sua história, com importantes eventos gastronômicos, como o Igarapé Sabor e o Igarapé Bem Temperado, que celebram os saberes das mestras cozinheiras no preparo de suas receitas da culinária mineira. Além da valorização da história de vida e dos costumes culinários das mestras, tais projetos contribuem para a ampliação da renda de famílias igarapeenses. Outro destaque do município é o Projeto do Centro de Educação



Praça Miguel Henriques da Silva  
Foto: equipe PDDI – RMBH

Complementar de Igarapé (CECI), que oferece aos alunos práticas esportivas, orientação educacional, social e convivência – subsídios essenciais para a formação humana, respeitando a sua cidadania e dignidade. As atividades são divididas em dois tempos: 50 minutos de natação e 50 minutos de esporte em quadra, duas vezes por semana, no período da manhã e da tarde.

O Pico do Itatiaiuçu é um famoso atrativo turístico da região, mais conhecido como Pedra Grande, e possui aproximadamente 1.400m de altitude, ponto culminante da divisa entre os municípios de Igarapé, Mateus Leme e Itatiaiuçu. Do alto tem-se uma vista privilegiada do seu cume e é possível ver grande parte da RMBH.

O Conjunto Natural e Paisagístico da Pedra Grande é caracterizado por animais e vegetação do Cerrado, de Campo Rupestre e remanescentes de Mata Atlântica, que formam belas paisagens junto às diversas nascentes, além de ser uma importante área de preservação ambiental. O conjunto é uma área protegida pela sua importância histórica e ambiental, fornecendo água para diversos municípios da região.

No que se refere ao patrimônio tombado, em esfera municipal, destaque para a Imagem de Nosso Senhor dos Passos; o Conjunto de Coroas da Guarda de Moçambique, Nossa Senhora do Rosário e São João Batista; a Coroa da Guarda do Rosário de Maria e a Imagem de Nossa Senhora Mãe de Misericórdia. Em relação ao patrimônio imaterial, destacam-se as benzedeadas e a Folia de Reis do Vale do Amanhecer, além de diversos outros saberes e fazeres, relacionados principalmente à culinária, como anteriormente mencionado. Pode-se dizer que Igarapé é um município em que se saboreia muitos quitutes apreciando belas vistas.



Igreja Matriz de Santo Antônio  
Foto: equipe PDDI – RMBH



### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.igarape.mg.gov.br/](http://www.igarape.mg.gov.br/)



### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

DA CRUZ, F. E. R. et al. *Alguns fatores econômicos e sociais dos agricultores do Município de Igarapé, MG*. Arquivos da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, 1981.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/igarape/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/igarape/panorama)



### LINKS:

Viajando cm Toledo - [www.youtube.com/watch?v=U0mFqJXOWWM](https://www.youtube.com/watch?v=U0mFqJXOWWM)

Festival Igarapé Sabor - [www.facebook.com/igarapesabor/](https://www.facebook.com/igarapesabor/)

Igarapé Bem Temperado - [www.facebook.com/igarapebemtemperado](https://www.facebook.com/igarapebemtemperado)



### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=ibirit%C3%A9](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=ibirit%C3%A9)





## ITAGUARA

Alexandro Trigger e Josemeire Alves Pereira

Festa de Nossa Senhora do Rosário  
Foto: equipe PDDI – RMBH



O antigo Distrito de Nossa Senhora das Dores de Conquista, vinculado outrora a Itaúna, tornou-se município em 1943 e tem a história de produção de seu território marcada pela presença dos índios Cataguases, vitimados pela ação dos bandeirantes paulistas, a partir do século XVII, e pelos processos de colonização incentivados pelo governo da Província de Minas Gerais, no século XIX. A constituição do povoamento atual do lugar e seu entorno deu-se a partir da atividade pecuária desenvolvida às margens do Rio Pará, em contexto de declínio da mineração aurífera.

A população atual é estimada em 13.278 habitantes (IBGE, 2018), sendo que no Censo de 2010 era registrada em 12.372 (25,6% autodeclarados pretos e pardos e 71,2% brancos). Em 2010 o IDHM era de 0,691, menor que a média da região; as condições de trabalho e rendimento registravam média salarial de 1,7 salários mínimos e 29,3% de sua população com rendimento médio mensal *per capita* de até meio salário mínimo. A taxa de escolarização era elevada (96,4%), mas o IDEB dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental (6,9 e 4,9, respectivamente), apontava demanda de melhoria na qualidade da Educação. A mortalidade infantil constava também como das mais elevadas da RMBH, com 20 óbitos a cada 1000 nascidos vivos.

De acordo com entrevistados, a cidade, apesar de pacata, tem uma vida cultural diversificada, sendo suas principais atrações as festas que se distribuem ao longo do ano, além dos espaços socioculturais e do potencial turístico de seu patrimônio ambiental.



No centro de Itaguara é possível visitar não só o Museu Sagarana (MUSA), mas também todo o distrito histórico. No MUSA as obras expostas são inspiradas na passagem de Guimarães Rosa pela cidade, também contando a história do município.



O ponto forte da cidade é o ecoturismo, com possibilidades de acesso a trilhas, cachoeiras, circuitos para *mountain bike*, rios e um pesque e pague. As vistas são deslumbrantes: para quem chega ao Morro do Gunga, a recompensa é o vislumbre do famoso mar de morros de Minas. O verde e a diversidade da fauna são um verdadeiro convite não só para trilhas de aventura, mas também excursões escolares e passeios de conscientização sobre a importância de preservação da natureza.

Em Itaguara, como na maioria dos municípios mineiros, a presença forte das tradições culturais de matrizes africanas se expressa nos grupos de Congado e de Folia de Reis, que se organizam anualmente, em períodos específicos, em festas de louvor a Nossa Senhora do Rosário e outros santos e santas da devoção dos foliões.

Além das festas religiosas, durante o ano são promovidas outras, como o Carnaval; o Tributo ao Rock; a Cavalgada da Associação Esperança e Luz, em abril; o Encontro de Gestantes, em maio; o Festival da Palavra; o Festival de Inverno & Gastronomia, em julho; o Encontro de Sanfoneiros, em agosto; Jubileu da festa de Nossa Senhora das Dores, em setembro; a Festa do Produtor Rural, em outubro; e o grande Festival da Rapadura, que acontece em novembro.

Do patrimônio edificado destacam-se, na cidade, a Igreja Nossa Senhora das Dores; a Igreja da Conceição; e o Pontilhão do Pará dos Vilelas, entre várias outras casas inventariadas. Merecem destaque ainda o Conjunto paisagístico Engenho Velho; a Cachoeira da Pataca; a Cachoeira Eldorado e o Rio Engenho Velho (complexo natural).

A comunidade se reúne geralmente nas praças da cidade, em



especial na Praça de Convivência. Além disso, de acordo com entrevistados/as, os/as moradores/as se apropriam do que a cidade oferece e sempre se fazem presentes no Museu Sagarana, no Ginásio Poliesportivo Arena Itaguara, na Quadra Coberta da Prefeitura e na Biblioteca Guimarães Rosa, que são os principais equipamentos culturais e esportivos da cidade. Além deles há a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE Itaguara, o Lar dos Idosos São Vicente de Paula, a Creche Casa Dona Dorica e o Centro de Artesanato Nica Vilela.



### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.itaguara.mg.gov.br/](http://www.itaguara.mg.gov.br/)



### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

SILVA, Éverton Vinício de Oliveira et al. *Plano de implementação do Lian Gong como instrumento de promoção da saúde aos usuários das Estratégias de Saúde da Família de Itaguara (MG)*. 2016.

CHAVES, Otto Augusto Correa Torres. *A saúde do homem com prioridade na Unidade Básica de Saúde do município de Itaguara/MG*. 2017.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itaguara/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itaguara/panorama)



### LINKS:

Uma noite de cinema - Itaguara MG [www.youtube.com/watch?v=B\\_jb6E\\_fNrU](https://www.youtube.com/watch?v=B_jb6E_fNrU)

Museu Sagarana - [www.facebook.com/museusagarana/](https://www.facebook.com/museusagarana/)

Tributo ao Rock - [www.facebook.com/TributoAoRockIta/](https://www.facebook.com/TributoAoRockIta/)

APAE Itaguara - [www.itaguara.apaemg.org.br/](http://www.itaguara.apaemg.org.br/)

Associação de artesãos Nica Vilela - [www.artenicavilela.com.br/](http://www.artenicavilela.com.br/)



### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=itaguara](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=itaguara)



Praça Antônio Quirino da Silva  
Foto: equipe Favela é Isso Aí



**ITATIAIUÇU**

*Clarice Libânio e Maria Clara Ribeiro Soares*

Itatiaiuçu faz parte do vetor sudoeste da RMBH. Apesar de sua proximidade com a BR-381, dando sequência ao principal eixo industrial Contagem-Betim, a cidade caracteriza-se por relativo isolamento em relação a outros municípios da RMBH e da própria capital, principalmente por falta de transporte público intermunicipal.

A região onde hoje se encontra o município foi habitada por povos indígenas das etnias Cataguases e outras, dizimados pelos colonizadores vindos com as bandeiras. No ano de 1663, os portugueses encontraram a pedra citada pelos índios, chamada Itatayussú, Pedra Grande – acreditando-se, por isto, que desde meados do século XVII a coroa portuguesa já sabia da presença de ouro na região. Anos mais tarde chegam os bandeirantes paulistas, retirantes da Guerra dos Emboabas, liderados por Borba Gato, em busca de riquezas minerais.

Desde esta época até os dias de hoje a mineração tem sido a principal atividade e também o principal fator que gerou o crescimento do núcleo urbano de Itatiaiuçu. De fato, do ponto de vista das atividades econômicas, predominam as do setor secundário, notadamente indústrias de extração e transformação mineral. A agropecuária é de pequeno porte, basicamente familiar, com destaque para a produção dos moradores da ocupação Maria da Conceição, assentamento do MST.

Por outro lado, a Serra de Itatiaiuçu, que dá nome ao município, constitui-se no principal elemento paisagístico e conformador da sua divisa norte, e corre risco de ser impactada com a mineração, gerando a descaracterização da paisagem natural e cultural do lugar.

De acordo com o IBGE, Itatiaiuçu possui uma população de 11.037 habitantes, segundo estimativas para o ano de 2018 –o que indica crescimento em relação aos 9.928 habitantes registrados no

Censo de 2010 (55,5% dos quais autodeclarados pretos ou pardos e 43,2%, brancos). A maioria da população está concentrada no distrito sede e no de Santa Terezinha de Minas, sendo que 39,0% de sua população é de residentes em zonas rurais.

Itatiaiuçu destaca-se pelas manifestações tradicionais de origens africanas, em especial as Guardas do Congado, dentre elas: Congado Nossa Senhora do Rosário do bairro Robert Kennedy; Congado Nossa Senhora do Rosário do Bairro Santa Terezinha; Folia de Reis São Sebastião e Guarda de Congo São Benedito – todas muito atuantes na cidade. Destacam-se também as atividades de capoeira no município, além das bandas Lira São Sebastião, Coro Palestino e Banda Line. A cidade é também referência na produção de tapetes e outros tecidos feitos no Tear.

Entre os equipamentos culturais, há a Biblioteca Maria Joaquina Antônia Pena e as bibliotecas das escolas locais, que também emprestam livros para toda a população. Muitos/as itatiaiuçuenses têm o hábito da leitura e gostam de passear pelas bibliotecas em busca de um bom livro. O antigo Centro Cultural, estabelecido na entrada da cidade, foi inicialmente projetado para ser um espaço de referência cultural, com um grande teatro, ainda não completamente equipado. Contudo, funciona atualmente como sede para as Secretarias e da Guarda Municipal. Recentemente foi construído um novo espaço que funciona como Centro Cultural, mas que ainda é pouco conhecido da população.

Itatiaiuçu conta com outros espaços importantes para seus/suas moradores/as, como a Associação comunitária do bairro Robert Kennedy e a Associação comunitária de Santa Terezinha, ambas oferecendo em suas sedes aulas de balé, ginástica, capoeira e outros. Outros espaços que se destacam são a Associação dos Moradores de Ponta da Serra (povoado) e a Associação dos Artesãos de Itatiaiuçu.

Dentre as várias festividades, citam-se a Festa do Minério – que acontece em março, no Aniversário da Cidade – e o Inverno Cultural, em

agosto, um evento de fortalecimento da cena cultural local. O Encontro das Guardas de Congo ocorre em agosto, quando vêm outras Guardas de municípios próximos, com uma programação completa, com café da manhã, rezas e missas. Destaca-se também a Festa do Padroeiro São Sebastião, em janeiro, com novenas, barraquinhas de comidas e shows com bandas locais. O Porco na Lama é uma festa tradicional que ocorre há mais de 20 anos na área rural – nela uma das maiores diversões é a corrida de leitões, onde quem conseguir pegar o leitão e tocar o sino, no menor tempo, leva o leitão para casa.

A cidade requalificou e disponibilizou a moradores/as vários espaços de convivência que antes estavam abandonados. Dentre estes espaços, destacam-se as praças – todas muito bem cuidadas: a Praça Antônio Quirino da Silva, primeira da região central, sede da Igreja Matriz São Sebastião; a Praça Prefeito Jair Borges Ribeiro e a Praça Vereador José Fonseca, na entrada da cidade. A região mais frequentada pelos jovens é a de Santa Terezinha, com os famosos bares Whiskritório e Churrasquinho do Gaúcho.



Paróquia de São Sebastião  
Foto: equipe Favela é Isso Aí

Em relação aos pontos turísticos, a cidade conta com muitas cachoeiras, sendo a Cachoeira do Chaves a mais acessível. O Pico do Itatiaiuçu se destaca, com trilhas e belíssimas paisagens. Por fim, para quem gosta de mirantes e caminhadas, o Cristo Redentor é uma boa opção, com uma bela vista de toda a cidade.

O Município possui bens tombados, tais como a Igreja Central São Sebastião, o Ginásio Poliesportivo Municipal e a Escola Municipal João Marques Machado. Em relação ao patrimônio imaterial, destacam-se as benzedeiiras e quitandeiras.

O futebol é um esporte muito praticado em Itatiaiuçu e envolve grande parte da população. Cada povoado tem seu time, sendo frequentes os jogos e campeonatos. Os times mais tradicionais são o Cruzeiroinho, o Água Dourada, o Rio São João, o Fita Azul De Pedras, o PSG de São Francisco, o Estrelinha e o Vila União. O Estádio Municipal Marolão é onde ocorrem os jogos com esses e outros diversos times da região.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.itatiaiuçu.mg.gov.br/](http://www.itatiaiuçu.mg.gov.br/)



#### **PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:**

LIBÂNIO, Clarice. Um olhar sobre Itatiaiuçu e sua cultura, IN DRUMMOND, Alessandra (org.). *Cidades e políticas de cultura: diagnóstico, reflexão e proposições*. Belo Horizonte: Artmanagers, 2012. 216 p.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itatiaiuçu/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itatiaiuçu/panorama)



#### **LINKS:**

Itatiaiuçu MG - [www.youtube.com/watch?v=2S\\_4Wr0qONU](https://www.youtube.com/watch?v=2S_4Wr0qONU)

[www.facebook.com/itatiaiuçu/](https://www.facebook.com/itatiaiuçu/)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=itatiaiu%C3%A7u](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=itatiaiu%C3%A7u)





## JABOTICATUBAS

*Thales Santos e Josemeire Alves Pereira*

Quem segue de Belo Horizonte para Jaboticatubas pela MG-020 depara, à altura do Km 37,5, com o atual Mosteiro de Macaúbas, município de Santa Luzia, do qual o povoado – que, em 1938, se tornará o município de Jaboticatubas – se emancipou. A região tem origem, pois, na criação do antigo Recolhimento Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas, primeiro nas Minas Gerais destinado à educação e guarda de meninas e mulheres, ainda no século XVIII. É que as terras do atual município faziam parte das sesmarias outorgadas, desde então, pela Coroa Portuguesa ao Ermitão Félix da Costa, para a construção e subsistência do Mosteiro. No povoado, outrora denominado Curato do Ribeirão do Raposo (1841), a pecuária e as culturas de subsistência tornaram-se as principais atividades econômicas, ao longo do século XIX.

A população do atual município de Jaboticatubas, situado no vetor norte da RMBH, é estimada em 19.858 habitantes (IBGE, 2018). Era de 17.134 habitantes, no Censo de 2010, ocasião em que 74,6% desta população autodeclarava-se preta (9,5%) e parda (65,1%), e 23,9% branca. A perspectiva é que o crescimento local seja uma constante, tanto em virtude da chegada de pessoas em busca de casas e sítios de fim de semana quanto dos novos loteamentos residenciais que têm sido aí aprovados.

O território do município ocupa uma área de 1.114.972 Km<sup>2</sup>, grande parte rural ou em área de preservação, o que gera pequenos índices de cobertura dos serviços públicos (por exemplo, apenas 2,0% das ruas são asfaltadas e 47,7% das residências são servidas por esgotamento sanitário adequado). Realça-se ainda a presença de comunidades como a do Quilombo do Mato do Tição, que têm sido





São José da Serra  
Foto: Consuelo Abreu

afetadas pelo cerceamento do acesso a antigas fontes de recursos hídricos, devido a apropriações indevidas de suas terras originais.

Os índices de trabalho e rendimento são dos mais desafiadores da RMBH: a média salarial dos trabalhadores formais é de 1,8 salários mínimos, sendo o percentual de população com rendimento nominal mensal *per capita* de até meio salário mínimo de 35,3% em 2010. O IDHM é de 0,681 segundo dados auferidos pelo IBGE em 2010.

Chegando à cidade somos acolhidas/os por seus principais encantos: a riqueza de sua diversidade natural – expressa na beleza de árvores, riachos e aves – e a diversidade cultural, que construiu e constrói sua história. Jabó – nome carinhoso do município –, e seus distritos estão localizados em sua maior parte dentro do Parque Nacional da Serra do Cipó, uma importante área de proteção da fauna e flora, com exuberantes cachoeiras, quedas d'água, águas límpidas e espécies de animais e vegetais encontrados apenas dentro do Parque.

Toda essa beleza não é apenas para ser contemplada, mas é a diversão de muitas/os jaboticatubenses e turistas de todo o Brasil e do mundo. São dezenas de cachoeiras e áreas próprias para o banho dentro dos rios que cortam a região, entre elas destacando-se as Cachoeiras Rala Bunda, do Dimas, da Farofa, da Taioba, da Congonha e o Cânion Bandeirinha.

De acordo com entrevistados, Jaboticatubas é conhecida pela sua capacidade em receber de forma respeitosa uma grande diversidade de expressões religiosas. O calendário de festividades religiosas é repleto de atividades, abrangendo elementos de diferentes religiões. Como os próprios moradores e moradoras do município dizem: “Jaboticatubas é uma cidade que recebe todos os santos!”

Uma das mais conhecidas festas da região é a de São João, também considerada um ritual sagrado, e que é promovida pelo Quilombo Mato do Tição, ou Matição (ver foto). A festa ocorre no Terreiro de Dona Divina de Siqueira, a atual matriarca do Quilombo, que a promove juntamente com o patriarca, João Pinto e toda



Festa de São João – Quilombo do Maticão  
Foto: Consuelo Abreu

a comunidade. Por meio desta e de outras festas ali realizadas anualmente, os/as descendentes de Constança, Pedro e Rita Basílio compartilham com os/as visitantes, generosamente, a cultura herdada de seus/suas antepassados/as. Na noite do dia 23 de junho, iniciam-se as festividades com uma oração para o santo homenageado e em intenção aos donos da casa que recebe o evento. A bandeira de São João é hasteada com a invocação da proteção do santo e de Nossa Senhora, por meio de cantos e do Candombe, expressão cultural de origem africana. Em seguida a fogueira que ilumina toda a festividade é desfeita e suas brasas espalhadas, formando uma extensa esteira. A ideia é que as pessoas de fé possam caminhar pelas brasas sem se queimar. Depois de que todas as pessoas interessadas já atravessaram as brasas, a fogueira novamente é formada e a festa segue ao toque dos tambores do Batuque, que difere do Candombe quanto ao toque dos instrumentos e por ser dançada por casais.

Outro evento que se destaca é a Encomendação da Almas, que ocorre durante o período da Quaresma. Uma procissão segue pelas ruas da cidade em oração, diante das casas de números ímpares. As

pessoas se reverenciam, em respeito aos ancestrais, cantam e depois seguem a procissão, rumo a um cruzeiro situado em uma região mais alta do território. Um curioso hábito das pessoas que seguem com o grupo é o fato de nunca olharem para trás enquanto estiverem em oração. Diz a lenda que se alguém olha para trás as almas acompanham o grupo. Acredita-se que, com a caminhada de rezas, as almas que vagam pela cidade retornam ao seu estado de paz. O ritual termina sempre antes da meia noite. No Quilombo do Mato do Tição, em que convivem respeitosamente, na mesma família, adeptos/as do candomblé, do catolicismo e evangélicos/as, todos/as participam desta celebração, em reverência aos/às antepassados/as.

Além da Comunidade Mato do Tição, há ainda os Quilombos do Açude e Xirú, que também promovem, periodicamente, festas de Candombe, Folia de Reis, Reinado e a Festa de Santa Cruz.

Destacam-se também no calendário das festas as celebrações da Semana Santa – com procissão e apresentações teatrais – o Carnaval e a Expo Jabó, tradicional, já em sua 36ª edição. Centenas de pessoas ocupam a praça central acompanhando a chegada das cavalgadas, com posterior premiação de cavaleiros e amazonas, seguindo-se a festa com diversas atrações musicais e de dança, que tomam conta do espaço.

Há, ainda, a Exposição Agropecuária, com shows de artistas regionais e nacionais, como Israel Novaes, com concurso leiteiro e exposição de produtos/as artesanais do município. Este evento, em sua 29ª edição, conta com visitantes de toda a região, por ser uma festa bem conhecida e muito divulgada por ali.

Nestas ocasiões se apresentam grupos de seresta e chorinho, pintoras e pintores, cartunistas, cantoras e cantores, e a população de Jaboticatubas experimenta uma grande diversidade de artes, construindo sua identidade e preservando um importante capítulo da história cultural, não só de Minas Gerais, como de toda a população brasileira.

Um importante movimento de Jaboticatubas é a Feira Raízes do Campo, com produtos orgânicos e saudáveis colhidos diretamente nos arredores do município, que vem ganhando cada vez mais destaque nas refeições dos jaboticatubenses e de moradores de outras regiões. Como muitas vezes os alimentos orgânicos são comercializados pelos supermercados com um preço muito elevado, a ideia dos produtores locais é oferecer produtos de qualidade e com ótimos preços para que um maior número de pessoas possa se alimentar de forma saudável, o que tem sido conquistado através do Armazém Raízes do Campo e do Espaço Popular Raízes.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.jaboticatubas.mg.gov.br/jaboticatubas.mg.gov.br/](http://www.jaboticatubas.mg.gov.br/jaboticatubas.mg.gov.br/)



#### **PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:**

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. *Modos de ser criança no Quilombo Mato do Tição - Jaboticatubas-MG*. 2015. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/jaboticatubas/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/jaboticatubas/panorama)



#### **LINKS:**

Comunidade Quilombola Açude - [www.facebook.com/Comunidade-Quilombola-A%C3%A7ude-1753422364875833/](https://www.facebook.com/Comunidade-Quilombola-A%C3%A7ude-1753422364875833/)

Espaço Raízes - [www.facebook.com/groups/raizesdocampo/](https://www.facebook.com/groups/raizesdocampo/)



#### **REVISTAS E OUTROS MATERIAIS:**

[www.jabonews.com.br/2017/03/20/a-importancia-da-comunidade-quilombola-mato-do-ticao/](http://www.jabonews.com.br/2017/03/20/a-importancia-da-comunidade-quilombola-mato-do-ticao/)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/mapa-rmbh.php](http://www.rmbh.org.br/mapa-rmbh.php)



O município de Juatuba está localizado no vetor oeste da RMBH e se emancipou de Mateus Leme em 1992. Entretanto, sua história é bem mais antiga, remontando ao período colonial, ainda no ciclo do ouro, quando a Serra de Santo Antônio era um ponto de referência para a entrada das bandeiras vindas de Ouro Preto e Mariana. Foram fundadas, àquela época, várias paradas na região, posteriormente povoados, como, por exemplo, a de Mateus Leme, pelo bandeirante de mesmo nome. O território onde hoje está Juatuba era uma das paradas dos viajantes que por ali transitavam.

O crescimento da localidade teve um importante marcador que foi a instalação de um ramal ferroviário da então Rede Mineira de Viação e a implantação de uma fábrica de bebidas, em 1972 (atual AMBEV S.A.).

Nos dias atuais sua dinâmica está ligada ao desenvolvimento do complexo minero-metalúrgico-metal-mecânico do eixo Betim-Contagem, especialmente no setor automobilístico. Além disso, é impactado pelo processo de valorização imobiliária da Capital e dos vizinhos (Betim, Contagem e Mateus Leme). Realça que é grande o movimento pendular de sua população, pois cerca de 30,0% dos deslocamentos por motivo trabalho são para fora do município, isto é, as pessoas saem para trabalhar em outras cidades todos os dias, principalmente em Mateus Leme.

A cidade também conta com atividades agrícolas e com exploração mineral, sendo esta última conflitante com o potencial ambiental e turístico da Serra do Elefante, um dos principais pontos naturais da região. Além disso, seu território faz parte do sistema de abastecimento da RMBH, com a represa de Serra Azul, da COPASA.



JUATUBA

ST. JAMES  
KAT

Estação Ferroviária da antiga Rede Mineira de Viação  
Foto: equipe Favela é Isso Aí

De acordo com a estimativa atual, Juatuba possui uma população de 26.484 habitantes (IBGE, 2018), praticamente 100% em zona urbana. Apesar das melhorias nos indicadores sociais e de desenvolvimento humano nas últimas décadas, em 2010 ainda havia mais de 36,0% da população – calculada, então, em 22.202 habitantes (65,6% dos quais pretos ou pardos e 32,4% brancos) – vulnerável à pobreza.

Não obstante, ao chegar ao município já se nota a grande quantidade de praças e os entrevistados destacam a importância de cada uma delas para a socialização das moradoras e moradores. A Praça do Satélite e a Praça Três poderes são consideradas como as mais importantes, pela grande quantidade de eventos que acontecem nelas. Além disso, destacam-se como atrativos do município a passagem da linha de trem, conhecida como Pontilhão, o Centro Poliesportivo e o Parque Ecológico Roda D'água.

Além das festas religiosas de São Cristóvão, São Sebastião, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, Juatuba tem entre suas comemorações a festa de aniversário da cidade, o Carnaval, a Festa da Primavera, o Encontro dos Produtores Rurais e a Caminhada Pela Paz. Destacam-se também os festivais gastronômicos – como o Festival do Tempero, criado com o intuito de valorizar a identidade da cidade – e a Festa do Estado, onde participantes de todo o país expõem seus pratos típicos. É realizada semanalmente (aos sábados) uma feira gastronômica na Praça dos Três Poderes, com participantes de diversas áreas da cidade.

Um destaque culinário em Juatuba são os mais de 20 tipos de brigadeiros *gourmet* produzidos pela Hora do Doce, uma doceria que surgiu a partir do sonho de um casal em passar mais tempo com seu filho. As moradoras e os moradores adoram as delícias, realçando ainda as embalagens personalizadas e recicláveis.





Trilhos da atual Ferrovia Centro Atlântica  
Foto: equipe Favela é Isso Aí

Na região há cachoeiras, grutas e picos, ainda pouco acessados pela população. Os pontos mais visitados por turistas são a Estação Ferroviária, as seis capelas e o Rio Paraopeba, para pescaria.

A cidade tem como fortes manifestações culturais o Congado, a Banda Municipal, o Ateliê, a Feira Livre, o Movimento hip hop e a Batalha do Elefante, conhecida nacionalmente por fomentar a cultura hip hop na vertente do *freestyle*<sup>16</sup>.

Há também algumas associações voltadas ao artesanato, como o Centro Social de Francelina e a Associação Comunitária dos Bairros Carioca, Diamantina, Ilhéus e Serra Azul (ACADISA). Outro evento muito apreciado pelos/as juatubenses é o *High School*, um concurso de dança nas escolas para ensino da língua inglesa através de dublagem, promovido pela Secretaria Municipal de Educação.

A Estação Ferroviária, a Escola Estadual Joaquim Correia e a Igreja São Cristóvão são edifícios que compõem o patrimônio material da cidade. Como equipamentos culturais, a cidade conta com a Biblioteca Municipal, o Centro Poliesportivo e o Campo do Curumim.

---

<sup>16</sup> Freestyle é uma variação das músicas de rap em que os/as participantes fazem rimas improvisadas no momento em que estão competindo, geralmente, em Batalhas de MC's.

A religiosidade tradicional é um forte diferencial da cidade. A Folia de Reis e o Congado são de encher os olhos de quem assiste, enquanto as benzedeadas acolhem quem as procura. A importância do conhecimento das benzedeadas foi registrada no livro *Evocações do Sagrado*, cujas pesquisas tiveram o intuito de cultivar a memória da comunidade em relação às suas práticas, parte do cotidiano e da identidade local.



### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.juatuba.mg.gov.br/](http://www.juatuba.mg.gov.br/)



### **PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:**

PREFEITURA Municipal de Juatuba. *Evocações do Sagrado*: Benzedores e Benzedeadas de Juatuba. Juatuba: Secretaria de Turismo|Prefeitura Municipal de Juatuba, 2018.

Prefeitura Municipal de Juatuba. *Plano de Inventário de Proteção do Acervo Cultural*. 2014/ 2016. Disponível em [juatuba.mg.gov.br/](http://juatuba.mg.gov.br/), Acesso em março de 2017.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/juatuba/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/juatuba/panorama)



### **LINKS:**

Juatuba - MG [www.youtube.com/watch?v=9gvy8BK6q\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=9gvy8BK6q_4); Viação Cipó [www.youtube.com/watch?v=CwvYDIYmGaQ](https://www.youtube.com/watch?v=CwvYDIYmGaQ)

Hora do Doce no R7 - [noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/achamos-em-minas-casal-de-juatuba-ganha-a-vida-vendendo-brigadeiros-gourmet-24112017](https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/achamos-em-minas-casal-de-juatuba-ganha-a-vida-vendendo-brigadeiros-gourmet-24112017)

Associação ACADISA - [www.facebook.com/www.org.acadisa.com.br/](https://www.facebook.com/www.org.acadisa.com.br/)



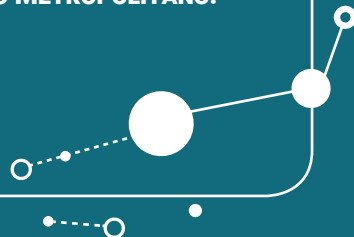
### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=juatuba](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=juatuba)



### **JORNAIS LOCAIS:**

[www.facebook.com/juatubanews2016/](https://www.facebook.com/juatubanews2016/)





Lagoa Central  
Foto: Consuelo Abreu



## LAGOA SANTA

Luísa Nonato e Josemeire Alves Pereira

O município de Lagoa Santa está localizado no vetor norte da RMBH, um dos mais importantes eixos de expansão urbana da região, a poucos quilômetros do Aeroporto Internacional de Confins. Como reflexo desta localização, vem sofrendo influências diretas que se traduzem no aumento de sua população – que era de 52.520 pessoas em 2010 (61,1% pretos e pardos, 37,8% brancos), passando para 63.359 habitantes em 2018, segundo dados do IBGE.

Seu território ocupa uma área de 229.409 Km<sup>2</sup>, com apenas 6,5% das vias públicas asfaltadas e 54,7% de esgotamento sanitário adequado. Apresenta taxa de mortalidade infantil relativamente baixa (9,49 óbitos a cada mil nascidos vivos), PIB *per capita* de R\$27.871,73 e IDHM elevado (0,777). Os dados de Educação registram 97,0% de taxa de escolarização, mas IDEB de 4,5, para os anos finais do Ensino Fundamental. O salário médio era de 2,5 salários mínimos e a proporção de população ocupada era de 27,6%, em 2016. Em 2010, o percentual da população com rendimento nominal mensal *per capita* de até meio salário mínimo era de 30,8%.

Lagoa Santa é conhecida, especialmente, pela importância de seu patrimônio arqueológico, espeleológico, paleontológico, ambiental e cultural, especialmente para as pesquisas realizadas desde o século XIX nestes campos de estudo. A partir de 1835 foram ali encontrados fósseis e ossadas humanas e da fauna pleistocênica pelo naturalista e botânico Peter Wilhelm Lund, que têm sido fundamentais para a construção de teorias explicativas da ocupação do território das Américas.

A preservação do material biológico e genético encontrado é decorrente de uma particularidade na formação das cavernas do lugar, que, associada às exposições rochosas e aos corpos d'água presentes,

delinea um ambiente propício e muito bem caracterizado. Esta região, denominada como área cárstica, tem em sua topografia centenas de grutas e abrigos sob rocha, em afloramentos calcários que apresentam características geomorfológicas favoráveis à preservação de material ósseo antigo.

As dinâmicas ambientais do lugar são extremamente relevantes, pois é uma região com cavernas como nenhuma outra do país. Esta importância levou à criação de importantes áreas de proteção ambiental (APAs) que se justificam pela relevância que as associações cársticas têm em âmbito nacional, bem como em termos paisagísticos, de riquezas minerais, em aspectos históricos, culturais e nas particularidades de seu sistema hídrico. Por isso, a região do Carste (formada por Lagoa Santa e alguns municípios vizinhos, como o de Pedro Leopoldo), é uma das regiões brasileiras que mais demanda necessidade de proteção, em face da pressão que sofre devido à expansão urbana.

O povoamento mais recente do lugar se deu, assim como em outras localidades da RMBH, em fins do século XVII, pela ação de bandeirantes. A ocupação do entorno da Lagoa Central teve início, contudo, em 1733, a partir da propagação da crença de que as águas da mesma eram curativas. Ao longo do século XIX o território desenvolveu-se como Distrito e foi elevado à condição de Município em 1938, sendo, atualmente, constituído pelo Distrito Sede e pelo da Lapinha.

É possível afirmar que, em certa medida, o interesse histórico por Lagoa Santa, desde o século XIX, influenciou a forma como se deu a sua ocupação até a contemporaneidade e explica muitos de seus equipamentos e manifestações culturais – algumas das quais já centenárias, como a Banda Santa Cecília, fundada por Peter Lund, a qual se apresenta em importantes encontros do município.

Também a experiência afrodiaspórica construída e atualizada desde os tempos do regime escravista apresenta-se na força das manifestações culturais tradicionais de Lagoa Santa. Dentre elas destacam-se o Congado, o Candombe, a Folia de Reis, as Pastorinhas



e o Boi da Manta. As festas congas de Nossa Senhora do Rosário estão entre as principais comemorações que marcam a tradição do município. Existem os congados do Centro, da Lapinha e outros dois que estão retomando suas atividades: o de Nossa Senhora de Lourdes e o do Caminho. Grupos de Folia de Reis em atividade são: Folia de São Sebastião do Campo Belo, da qual fazem parte a Folia de Santos Reis do bairro Nossa Senhora de Lourdes e a Folia de Santos Reis do bairro Palmital. Do candombe existem dois grupos: o de Nossa Senhora do Rosário da Várzea e o de Nossa Senhora do Rosário da Lapinha. O Candombe de Nossa Senhora do Rosário da Lapinha ficou fora de atividade por cerca de 30 anos, segundo entrevistados, sendo reativado e integrado à Guarda de Nossa Senhora do Rosário da Lapinha em 2006.

A Festa do Boi da Manta foi introduzida na comunidade no ano de 1998, por Gercino Alves, morador do bairro Várzea. A comemoração foi iniciada nas vésperas do carnaval e teve excelente aceitação entre os moradores locais, acontecendo tanto em fevereiro quanto entre maio e junho, quando o Boi costuma sair durante as festas do Divino, assim como na festa de São João. Além disso, existe no município a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro, que realiza importantes encontros como o “Encontro de Culturas de Raiz”, em Lapinha.

No calendário da cidade há inúmeras comemorações religiosas, mas também outras importantes, relacionadas às contribuições de Peter Lund para os estudos sobre o patrimônio. Em junho comemora-se a Semana Lund, muito importante para a arqueologia e patrimônio do local. Em agosto acontece a Festa de Nossa Senhora da Saúde, a padroeira de Lagoa Santa, e a Festa de Agosto que, em 2018, teve por tema o enfrentamento à violência contra as mulheres, com a campanha #AgostoLilás, que trabalhou com dados estatísticos acerca do problema e concorreu ao Prêmio Maria da Penha. Em setembro, a Festa de Nossa Senhora do Rosário em diversos bairros e distritos com os cortejos de Congos. Em novembro é a vez da Festa de Nossa

Senhora da Conceição, que acontece há aproximadamente 100 anos. Além disso, acontece em dezembro o Festival Cultura Regional, com atrações locais, já em sua nona edição.

Trata-se de um município com um grande potencial turístico e que o explora por meio das trilhas da Lapinha, com algumas cachoeiras, e com a “Rota das Doceiras”, bem como através de espaços como museus, bibliotecas, casas de cultura. Merecem destaque o Museu Arqueológico da Lapinha, o Museu Peter Lund (situado no Parque Estadual do Sumidouro), o Centro de Arqueologia Annette Laming Empeaire (CAALE), o exploratório Leonardo da Vinci e o Museu interativo de Ciências. Além disso, existem as bibliotecas Padre Agenor Tatiana, o Teatro da Aeronáutica e as Igrejas de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição e de Santana, entre outras.

Destaca-se, também, o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), um importante espaço de socialização de jovens de bairros pobres de Lagoa Santa. O espaço conta com uma biblioteca e com a presença semanal de adolescentes e jovens para participarem de diversas atividades no âmbito cultural e social e pode ser considerado um importante equipamento sociocultural.

Do ponto de vista da geração de renda, o turismo é uma atividade importante, principalmente com a Rota das Doceiras, já mencionada. A produção dos doces e quitandas artesanais em Lapinha é uma tradição existente desde o início do século XX. Em 2017, foi desenvolvido um projeto em que a produção artesanal de doces e quitandas da Lapinha foi registrada pelo Conselho Municipal de Cultura e Patrimônio Histórico como Patrimônio Imaterial do município.

Além dos vários ateliês de artistas que se mudaram para o local e outros espaços privados, como a Casa Alecrim (espaço de terapias holísticas, nascida a partir do jornal de mesmo nome), Lagoa Santa também tem a Feira de Artesanato, que ocorre todos os domingos e reúne artesãos e artistas plásticos do município e movimenta a economia local.





### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura – [www.lagoasanta.mg.gov.br/](http://www.lagoasanta.mg.gov.br/)



### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

FLEISCHER, David Ivan Rezende. *São Tomé das Letras e Lagoa Santa: mineração, turismo e risco ao patrimônio histórico e natural. Cadernos de Campo* (São Paulo, 1991), v. 15, n. 14-15, p. 21-39, 2006.

BUENO, Lucas. *Entre abrigos e lagoas: tecnologia lítica e territorialidade em Lagoa Santa* (Minas Gerais, Brasil). *Revista de Arqueologia*, v. 25, n. 2, p. 62-83, 2012.

GUIMARÃES, Rose Lane et al. *Cavernas e religião: os rituais de matriz africana na gruta da Macumba e na gruta do Feitiço*, Lagoa Santa, Minas Gerais. *Raega-O Espaço Geográfico em Análise*, v. 23, 2011.

Perfil IBGE – [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/lagoa-santa/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/lagoa-santa/panorama)



### LINKS:

“Terra de Minas” da Rede Globo Minas mostra moradores contando a história de Lagoa Santa – [www.youtube.com/watch?v=WX7sn3VF6MM](http://www.youtube.com/watch?v=WX7sn3VF6MM)

Viação Cipó – Conheça a Rota das Doceiras de Lagoa Santa/MG  
[www.youtube.com/watch?v=ChzbhSjKoag](http://www.youtube.com/watch?v=ChzbhSjKoag)

Associação Cultural Eu Sou Angoleiro – [www.facebook.com/acesaeusouangoleiro/](http://www.facebook.com/acesaeusouangoleiro/)

Museu Arqueológico da Lapinha – [www.facebook.com/museudalapinha/](http://www.facebook.com/museudalapinha/)

Casa Alecrim - [www.facebook.com/pages/Casa-Alecrim-Lagoa-Santa/342534179557177](http://www.facebook.com/pages/Casa-Alecrim-Lagoa-Santa/342534179557177)



### REVISTAS E OUTROS MATERIAIS:

Revista Virtual Lagoa Santa [www.youtube.com/user/Lagoasanta1/videos](http://www.youtube.com/user/Lagoasanta1/videos)



### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=lagoa\\_santa](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=lagoa_santa)



## MÁRIO CAMPOS

*César Zanandreis e Josemeire Alves Pereira*

Antes pertencente ao distrito de Sarzedo, depois subordinado ao município de Ibitiré, Mário Campos tornou-se distrito em 1983, sendo emancipado e instalado como município apenas em 1995. A origem do povoamento do lugar está também ligada à construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1911, e da antiga Parada Carlos Chagas (Estação do Jacaré), em 1923.

O município é rico em recursos hídricos e hidrominerais, o que atrai interesse turístico. Sua população é estimada em 15.207 habitantes (IBGE, 2018) – 2.015 a mais do que o apurado no Censo de 2010, quando 63,5% declaravam-se pretos e pardos e 34,9%, brancos. À mesma época, seu território, que corresponde a uma área de 35.196 Km<sup>2</sup>, possuía apenas 4,8% das vias públicas asfaltadas e 43,8% de esgotamento sanitário adequado. O IDHM era de 0,699. Mário Campos foi declarada estância hidromineral em 1998, encontrando-se em seu território, segundo entrevistados/as, a fonte de água mineral com maior vazão espontânea por metros cúbicos do mundo (aproximadamente 11.000.000 de litros por hora). A água é engarrafada e exportada para os estados do Rio de Janeiro (abastecendo toda orla da zona sul com a marca Orla Rio) e do Espírito Santo. A região também possui diversas pousadas, restaurantes e outros atrativos, como as nascentes e vários córregos que deságuam no Rio Paraopeba.

Além do potencial turístico, a agricultura tem sido a principal atividade econômica da cidade, integrada ao cinturão verde da RMBH, cujos produtos abastecem o



Sede da Prefeitura Municipal  
Foto cedida por Maurício Nogueira

CEASAMINAS-BH, mercados e restaurantes da região. Estima-se que cerca de 30,0% de todas as hortaliças consumidas na capital mineira e região metropolitana, principalmente alface, venham de Mário Campos. São cerca de 1.500 produtores/as, a maioria agricultores/as familiares de pequeno e médio porte. A produção ainda é feita de maneira convencional, mas aos poucos as famílias se organizam para ter plantações cada dia mais agroecológicas.

A Festa da Alface é a festa mais importante da cidade, com diversas atividades culturais apreciadas por moradoras e moradores. Mário Campos sedia o Encontro de Produtores Agrícolas da região e também de outros municípios do entorno, oferecendo palestras, oficinas, atividades voltadas para temáticas feministas, teatro, música, atividades para a melhor idade, entre outras.

Simultaneamente ao encontro, ocorre o Festival Gastronômico, no qual alguns *chefs*, após passarem por uma criteriosa seleção, têm a oportunidade de expor seus pratos. Uma das atividades mais aguardadas no evento é o concurso da “Garota Alface”. Este evento também conta com palestras sobre agricultura, concursos de culinária, apresentações artísticas e feira com pratos típicos da região. Centenas de pessoas são esperadas nos dias de festa, lotando os hotéis e as ruas da cidade.

Os pontos turísticos do município são dados principalmente por seus recursos hídricos, como o Rio Paraopeba, além das matas ciliares, as serras, a fonte de água mineral e o cinturão verde que circunda a cidade. A caminhada ecológica feita até a Serra dos Três Irmãos atrai muitas pessoas interessadas nas belezas naturais da região. Mário Campos participa do circuito turístico Veredas do Paraopeba, que compreende uma região mineira cercada de montanhas, com muitos vales e rios e água abundante. É ideal para quem gosta do campo, de praticar esportes ligados à natureza ou simplesmente de contemplá-la.

O lazer e as principais atividades culturais da cidade ocorrem na Praça São Vicente e ruas do entorno. Próxima ao centro, a praça se destaca por sua beleza, seus jardins e pelo clima acolhedor, sediando



eventos importantes, tais como corridas e caminhadas e a famosa e aguardada queima de fogos de final de ano.

O Estádio Municipal Artur Ferreira Campos é um dos grandes destaques do município e um dos principais xodós dos mario-campenses. Recentemente passou por reformas importantes, trazendo mais conforto e segurança para os moradores da região, que utilizam o espaço constantemente para a prática de esportes e momentos de socialização. O estádio conta com um bar, ponto de encontros de novos e antigos futebolistas do município.

No fim do ano, o destaque é a Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, com shows de artistas locais e da região, barraquinhas de comidas típicas mineiras, atividades recreativas de bingo e missas celebradas em diferentes horários, com presença de importantes padres e bispos. Com uma mescla de religiosidade, arte e cultura, a tradicional festa da padroeira atrai muitos fiéis de toda a RMBH.



### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.mariocampos.mg.gov.br/](http://www.mariocampos.mg.gov.br/)



### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

RODRIGUES, Ronan Silva; DOS SANTOS TUBALDINI, Maria Aparecida. *Agricultura metropolitana e sustentabilidade de Mário Campos-MG. Anais*, p. 1-25, 2016.

Perfil IBGE:

[www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mario-campos/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mario-campos/panorama)



### LINKS:

Mário Campos - Um voo sobre a cidade

[www.youtube.com/watch?v=XZyU32jl16U](http://www.youtube.com/watch?v=XZyU32jl16U)

Nossa cidade - Mário Campos/MG

[www.youtube.com/watch?v=ASTm\\_ZIX9dM](http://www.youtube.com/watch?v=ASTm_ZIX9dM)

Circuito Turístico Veredas do Paraopeba

[www.circuitoveredasdoparaopeba.org.br/o-circuito](http://www.circuitoveredasdoparaopeba.org.br/o-circuito)



### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=m%C3%A1rio\\_campos](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=m%C3%A1rio_campos)





Estação Ferroviária  
Fotos: equipe de revisão dos Planos diretores / UFMG



## **MATEUS LEME**

*Luísa Nonato e Clarice Libânio*

O município de Mateus Leme está situado no vetor oeste da RMBH, com forte influência do eixo industrial Contagem – Betim, do qual também recebe desdobramentos econômicos. Assim, verifica-se a presença de atividades industriais ligadas à cadeia automobilística, além da atividade de mineração presente em seu território.

Sua formação histórica está ligada à penetração de bandeiras paulistas em busca de ouro e pedras preciosas vindas de Ouro Preto e Mariana. Entre os bandeirantes realçam nomes como Fernão Dias, Borba Gato e Mateus Leme, que deu o nome ao município. Com o fim da exploração aurífera, seus moradores passaram a dedicar-se à agropecuária.

O município teve outro foco de desenvolvimento importante a partir da construção da Estrada de Ferro Pedro II (chamada Estrada de Ferro Central do Brasil depois da proclamação da República, em



Sítio Novo  
Fotos: equipe de revisão dos Planos diretores / UFMG.

1889). Em 1972 se instala a Cervejaria Brahma, que traz novo impulso econômico para a região, já com perfil industrial.

Nos últimos anos a cidade tem sido alvo de grande valorização imobiliária e crescimento, reforçada pela recente duplicação na BR-262, com mudanças até mesmo no perfil econômico do município. Ao mesmo tempo em que cresce a atividade industrial se reduz a produção agrícola, com impactos sobre o meio ambiente, o patrimônio ambiental e histórico e o turismo.

O município é subdividido em três distritos: Sede, Azurita e Serra Azul. Atualmente, segundo estimativas do IBGE para 2018, possui população total de 30.798 habitantes – 2.942 a mais, em relação aos 27.856 registrados no Censo de 2010, dos quais 58,6% eram pardos ou pretos e 32,4%, brancos. A maior parte da população está localizada em zona urbana.

As principais áreas de proteção no território de Mateus Leme são a Serra do Elefante e a Serra Azul, responsável pela recarga do manancial da COPASA de mesmo nome, a represa de Serra Azul, que abastece parte da RMBH. Estas áreas são também um local de ecoturismo e encontro entre praticantes de parapente.

Além do turismo, a vida cultural da cidade possui vários atrativos. Ao longo do ano ocorrem festas já tradicionais, como o pré-carnaval

e o carnaval com blocos locais. Em julho comemoram-se as festas de Santo Antônio e São Sebastião, momento em que acontece a cavalhada masculina e shows de artistas locais. Agosto é tempo dos festejos em louvor a Nossa Senhora do Rosário, com a presença do Congado de mesmo nome. Em outubro, junto à festa de Nossa Senhora Aparecida, é a vez da cavalhada feminina. Em novembro ocorrem os cortejos do Congado de Nossa Senhora das Graças e, em dezembro, é comemorado o aniversário do município e têm lugar as festas de fim de ano.

A cavalhada é a representação de batalhas medievais entre mouros e cristãos trazidas pelos portugueses. Em Mateus Leme, a primeira cavalhada registrada é da segunda metade do século XIX. Além de toda a beleza da apresentação, a cavalhada tem um cunho forte na construção identitária das pessoas do local uma vez que é transmitida de geração em geração de estar apresentando a encenação para a plateia. Moradores/as afirmam que a experiência de assistir ao evento é como presenciar uma batalha da Idade Média, devido à seriedade e ao empenho de seus/suas participantes.

Os grupos de capoeira em Mateus Leme também são tradicionais e a maior parte deles está vinculada a ações da prefeitura municipal. Realça-se também a existência do Terreiro de Candomblé Bakise Bantu Kasanje, localizado no bairro Atalaia, com atividades religiosas, culturais e sociais para a comunidade.

O município conta ainda com uma feira na Praça da Igreja Matriz de Santo Antônio, em que são comercializados materiais como artesanatos, comidas, promovendo geração de renda e constituindo um espaço de lazer para as crianças.

Em termos de equipamentos culturais, a cidade possui duas bibliotecas, além da Casa de Cultura Casa de Cássia, localizada na Vila Suzana, mais conhecida no município como “Reta”. É um projeto do Instituto Humberto Mauro, cuja sede fica em Belo Horizonte. Ali



são desenvolvidas atividades de cineclube, biblioteca, aulas de balé, galeria de exposições, eventos em geral, mas com pouco apoio público e privado para a continuidade das ações. Já a Biblioteca Pública Geraldo Alves de Oliveira, funcionando há 48 anos, trabalha no intuito de promover a leitura entre os/as moradores/as do município, organizando exposições e projetos temáticos.



### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.mateusleme.mg.gov.br/](http://www.mateusleme.mg.gov.br/)



### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

DA SILVA, Alessandra Ferraz Godoy. *O embate das forças rurais e urbanas na apropriação de um território multifuncional em Igarapé e Mateus Leme-MG*. 2009. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências – UFMG. Belo Horizonte, 2009.

JESUS, Matilde da Consolação Rocha; FERREIRA, Fernanda Aires Guedes. Percepção dos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Domingos Justino Ribeiro sobre a Igreja Matriz de Mateus Leme. *Anais III Congresso Nacional de Educação (CONEDU)*. 05 a 07 de outubro de 2016. Natal, RN.

LIBÂNIO, Clarice. Um olhar sobre Mateus Leme e sua cultura, IN DRUMMOND, Alessandra (org.). *Cidades e políticas de cultura: diagnóstico, reflexão e proposições*. Belo Horizonte: Artmanagers, 2012. 216 p.

Prefeitura Municipal de Mateus Leme. Diagnóstico Socioeconômico do Município de Mateus Leme/MG. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Socioeconômico. Julho/2013. Disponível em <http://mateusleme.mg.gov.br/index.php/diagnosticosocioeconomico-do-municipio> acesso em março 2017.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mateus-leme/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mateus-leme/panorama)



### LINKS:

Casa de Cultura Cassia Afonso Almeida - [www.facebook.com/casadecassia](http://www.facebook.com/casadecassia)



### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=mateus\\_leme](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=mateus_leme)



## MATOZINHOS

*Thales Santos e Josemeire Alves Pereira*

A região de Matozinhos, antes habitada por grupos indígenas, passou a ser ocupada a partir da ação dos bandeirantes, em fins do século XVII. O povoado que se formou naquelas terras teve início em torno da capela do Senhor do Bonfim, construída no lugar onde fora encontrada a imagem do santo, em meio a ruínas de um antigo acampamento. O culto a Bom Jesus de Matozinhos passou a atrair, desde então, milhares de fiéis em romaria à localidade, no mês de setembro, mantendo-se vivo até a atualidade.

O povoado foi elevado a freguesia em 1823, sob a denominação de “Freguesia do Bom Senhor do Matozinhos”, tendo pertencido sucessivamente a Sabará, Santa Luzia e Pedro Leopoldo, até 1943, quando tornou-se município. O povoamento iniciado no período colonial foi impactado também, a partir de 1895, pela construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, acompanhada da construção da primeira fábrica têxtil da região.

O território atual do município abrange área de 258.280 Km<sup>2</sup> e, tal como outros municípios situados no vetor norte da RMBH, apresenta riqueza espeleológica e arqueológica, associada à predominância de rocha calcária. A população de Matozinhos é estimada em 37.473 pessoas (IBGE, 2018). No último Censo, eram 33.955 habitantes, dentre os quais 71,3% eram pretos e pardos e 27,5% brancos (IBGE, 2010). Ao se avaliar as condições de vida, vê-se que 67,2% das residências possuem esgotamento sanitário adequado e que o IDHM é alto, de 0,731, segundo dados do IBGE para 2010.

Ao se chegar a Matozinhos, vê-se grande quantidade de carros, lojas e pedestres nas ruas, que podem confundir aquelas/es transeuntes mais desatentos. Basta sentar e conversar com algum/a



Folia de Reis no Distrito de Mocambeiro  
Foto: Élcio Paraíso

morador/a da região para receber dicas de lugares ímpares que guardam referências não só à história do processo de colonização do território, mas também de luta e resistência, traduzida em importantes manifestações culturais.

A região é formada por rochas calcárias que oferecem uma grande variedade de grutas, como a Cerca Grande, Poções e Balé, e que apresentam artes rupestres contando em detalhes a ocupação milenar da região. São espaços importantes para toda a humanidade, tombados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Um deles fica 6 km de Matozinhos e constitui o distrito de Mocambeiro, denominado assim por sua origem quilombola – mocambo era como se denominava o refúgio de pessoas escravizadas na mata. Trata-se de outra região reconhecida pelo seu valor quanto à paisagem cárstica, importantíssima para as ciências naturais. Registram-se, nesta parte do território do município de Matozinhos, cerca de 285 cavernas e sítios paleontológicos e arqueológicos reconhecidos mundialmente, que abrigam fósseis da megafauna pleistocênica extinta e vestígios da ocupação humana milenar. Mocambeiro integra, por isto, a Área de Proteção Ambiental do Carste de Lagoa Santa (APA Carste). No distrito há três conjuntos paisagísticos tombados – o Sítio Arqueológico Cerca Grande, Conjunto Arqueológico e Paisagístico de Poções e o Conjunto Histórico e Paisagístico da Fazenda da Jaguará.

No caminho para Mocambeiro situa-se o Parque Ecológico Barroco, uma iniciativa de preservação ambiental capitaneada pela ação comunitária e que já vem mostrando seus frutos. A proposta é se instalar aí um espaço de lazer, cultura e preservação e uso público para os moradores da região e de toda a cidade.

Além de sua riqueza arqueológica, o distrito se destaca por suas festas religiosas associadas às culturas afro-brasileiras, como o Candombe, Congado, Boi da Manta, grupos de Reisado, o Jubileu de



Folia de Reis em Mocabeiro  
Foto: Consuelo Abreu

Mocambeiro – já em sua 101ª Edição –, entre outros eventos festivos e religiosos. O distrito abriga também a Fazenda da Jaguará, fundada no início do século XVIII, às margens do Rio das Velhas. A fazenda se relaciona com o ciclo do ouro e se destaca pela Igreja Nossa Senhora da Conceição, uma das poucas obras totalmente atribuídas à Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho. Mocambeiro surgiu a partir da resistência de pessoas que eram escravizadas na Fazenda e buscaram ali um refúgio.

A dinâmica econômica de Matozinhos e seu desenvolvimento histórico, antes relatados, atraíram pessoas de diferentes regiões, o que possibilitou uma grande diversidade cultural à cidade. Como um dos resultados deste processo destaca-se a atuação de pessoas chave no processo de produção cultural, à frente de projetos e escolas, principalmente nas artes visuais e na dança, multiplicando seu conhecimento e trazendo novas oportunidades na esfera das artes para os matozinhosenses.

Outro patrimônio importante – sobre o qual, infelizmente, tem-se pouca informação – são as Ruínas da Igreja do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, tombadas em 1985. As ruínas são um dos principais pontos turísticos, fotografadas por pessoas de todo o mundo, tanto por sua beleza edificada quanto pelas raízes de uma enorme árvore que se mescla com a edificação e demonstra a antiguidade do espaço e da própria estrutura. As informações a respeito da construção da igreja não são suficientes para completar toda sua história, muitas vezes baseadas apenas no conhecimento de moradores da região.



Parque Barroão  
Foto: alunos Lumes



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.matozinhos.mg.gov.br/](http://www.matozinhos.mg.gov.br/)



#### **PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:**

MOURÃO, Nadja Maria; DE CASTRO ENGLER, Rita; DOS SANTOS, Fernanda Guimarães. *SABERES E SABORES DAS GERAIS*: uma proposta para o desenvolvimento do Food Design para cultura local. In: 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Gramado. Anais. Gramado. 2014. p. 2639-2650.

DA SILVA PAULINO, Rogério Lopes. *Máscaras religiosas ou máscaras teatrais? A arte da Folia de Reis de Matozinhos (MG)*. Anais ABRACE, v. 9, n. 1, 2008.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/matozinhos/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/matozinhos/panorama)



#### **LINKS:**

Parque Municipal Ecológico do Barroão - [www.facebook.com/parquebarroao/](https://www.facebook.com/parquebarroao/)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=matozinhos](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=matozinhos)



## NOVA LIMA

*Luísa Nonato e Josemeire Alves Pereira*

A história de Nova Lima começa com o povoado de Congonhas do Campo, formado nas primeiras décadas do século XVII, a partir da ação de bandeirantes e mineradores que para lá afluíam em grande número. Tornou-se Congonhas das Minas do Ouro, com a expansão da exploração aurífera, no século seguinte. Já em 1836 o Distrito de Congonhas de Sabará pertencia à Comarca de Sabará.

Durante o século XIX, a principal atividade – a mineração – era desenvolvida principalmente em torno das ações da Saint John Del Rey Mining Company (na antiga mina de Morro Velho, atual AngloGold Ashanti), que empregava mão de obra de trabalhadores de origem africana escravizada (principalmente por meio de aluguel junto a proprietários) (LIBBY, 1984), e também trabalhadores libertos e nascidos livres. A partir deste fato, a influência inglesa passa a ser significativa na formação de Nova Lima desde 1834.

Em 1891, o Distrito tornou-se Vila Nova de Lima, sendo desmembrado de Sabará e constituído de sua sede – a antiga povoação de Congonhas do Sabará – e dos distritos de Vila Nova de Lima, Piedade do Paraopeba e Santo Antônio do Rio Acima. É reconhecido como município de Nova Lima em 1923.

A população atual estimada é de 93.577 habitantes (IBGE, 2018), maior que os 80.998, computados no último Censo de 2010, e dentre os quais encontravam-se 61,7% de pretos e pardos e 37,2%, de brancos. Seu território é de 429.004 Km<sup>2</sup> e apresenta 46,8% das vias urbanizadas e uma das maiores porcentagens de esgotamento sanitário adequado da RMBH: 94,0%.

Os índices de mortalidade infantil são baixos, sendo registrados, em 2014, 6,49 óbitos a cada mil nascidos vivos. O município contava, em 2009, com 33 estabelecimentos de saúde pelo SUS. O índice de





escolarização também é elevado (98,3%), mas os índices de qualidade da educação despertam atenção: o IDEB dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental eram, em 2015, de 6,4 e 4,2, respectivamente. A média salarial dos trabalhadores formais, em 2016, era de 3,4 salários mínimos, com a proporção de população ocupada em relação à população total das mais altas da RMBH: 55,0%, enquanto o percentual de população com rendimento nominal mensal *per capita* de até meio salário mínimo era de 29,6%. Em 2015, o IDHM de Nova Lima, registrado em 0,813, era um dos mais elevados da região, tal como o PIB *per capita*, de R\$81.076,95.

O município faz fronteira com a região centro-sul de Belo Horizonte, uma área nobre da capital. Por estar numa posição geográfica bastante particular, com sua sede a apenas 20 km da capital, é um município que atrai importantes empreendimentos imobiliários com a presença de muitos condomínios, os quais são considerados praticamente uma extensão da zona sul de Belo Horizonte.

O município conta com uma diversidade de equipamentos culturais que estimulam o convívio social, tanto para crianças quanto

para idosos, como os Centros de Atividades Culturais (CAC), em que são oferecidas variadas ações. Há também quadras esportivas em quase todos os bairros, além do Centro do Idoso, onde são oferecidas atividades de fisioterapia, oficinas de pintura e bordado. O município oferece gratuitamente uma escola de música, dança e artes plásticas, visando incentivar os estudantes para o ofício no ramo cultural e gerar renda.

Ainda voltado para a geração de renda há o projeto “Sexta na Feira”, com exposição semanal de artesanato e culinária; e o “Artes da Rua”, promovido por uma associação local que realiza inúmeras apresentações culturais em bairros periféricos do município, bem como concursos de para a promoção da cultura hip hop e do funk.

Atualmente está em construção no município o memorial Sara Ávila, um espaço educativo no ramo da Arte Contemporânea, em





Casa de Cultura  
Foto: equipe Favela é Isso Aí

homenagem a uma importante artista plástica e professora nascida em Nova Lima.

O município preserva grande parte de suas manifestações tradicionais por meio da atuação das guardas de Congado, como a de Marujos, com homenagens a Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora da Conceição. No calendário de Nova Lima destacam-se festas importantes, que acontecem anualmente, como as festas juninas e o carnaval; a cavalcada de Santo Antônio, em julho; e o encontro dos Congados, em outubro. Também se comemora o “Mês da Juventude”, em que durante uma semana acontecem apresentações culturais e palestras em diferentes espaços do município.

A cidade também recebeu influências dos ingleses na culinária. Os/as novalimenses produzem a “queca”, um bolo de frutas feito especialmente para presentear no Natal, registrada como patrimônio imaterial de Nova Lima<sup>17</sup>. Outros doces também se destacam, dentre

---

<sup>17</sup> O nome Queca é originário do “cake”, bolo em inglês, mais uma influência dos trabalhadores

eles, o modo de se fazer a “Lamparina”, uma receita doce que também está sendo registrada como patrimônio imaterial na cidade.

O turismo em Nova Lima é estimulado por meio das trilhas nas serras e as cachoeiras, que frequentemente recebem visitas de turistas e esportistas. O distrito de São Sebastião das Águas Claras, mais conhecido como Macacos, é uma grande potência turística, já que oferece diversas pousadas e restaurantes. Há também o parque ecológico Rego dos Carrapatos que, na história de Nova Lima, faz referência às banquetas construídas artificialmente pelos ingleses para levar água à produção do ouro e que são hoje utilizadas pela população para caminhadas e trilhas.

Além de diversas paisagens naturais, Nova Lima guarda um importante patrimônio ambiental, com várias áreas de preservação, como a Mata do Jambreiro e o Centro de Preservação da AngloGold Ashanti, com atividades voltadas para a educação ambiental.

No que se refere ao patrimônio material, em Nova Lima existem importantes igrejas, dentre as quais a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, localizada na Praça Bernardino de Lima. Há também outras construções religiosas do século XVIII, como a Igreja do Rosário, a Capela de São Sebastião de Águas Claras, o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos e a Igreja Anglicana, construída pelos ingleses.

Os/as novalimenses têm se surpreendido com o grande crescimento do Bairro Jardim Canadá e seu potencial para se tornar um dos principais polos de arte e cultura da região. Localizado a cerca de 10 km da capital mineira, muitas galerias e ateliês já despontam no local, além de casas de decoração e de eventos, junto às quais existe um número crescente de empreendimentos gastronômicos que atraem moradoras/es da Região Metropolitana de BH e turistas de todo o país. Um exemplo é o JA.CA - Jardim Canadá Centro de Arte e Tecnologia.

Pertinho de Nova Lima está São Sebastião das Águas Claras (conhecido como Macacos) um agradável vilarejo rodeado por muito verde e diversas cachoeiras, atraindo não só os/as turistas mais aventureiros/as como também artistas que buscam paz e tranquilidade para desenvolver seus trabalhos. Artistas como Ivã Volpi e João Carlos Ornelas trabalham e expõe suas obras no pequeno distrito. Outro destaque de Macacos é o Instituto Kairós, que trabalha com o fortalecimento de políticas públicas, de redes sociais e educativas, e da valorização dos recursos naturais e da biodiversidade local.



#### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.novalima.mg.gov.br/](http://www.novalima.mg.gov.br/)



#### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

PEIXOTO, Monica Campolina Diniz. *Expansão urbana e proteção ambiental: um estudo a partir do caso de Nova Lima/MG*. COSTA, GM, 2006.

PEREIRA, Carlos Magno; ENGLER, Rita de Castro; MARTINS, Daniela Menezes. *Design, inovação social e sustentabilidade: o conceito de comunidades criativas em Nova Lima–MG*. *Janus*, v. 12, n. 21, 2016.

CARVALHO, Grazielle Anjos; LEITE, Débora Veridiana Brier. Geoprocessamento na gestão urbana municipal–a experiência dos municípios mineiros Sabará e Nova Lima. *Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*, v. 14, p. 3643-3650, 2009.

LIBBY, Douglas Cole. *Trabalho Escravo e Capital Estrangeiro no Brasil: o caso de Morro Velho*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1984.



#### LINKS:

JÁ.CA - [www.jaca.center/](http://www.jaca.center/)

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/nova-lima/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/nova-lima/panorama)



#### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=nova\\_lima](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=nova_lima)





Nova União é o município do vetor leste da RMBH mais distante de Belo Horizonte, o que acaba por produzir um relativo isolamento em relação à capital e outros municípios da região. Esta situação é agravada pelo ineficiente sistema de transporte intrametropolitano, bem como pela precária infraestrutura viária da rodovia BR-381. A maior articulação do município se dá com as cidades vizinhas de Caeté e Taquaraçu de Minas. Ainda assim, seus/suas habitantes precisam se deslocar para Belo Horizonte para acessar serviços públicos (especialmente na área da saúde, por exemplo), empregos e mesmo para a comercialização dos produtos agrícolas gerados no município.

A história do município está ligada diretamente à de Caeté, do qual se desmembrou em 31 de dezembro de 1962. Toda esta região foi explorada – inicialmente por Lourenço Caetano Taques e, em seguida, pelas bandeiras que adentraram o território mineiro – em virtude da presença de ouro e pedras preciosas nas Minas Gerais. Várias picadas foram abertas por tropeiros e viajantes, que também criaram locais de parada e descanso. Nova União era um destes locais, parada de tropeiros e boiadeiros, ponto de descanso para os homens e seus animais.

Nos últimos anos, seu crescimento tem sido impactado pelos processos de urbanização das periferias que se expandem a partir de Belo Horizonte, através da criação de chacreamentos voltados para moradias de lazer e de final de semana. Estes são favorecidos pelo potencial de turismo ecológico em torno do patrimônio natural do município, que está inserido no contexto do Parque Nacional da Serra do Cipó.



Igreja Matriz de São Sebastião  
Foto: alunos Lumes

De acordo com estimativas do IBGE para 2018, Nova União possui uma população de 5.718 pessoas, pouco mais que os/as 5.555 habitantes registrados pelo Censo de 2010, dentre os/as quais 31,1% declaravam-se brancos e 68,4% pardos e pretos, divididos entre as zonas urbanas (51,7%) e rurais (48,3%), sendo este um dos municípios com maior percentual de população rural da RMBH. Além da sede do município, compõem seu território os povoados de Altamira, Baú, Bernardo, Carmo, Arraial dos Lopes, Monte Horeb, Nova Aparecida e Santo Antônio.

Em termos de atividades econômicas, registra-se a presença da extração minerária, através da exploração de minas de filito, o que conflita com a tendência do turismo ecológico e prejudica a proteção do patrimônio hídrico municipal. Além disso, Nova União possui uma associação de catadores/as de materiais recicláveis, a UNICICLA, que trabalha na triagem, separação e comercialização dos resíduos recicláveis descartados pela população e contribui com a geração de emprego e renda dos/as envolvidos/as neste trabalho.

Outro produto importante do município de Nova União é a aguardente de cana para exportação, através da empresa Fazenda Germana. Também se destaca a produção de alimentos pela agricultura familiar, a produção de banana em larga escala, enviada para a CEASAMINAS-BH. É importante realçar que vários produtores locais têm buscado a alternativa agroecológica, com a produção de orgânicos, como é o caso do entorno da localidade de Altamira e dos Assentamentos do MST – Assentamento João Pedro Teixeira (295 hectares e 16 famílias) e Assentamento Ho Chi Minh (1.500 hectares e 37 famílias).

A cidade é contornada por serras, pastos verdes e extensas plantações de banana. Já na entrada da sede é possível perceber, visto o perfil do comércio local, que o município se destaca na produção e beneficiamento de gêneros alimentícios, principalmente



queijo e banana. Entre as várias fazendas e famílias que trabalham com a produção de bananas, uma delas chega a exportar para todo o Brasil em torno de 120 toneladas da fruta, todos os meses. Muitas pessoas perceberam o potencial que as bananeiras oferecem não só pela fruta, mas também pela palha de suas folhas, matéria prima para o artesanato.

Na praça principal, entre os prédios públicos e a Matriz de São Sebastião, está localizada a Biblioteca Pública do Município, repleta de livros, entre eles um que guarda informações preciosas da história de Nova União. É nele que se descobre que o primeiro nome do município foi Viúva, devido ao estado civil da primeira habitante. Tempos mais tarde, o município se torna cada vez mais importante e ganha o nome de União de Caeté e, mais tarde, Nova União.

O município sedia anualmente a Festa da Banana, com a participação direta da comunidade. A cada edição, os/as produtores/as e moradores/as expõem novas e tradicionais receitas produzidas com banana, incluindo licores, bolos, entre outros produtos da culinária típica da região.

Por ser uma região repleta de serras e com vários rios de água límpida, a diversão dos/as nova-unienses são as cachoeiras nos fins de semana, entre elas: Cachoeira Alta, Cachoeira do Baú, do Marimbondo, do Carongo, Manjolo e outras.

Os destaques culturais do município são as festas religiosas, entre elas a de Nossa Senhora do Carmo; o Carnaval, que acontece desde a década de 1980, com intensa ocupação das ruas, blocos de rua e festas a céu aberto. A juventude se destaca e sua produção cultural é de extrema importância, não só para a preservação das tradições locais, como também para a construção de sua identidade e seu empoderamento nas relações com o território onde vivem.

Destaca-se, ainda, o Museu da Mutuca, localizado na região de Altamira, inaugurado em julho de 2012 e muito importante para

a preservação das referências culturais do lugar. De acordo com informações contidas em seu website, “busca a legitimação da produção artística e artesanal já existente na região” (Museu da Mutuca. Disponível em: museudamutuca.blogspot.com/2012/06/. Acessado em 16 de novembro de 2018.)

É importante ressaltar também a atuação de grupos de capoeira em variados distritos de Nova União. Alguns ligados ao grupo de Capoeira Abadá, que, com a ajuda do CRAS do município, promove atividades ligada à cultura e lazer para adolescentes e jovens dessas localidades.

Há registros de que a região possui distritos oriundos de Quilombos formados por pessoas de origem africana escravizadas nas fazendas da região. Estas comunidades (a de Santo Antônio, por exemplo) estão, ainda, em processo de reconhecimento de sua identidade perante os agentes públicos.

Os alunos da disciplina dos Lumes<sup>18</sup>, da UFMG, realizaram um mapeamento em Nova União, a partir de entrevistas com membros/as do Grupo de Acompanhamento da Revisão



18 Trabalho desenvolvido pelos/as alunos/as Daniel Galdino Netto, Luísa Nonato e Gustavo Nogueira.

do Plano Diretor e participação da comunidade local. A conclusão do grupo é que Nova União precisa ser vista, precisa ser descoberta.

Dentre todas as visitas técnicas realizadas, foram destacados os seguintes pontos de interesse para a Trama Verde Azul - TVA e o Lumes no município:

- **Igreja Nossa Senhora Aparecida:** localizada no Distrito de Nova Aparecida, foi citada como referência da comunidade e ponto de interesse para a memória local;
- **Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Nova União (Unicicla):** Responsável pela coleta seletiva na cidade, com remuneração pela Prefeitura, a instituição está com novos projetos, incluindo a educação ambiental nas escolas do município e a compra de um caminhão próprio para coleta na região e municípios vizinhos.
- **Bar da Lucinda:** Segundo informações locais é o bar mais antigo da cidade, desde 1925, é uma referência cultural do município, tendo sido ponto de parada de tropeiros.
- **Comunidade de Santo Antônio:** no grupo de Capoeira Abadá da Comunidade de Santo Antônio há um desejo pelo reconhecimento como comunidade Quilombola, o que configura um ponto de atenção às políticas sociais no município
- **Fazenda Germana:** A cachaça Germana é produzida por dez irmãos que formam uma sociedade na Fazenda Vista Alegre. A fabricação da cachaça soma 90 anos, sendo que há 18 anos a bebida recebeu o nome de Germana, em homenagem à dona de um bar que vendia a melhor caninha de Nova União. Foi citada por praticamente todos entrevistados como ponto de referência para o município.
- **Quadra Poliesportiva:** Juntamente com o campo de futebol, é um local de lazer para a comunidade. É aí também que ocorrem os encontros do grupo capoeira e Abadá e a Feira Livre da Agricultura Familiar, aos sábados, das 9h às 14h, em parceria com a Prefeitura



Municipal de Nova União, com o Programa Minas Sem Fome e com o Governo do Estado de Minas Gerais, através da Secretaria de Meio Ambiente e Emater.

- **Cachoeira no Rio Vermelho:** Cachoeira próxima ao Sítio Recanto do Riacho, no Rio Vermelho e em área próxima à expansão imobiliária. O Rio segue em direção à cachoeira do Pinhal, no povoado dos Lopes, e outras cachoeiras próximas. A Cachoeira do Pinhal teve seu turismo enfraquecido por causa da alta poluição no local.
- **Pé da Banana:** Local onde é realizado evento de premiação de jovens do projeto Capoeira Abadá. Segundo informações, está em criação o Centro de Referência de Juventude, em parceria entre

o CRAS e a Secretaria de Cultura de Nova União. Este ponto é de crucial interesse para o fortalecimento da comunidade

- **Assentamento Ho Chi Minh:** O assentamento está localizado no leito do Rio Pretona, na divisa com o município de Jaboticatubas, entre os distritos de Carmo de União e Baú, Córrego Fundo e Limeira. As terras da antiga fazenda Belo Horizonte foram ocupadas em 2005 pelo MST e posteriormente reconhecidas pelo INCRA.

Por fim, realça que Nova União possui potencial para a produção agroecológica e para o turismo ecológico. Para tanto, é preciso que sejam realizadas melhorias nas estradas que interligam os distritos e a sede, além de melhor sinalização das cachoeiras, o que facilitaria o acesso e, portanto, a atividade turística.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.novauniao.mg.gov.br/](http://www.novauniao.mg.gov.br/)

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/nova-uniao/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/nova-uniao/panorama)



#### **LINKS:**

Museu da Mutuca – Altamira

[www.facebook.com/museudamutuca.altamira](https://www.facebook.com/museudamutuca.altamira)

Nova União: a famosa terra da banana – Hoje em dia

[www.youtube.com/watch?v=rLgNpg9Qhp8](https://www.youtube.com/watch?v=rLgNpg9Qhp8)

Nova União Acontece - [www.facebook.com/novauniaoacontece/](https://www.facebook.com/novauniaoacontece/)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=nova\\_uni%C3%A3o](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=nova_uni%C3%A3o)





Festa do Boi da Manta  
Foto cedida pela Assessoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Pedro Leopoldo



## **PEDRO LEOPOLDO**

*Alexsandro Trigger e Josemeire Alves Pereira*

A população estimada para o município de Pedro Leopoldo, em 2018, é de 63.789 habitantes, tendo apresentado crescimento, em relação aos 58.740 habitantes computados no último Censo (IBGE, 2010), e dentre os/as quais encontravam-se 68,1% de pretos e pardos e 30,8% de brancos. Em 2010 registravam-se apenas 62 indígenas, grupo que durante o período colonial compunha – juntamente com negros escravizados empregados nas plantações que abasteciam a bandeira de Fernão Dias – a principal população do lugar.



Estação Ferroviária Dr. Lund  
Foto: Fernando Libânio

Ao final do século XIX observou-se o aumento do número de habitantes do antigo povoado, em decorrência das mudanças econômicas propiciadas pela construção da Estação Ferroviária da Central do Brasil, que recebeu o nome de Pedro Leopoldo em homenagem ao engenheiro responsável pelas obras. Dois anos antes da inauguração da Estação, em 1895, teve início a instalação de uma fábrica têxtil. Pouco depois, em 1901, o povoado foi elevado à condição de Distrito, com o nome de Pedro Leopoldo, subordinado a Santa Luzia. Tornou-se município em 1924.

Seu território corresponde, atualmente, a uma área de 297.947 Km<sup>2</sup>, e é também rico em sítios de valor paleontológico, espeleológico e arqueológico, tal como os municípios vizinhos de Confins e Lagoa Santa. Cerca de 41,7% de suas vias são urbanizadas e registra-se 66,9% de domicílios com esgotamento sanitário adequado.

O índice de escolarização é elevado (98,3%), mas a qualidade da educação, como ocorre em outros municípios mineiros, demanda atenção, ante o IDEB dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, que, em 2015, eram de 6,2 e 4,6, respectivamente.

Quanto aos índices de Trabalho e Rendimento, a média salarial dos trabalhadores formais é de 2,4 salários mínimos, com percentual de população com rendimento nominal mensal *per capita* de até meio salário mínimo registrado em 33,2%. O IDHM é de 0,731, segundo dados do IBGE para 2010.

Os entrevistados locais apontam que Pedro Leopoldo é uma cidade de beleza natural singular e oferece diversos pontos turísticos abertos à visitação. Dentre estes: cachoeiras, percursos históricos, sítios arqueológicos, trilhas, áreas para escalada, grutas, dentre outros.

O ponto forte da cultura local são seus referenciais históricos e religiosos. Pedro Leopoldo também abriga um conjunto de sítios arqueológicos ainda em exploração, dos quais vieram grandes tesouros na descoberta da humanidade. Na Gruta do Baú, localizada na Quinta



do Sumidouro, foram descobertos diversos fósseis da Megafauna.

Também na região, em escavações na Lapa Vermelha, foi encontrado o vestígio humano mais antigo das Américas – o crânio de uma mulher que vivera na região há mais de 12.000. A descoberta do crânio de “Luzia”<sup>19</sup> suscitou o fortalecimento de uma das teorias que sugerem a origem africana e aborígene dos/as primeiros/as habitantes do território. A cidade ainda conta com a Rota Lund, caminho percorrido pelo grande arqueólogo Peter Lund.

Cidade natal do médium Chico Xavier e onde ele viveu grande parte de sua vida, Pedro Leopoldo é, ainda, um referencial religioso do Espiritismo Kardecista, o que é possível observar em dois grandes eventos que acontecem anualmente na cidade: o Seminário Espírita de Pedro Leopoldo – este mais voltado para a religiosidade –, e o Festival de Luz, promovido pela Fundação Chico Xavier, em parceria com a Prefeitura do município, e que tem como intuito evidenciar a questão cultural relacionada a Chico Xavier. Outro evento importante, neste contexto, é o Caminho de Luz, que evidencia e situa historicamente lugares onde o médium morou, trabalhou e desenvolveu sua mediunidade.

A cidade é também reconhecida pelas culturas tradicionais, que se mantêm vivas nas atividades dos diversos grupos de Folia de Reis, guardas de Congado com mais de cem anos de existência e o festejo do Boi da Manta, que acontece anualmente. O cenário musical de Pedro Leopoldo tem destaque através de festivais como o Pedro Leopoldo Rodeio Show, que recebe todos os anos visitantes de diferentes regiões brasileiras em busca de diversão, música e momentos inesquecíveis.

Outro evento de destaque é o Festival BeerFolk’n Blues, uma diversificada feira gastronômica, com exposições de arte, artesanato e cervejas artesanais para atrair os mais diferentes paladares. É

---

<sup>19</sup> Guardado e exposto no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, o crânio de Luzia foi uma das peças que sucumbiu no incêndio ocorrido em setembro de 2018, que destruiu vários vestígios culturais e paleontológicos da história brasileira.

importante destacar que a maior parte das cervejas oferecidas são produzidas na região, ou por moradores do município, um momento de troca de sabores e de saberes sobre a produção da bebida.

As festas da cidade são variadas e ocorrem ao longo de todo o ano, abrangendo desde as festas de Congado, Folias de Reis, e outras festas religiosas, carnaval, festivais de teatro, festivais musicais e encontros de praticantes de esportes.

Dentre os bens edificados tombados vale destacar a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, situada na Quinta do Sumidouro. Tendo sido construída há 300 anos e adornada com peças originais de Aleijadinho em seu interior, a Igreja fica ao lado da Casa Fernão Dias, espaço no qual o bandeirante se fixou por alguns anos com seu grupo, na busca de ouro e pedras preciosas.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.pedroleopoldo.mg.gov.br/](http://www.pedroleopoldo.mg.gov.br/)



#### **PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:**

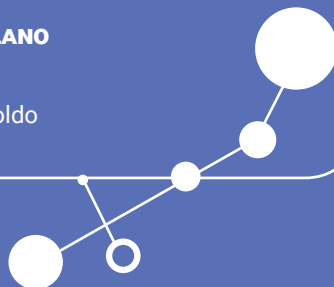
LIBÂNIO, Clarice A. Diagnóstico de vulnerabilidade social do município de Pedro Leopoldo – MG. Prefeitura Municipal de Pedro Leopoldo e Habitus Consultoria e Pesquisa. Pedro Leopoldo, agosto de 2011.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pedro-leopoldo/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pedro-leopoldo/panorama)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=pedro\\_leopoldo](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=pedro_leopoldo)





Festa do Divino Espírito Santo  
Foto: Consuelo Abreu



**RAPOSOS**

*Maria Clara Ribeiro Soares e Josemeire Alves Pereira*

O município de Raposos possui uma área de 72.228 Km<sup>2</sup> e faz divisa com Sabará, Caeté, Rio Acima e Nova Lima, do qual se emancipou em 1948.

A formação do Arraial dos Raposos iniciou-se por volta de 1690, em decorrência da ação de bandeirantes paulistas e da exploração aurífera. Além desta, os moradores cultivavam itens agrícolas de subsistência e para o abastecimento de povoados vizinhos. A antiga Mina de Morro Velho (Saint John Del Rey Mining Company, no século XIX, atual AngloGold Ashanti) e, já em 1907, a fábrica de Fósforos Luz Mineira, eram as maiores fontes de emprego para os moradores.

A população atual da cidade é estimada, em 2018, em 16.277 habitantes – pouco maior que os 15.342 registrados no Censo de 2010. Dentre estes, 70,8% eram autodeclarados negros (pretos ou pardos) e 23,6% brancos. Realça-se que a cidade perde residentes a partir da migração para Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e até para o exterior em busca de emprego. Tal situação foi agravada, principalmente, com o esgotamento das atividades de exploração mineral, após mais de três séculos destas atividades, bem como pela escassez de outras oportunidades de trabalho na região. Esta é, inclusive, uma das discussões empreendidas por moradores da cidade, em busca da resignificação de suas atividades produtivas, tais como as voltadas para o turismo ecológico e sustentável.

Do ponto de vista das manifestações culturais, Raposos preserva muitas de suas culturas tradicionais, especialmente as Guardas de Congado, como a de Nossa Senhora do Rosário, a Guarda de Marujos de Santa Efigênia, a de Caboclos e a Guarda de Moçambique. Tradicionais também são as Cavalhadas de Nossa Senhora da



Guarda de Caboclos do Divino Espírito  
Foto: Consuelo Abreu

Conceição e a de Jesus Cristo de Nazaré. Todas essas manifestações integram o calendário das diferentes festividades que ocorrem na cidade ao longo do ano.

Além das já mencionadas, destacam-se: a Festa do Reinado dos Caboclos, realizada em junho, na praça da Matriz, e que conta com o encontro de Guardas, missas e um almoço comunitário; a Festa do Reinado de Congo, em agosto, no bairro Várzea do Sítio, com celebrações religiosas; a Festa do Reinado dos Marujos de Santa Efigênia, em setembro, na capela de Nossa Senhora do Rosário; e a Festa do Reinado de Moçambique, em novembro, no Morro das Bicas.

Em fevereiro tem lugar o Carnaval, na Praça da Estação, com a participação de blocos da cidade, shows e barraquinhas; e o Aniversário da Cidade, celebrado na Praça da Matriz, também com apresentações de bandas locais e barraquinhas.

O Jullyfest acontece em julho, também na Praça da Estação, e é marcado pelas quadrilhas e comidas típicas da época. Em agosto ou setembro ocorre a Festa do Cavalo, no Espaço Cultural da rua Herval Silva, com rodeio, shows e cavalgadas. Em dezembro há a Festa da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição, na Praça da Matriz, com missa, procissão, shows e barraquinhas. No mesmo mês ocorre, ainda, a Feira Cultural “Arte em Nossas Mãos”, que oportuniza aos artistas da cidade divulgarem e comercializarem seus trabalhos.

Outros movimentos culturais importantes em Raposos são capoeira, música, artes plásticas, a escola de Samba Unidos de São Domingos e as culturas urbanas, como é o caso do Coletivo de hip hop que produz a Batalha da Estação (BDE), que acontece na Praça da Estação de Raposos e conta também com movimentos de basquete e skate.

Na manutenção de muitas dessas atividades culturais estão algumas ONG’s, como a Casa de Gentil e Casa Verde. A Casa Verde é responsável pela biblioteca municipal e pelo cinema antigo. Já a Casa de Gentil, inaugurada em 2012, é um espaço de convívio e desenvolvimento de atividades culturais situada na Várzea do Sítio. Além disso, existe a Associação dos Artesãos de Raposos e o grupo “Dedo de Gente”, que trabalha com jardinagem, mudas, produção de geleias e vassouras *pet*, além da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Raposos (ASCAR).

Entre os equipamentos culturais disponíveis na cidade cita-se a Biblioteca Municipal “Casa Verde”, que disponibiliza o serviço de empréstimo de livros e de acompanhamento escolar a crianças, desenvolvendo com elas atividades de produção de tintas com terra, cinema e contação de histórias. Há ainda a Banda Marcial que, em sua sede, propõe cursos de música gratuitos para a comunidade.

As iguarias mais apreciadas em Raposos são o Angu à Baiana e o Feijão Branco com Dobradinha, disponíveis em vários bares e

restaurantes da cidade. Um lugar de convívio social tradicional é o restaurante Zé Banana, localizado no centro.

Como patrimônios históricos destacam-se a Igreja da Matriz, considerada a primeira matriz de Minas Gerais; e a Antiga Estação Ferroviária de Raposos. No ecoturismo cita-se o Parque Municipal Ribeirão da Prata; o Parque Nacional Serra do Gandarela, cuja entrada oficial provavelmente será instalada na Várzea do Sítio; a Cachoeira Santo Antônio; o Poço da Pedra; o Poço Azul e a Trilha do Massaranduba, atrativos que se situam no município e arredores imediatos. Os bens tombados, além da Matriz e da Estação, já citadas, são as quatro guardas de Congado, as duas cavalhadas e a Capela do Rosário.

No esporte, Raposos se destaca com times de futebol, sendo referência o Estrela Futebol Clube e o Ideal Futebol Clube; além do grupo de Mountain Bike – MTB Raposos.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.raposos.mg.gov.br/](http://www.raposos.mg.gov.br/)



#### **PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:**

CHAGAS, Robson Miguel Saquett. *Tradição e transformação nas práticas musicais da Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição de Raposos/MG. Anais do SIMPOM*, v. 4, n. 4, 2016.

CHAGAS, Robson Miguel Saquett; LUCAS, Glaura. *Tradição e inovação no repertório das bandas de música*. XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – São Paulo, 2014. Disponível em: < [dadospdf.com/download/tradio-e-inovao-no-repertorio-das-bandas-de-musica-\\_5a449e57b7d7bc891f705878\\_pdf](http://dadospdf.com/download/tradio-e-inovao-no-repertorio-das-bandas-de-musica-_5a449e57b7d7bc891f705878_pdf)>. Consulta em: 06.02.2019.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/raposos/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/raposos/panorama)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=raposos](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=raposos)



Ribeirão das Neves situa-se no vetor norte da RMBH e apresenta população em crescimento: no Censo de 2010 registrava 296.317 habitantes – dos quais 71,5% constituídos pela soma de autodeclarados pretos (13,7%) e pardos (57,7%), e por 26,5% de brancos – número este estimado em 331.045 pessoas em 2018.

O primeiro registro de distribuição de terras na região é uma Carta de Sesmaria dada a Jacinto Vieira da Costa, no ano 1745, da então intitulada Mata de Bento Pires. Em 1747, o então proprietário das terras construiu a primeira capela dedicada a sua santa de devoção, Nossa Senhora das Neves e, desde então, a região passou a se chamar Fazenda Nossa Senhora das Neves de Bento Pires e depois somente Fazenda das Neves.

A região, que já possuía 1.241 habitantes no ano de 1822, se tornou Distrito de Paz, em 1830, mas perdeu essa condição para Venda Nova, pelo fato da sua principal liderança no momento, o Padre José Maria de Andrade, ter apoiado a Revolução Liberal de 1842. No ano de 1911 Venda Nova passa a ser arraial do Município de Belo Horizonte e o povoado de Neves, juntamente com o de Campanha, são anexados ao então recém-criado município de Contagem. Em 1923, Neves é elevado a distrito da mesma cidade. Em 1943 tem o nome Neves alterado para Ribeirão das Neves e é incorporado a Pedro Leopoldo. A transformação de Ribeirão das Neves em município ocorre através da Lei nº1039, de 12 de dezembro de 1953, quando lhe é anexado o distrito de Justinópolis (antes Campanha), juntamente com o subdistrito de Areias.

Desde sua emancipação, a cidade sofre com um processo migratório acelerado, recebendo pessoas de várias regiões do país.





Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Ribeirão das Neves  
Foto: Rodolfo Ataíde

Segundo Libânio (2017), o município apresentou um aumento de 3.000% da população entre 1970 e 2010, um volume muito acima da média nacional. Esse processo deu-se especialmente em virtude da proximidade do município com a capital mineira, somado aos baixos valores das moradias e ao grande número de loteamentos clandestinos sem infraestrutura básica – água, luz e pavimentação – que se tornaram acessíveis às pessoas das regiões mais pobres do país – principalmente do norte de Minas Gerais, do nordeste do Brasil e, nas últimas décadas, também de Belo Horizonte –, que não tinham condições de adquirirem imóveis na capital.

Do ponto de vista cultural, esse processo migratório fez de Ribeirão das Neves uma cidade extremamente rica e diversa. Esta pluralidade é perceptível no cotidiano do município, nas manifestações culturais e na culinária local. Os costumes interioranos são presentes nas relações pessoais mediadas pela hospitalidade, a simplicidade e pela vida comunitária – não tão comuns nos grandes centros, mas que constituem fortes características do povo nevensense, que preserva muito de suas origens e sua identidade.

A cidade tem como referência o Quilombo Irmandade Nossa Senhora do Rosário – a mais antiga da RMBH e que perpetua tradições populares de matriz africana, como as Guardas de Congado, a Folia de Reis, a quadrilha e o Boi da Manta, além da produção artesanal de tambores pelo mestre e capitão Dirceu, um dos líderes da entidade. O município destaca-se, ainda, por ser a terra natal do Cartunista Henfil, figura importante da arte, do jornalismo e da luta pela democracia brasileira, durante o regime militar.

Ribeirão das Neves convive com uma forte presença de igrejas católicas e evangélicas nos bairros, um grande número de terreiros de Umbanda e Candomblé, festas tradicionais religiosas e com a gastronomia popular dos bares – com destaque para o bolinho de carne do Bar Central, muito famoso na região. Os saberes tradicionais

são parte importante do patrimônio cultural imaterial do município: benzedeadas e benzedores, raizeiros e artesãos são pessoas detentoras de grandes conhecimentos e referências de vários bairros espalhados pela cidade, nos quais exercem diariamente seus ofícios.

No campo das artes, a diversidade fica ainda mais explícita. A vasta produção artística tem como referência as danças urbanas, contemporâneas e o balé clássico, a literatura, a música popular brasileira, o funk, o pagode, o rock, a música sertaneja e as artes visuais.

O surgimento de coletivos culturais no início século XXI, com a produção de festivais de música, artes cênicas e saraus de poesia, contribuiu consideravelmente para efervescência da produção artística local, para criação de novas perspectivas sobre o território, quebras de paradigmas e para reflexões sobre a identidade cultural da população.

A cidade possui três bibliotecas públicas; uma Casa de Cultura; a Academia Nevensense de Letras, Ciências e Artes; a tradicional banda de música Heitor Villa-Lobos; a Escola de Circo de Ribeirão das Neves; além de diversas companhias de dança, grupos de teatro, escritores, poetas populares e artistas visuais. Os principais eventos culturais da cidade são a Festa de Nossa Senhora das Neves, a Festa em Honra a Nossa Senhora do Rosário, a Festa de Santana, o Menezes Folia, o Festival Pá na Pedra de Artes Integradas, o Festival Neves Encena, o evento Restaurar Rosaneves e o Encontro Rua de hip hop.

Essa pluralidade de manifestações expressa a riqueza e as potencialidades presentes em Ribeirão das Neves, contrapondo as narrativas negativas construídas ao longo dos anos sobre o território. Além disto, aponta para outros caminhos possíveis de desenvolvimento local sob a ótica de novos olhares e formas diferentes de viver e pensar a cidade.



Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Ribeirão das Neves  
Foto: Rodolfo Ataíde



## PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.ribeiraodasneves.mg.gov.br/](http://www.ribeiraodasneves.mg.gov.br/)



## PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

DA SILVA, Osmar Henrique Ribeiro; STEPHAN, Ítalo Itamar Caixeiro. *Segregação Socioespacial na Região Metropolitana de Belo Horizonte: o estigma de Ribeirão das Neves/MG. Revista Políticas Públicas & Cidades-2359-1552*, v. 3, 2016.

LIBÂNIO, CLARICE. *Reinventando o urbano: Práticas culturais nas periferias e direito à cidade* – Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Arquitetura e Urbanismo, 2017. Orientador: Prof. Dr. Roberto Luís de Melo Monte-Mór. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MMMD-AXSMXK>, acesso em 30/01/2019.

OLIVEIRA, Paulo Henrique Lima de. *Pobreza material, juventude, disciplina e sonhos: a utopia urbana em questão. Estudo sobre a Cidade dos meninos em Ribeirão das Neves/MG*. 2007. 330 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. Acesso em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16029>

Perfil IBGE

[www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ribeirao-das-neves/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ribeirao-das-neves/panorama)



## LINKS:

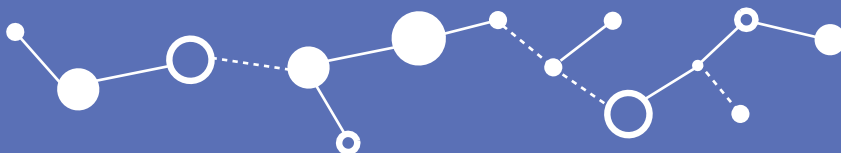
Semifusa Coletivo - [www.facebook.com/InstitutoCulturalColetivoSemifusa/](https://www.facebook.com/InstitutoCulturalColetivoSemifusa/)  
[www.youtube.com/channel/UCPxvk9IHpKEgM6cavaUB9QQ](https://www.youtube.com/channel/UCPxvk9IHpKEgM6cavaUB9QQ)

Pá na Pedra - [www.panapedra.wordpress.com/](http://www.panapedra.wordpress.com/)



## OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=ribeir%C3%A3o\\_das\\_neves](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=ribeir%C3%A3o_das_neves)





## **RIO ACIMA**

*Maria Clara Ribeiro Soares e Josemeire Alves Pereira*

O município de Rio Acima surgiu como um povoado, por volta de 1736, em decorrência da ação de bandeirantes, tal como ocorreu com diversos municípios mineiros – em especial os que compõem a RMBH. Desenvolveu-se às margens da Estrada Real, que ligava o Rio de Janeiro aos centros de produção aurífera nas Minas Gerais. Em 1890, a inauguração da Estação Ferroviária da Central do Brasil trouxe novo impulso à economia ao então Distrito do Santo Antônio do Rio Acima, que havia pertencido a Sabará e Nova Lima.

Apesar da proximidade com Belo Horizonte, Rio Acima é ainda conhecida como uma cidade típica de interior, pouco adensada, sendo opção de famílias de classe alta que se instalam na região por meio de condomínios. Sua população é, atualmente, estimada em 10.203 habitantes (IBGE, 2018). Em 2010 era de 9.090 pessoas, dentre as quais 72,5% eram negras e 25,9%, brancas.

Segundo entrevistados locais, Rio Acima é um município com uma cena cultural muito atrativa. De suas manifestações culturais destacam-se as ligadas à música e ao artesanato. Existem feiras voltadas para essa cena artesanal, como a “Feira de produtores” – que acontece todo sábado na Praça Paulo Teixeira e que conta com exposições de artesanato e comidas típicas – e a “Feira Fundo de Quintal”, que ocorre quinzenalmente, com barraquinhas dos produtores locais. Além, disso, há atividades da cultura hip hop, como dança, skate, rap, protagonizadas por movimentos independentes, na Praça Geraldo Cristóvão.

O tradicional Carnaval de Rio Acima contribui para movimentar a economia local, atraindo público de outras cidades. É caracterizado pelos blocos que se organizam nos bairros e pela grande festa no



Estação Ferroviária  
Foto: equipe PDDI - RMBH

centro, com shows e barraquinhas de comidas e bebidas. Dentre os blocos mais tradicionais estão os Bloco Zé Pereira, Bloco dos Pretos e Bloco Vem Quem Quer.

A cidade tem, ainda, várias festas, algumas bem tradicionais, como o Festival da Goiaba – que acontecia anualmente na 1ª semana de abril, no Espaço SAMSA<sup>20</sup>, mas não tem ocorrido por falta de verba. Há grande expectativa de que retorne em 2019. Há também a Festa da Cerveja Uaiktoberfest, um festival de cervejas artesanais que acontece em outubro; o Festival da Cultura, em julho, na Praça Prefeito Milton Gonçalves dos Santos, com atividades de cinema, dança, teatro e música; o Aniversário da Cidade, comemorado junto à virada do ano, no Espaço SAMSA e na Praça Prefeito Milton Gonçalves dos Santos.

Além destas, destacam-se as festas religiosas: a de Santo Antônio, entre 31 de maio e 13 de junho, na Praça da Matriz, é considerada um patrimônio da cidade e traz barraquinhas, produções de estandartes, pastel de Santo Antônio, procissões e leilões. Já a de Nossa Senhora das Dores ocorre em setembro, na comunidade do Coxo d'água, e tem celebrações, procissão, barraquinhas e rezas.

A cidade conta com equipamentos culturais e sociais, como a Biblioteca Machado de Assis, anexa à Secretaria Municipal de Turismo e Cultura, na antiga Estação Ferroviária; o Memorial Paroquial, na Igreja Matriz de Santo Antônio; o Centro Social Urbano, próximo à Quadra Poliesportiva; o centro de convivência Kolping; e o Instituto Crescer e Prosperar, que atua com projetos que preveem geração de renda. O Espaço SAMSA, antes citado, é um importante centro de referência na cidade para a realização de grandes eventos. O local de convívio social mais frequentado pela comunidade local é a Praça Geraldo Cristóvão, onde as pessoas se reúnem para conversar, namorar ou encontrar com amigos.

Para quem chega à cidade em busca de boa culinária, os moradores recomendam o Bolinho de Feijão da Dona Rosa, atualmente

---

20 A antiga Siderúrgica Santo Antônio, instalada na cidade em 1903, passou a denominar-se Sociedade Anônima Santo Antônio (SAMSA), em 1936. Encerrou suas atividades em 1956.





Prédio da Câmara Municipal  
Foto: equipe PDDI - RMBH

preparado por seu filho Vicente, e o Umbigo de Bananeira, encontrado nas feiras da cidade.

A cidade possui alguns patrimônios edificados como a Estação Ferroviária, de 1890, que hoje está desativada e recebe a Secretaria Municipal de Cultura; a Casa de Saúde da Cidade e Usina do Mingu.

Trata-se de um município com grande potencial turístico, por estar inserido em áreas da Serra do Gandarela e próximo à capital mineira. Há, em seu território, várias trilhas e cachoeiras, sendo as mais famosas as do Vianna, do Índio, Tinta Roxa e Xica Dona. As trilhas são interessantes para quem pratica esportes, frequentadas por ciclistas e motociclistas, apresentando diversos níveis de dificuldades no percurso e atendendo a várias modalidades. Além disso, é um ambiente onde é possível acampar e, por isso, atrai os turistas.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.prefeiturarioacima.mg.gov.br/](http://www.prefeiturarioacima.mg.gov.br/)

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/rio-acima/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/rio-acima/panorama)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=rio\\_acima](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=rio_acima)



## RIO MANSO

*Clarice Libânio e César Zanandreis*

Rio Manso está localizado no vetor sudoeste da RMBH, distante dos centros industriais mais dinâmicos do vetor Oeste. Seu território tem recebido uma nova onda de urbanização, a partir da instalação de sítios e chacreamentos para segunda residência ou residência de final de semana.

Registros históricos apontam que os primeiros habitantes da região teriam sido os índios Cataguases, dos quais peças cerâmicas e vestígios de um possível cemitério foram encontradas em escavações em Rio Manso. O distrito de “Santa Luzia de Rio Manso”, cujo nome deve-se ao rio que o corta no sentido sul-norte, tem sua origem relacionada à ação dos bandeirantes paulistas, ocorrida no século XVII e início do século XVIII no Vale do Rio Paraopeba. Em setembro de 1923 teve seu nome simplificado para Rio Manso, tornando-se município em dezembro de 1962.

Nos dias atuais, segundo estimativas do IBGE para 2018, Rio Manso possui uma população de 5.783 habitantes – pouco mais que os 5.276 registrados pelo Censo de 2010 – dos quais 43,2% declaravam-se pretos ou pardos, e 56,4% brancos. Sua população mostrava equilibrada distribuição espacial entre a área urbana (52,5%) e rural (47,5%).

Dentre os desafios enfrentados por seus moradores, destacam-se as dificuldades de acesso às demais cidades da região, a baixa oferta de serviços e comércio especializados – além de saúde, cultura, lazer e educação superior –, o que reforça a dependência do município em relação à Capital e aos polos regionais de Igarapé e Betim.

Tal fator também pode ser percebido ao se analisar sua economia, que mostra baixa diversificação produtiva, basicamente centrada na



Praça da Igreja Matriz de Santa Luzia  
Foto: equipe Favela é Isso Aí

agropecuária e na atividade de extração de argila para produção de cerâmica. Esta é uma atividade que pode impactar a preservação do patrimônio natural e do potencial turístico da Serra de Itatiaiuçu e mesmo o abastecimento de água da população da RMBH, visto que grande parte do território municipal está comprometido com a Área de Proteção da Bacia do Rio Manso – APE Rio Manso. De propriedade da COPASA-MG e criado em 1988, o chamado Sistema Rio Manso é responsável por 25,0% do abastecimento da RMBH e abrange parte dos territórios de Brumadinho, Rio Manso (onde ocupa cerca de 31,0% do território), Itatiaiuçu, Bonfim e Crucilândia.

Rio Manso possui também vasta área de preservação ambiental próxima ao vale do Paraopeba. A cidade passou por importantes mudanças após a instalação da Barragem da COPASA, quando foram desapropriados os moradores da Cachoeira dos Antunes.

A região tem potencial para o ecoturismo, sendo bastante atrativa a já tradicional caminhada ecológica. Seus pontos turísticos são: Praça Fortunato Campos, Prainha de Bernadas, Lajinha de Grotas, Mirante no Viamão, árvore centenária de Pequi no distrito de Souza,

Cruzeiros Cachoeiras do Morro da Onça, Cachoeira do Zé velho, cachoeiras das Sete Quedas e represa da COPASA.

Ao longo do percurso repleto de curvas do Rio Manso, águas tranquilas oferecem vastas áreas planas ideais para a agricultura e pecuária. A ligação dos moradores com a agricultura pode ser percebida antes mesmo de chegar à cidade. Muitas hortas e plantações de pequeno e médio porte circundam Rio Manso, comunicando a quem chega que ali encontrará pessoas valorosas, de hábitos simples, muito ligadas ao cultivo da terra.

Na pecuária, a maior parte do rebanho é criada em regime semi extensivo. Esse rebanho é voltado principalmente para a produção de leite, destinado aos pontos de resfriamento das cooperativas – especialmente a Cooperativa Agropecuária de Rio Manso e a Organização Santo Milk, com fabricação de laticínios. Além disto, destaca-se a produção familiar, em pequena escala. O município



Biblioteca Municipal, situada no prédio da Prefeitura  
Foto: equipe Lumes

desenvolve ainda a produção de hortifrutigranjeiros, sendo um dos maiores produtores de inhame e couve-flor do estado de Minas Gerais.

De acordo com entrevistas realizadas, a cidade é fortemente enraizada nos costumes religiosos e na agricultura. Entre os moradores cresceu a devoção a Santa Luzia, em cuja honra foi erguida a igreja, que deu origem à atual Matriz, em meados do século XVIII. As festividades ficam por conta do calendário religioso da cidade, onde as principais atividades acontecem durante a Folia de Reis e as cerimônias do Congado. A paróquia local, juntamente com a prefeitura, desenvolve feiras e cavalgadas regionais, fortalecendo a economia local e os laços com as tradições.

Na gastronomia, destacam-se a broa das almas, feita com coalhada fermentada no milho; o frango com quiabo e o frango com ora-pro-nobis. O município sedia um importante festival gastronômico, o Mais Sabor, que atrai pessoas de toda a região para apreciar a tradicional cozinha mineira elaborada pelas mãos das moradoras e moradores. A preparação tem início com o plantio dos ingredientes, ressaltando a meticulosidade na preparação dos pratos.

Por fim, merece destaque a Associação dos Artesãos de Rio Manso, que trabalha também com produtos da culinária regional e com a produção de tapeçaria, tear, bordado, tricô e crochê, entre outras artes manuais.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura – [www.riomanso.mg.gov.br/](http://www.riomanso.mg.gov.br/)

Perfil IBGE – [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/rio-manso/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/rio-manso/panorama)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=rio\\_manso](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=rio_manso)



## SABARÁ

*Thales Santos e Clarice Libânio*

Sabará foi uma das primeiras e também uma das mais ricas vilas da época colonial em Minas Gerais. Sua história é vasta e mesmo controversa, havendo mais de uma versão para as narrativas sobre a povoação do lugar. De toda forma, é sabido que a região esteve fortemente ligada à exploração do ouro nas Minas Gerais, tendo sido um dos principais caminhos de escoamento deste ouro – através do caminho do Sabarabuçu, Estrada Real – bem como de penetração das bandeiras no território mineiro – através do então navegável Rio das Velhas.



O caminho do Sabarabuçu, inclusive, era passagem de três dos Caminhos da Estrada Real: o Caminho Geral ou Velho, o Caminho da Bahia e o caminho Regional (ver [www.institutoestradaereal.com.br/](http://www.institutoestradaereal.com.br/)).

As populações indígenas que viviam nesta região foram eliminadas ou expulsas pelas bandeiras paulistas que cruzavam os sertões em busca de riquezas minerais. Entre os vários fatos marcantes de história de produção de seu território, inclusive, realça a Guerra dos Emboabas, conflito armado que tomou, dentre outras regiões, as de Caeté e Sabará, no período de 1707-1709, numa disputa entre reinóis e paulistas pelas riquezas locais.

Outro processo importante do desenvolvimento da região foi a implantação da Estrada de Ferro Central do Brasil, inicialmente chamada Estrada de Ferro Dom Pedro II, que chegou a Minas em 1869.

Esta, nas décadas seguintes, contribuiu para o desenvolvimento da indústria local (como, por exemplo, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira) e mesmo para a instalação da nova capital mineira, Belo Horizonte, em terras antes pertencentes a Sabará; além de influenciar o surgimento de outros povoados, que se transformaram nos atuais da RMBH.

A partir da institucionalização da RMBH, a cidade de Sabará também mostrou crescimento populacional, em parte desordenado, com o surgimento de bairros voltados principalmente para a habitação de baixa renda. De fato, após a criação da RMBH houve um movimento migratório duplo – tanto de sabarenses que se transferiram para a capital, atraídos por oportunidades de trabalho e de educação, quanto de pessoas expulsas de Belo Horizonte pelos altos custos de moradia na Capital, a partir do final do século XX.

Nos dias atuais o município é formado, além da sede, pelos distritos de Ravena, Mestre Caetano e Carvalho de Brito. Se em 1970 habitavam o local cerca de 45 mil pessoas (35,0% residentes em zonas rurais), no Censo de 2010 foram registrados 126.269 moradores, dos quais 70,3% autodeclaravam-se pardos (54,9%) e pretos (15,4%), além de 28,0% brancos. Estima-se que em 2018 o quantitativo populacional já atinja 135.421 pessoas, ou seja, 3 vezes mais que nos anos 1970, indicando que o processo de crescimento do município se manteve

Do ponto de vista de suas atividades econômicas principais realça a extração mineral (destaque para a empresa AngloGold Ashanti); a siderurgia (destaque para a ex- Companhia Belgo Mineira, atual ArcelorMittal) e o setor metal-mecânico; as atividades agrícolas e o turismo. Também é relevante a produção agropecuária, principalmente de banana, na região de Ravena, além do ora-pro-nobis e da jabuticaba, que motivam dois importantes festivais gastronômicos e culturais do município.



Em termos de patrimônio natural, Sabará abriga a Área de Proteção Ambiental (APA) do Cabeça de Boi, além da APA da Serra da Piedade, da qual também faz parte o município de Caeté, entre outros.

O conjunto das ruas calçadas com pedra, casarões, igrejas e pessoas circulando, com suas várias histórias, fazem da cidade um museu a céu aberto. Como a construção do município e distritos ao entorno se deu pela exploração do trabalho de muitos africanos e seus descendentes escravizados, a cultura e a história local estão diretamente interligadas à cultura dos grupos de Congado, Folia de Reis, Reisado e outras manifestações religiosas e culturais desenvolvidas por negras e negros presentes no território.



A riqueza cultural do território se espalha por suas nove regionais, cada qual com suas especificidades e tradições. A cidade é sede de várias festividades religiosas, não só católicas – com suas diversas igrejas espalhadas por todos os bairros –, mas também de religiões de matriz africana. De acordo com a Prefeitura Municipal (site, 2018), as formas de expressão do Congado, ali,

atualmente remetem, direta ou indiretamente, à trajetória das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário de Homens Pretos que funcionaram na região do Sabarabuçu ao longo dos séculos XVIII e XIX”, muito embora, desde o século XX, a tradição venha sendo mantida especialmente pelas “Guardas de Marujos de Nossa Senhora do Rosário e outros santos católicos atuantes no Distrito de Ravena e nas Regionais de Roça Grande e General Carneiro.

Os pés de jabuticaba também são uma referência importante e estão presentes em peso nos quintais. Conta-se que antigamente as pessoas alugavam pés de jabuticaba para a retirada da fruta e que quem tinha pés de jabuticaba no quintal de casa recebia desconto no IPTU. Sua abundância propiciou a criação de uma cultura culinária bastante relevante no contexto nacional, com a produção de geleias, doces, licores e diversos outros pratos que utilizam a fruta.

As famílias também começaram a vender diversificados produtos derivados da jabuticaba, ampliando seu espaço na economia da cidade – principalmente as mulheres, que iam também conquistando aos poucos sua independência financeira. Desta forma, conta-se que a abundância da fruta na região é um importante elemento do empoderamento das mulheres de Sabará.

Outra manifestação cultural da região, ainda pouco explorada, relaciona-se à produção de banana e seus derivados. Registra-se que desde o século XIX esta cultura é expressiva na região, fazendo parte do dia a dia das moradoras e moradores, principalmente de Ravena, distrito de Sabará que já foi o maior produtor de banana de Minas

Gerais. Hoje, a região perdeu o posto de grande produtora, mas ainda preserva diversos elementos culturais associados à fruta, como a produção de doces, chips, farinha, pratos com umbigo de bananeira, licores, artesanatos com a palha da bananeira, entre outros.



### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.site.sabara.mg.gov.br/](http://www.site.sabara.mg.gov.br/)



### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

DA SILVA, Jaqueline Pungal. *Crescimento urbano de Sabará [MG]: modificação e conservação da cidade segundo seus instrumentos legais de planejamento. Labor e Engenho*, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2010.

DE PAIVA VIEIRA, Vania Lúcia Leal; FERREIRA, Wanyr Romero. A Festa da Jabuticaba e o Empreendedorismo Feminino no Município de Sabará/MG. *Revista Brasileira de Gestão e Engenharia [RBGE]* ISSN 2237-1664, n. 8, p. 01-28, 2013.

LIBÂNIO, Clarice. *Resgatando histórias, preservando nossa memória*. Prefeitura Municipal de Sabará, 2008/2009 (3 volumes).

PREFEITURA Municipal de Sabará. *Parecer sobre Registro – Formas de Expressão do Congado em Sabará*. Disponível em <<http://site.sabara.mg.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/parecerconselhocongado.pdf>>. Acessado em 20 de novembro de 2018

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sabara/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sabara/panorama)



### LINKS:

[www.youtube.com/watch?v=cb81o69LaZg](https://www.youtube.com/watch?v=cb81o69LaZg)

[www.favelaeissoai.com.br/comunidades/](http://www.favelaeissoai.com.br/comunidades/)



### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=sabar%C3%A1](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=sabar%C3%A1)



Festa de Nossa Senhora do Rosário  
Foto: Consuelo Abreu



## SANTA LUZIA

*Luísa Nonato e Josemeire Alves Pereira*

Com povoamento também resultante da ação dos bandeirantes, Santa Luzia desenvolveu-se a partir de 1692, com a formação de uma pequena vila às margens do Rio das Velhas, em função da atividade de garimpo de ouro de aluvião. Anos mais tarde a vila foi transferida para região mais alta – onde é, hoje, o Centro Histórico da cidade de Santa Luzia. Diferente da maioria das povoações coloniais mineiras, que se mantiveram dinâmicas em decorrência da extração do ouro, Santa Luzia desenvolveu-se mais em função do comércio do que da mineração. Até o século XIX, o vilarejo constituía-se como ponto importante de comércio, na região das Minas. Em 1856 foi desvinculado da Comarca de Sabará, emancipando-se em 1924.

O município está localizado no vetor norte da RMBH, a 25 km da capital e tem acesso facilitado aos aeroportos da Pampulha e Confins, bem como ao Centro Administrativo do Estado, devido às condições rodoviárias. Divisa com os municípios de Jaboticatubas, Lagoa Santa, Taquaraçu de Minas, Sabará, Belo Horizonte e Vespasiano.

Sua população, em 2018, é estimada pelo IBGE em 218.147 habitantes, apresentando crescimento em relação 2010, quando o Censo registrou 202.942 moradores, dentre os quais 70,9 % eram negros e 27,7% brancos. O município ocupa uma área de 235.076 Km<sup>2</sup>. Todo o seu território, onde se encontram muitas nascentes e cachoeiras, está inserido na Área de Proteção Ambiental (APA) Sul, que abrange outros 14 municípios. Em 2010, apenas 22,2% de suas ruas eram urbanizadas e registravam-se 84,0% de esgotamento sanitário adequado.

A cidade tem em sua paisagem importantes equipamentos que retratam o longo período de escravidão pelo qual Minas Gerais, em especial, passou. Destes, merece destaque o Mosteiro de Macaúbas, ao qual já nos referimos e que data de 1714. Ao longo de todo o século XVIII, o mosteiro era uma Casa de Recolhimento de moças e mulheres casadas, em contexto de viagem prolongada de seus maridos. Macaúbas é lembrado nas histórias de Chica da Silva, cujas filhas foram ali acolhidas.

O Mosteiro também tem influência na formação de um importante quilombo em Santa Luzia, o qual recebeu reconhecimento pela Fundação Palmares recentemente – a comunidade quilombola de Pinhões. Trata-se de uma comunidade formada por africanas/os e seus descendentes que trabalhavam em regime de escravidão no do antigo Recolhimento de Macaúbas (que se tornou Mosteiro em 1933), e da antiga Sesmaria das Bicas, os quais foram deslocados para a localidade para cuidar dessas propriedades. Nesta região, esta população negra constituiu uma comunidade que se manteve unida mesmo após os processos de emancipação ocorridos ao longo

do século XIX e que culminaram com a abolição da escravatura. Hoje, Pinhões é considerado um bairro de Santa Luzia e está a aproximadamente 35 km do centro de Belo Horizonte.

A Comunidade Quilombola de Pinhões é responsável por manter viva importantes manifestações culturais em Santa Luzia. Dentre elas, destacamos as comemorações da Guarda de Congo Divino Espírito Santo, que é liderada por mulheres; além da festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, considerada o principal evento, por ser o que mais mobiliza os moradores ao longo dos dias em que ocorre.

Outro equipamento que marca a paisagem histórica de Santa Luzia é o Solar da Baronesa. Localizada no centro histórico, na rua Direita, a casa era de propriedade do Barão de Santa Luzia. Essa casa hoje vem sendo usada para outras atividades, como sede da Secretaria de Cultura, no intuito de ocupar tais edificações e preservá-las. Na mesma rua estão a Igreja Matriz de Santa Luzia; o Museu Histórico Aurélio Dolabella, que se encontra em reforma; e o Teatro Municipal, que atualmente está fechado, sem previsão de reabertura.

Das manifestações culturais juvenis mais recentes, Santa Luzia conta com grupos e eventos para a promoção da cultura hip hop, como a Batalha da Estaçãozinha, que ocupa importantes equipamentos de convívio social do município, a exemplo da Praça Getúlio Vargas. É aí também que acontece, aos finais de semana, a feira de artesanato. O movimento hip hop tem destaque na cidades especialmente pelas frequentes intervenções no distrito de São Benedito, no Conjunto Palmital e na Pracinha da Savassi.

Ainda do ponto de vista das manifestações culturais, o município é sede de bandas musicais tradicionais, como a Benício Moreira; e de grupos de capoeira cuja atuação local bastante reconhecida, com o grupo Morro e Senzala. Há também importantes festas no município, a exemplo das quadrilhas e do Movimento Soul. Além disso, Santa Luzia tem o primeiro teatro rural do Brasil, localizado no distrito de

Taquaraçu de Baixo, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Na gastronomia, destacam-se a produção de doces com amêndoas; as famosas balas delícia; vinhos feitos com rosas, além de mestres cervejeiros espalhados por toda a cidade e a famosa Cerveja Artesanal Luzia. O Festival Comida de Senzala, da comunidade de Pinhões, envolve os moradores na confecção de pratos especiais para arrecadar dinheiro para a Guarda do Divino Espírito Santo. No ecoturismo, a cidade conta com trilhas dentro de áreas preservadas e com belas paisagens e sons da natureza.

Outras duas iniciativas que se destacam na vida cultural do município são: o Espaço Quilombola Teto Aberto (EQTA), em construção, cujo objetivo será trabalhar com a juventude – com oficinas e atividades para desenvolvimento do potencial artístico – e o Coletivo Empodere-se, formado por mulheres quilombolas pinhás, que se encontram mensalmente para debater sobre direitos da comunidade, das mulheres e dos quilombolas.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.santaluzia.mg.gov.br/](http://www.santaluzia.mg.gov.br/)

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santa-luzia/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santa-luzia/panorama)



#### **LINKS:**

Comunidade de Pinhões - [www.youtube.com/watch?v=\\_MSz8Xuh5WY](https://www.youtube.com/watch?v=_MSz8Xuh5WY)

Coletivo Empodere-se - [www.facebook.com/Coletivoempoderese/](https://www.facebook.com/Coletivoempoderese/)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=santa\\_luzia](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=santa_luzia)



A ocupação do território onde hoje se encontra São Joaquim de Bicas deu-se a partir da penetração das bandeiras de Manoel Borges Borba Gato e Francisco Duarte Meireles, seguindo o curso do Rio Paraopeba, onde também buscavam ouro. No local, então chamado São Joaquim do Rio Verde, foi erguida uma pequena capela, onde foi colocada uma imagem de São Joaquim.

Depois de pertencer sucessivamente a Pará de Minas, Igarapé e Mateus Leme, o território de São Joaquim de Bicas emancipou-se, em 1995. A cidade, localizada no vetor sudoeste da RMBH, tem mostrado crescimento demográfico relevante nas últimas décadas, especialmente em virtude da migração de pessoas de outras cidades da região, inclusive da Capital, em busca de moradia de menor custo. Esta atração de população muitas vezes não tem sido acompanhada de incremento proporcional da infraestrutura e dos serviços, o que prejudica a qualidade de vida de sua população.

Com forte influência da rodovia Fernão Dias (BR-381), o município é polarizado pelo vetor oeste da RMBH, além de sofrer forte influência da cidade de Igarapé, onde a população acaba por buscar serviços e comércios, além de oportunidades de estudo, lazer, cultura e trabalho.

O rio Paraopeba, que corta seu território, é uma barreira natural que dificulta a integração de Bicas com os vizinhos Betim e Mário Campos, em virtude da precariedade do transporte público intermunicipal e mesmo da ausência de pontes para sua transposição.

Em termos de atividades econômicas, realça a presença da mineração no seu território o que gera conflitos com a importância da preservação do patrimônio paisagístico e da segurança hídrica da região, prejudicando, ademais, as possibilidades de desenvolvimento





turístico. A cidade também tem potencial de produção agrícola.

Segundo informações do IBGE, São Joaquim de Bicas possui 30.989 habitantes, de acordo com as estimativas para o ano de 2018, em sua grande maioria residentes na zona urbana (73,0%). O município vem crescendo a taxas superiores à média metropolitana nos últimos 20 anos, e também tem mostrado melhorias em seus indicadores sociais e de desenvolvimento humano. Ainda assim, realça que, em 2010, do total de sua população computada pelo Censo em 25.537 habitantes – dos quais 67,6% eram pretos e pardos e 30,8%, brancos – havia 33,0% em situação de vulnerabilidade à pobreza.

Segundo a Prefeitura Municipal, em São Joaquim de Bicas, apenas a Estação Ferroviária de Fecho do Funil foi objeto de tombamento. As igrejas têm importância como patrimônio histórico cultural, o que inclui seus largos e praças, bem como o patrimônio imaterial. De acordo com os registros consultados, os bens culturais protegidos são os instrumentos da Folia de Reis – Viola e Concertina – , o modo de fazer o Polvilho e o Grupo da Folia de Reis, ambos do

bairro Nossa Senhora da Paz. Além destes, há ainda uma quantidade significativa de edificações inventariadas com características arquitetônicas de relevância no contexto histórico-cultural. O município possui acervos de bens móveis integrados, destacando-se o acervo da Igreja Matriz de São Joaquim de Bicas, o acervo da Casa da Memória Maria Conceição de Almeida e o acervo do Cartório de Registro de Notas.

A sede Municipal concentra a quase totalidade dos equipamentos e entidades ligados à cultura em São Joaquim de Bicas. A praça principal é onde se localiza a Igreja Matriz e onde é realizada grande parte das celebrações e eventos culturais da Sede, sendo o espaço de maior convívio social. As edificações, em seu entorno, ainda preservam algumas características arquitetônicas e histórico-culturais de relevância. A Casa da Memória Maria da Conceição Almeida está localizada no entorno da Igreja matriz.

O Conjunto Arquitetônico da Igreja da Matriz, Praça da Matriz e entorno está localizado no bairro de Bicas Velha e constitui uma das primeiras áreas povoadas do município. Fora da sede municipal há também patrimônio material e imaterial de relevância, com destaque para seus distritos. Destaque ainda para o Conjunto Natural e Paisagístico da Serra da Farofa, que faz parte da Área de Proteção Ambiental – APA Serra da Farofa (informação obtida no Mapa de Áreas Protegidas do Geossistema Ferruginoso do Quadrilátero Ferrífero, elaborado pelo Instituto Prístino em 23/01/2015, com apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e do Ministério da Cultura).

O lazer no município está muito interligado ao esporte, com destaque também para as belas paisagens naturais ao redor do município, fortalecendo seu potencial turístico.

São Joaquim de Bicas se destaca nas atividades culturais, a culinária típica da cidade é contemplada pelo biscoito de polvilho assado na folha de bananeira, a produção de queijos e doce de

leite, tropeiro, torresmo e a famosa farofa. A farofa é um prato tão apreciado que o município sedia anualmente a Festa da Farofa, já em sua 19ª edição. Nas ruas da cidade os nomes mais comentados sobre a culinária são a Dona Neném e a Lilia. Aos fins de semana feiras livres ocupam as ruas e praças da área central e do bairro Nazaré, incentivando a comercialização de artesanato e produtos típicos.

Outro espaço importante do município é a Biblioteca Pública Municipal Alcina da Silva Maia, conhecida em toda a região pelos projetos desenvolvidos em parceria com as escolas. Um exemplo é o projeto “Imaginário das Palavras”, com contação de histórias e atividades que estimulam as crianças e jovens a manusearem e conhecerem os livros e serviços oferecidos.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.saojoaquimdebicas.mg.gov.br/](http://www.saojoaquimdebicas.mg.gov.br/)

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joaquim-de-bicas/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joaquim-de-bicas/panorama)



#### **LINKS:**

São Joaquim de Bicas - MG - Visto de Cima

[www.youtube.com/watch?v=2lcS7Q09OHE](https://www.youtube.com/watch?v=2lcS7Q09OHE)

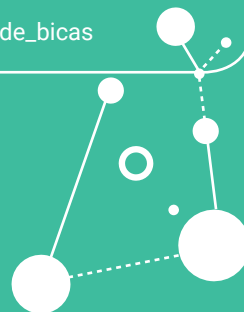
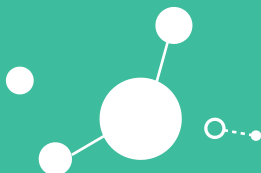
Cidade – Brasil. Informações sobre São Joaquim de Bicas

[www.cidade-brasil.com.br/municipio-sao-joaquim-de-bicas.html](http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sao-joaquim-de-bicas.html)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=s%C3%A3o\\_joaquim\\_de\\_bicas](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=s%C3%A3o_joaquim_de_bicas)





## SÃO JOSÉ DA LAPA

*Maria Clara Ribeiro Soares e Josemeire Alves Pereira*

O município teve sua origem no povoado das Carrancas, formado a partir de fins do século XIX, com o loteamento de terras de antigas fazendas existentes na região e situadas próximo a pedreiras. Originalmente ligado a Vespasiano, tornou-se distrito apenas em 1976, sendo elevado a município em 1992, com o nome de São José da Lapa.

De acordo com dados do IBGE, a estimativa da população local, em 2018, é de 23.385 habitantes. Segundo o Censo de 2010, eram 19.799, dentre os quais 68,6% eram negros e 30,5% brancos. Seu território tem área de 47.930 Km<sup>2</sup>. Em 2010, apenas 9,7% de suas ruas eram urbanizadas e contavam-se 82,1% de esgotamento sanitário adequado.

Os entrevistados locais apontaram que São José da Lapa é uma cidade com grande potencial cultural, que pode ser explorado com a constituição de redes que favoreçam o crescimento de movimentos culturais. Atualmente, as manifestações nesta área ocorrem de maneira mais fragmentada, com muitas pessoas produzindo cultura, de modo mais individual, sem muitos coletivos, instituições ou grupos.

Há algumas exceções, contudo. Uma delas é a Capoeira, manifestação já tradicional no município, organizada pelo Mestre Legalzinho, do grupo de capoeira Negrim. O grupo trabalha com os jovens da comunidade e promove o Encontro de Capoeira Anual, em abril. Neste ocorrem os batizados dos capoeiristas, troca de cordas e outras atividades. Destaca-se também o movimento “Rap na Praça”, desenvolvido pelas juventudes nas praças da cidade.

O artesanato em São José da Lapa conta com o apoio do grupo de convivência Casa de Repouso Lar Bem Viver, um espaço de muito cuidado com os idosos do município e que apoiam na produção de peças artesanais.

Na música destaca-se a Corporação Musical São José, que foi criada no ano de 1942 com a perspectiva de preservação e fortalecimento da cultura na cidade. A Corporação é bastante ativa e faz parte do patrimônio imaterial de São José da Lapa, sendo hoje a mais antiga instituição cultural em funcionamento no município. A banda já participou de inúmeros eventos cívicos, religiosos e culturais na cidade e fora dela. O grupo conta com 25 músicos, todos do município e muito orgulhosos de fazer parte dessa história.

O principal equipamento cultural da cidade é a Biblioteca Municipal, localizada no centro, principal ponto de empréstimo de livros e pesquisas. Destacam-se também como espaços usados pela comunidade a quadra poliesportiva para a prática de esportes e eventos culturais; o auditório da Prefeitura; a Universidade Aberta Integrada de Minas Gerais (UaiTec) – Unidade Lagoa Santa; e a sede da Banda Corporação Musical, em frente à Paróquia.

São José da Lapa é sede de várias festas importantes para a região. O aniversário da cidade é comemorado com barraquinhas, shows e apresentações culturais de artistas do município e entorno. Em 2018, devido a questões financeiras, não foi possível realizar o evento, mas moradoras e moradores lamentam e garantem que em 2019 a festa será um grande sucesso.

As cavalgadas também estão presentes, anualmente, com atividades para pessoas de todas as idades e shows temáticos para sacudir a poeira dos pés. O Encontro de Violeiros, em setembro, atrai músicos do município e de todo o Estado. Há, ainda, o tradicional Boi da Manta no Carnaval – no qual sai o bloco com o boi, muita música e diversão –, e a Festa do Divino, evento religioso oferecido pelo distrito de Inácio de Carvalho, com leilão de animais, shows religiosos e barraquinhas com comidas e bebidas.

Os locais de convivência social de São José da Lapa são, principalmente, as praças da cidade, como a Dom Pedro – onde acontece a maior parte dos eventos –; a Praça Amarela, que também sedia eventos; e a da Matriz, de fácil acesso para toda a população. Os moradores da região afirmam que, além das praças, outros ambientes são bem agradáveis para a socialização, destacando-se os bares mais tradicionais, como o Vapt Vupt, o Bar do Barão, o Bar UaiTche – famoso pela proposta de mistura da culinária gaúcha com a mineira –, e o Bar do Odilon, o mais antigo da cidade.

A cidade conta com projetos sociais importantes, dos quais cita-se a ONG Projeto Colmeia, que desenvolve atividades de judô, teatro, violão, canto, circo, dança e capoeira. Fundada em 1997, recebe cerca de 150 crianças e jovens, a quem são oferecidas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, através de cursos e oficinas disponibilizados gratuitamente.

A maior especificidade econômica de São José da Lapa é a mineração de calcário, bem tradicional na cidade. No entanto, é indispensável destacar as doceiras do distrito de Inácia de Carvalho, mulheres que transmitem seus segredos culinários de geração em geração.

O município conta com alguns elementos do patrimônio material, como o Cruzeiro e a Igreja Nossa Senhora Aparecida, no distrito de Maravilhas; e a Fazenda da Várzea, em Inácia de Carvalho. Como atrativo para ecoturismo destaca-se o Córrego Carrancas, com pista de caminhada e ótimo espaço para a prática de esportes e para passear com a família e amigos.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.saojosedalapa.mg.gov.br/site/](http://www.saojosedalapa.mg.gov.br/site/)

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-jose-da-lapa/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-jose-da-lapa/panorama)



#### **REVISTAS E OUTROS MATERIAIS:**

Capoeira Negrinim. Relato da experiência. In LIBÂNIO, Clarice A. *Arte, cultura e transformação social: caderno de experiências*. 1. ed. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2015. v. 1. 1p. 150p.



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=s%C3%A3o\\_jos%C3%A9\\_da\\_lapa](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=s%C3%A3o_jos%C3%A9_da_lapa)

O município de Sarzedo está localizado no vetor Sudoeste da RMBH, que recebe impactos diretos das atividades industriais do vetor Oeste, marcado pelas centralidades de Contagem e Betim, e pela presença da indústria automobilística ao longo da BR-381 e da MG-040. A região também vem registrando aumento da extração mineral, investimentos da indústria metalúrgica, expansão de indústrias de autopeças e implantação de novos loteamentos e empreendimentos habitacionais do Programa Minha Casa Minha vida.

As principais atividades industriais locais são ligadas à construção civil, extração mineral, indústria química e indústria mecânica. A expansão mineral e industrial na região gera conflitos com a preservação ambiental e produção agropecuária, uma vez que este é um tradicional cinturão verde da RMBH, que inclui os territórios de Ibirité, Sarzedo, Mário Campos, São Joaquim de Bicas, Igarapé, Brumadinho e Betim.

Sarzedo insere-se neste contexto, apresentando crescimento urbano acelerado e intensificação da dinâmica imobiliária, a partir da atração de novos habitantes, provenientes de Belo Horizonte, Contagem e Ibirité, entre outros. De acordo com o IBGE, Sarzedo possui uma população estimada, em 2018, em 32.069 habitantes, apresentando crescimento em relação aos 25.814, registrados em 2010 (65,2% autodeclarados pretos e pardos, 32,7% brancos), sendo praticamente toda sua população urbana (98,8%).

O povoado que deu origem ao atual município foi criado em decorrência da busca por metais preciosos, primeiro no século XVII, com a busca do ouro, depois no século XX, com a extração do minério de ferro e o seu transporte. Sua história está ligada ao povoamento da região de Betim, à época Comarca de Sabará.





Plataforma de Cultura  
Foto: Thales Santos

A região – ocupada por grandes fazendas de produção agrícola e criação de gado – foi predominantemente rural até o final do século XIX, tendo seu perfil alterado com a construção da estrada de ferro Central do Brasil e a inauguração de uma estação desta no centro da cidade, em 20 de junho de 1917. Como impacto, reduziram-se as atividades agrícolas e elevaram-se as atividades de comércio e serviços. O antigo povoado foi emancipado em 21 de dezembro de 1995.

Em visita a seu território, Sarzedo mostra seus encantos e inspira reflexões antes mesmo de chegarmos ao centro da cidade. Em sua entrada, belas paisagens naturais misturam-se com os efeitos das mineradoras e refinarias que fazem parte da região. A cada curva uma nova vista, uma nova surpresa. Assim como a maior parte da RMBH, a região é composta pelo encontro dos biomas da Mata Atlântica e do Cerrado, caracterizados pela diversidade de fauna, com destaque para os pássaros, e a flora, que atraem a atenção.

Um de seus principais atrativos culturais é a Plataforma de Cultura, um museu instalado no coração da cidade, constituído pelo conjunto arquitetônico da antiga Estação Ferroviária de Sarzedo. O espaço abriga a antiga residência do Agente que geria a Estação Ferroviária, a Plataforma de Embarque e Desembarque de Passageiros, a Caixa d'água que abastecia a Maria Fumaça e residências do entorno, além do Silo e um rico acervo da Arqueologia Industrial da região. A criação do Museu é fundamentada em um novo entendimento sobre a função social dos museus, interagindo com a comunidade ao redor, oferecendo não só exposições e registros sobre Sarzedo e a mineração, mas oficinas de artesanato, teatro e rodas de debate. O tema principal das exposições é “ferrovia e mineração”. No entanto, esporadicamente o Museu realiza outras exposições, oferecendo, inclusive, atividades em espaços que vão além de seus muros, principalmente nas escolas do município.

Outro ponto que se destaca na cena cultural de Sarzedo são os “fazeres”. O canudinho de doce de leite da família Sales; a produção da bala delícia; o pastel de carne; o doce de limão; os artesanatos; os medicamentos feitos à base de plantas medicinais. Alguns destes elementos podem também ser encontrados em outros municípios, mas em Sarzedo trazem um sabor, cheiro e apresentação com um toque especial que só seus moradores conhecem. São novas técnicas, formas de se cozer o leite, formas de se fritar o pastel que fazem a diferença e se destacam nos sabores dos produtos desenvolvidos no município – segredos guardados com carinho e cuidado dentro da serra. O canudinho de doce de leite da Família Sales, por exemplo, é vendido não só em determinadas padarias e vendas da região, mas também levadas como presentes para outras partes do mundo. As pessoas do lugar garantem que em nenhum outro se encontra produto com o mesmo sabor e textura.

Por falar em comida, Sarzedo é sede de um evento gastronômico que tem atraído cada vez mais turistas para a região, além de identificar e reconhecer verdadeiras/os artistas que produzem sabores irresistivelmente inigualáveis. O *Sarzedo Gourmet* é uma exposição de pratos criados dentro do município, a partir de ingredientes definidos a cada edição, além de apresentações culturais e de um chope bem gelado.

A cultura dos rodeios também está presente no município, atraindo moradoras e moradores de toda a região, principalmente dos povoados ao entorno. Os rodeios deixaram de ser vistos apenas como uma prática competitiva comum às regiões rurais e tornaram-se verdadeiros eventos de entretenimento e lazer, com atrações musicais e quitutes que preenchem o espaço com cheiros e sabores muito apreciados. Nas apresentações, as/os competidoras/es participam de diferentes modalidades, cada qual com desafios diferentes para o peão, testando não só suas habilidades, como também a sua coragem. Os organizadores buscam fundir elementos tradicionais e modernos

para atrair um público bastante variado.

Outras festas tradicionais são famosas em Sarzedo, ocorrendo há mais de cinco gerações. Dentre elas, a Festa de São Cristóvão, a da Sagrada Família do Engenho Seco, e a da Padroeira, que ocorre há mais de 120 anos.

A região de Sarzedo destaca-se por sua potência cultural, não só das culturas consideradas tradicionais – manifestações diversas nos povoados ao redor – mas também dos jovens que ocupam vários espaços; dos grupos de samba e rock; dos poemas escritos performados pelas vozes dos/as sarzedenses; das rodas do grupo de violeiros de Riacho da Mata; nos movimentos de rua e diversos outros. Um dos destaques da região é Bim Oyoko, poeta e arte-educador, um dos participantes do Nosso Sarau, movimento de saraus que ocupam espaços em toda a RMBH, levando não só música e poesia, mas espaços de trocas de livros e ideias sobre diferentes temas que afetam a população, principalmente as juventudes.

Em 2010, a Prefeitura de Sarzedo transformou a área do antigo Balneário Verde Gaio em uma área de lazer e visitação de moradores e estudantes que contemplam a natureza, com suas diferentes espécies de animais, plantas exóticas e belas cascatas





Igreja da Fazenda do Engenho Seco  
Foto: alunos Lumes

muito bem cuidadas e preservadas. O Parque Municipal do Verde Gaio é um importante espaço para a Região Metropolitana de Belo Horizonte, principalmente para as escolas que levam seus alunos para apreciar e aprender com a natureza exuberante do espaço. Entretanto, seu potencial depende, para se efetivar, de sua efetiva implantação e cuidado pela municipalidade e pelos moradores.

A cidade também possui uma orquestra municipal, criada em 2009, idealizada pelo Maestro Joanir de Oliveira e pela Violinista Karine de Oliveira. O grupo já se apresentou em espaços importantes de Minas Gerais, como a ALMG, aniversários de Ibirité e na própria Câmara Municipal de Sarzedo.

No ano de 2018 foi realizado um mapeamento em Sarzedo pelos alunos da disciplina dos Lumes<sup>21</sup>, da UFMG, a partir de entrevistas

---

21 Trabalho desenvolvido pelos alunos Luiz Ferraz, Franklin Lemos, Sofia Corradi e Pedro Furtado.



realizadas com membros do Grupo de Acompanhamento da Revisão do Plano Diretor.

Na área rural de Sarzedo, principalmente nas regiões localizadas ao sul do município, as atividades de mineração e plantação de hortaliças se destacam. Existem ainda áreas de preservação ambiental e belezas naturais, como os cursos d'água e as cachoeiras. O Pico dos Três Irmãos também é um elemento importante na paisagem de Sarzedo, ainda que não esteja inserido dentro dos limites municipais. Dentre os vários pontos mapeados na zona rural destacam-se:

- **Fazenda Engenho Seco** - Propriedade privada pertencente, segundo entrevistados, ao mesmo grupo proprietário da empresa Itaminas e do Museu Inhotim, em Brumadinho. O Complexo está em fase de tombamento.
- **Igreja do Engenho Seco** - Propriedade privada, aberta à visitação, inserida dentro da fazenda, com cemitério ao fundo.

- **Entrada da mina** - localizada neste mesmo complexo do “Engenho Seco”, tem um movimento intenso de caminhões e predominância das plantações de hortaliças em seu entorno
- **Cruzeiro da Serra da Boa Esperança** - com potencial para trilhas e caminhadas, o cruzeiro tem acesso controlado por porteira, no entanto, não goza de nenhuma infraestrutura para o uso turístico.
- **Capão do Bálamo** - Região produtora de hortaliças, apresenta alto potencial para a agroecologia.
- **Fazenda e Região do Lambari** - região produtora de hortaliças, no limite com Mário Campos; também apresenta alto potencial para a agroecologia. O local é utilizado também para a realização de festas do município, um ponto para ser potencializado e melhor explorado.

Já na área urbana, outro “complexo” se destaca logo na entrada da cidade, formado por vários pontos relevantes:

- **Estação Central** - edifício histórico, no centro de Sarzedo, logo após atravessar a ferrovia.
- **Biblioteca da estação** - A antiga Secretaria de Esportes funciona provisoriamente como biblioteca municipal, e está localizada do lado oposto da linha férrea, em frente à Estação Central.
- **Mirante da Estação** - de onde consegue-se ver grande parte do município, assim como o contorno montanhoso da cidade. Um ponto muito agradável de Sarzedo.
- **Casas tombadas** - localizadas próximas à linha de trem, em frente à antiga Secretaria de Esportes do município, antigas construções tombadas como patrimônio histórico podem ser observadas no entorno, parte da memória de Sarzedo.
- **Paróquia Santa Rosa de Minas** - A matriz municipal se localiza na praça de Sarzedo, a dois quarteirões da estação ferroviária.
- **Centro de Referência do Idoso** - Localizado na avenida da estação rodoviária, o clube é referência para atividades da terceira idade.

- **CEPE - Clube dos Empregados da Petrobras** - o clube é localizado às margens da lagoa da Petrobrás e já foi palco de extenso lazer da população metropolitana. A Lagoa está localizada no limite do município de Sarzedo com Ibirité e não possui boa qualidade de água, o que compromete qualquer tipo de atividade, inclusive lazer.

Para os alunos que realizaram o trabalho, tanto em sua área urbana quanto na zona rural o município de Sarzedo tem um grande potencial agroecológico e turístico. Entretanto, foi apontada a necessidade de se implantar mais ações e políticas públicas que viabilizem investimentos em infraestrutura e que promovam estas atividades na cidade.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.sarzedo.mg.gov.br/](http://www.sarzedo.mg.gov.br/)



#### **PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:**

SOARES, G. T. C.; GOMES, I.; VIEIRA, E. M.; SIMÃO, M. L. R.; MACHADO, M. L.; SILVA, M. H. I.; SANTO, T. A. *Análise das condições sociais e ambientais da comunidade do Capão do Bálsamo em Sarzedo/MG*, utilizando um SIG. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 15. (SBSR), 2011, Curitiba. *Anais...* São José dos Campos: INPE, 2011. p. 269-276. DVD, Internet. ISBN 978-85-17-00056-0 (Internet), 978-85-17-00057-7 (DVD). IBI: <3ERPFQRTRW/3A5HSS5>. Available from: <<http://urlib.net/3ERPFQRTRW/3A5HSS5>>.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sarzedo/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sarzedo/panorama)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=sarzedo](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=sarzedo)





Cristo Redentor  
Foto: Thales Santos



## **TAQUARAÇU DE MINAS**

*Thales Santos e Josemeire Alves Pereira*

Situado na Zona Metalúrgica, o Arraial originado no século XVIII e tornado município de Taquaraçu de Minas, em 1962, desenvolveu economia baseada na produção agrícola e pecuária. O nome Taquaraçu é de origem indígena e significa “taquara grossa”, vegetal encontrado em grande quantidade nas redondezas.

O território do município abrange uma área de 329.287 Km<sup>2</sup>, fazendo divisa com Jaboticatubas, Caeté, Sabará, Santa Luzia e Nova União. Em 2018, estima-se que a população do município é de 4.055 habitantes. Em 2010, era de 3.794, dentre os quais 71,7% eram negros e 26,6% brancos. Em 2010, 21,2% das vias locais eram urbanizadas e apenas 42,1% de esgotamento sanitário era considerado adequado.

A Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento e o Rio Taquaraçu são dois elementos muito importantes para o município. A região é conhecida, segundo entrevistados, como o paraíso das águas, com cachoeiras e poços para banho com águas limpas e refrescantes. A igreja, por sua vez, é responsável pelos encontros religiosos tradicionais no local.

Ao caminhar pelas ruas do município é possível ver que muitos locais e veículos estão estampados com cartazes e adesivos sobre o Encontro Nacional dos Muladeiros. Taquaraçu é um importante município da região que organiza encontro de criadores e criadoras de Mulas, animais do sexo feminino, frutos do cruzamento entre um jumento e uma égua. Os muladeiros são as pessoas que criam, conduzem ou guardam os animais.

Os encontros de muladeiros acontecem todos os anos, preservando a tradição sertaneja. Neles ocorrem muitas trocas de histórias, construção de novas relações, amizades e até casamentos. O evento reúne também crianças de todas as idades, que já são iniciados na cultura do cuidado com os animais desde pequenas.

É difícil definir quem são os protagonistas do evento – os criadores de animais, os animais, ou os pratos típicos que circulam, ou como as pessoas mesmo falam: a queima do alho. Conta-se que antigamente sempre havia a pergunta de quem iria queimar o alho, e quem se oferecesse já iniciava os trabalhos descascando os alhos e os conservando na gordura animal, quando a tropa chegava para o almoço, o serviço já estava adiantado.

Na mesma linha dos Encontros dos Muladeiros, Taquaraçu também sedia os famosos Poeirinho e Poeirão, concursos de marcha de equinos (cavalos e éguas) e de muares (mulas e burros). O Poeirinho ocorre todos os anos, seguindo sempre a tradição, com concursos entre moradoras e moradores apenas do município de Taquaraçu e distritos. Já no Poeirão, competidores de todos os lugares são bem-vindos. Os eventos são marcados pela visita e pelo desfile de comitivas



Paróquia Santíssimo Sacramento  
Foto: Thales Santos

e cavaleiros que se reúnem para a confraternização, com premiações, atrações musicais, entre outras atividades.

Também se destacam no município os campeonatos esportivos que são organizados já há alguns anos – principalmente os de peteca e futebol. Pessoas de todas as idades participam, principalmente os jovens em busca de uma atividade física para a saúde, além de entretenimento e socialização. A cidade conta ainda com a Orquestra Filarmônica do Santíssimo Sacramento, com 28 músicos, atualmente, e que já completou mais de 100 anos de percurso, se apresentando no município e em diversos outros lugares de Minas Gerais.

No fim da tarde, as ruas da cidade são preenchidas com o aroma do café e do queijo, um importante produto da região, que se diferencia pelo sabor. Segundo produtores locais, o queijo de Taquaraçu de Minas destaca-se pela qualidade e frescor do leite da região, que é coletado no curral e já entra na produção do queijo no mesmo dia.



#### **PARA SABER MAIS:**

Site da Prefeitura - [www.taquaracudeminas.mg.gov.br/](http://www.taquaracudeminas.mg.gov.br/)

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/taquaracu-de-minas/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/taquaracu-de-minas/panorama)



#### **LINKS:**

[www.youtube.com/watch?v=8vdNz58PvBs](https://www.youtube.com/watch?v=8vdNz58PvBs)

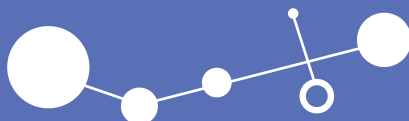
[www.taquaracudeminas.mg.gov.br/turismo/](http://www.taquaracudeminas.mg.gov.br/turismo/)

[www.cidade-brasil.com.br/municipio-taquaracu-de-minas.html](http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-taquaracu-de-minas.html)



#### **OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:**

[www.rmbh.org.br/central.php?local=taquara%C3%A7u\\_de\\_minas](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=taquara%C3%A7u_de_minas)





Guarda de Caboclo do Divino Espírito Santo  
Foto: Consuelo Abreu



## VESPASIANO

*Juliana Aquino e Clarice Libânio*

Vespasiano situa-se no vetor norte, um dos mais dinâmicos da RMBH, que tem experimentado grande crescimento econômico e demográfico na última década, especialmente devido à implantação do acesso viário da Linha Verde (e do futuro Rodoanel) e da construção da Cidade Administrativa do Governo de Minas, bem como à expansão e consolidação do Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Confins. Também favorecido com a disponibilidade de terrenos na região, o mercado imobiliário no Vetor Norte tem se incrementado,

com impactos diretos sobre os municípios de Vespasiano, Lagoa Santa e Pedro Leopoldo, entre outros.

Se em 2010, de acordo com dados do IBGE, Vespasiano possuía população de 104.527 moradores, as estimativas para o ano de 2018 indicam 125.376 habitantes, confirmando o crescimento demográfico de seu território. Com taxa de urbanização de 100%, o município vem mantendo sua taxa de crescimento demográfico acima da média metropolitana.

Nas duas últimas décadas tem apresentado melhorias significativas nos indicadores sociais e de desenvolvimento humano. Entretanto, em 2010 ainda apresentava 28,0% de sua população em situação de vulnerabilidade à pobreza, o que se agrava com a dependência da Capital em termos de emprego e renda.

A ocupação do território municipal tem como referência o ano de 1738, data da instalação da 1ª Cia de Ordenança de Minas Gerais, seguida da chegada de mineradores em busca de riquezas, conformando o primeiro núcleo habitacional da região. Seu crescimento foi intensificado com a inauguração da nova capital, Belo Horizonte, com a instalação de diversas famílias em seu território. Referência deste período foi a Fazenda do Capão, que deu origem ao Arraial do Capão.

Em 1894 é inaugurada a estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, evento que marca a mudança do nome do arraial para Vespasiano, em homenagem ao administrador da ferrovia, Coronel Vespasiano Gonçalves de Albuquerque. O distrito de Vespasiano foi ligado ao município de Santa Luzia até 1948, data de sua emancipação. Ao longo de todo este período, o desenvolvimento local esteve diretamente vinculado ao crescimento da capital, que era o principal mercado consumidor de sua produção agrícola, pecuária e de produtos minerais, produtos estes cujo escoamento foi facilitado pela presença da ferrovia.

Do ponto de vista de sua identidade cultural, a cidade mescla manifestações tradicionais e de origem religiosa com movimentos juvenis e populares diversos. Entre as primeiras, cita-se aqui a tradição dos grupos de Congado, que são seis ao todo na cidade, ligados à Associação dos Congadeiros de Vespasiano, quais sejam: Guarda de Moçambique de Santa Luzia, Guarda de Marinheiro Divino Espírito Santo, Guarda de Marinheiro São Jorge e Nossa Senhora do Rosário, Guarda de Caboclos do Divino Espírito Santo, Guarda de Moçambique de São Benedito e Guarda de Moçambique de Nossa Senhora Aparecida.

Um equipamento cultural público de destaque é o Palácio das Artes, localizado no centro da cidade. Aí se encontra a Escola Capitão Carambola, onde são oferecidos cursos livres gratuitos na área de música, artes visuais, teatro e dança, atendendo a cerca de 700 alunos. O espaço também conta com o Teatro Valtério Araújo Vale, que acomoda 219 pessoas, e com as galerias de arte Oscar Raimundo Machado e José Aguiar Pinto Coelho, com exposições mensais.

Outros equipamentos culturais da cidade são o Museu do Folclore Saul Martins, com Biblioteca; a Biblioteca Pública Municipal Hebert Fernandes; o Museu Histórico Dona Maria da Costa; a Biblioteca Municipal Dona Efigênia Chalita; o Centro de Convenções Risoleta Neves; o Cine Teatro Capucho; o Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU) Carlos Murta Filho e a Praça CEUs Vespasiano.

Quanto às principais festas locais, havia várias ativas à época da pesquisa de campo, destacando-se as festividades do Boi da Manta, a Festa da Padroeira e a Cavalgada de Nossa Senhora de Lourdes, em fevereiro; a Cavalgada de São Benedito e o Congado da Guarda de Marinheiro de São Jorge e Nossa Senhora do Rosário, em abril; o Congado da Guarda de Caboclo do Divino Espírito Santo, a Festa de São João Batista, o Arraiá de Vespa e a Festa da Comunidade Nossa Senhora do Amparo, em junho; o Festival de Inverno e a Festa de



Festa de São Jorge realizada pela Guarda de São Jorge  
Foto: Élcio Paraíso

Santana, com Cavalgada, em julho; as festividades do mês do Folclore e da Guarda de Moçambique de Santa Luzia, em agosto; Circuito Gastronômico, Primavera dos Museus e Guarda de Marinheiro Divino Espírito Santo, em setembro; Encontro de Bandas, Vespa Rock, Guarda de Moçambique de São Benedito, Guarda de Moçambique de Nossa Senhora Aparecida e Festa da Comunidade São Judas, em outubro; Aniversário da Cidade e Alto de Natal, em dezembro, além de muitas outras ao longo do ano, em seus vários bairros. Por fim, destaca-se que há concertos nas Igrejas em todos os meses do ano.

O município conta ainda com alguns bens tombados ou registrados, destacando-se a Casa da Cultura Municipal; o Museu da Cidade e o Museu Histórico Dona Mariana da Costa; a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; e o Oratório do Museu Histórico Dona





Guarda de Moçambique de São Benedito - Vespasiano/MG  
Foto: Consuelo Abreu

Mariana da Costa. Quanto ao patrimônio imaterial, realçam, além das manifestações do Congado, antes citadas, a Corporação Musical Nossa Senhora de Lourdes, o Boi da Manta e a Roda de Capoeira e/ou Ofício de Mestre da Capoeira.

Merece atenção, ainda, o equipamento conhecido como Diadorim, uma biblioteca comunitária situada no Bairro Santa Clara e que oferece aos moradores atividades de leitura, xadrez, curso e libras, contação de histórias, entre outras.



### PARA SABER MAIS:

Site da Prefeitura - [www.vespasiano.mg.gov.br/](http://www.vespasiano.mg.gov.br/)



### PUBLICAÇÕES E OUTRAS FONTES:

DA SILVA, Maclovia Corrêa; GAMA, Flávia dos Santos Oliveira; DO NASCIMENTO, Silvania Sousa. *Programas socioeducativos de inclusão: projeto "Educar nos museus"*, na cidade de Vespasiano-MG (Socio-educational inclusion programs: "Education in Museums" Project in Vespasiano-MG. *Cadernos de História*, v. 14, n. 20, p. 98-117, 2013.

Perfil IBGE - [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vespasiano/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vespasiano/panorama)



### LINKS:

Circuito Cultural de Vespasiano - [www.facebook.com/circuitoculturalvespasiano/](http://www.facebook.com/circuitoculturalvespasiano/) acesso em março de 2017

Biblioteca Diadorim - [www.facebook.com/biblioteca.diadorim](http://www.facebook.com/biblioteca.diadorim)



### OUTROS DADOS E DOCUMENTOS DO PORTAL PLANO METROPOLITANO:

[www.rmbh.org.br/central.php?local=vespasiano](http://www.rmbh.org.br/central.php?local=vespasiano)





Canela que canta  
Foto: Fernando Libânio



## 2. PENSAR A REGIÃO E SEUS TEMAS INTEGRADORES

## **ÁGUA, GENTE, TRABALHO, MOBILIDADE, PARTICIPAÇÃO: TEMAS INTEGRADORES E ELEMENTOS COMPARTILHADOS DA CIDADANIA METROPOLITANA**

A presente seção traz alguns olhares sobre a RMBH para além de seus microterritórios particulares, oficialmente chamados municípios. O que se pretende é trazer à tona discussões sobre o que se chama aqui de temas integradores, ou elementos compartilhados da cidadania metropolitana. Esta proposta está embasada na perspectiva de que há um território compartilhado – que é o que define uma região metropolitana – no qual também são compartilhados problemas e soluções entre seus moradores, para além de seu local estrito de moradia.

Realça-se que nas últimas três décadas a legislação brasileira teve importantes avanços, incorporando as pautas e lutas dos movimentos sociais, pelo menos no papel. Entre estas toma destaque a luta pelo direito à moradia, bem como pela ampliação do controle social e da participação na tomada de decisões. Nesse escopo o primeiro documento chave é a própria Constituição Federal (1988) – a Constituição Cidadã, que introduz variados instrumentos e referências para a participação social nas políticas de estado. Além deste, realçam o Estatuto das Cidades (2001) e o recentemente aprovado Estatuto da Metrópole (2015).

Para além da normatização dos instrumentos da política urbana, tais estatutos garantem as instâncias de participação da população e caminham em direção a uma visão do direito à cidade (para além do direito à moradia) e da redução das desigualdades socioespaciais. Especialmente o Estatuto da Metrópole tem o papel de sugerir e criar mecanismos e oportunidades para a governança compartilhada do território, considerando que aí não

há uma unidade político-administrativa e que as desigualdades intrarregionais são flagrantes.

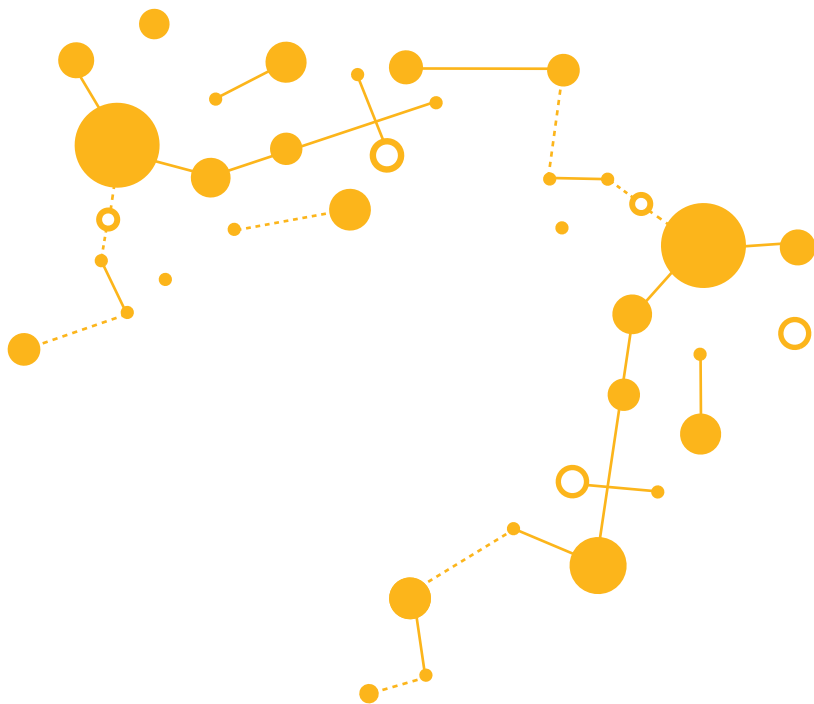
A partir desta perspectiva, realça o papel das chamadas Funções Públicas de Interesse Comum, que são temáticas de interesse de todos os cidadãos da metrópole. Em Minas Gerais já havia desde 2006 uma legislação (Lei Complementar 89/2006) que definia tais funções, quais sejam: desenvolvimento socioeconômico; sistema viário metropolitano e transporte intermunicipal; defesa civil; meio ambiente: preservação e proteção, combate à poluição; recursos hídricos: aproveitamento e preservação; integração do sistema de abastecimento de água e do sistema de esgoto; macrodrenagem; uso do solo (sem conflitos e protegendo o meio ambiente); habitação: diretrizes de localização e programas habitacionais; saúde: integração das redes municipais, estadual e federal; distribuição do gás canalizado; cartografia e informação.

Como se verá nos textos que se seguem, o Estado de Minas foi um dos pioneiros na consolidação de uma proposta de atuação metropolitana. Entre os vários instrumentos implantados realçam o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI/RMBH) e o Macrozoneamento Metropolitano (MZ/RMBH), um dos programas previsto nas 28 políticas do PDDI. O MZ propôs definir, de acordo com o potencial, características e recursos de cada território, sua vocação e prioridades, em um arranjo metropolitano. De fato, tanto o Plano quanto o Macrozoneamento são instrumentos para que o governo – em seus vários níveis – possa planejar a área metropolitana de forma articulada e sustentável.

É neste contexto que foram pensados alguns elementos comuns para discussão no presente Guia, entre eles: Agriculturas; Águas; Serras; Assentamentos da reforma agrária; Cooperativas de Catadores; Cultura popular; Culturas urbanas; Economia popular e solidária; Habitação de interesse social; Cidadania Metropolitana;

Governança; Planejamento compartilhado; povos Indígenas; Juventudes; Manifestações de Matriz africana; Mobilidade; Movimentos populares; Ocupações urbanas; Patrimônio edificado; condições de vida; Quilombos; Religiosidade; parques e áreas de preservação; entre os vários temas integradores possíveis.

Dada a impossibilidade de tratar de todos os temas pensados inicialmente, decidiu-se focar em alguns deles, que estão apresentados nas próximas páginas, em forma de pequenos textos escritos por especialistas em cada tema, todos eles participantes da elaboração dos instrumentos de planejamento compartilhado antes citados. A proposta aqui é instigar o debate sobre estas questões, obviamente sem a pretensão de esgotá-las.



# TEMA INTEGRADOR 1: DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL

## REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE: UMA REALIDADE SOCIOTERRITORIAL DESIGUAL

*Jupira Gomes de Mendonça*

A Região Metropolitana de Belo Horizonte, que hoje conta com 34 municípios (ver Figura 3), é marcada pela desigualdade desde o início. Quando Belo Horizonte foi fundada, em 1897, não havia lugar para os pobres, que foram morar nas periferias fora da cidade ou em favelas muito precárias no centro.

A cidade cresceu e começou a se juntar com outras cidades vizinhas. Isto começou a acontecer já nos anos de 1940, quando foi criada a Cidade Industrial Juventino Dias, em Contagem, e muitos loteamentos começaram a ser implantados lá, e depois em Betim. O prolongamento da Avenida Amazonas atraiu muitos moradores para aquela região, fazendo com que bairros de Belo Horizonte e de Contagem ficassem muito próximos, acontecendo o que os urbanistas chamam *conurbação*, que é quando duas cidades ficam emendadas e fica muito difícil saber quando se está em uma cidade ou na outra.

Também na década de 1940 o Prefeito de Belo Horizonte daquela época, Juscelino Kubistchek, fez várias obras na Pampulha, com projetos do famoso arquiteto Niemeyer (Casa do Baile, Cassino e Igreja). A prefeitura promoveu também um loteamento para população de alta renda em torno da lagoa, além de implantar a Avenida Antônio Carlos, que possibilitou a expansão urbana nos municípios a norte da capital.



Figura 3 – Evolução da RMBH



FONTES: Lei Complementar (Federal) nº 14/1973; Ato das Disposições Constitucionais Transitórias de Minas Gerais/1989; Lei Complementar (Minas Gerais) nº 63/2002.

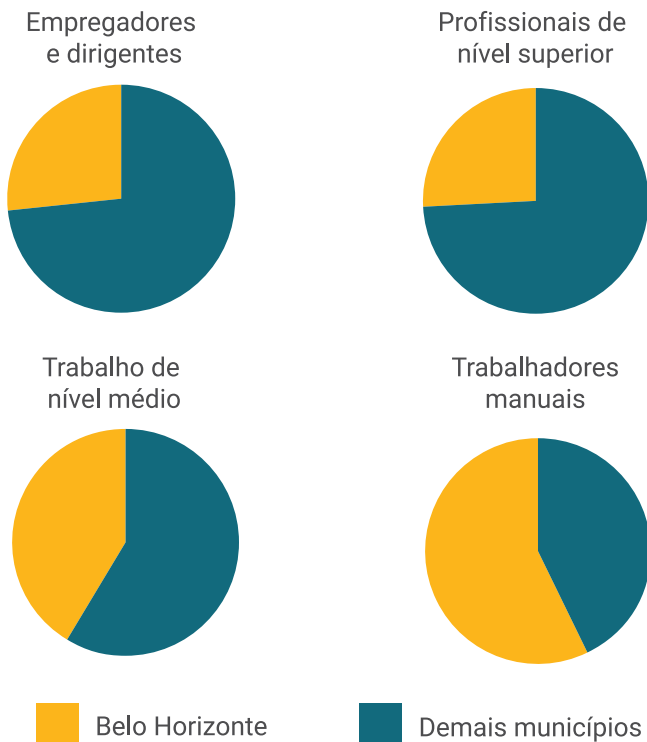
Mas este crescimento populacional não foi igual em todos os municípios. Uns cresceram mais e outros cresceram menos. Nos anos de 1950 até 1970 vieram muitas pessoas do interior para morar na capital, e Belo Horizonte cresceu muito naqueles anos. Entretanto, depois a cidade foi ficando cara, o preço da terra foi ficando mais alto e tornando inviável para muitas pessoas continuar morando ali. Então, as famílias mais pobres foram se mudando para os municípios vizinhos.

Belo Horizonte foi crescendo menos, e as periferias da região metropolitana foram crescendo mais. Na década de 1990, os

municípios que mais cresceram foram Esmeraldas, Betim, Ribeirão das Neves, Vespasiano e Ibité (juntamente com Sarzedo e Mário Campos). Na década de 2000, o crescimento foi menor, e os municípios que mais cresceram foram Sarzedo e Juatuba. Hoje, Belo Horizonte tem a metade da população de toda a RMBH.

A distribuição dos grupos sociais no espaço metropolitano é desigual: os empregadores, dirigentes e profissionais de nível superior moram principalmente na capital. Já os trabalhadores manuais moram predominantemente nos demais municípios da RMBH, como pode ser visto na Figura 4.

Figura 4 – Perfil dos grupos sociais na RMBH



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010 – dados trabalhados pela autora

As condições de vida urbana também não são iguais. O Observatório das Metrôpoles calculou o Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU) para as regiões metropolitanas brasileiras. Este índice mede as condições de vida urbana em cada lugar, considerando o meio ambiente, a moradia, a mobilidade, os serviços urbanos e a infraestrutura<sup>22</sup>. Na RMBH as melhores áreas estão na capital. As áreas com piores condições estão em Ribeirão das Neves, Esmeraldas e Ibirité.

Ainda hoje, a população de renda mais alta mora nos espaços centrais, em melhores condições de vida. Nas áreas periféricas, as condições são piores e é onde vive a maior parte da população pobre da região metropolitana. Nos últimos anos, o surgimento de loteamentos fechados destinados a grupos de renda mais alta em alguns desses espaços periféricos vem configurando uma metrópole fragmentada, pois a proximidade entre grupos sociais diferentes não tem significado maior coesão social. Ao contrário, vemos uma aproximação física, mas permanece a distância social. Por outro lado, nos espaços entre o centro e as periferias, onde surgiram vários empreendimentos habitacionais para as classes médias nos últimos anos, vem ocorrendo mistura de grupos sociais.

Como se pode ver, na RMBH houve várias mudanças nas últimas décadas, mas as desigualdades que marcaram o nascimento de Belo Horizonte permaneceram e se aprofundaram.



### **PARA SABER MAIS:**

ANDRADE, Luciana Teixeira de; MENDONÇA, Jupira Gomes de. ALVES DINIZ, Alexandre Magno (Eds.). *Belo Horizonte: transformações na ordem urbana*. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles; Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2015.

---

<sup>22</sup> Ver o texto de Rejane de Oliveira Nazário (O índice de bem-estar urbano e as desigualdades das condições de vida da população urbana da RMBH), no livro *Belo Horizonte: transformações na ordem urbana*, organizado por Luciana Andrade, Jupira Mendonça e Alexandre Diniz e publicado pelas Editoras Letra Capital e Pucminas em 2015.

## TEMA INTEGRADOR 2: GOVERNANÇA METROPOLITANA

*Flávia Mourão Parreira do Amaral*

A maioria das pessoas vive em cidades, local de trocas e encontros diversos, de acesso a bens e serviços como trabalho, renda, educação, saúde, lazer, esporte, etc. Entretanto, esse acesso é diferenciado em função especialmente de desigualdades sociais e espaciais que acompanham o crescimento das cidades, o que constitui um desafio para o desenvolvimento equilibrado e sustentável.

Nos últimos anos, muito se tem debatido sobre os instrumentos para ampliar o “direito à cidade”, entendido como o direito de uso, por todos, sem privilégios ou distinções de qualquer espécie, do espaço público e coletivo da cidade. Para que esse direito seja compreendido e efetivado, as políticas urbanas precisam ser definidas e implementadas de forma participativa, a partir dos moradores, visando o benefício coletivo. O reconhecimento desse direito motivou os países da Organização das Nações Unidas (ONU) a realizar conferências mundiais sobre habitação e desenvolvimento de cidades para estabelecer diretrizes e metas comuns, considerando especialmente o objetivo de *“tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis”* (Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – ODS #11)<sup>23</sup>.

Por outro lado, em muitas cidades com elevado grau de diversificação de serviços e oportunidades, o crescimento populacional e a expansão urbana ultrapassaram as próprias fronteiras, derramando-se sobre o território e gerando o que se denomina de região metropolitana, como é o caso de Belo Horizonte e municípios vizinhos. Parte significativa das pessoas que moram

---

23 IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Relatório Brasileiro para a Habitat III**. Brasília: ConCidades, IPEA, 2016.

nas cidades integrantes da região metropolitana transita diariamente de um município a outro para atendimento às suas necessidades e desejos – como moradia, trabalho, educação, lazer e saúde – sem se dar conta de ter ultrapassado o limite entre os municípios. Tampouco se percebe que a melhor distribuição territorial dos serviços poderia trazer melhor qualidade de vida para muitos. Em geral, a população de menor renda ocupa as periferias, com menor qualidade urbanística, maior custo de deslocamento e maiores conflitos sociais

Essa contiguidade e “mistura” de cidades traz desafios diversos para atendimento a funções que passam a ser comuns aos municípios envolvidos, como é o caso do transporte, do tratamento e destinação de resíduos, da proteção de mananciais de abastecimento de água, dentre outros. Assim, numa região metropolitana, para que a qualidade de vida seja garantida, promovida e administrada de forma equilibrada e mais justa, faz-se necessário integrar os esforços dos municípios e do governo estadual para a adequada gestão das funções de interesse comum. Para isso, é preciso construir um planejamento comum e envolver, além dos municípios, os diversos órgãos e entidades públicas que atuam no território, além de estabelecer mecanismos de participação da sociedade civil<sup>24</sup>.

A RMBH já existe formalmente desde 1974, mas sua configuração atual foi estabelecida pela Lei Complementar Estadual nº 89, de 2006, contemplando 34 municípios: Baldim, Belo Horizonte, Betim, Brumadinho, Caeté, Capim Branco, Confins, Contagem, Esmeraldas, Florestal, Ibirité, Igarapé, Itaguara, Itatiaiuçu, Jaboticatubas, Juatuba, Lagoa Santa, Mário Campos, Mateus Leme, Matozinhos, Nova Lima, Nova União, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Rio Manso, Sabará, Santa Luzia, São Joaquim de Bicas, São José da Lapa, Sarzedo, Taquaraçu de Minas e Vespasiano. Além desses, a lei

---

24 PEREIRA, José A. (coord.). **Regiões Metropolitanas em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Crea-MG, 2007.

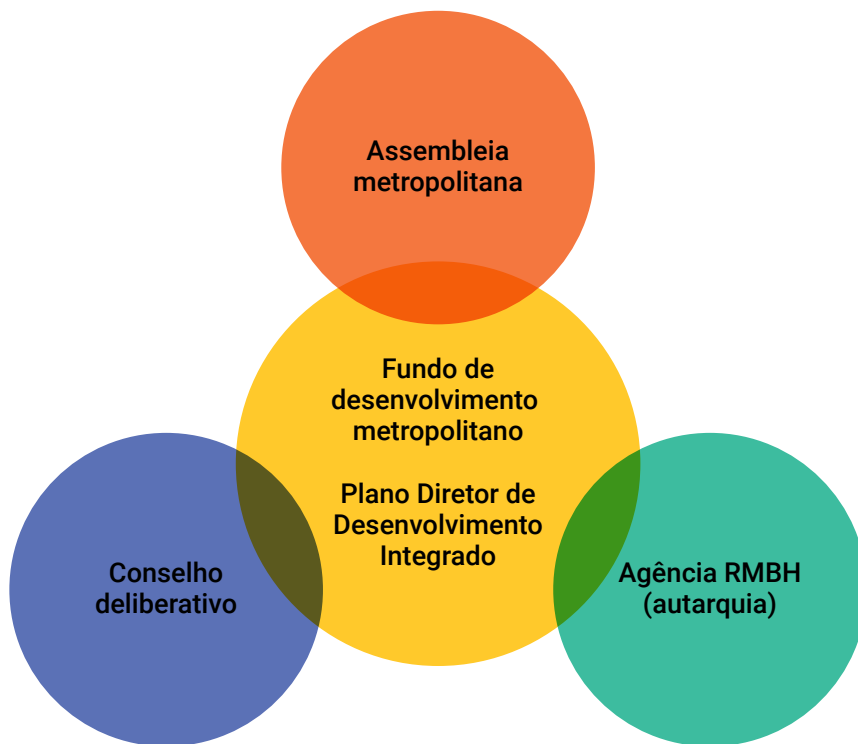
definiu também um colar metropolitano (municípios que se situam no entorno da região metropolitana e que são afetados pelo processo de metropolização) com 16 municípios: Barão de Cocais, Belo Vale, Bonfim, Fortuna de Minas, Funilândia, Inhaúma, Itabirito, Itaúna, Moeda, Pará de Minas, Prudente de Moraes, Santa Bárbara, São José da Varginha e Sete Lagoas.

Para integrar o planejamento e ações e articular o poder público, a sociedade civil e outros atores metropolitanos, foi instituído um sistema de gestão metropolitana (ver Figura 5), organizado em três instâncias: i) **Assembleia Metropolitana**, órgão de decisão superior que define as macro diretrizes do planejamento metropolitano, composta por representantes do Estado e da Assembleia Legislativa e todos os Prefeitos e os Presidentes das Câmaras Municipais; ii) **Conselho Deliberativo de Desenvolvimento Metropolitano**, órgão colegiado de coordenação geral das ações relativas ao planejamento metropolitano, com representantes do Estado, da Assembleia Legislativa, dos Municípios e da sociedade civil; iii) **Agência de Desenvolvimento Metropolitano**, autarquia com funções técnicas e executivas com o objetivo de implementar as definições do Conselho e dar suporte técnico aos municípios metropolitanos. A cada 2 anos é realizada a **Conferência Metropolitana**, com participação dos diversos atores do território, com o objetivo de discutir os desafios, monitorar a gestão compartilhada e eleger representantes das administrações municipais e da sociedade civil para compor o Conselho Deliberativo<sup>25</sup>.

---

25 MINAS GERAIS. **Lei Complementar nº 88, de 12 de janeiro de 2006**, que dispõe sobre a instituição e a gestão de região metropolitana e sobre o Fundo de Desenvolvimento Metropolitano. **Lei Complementar nº 89, de 12 de janeiro de 2006**, que dispõe sobre a Região Metropolitana de Belo Horizonte. Disponíveis em: [www.almg.gov.br](http://www.almg.gov.br).

Figura 5 – Arranjo Institucional Metropolitano - RMBH



FONTE: Baseado em material disponível no site da Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2017.

Esse sistema de gestão contempla, ainda, instrumentos de suporte ao planejamento, o **Fundo de Desenvolvimento Metropolitano** (com recursos em sua maioria originados de contribuições voluntárias do Estado e dos Municípios) e o **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da RMBH (PDDI)**. O PDDI foi elaborado através de processo participativo no período de 2009 a 2011 e contém as diretrizes para o planejamento integrado para execução das funções públicas de interesse comum, considerando tanto as áreas já urbanizadas quanto as áreas rurais. É um grande pacto entre os diversos atores, nortearo

planos, programas e ações a serem progressivamente desenvolvidos. Os municípios metropolitanos devem considerar, na revisão dos respectivos Planos Diretores municipais, as diretrizes do PDDI.

Em continuidade às propostas do PDDI, já foi elaborado o Macrozoneamento Metropolitano, definindo as zonas de interesse metropolitano e parâmetros para viabilizar o respectivo interesse – preservação, desenvolvimento econômico, habitação, etc. Também está sendo elaborado o Plano Metropolitano de Mobilidade, com o objetivo de definir as prioridades de intervenção para complementação da malha viária de interesse metropolitano (rodovias, ferrovias e metrô), para estabelecer condições de qualidade e de integração entre os diferentes modos de circulação e transporte de pessoas e para o transporte de cargas.

Muitos desafios ainda precisam ser vencidos antes que se tenha uma gestão metropolitana efetiva, que integre municípios, estado e sociedade civil, e que contribua para termos uma área metropolitana *inclusiva, segura, resiliente e sustentável*, como preconizado pelo ODS#11. É preciso estabelecer o equilíbrio entre autonomia da gestão municipal e a necessária interdependência, solidariedade e colaboração entre os municípios para a gestão das funções públicas de interesse comum. Outro desafio está no financiamento dessas funções metropolitanas, que precisa ser compartilhado entre municípios, estado e governo federal.

A superação desses e de outros desafios depende muito do reconhecimento da cidadania metropolitana como um conjunto de direitos e deveres metropolitanos. Somente com a percepção de que a cidade em que se vive contempla municípios diversos e realidades também muito diferentes, com grande interdependência de causas e efeitos, moradores, trabalhadores, empresários e gestores públicos se empenharão para a construção de soluções compartilhadas para os problemas de interesse comum.



## TEMA INTEGRADOR 3: CIDADANIA E URBANIDADE METROPOLITANA

*Clarice de Assis Libânio e Roberto Luís Monte-Mór*

A RMBH é atualmente o terceiro maior aglomerado urbano do país, englobando 34 municípios e mais de cinco milhões de pessoas. Seus moradores “compartilham serviços, equipamentos, oportunidades, mas também problemas que extravasam as fronteiras municipais” (UFMG, 2014).

É nessa perspectiva que se realça a importância de pensar o território ampliado, considerando, ademais, que nenhuma prefeitura ou política pública de âmbito municipal consegue dar conta, sozinha, das questões que impactam de forma coletiva as várias cidades e territórios urbano-rurais de uma região metropolitana.

Mais do que uma visão restrita às políticas governamentais, a perspectiva metropolitana também está presente no âmbito da vida cotidiana do cidadão que vive nas grandes cidades e tecidos urbanos conurbados. Morar em Ribeirão das Neves, beber a água que vem de Rio Manso, comer a banana de Nova União (comprada no Ceasa, em Contagem), visitar os tapetes de Sabará na Semana Santa ou a Serra da Piedade em Caeté, pegar um avião em Confins, usar o hospital de Belo Horizonte ou comprar um carro fabricado em Betim, enfim, são muitos os exemplos que mostram que dependemos da metrópole e sua região para viver, por mais que não nos demos conta disso.

Para além de pensar soluções comuns para problemas comuns, e indicar formas para organizar, produzir e partilhar a vida e o território metropolitano e plurimunicipal, com seus problemas e seus benefícios, o Plano Metropolitano (PDDI/RMBH), entregue e aprovado pelo Conselho Metropolitano em 2011, propõe fortalecer e estimular o sentido de pertencimento à metrópole-região e construir o sentido de cidadania metropolitana.

O PDDI/RMBH organizou as 28 grandes propostas de atuação no território em seis temáticas principais: a territorialidade; a institucionalidade; a acessibilidade; a seguridade; a sustentabilidade; e a urbanidade.

Desdobrando uma das políticas da territorialidade, foi elaborado o Programa do Macrozoneamento da RMBH, entregue e aprovado em 2015. Foram identificadas 19 Zonas de Interesse Metropolitano (ZIM) e definidos padrões de uso e ocupação. Uma das inovações mais importantes do Macrozoneamento Metropolitano foi a proposta da reestruturação do território com base em uma Trama Verde e Azul, resgatando as águas e a vegetação, e integrando-as aos espaços metropolitanos e locais de interesse coletivo, das grutas ao patrimônio histórico e cultural.

A partir da Política de Democratização dos Espaços Públicos, uma das políticas da urbanidade, foi iniciada em 2014 a implantação do Programa dos Lugares de Urbanidade Metropolitana (Lumes). Estes foram pensados como espaços de fortalecimento do planejamento metropolitano e local, centros de informações e de formação para a gestão e a cidadania, espaços para proposição de ações comunitárias e de articulação entre a(s) universidade(s), a sociedade e o poder público. Um dos objetivos centrais do planejamento metropolitano, tal como pensado desde o PDDI/RMBH, é a construção de sujeitos do planejamento, em lugar de objetos do planejamento, ou seja, um planejamento para a emancipação e a desalienação.

Os Lumes têm como proposta pensar formas de gerir conjuntamente a região-metrópole, compartilhar informações e construir um sentido de cidadania metropolitana. Além disso, parte-se da perspectiva de que o planejamento público deve considerar

de modo inquestionável a centralidade do sujeito na *civitas*, absoluta e local, mas também e principalmente, no espaço urbano ampliado – a “*civitas* metropolitana” – implicando a construção de um sentido de identidade e do fortalecimento do exercício da cidadania, agora em escala urbano-regional. Trata-

se de fomentar a consciência de um espaço político, próprio da *polis*, da cidadania expandida para muitas identidades locais, municipais, sub-regionais, de renda e classe, de etnias, de culturas, de comunidades e dos territórios, em última instância (UFMG, 2011, p. 33).

A equipe responsável pela elaboração do Plano Metropolitano utilizou o termo **urbanidade** para designar o conjunto de direitos e políticas que trazem o direito à cidade “como fato central da cidadania metropolitana, qual seja, o direito à riqueza coletiva acumulada, direito ao poder e direito à festa” (UFMG, 2011, p. 33). Para garantir a efetivação das políticas de Urbanidade, foram propostas também as políticas de Acessibilidade, que englobam mais do que ações para garantia da mobilidade urbana, ou do direito de ir e vir, mas principalmente as condições para o “acesso efetivo e democrático aos serviços urbanos e sociais básicos” (UFMG, 2011, p.33).

A principal referência para um planejamento metropolitano efetivo e operante é o desenvolvimento de um sentido de cidadania metropolitana que contribua para um processo de integração socioespacial e maior coesão entre os vários agentes que atuam na região (sociedade civil, municípios e governo estadual). Para alcançar este sentido de cidadania ampliada há que transcender os limites municipais, articular as várias escalas de poder e aprofundar os mecanismos e processos de participação, integração, cooperação e articulação supramunicipal, ampliando o atendimento e a inclusão da população metropolitana em toda sua diversidade.

É neste contexto que se busca encontrar novos caminhos para a transformação das relações desiguais nas cidades. No caso da RMBH, que não é uma unidade político-administrativa e onde as desigualdades intrarregionais são flagrantes, é fundamental criar mecanismos e oportunidades para “assegurar a representação dos interesses daqueles com menos vantagens no seu posicionamento na região

metropolitana, ao mesmo tempo em que se oferece oportunidade de participação genuína nas políticas metropolitanas” (SOSA, 2017: 6).

Ademais, busca-se consolidar o sentimento de solidariedade e de identidade metropolitana, o sentido de pertencimento, o (re)envolvimento das populações com seus territórios, suas comunidades, crenças, práticas e valores, além do fortalecimento da governança metropolitana e instituições públicas, privadas e sociais atuantes na região. Ao fim o que se pretende é contribuir para que cada um se veja como parte da metrópole, que possa se perceber como cidadão da RMBH e não só de um município, enfim, que possa sair para passear ou viver em qualquer município, e sentir-se realmente em casa.



### PARA SABER MAIS:

UFMG. Macrozoneamento RMBH. *Produto 01. Marco teórico-metodológico e definição das áreas temáticas afetas ao interesse metropolitano*. Belo Horizonte, fevereiro de 2014. Disponível em [http://www.rmbh.org.br/central.php?tema=Plano\\_Metropolitano](http://www.rmbh.org.br/central.php?tema=Plano_Metropolitano), acesso em julho de 2017.

UFMG. *Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte – PDDI*, volume I. Belo Horizonte, 2011.

UFMG. *Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte – PDDI*, volume IV. Belo Horizonte, 2011.

SOSA, María Florencia. *Território, identidade e política: reflexões sobre os Lugares de Urbanidade Metropolitana no contexto do planejamento urbano na RMBH*. Anais do XVII Encontro da ANPUR - Desenvolvimento, crise e resistência: Quais os caminhos do Planejamento Urbano e Regional? São Paulo: ANPUR, 2017. Disponível em [http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR\\_Anais/ST\\_Sessoes\\_Tematicas/ST%2010/ST%2010.1/ST%2010.1-05.pdf](http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%2010/ST%2010.1/ST%2010.1-05.pdf), acesso em 20 de junho de 2017.



## **TEMA INTEGRADOR 4: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

### **PARTICIPAÇÃO, INTEGRAÇÃO E CIDADANIA: PROCESSOS EM CONSTRUÇÃO**

*Junia Ferrari*

O Lugar de Urbanidade Metropolitana (Lume) se constitui como um projeto idealizado no âmbito do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PDDI/RMBH)<sup>26</sup>, e tem como princípio orientador a criação de espaços de discussão continuada sobre a metrópole, de maneira a dar continuidade ao esforço técnico e à participação empreendidos no processo de elaboração do PDDI/RMBH.

Alinhada a esse princípio orientador, em 2016 foi criada, na Escola de Arquitetura da Universidade UFMG, a disciplina “Oficina Multidisciplinar: Os Lumes e a prática do planejamento metropolitano”, como oportunidade para se identificar potenciais Lumes, ou seja, lugares que pudessem promover discussões sobre planejamento urbano, cidade e metrópole, envolvendo cidadãos, universidade e poder público num esforço conjunto. A disciplina também tinha como objetivo a integração de locais de produção e difusão de práticas socioculturais no território metropolitano, de forma a constituir uma rede continuada entre esses grupos, além de identificar e fortalecer uma identidade metropolitana.

Para isso, foram conectados parceiros de municípios da RMBH que procuraram a Universidade com demandas diversas. Mesmo não estando alinhadas diretamente a alguma temática de planejamento (as demandas vinham de áreas ligadas à cultura, ao meio ambiente, à geração de renda, dentre outras), essas parcerias possibilitaram

---

<sup>26</sup> Elaborado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em parceria com a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e a Pontifícia Universidade Católica (PUCMINAS), durante o período 2009/2011. Trata-se de parte integrante do Programa de Mobilização Social, que por sua vez está inserido na Política Metropolitana Integrada de Democratização dos Espaços Públicos.

a construção de ações compartilhadas, práticas socioculturais ou intervenções integradas de urbanismo colaborativo e que se traduziram em experiências inovadoras, modificando e ampliando a ideia inicial do projeto.

A noção de lugar, por exemplo, extrapolou a dimensão física, pois entendeu-se que um lugar não precisava ser, necessariamente, um espaço físico, mas algo mediado por uma relação de espaço-tempo que comportasse o caráter dinâmico das ações pactuadas (SOSA, 2018). A discussão sobre a cidade, por sua vez, mesmo deixando de assumir caráter central, acabava por permear essas práticas coletivas, se materializando nos diversos entraves e oportunidades que a cidade oferecia para que a demanda fosse atendida. Por outro lado, também foi possível identificar a criação de vínculos de toda ordem: comunidade/comunidade; comunidade/universidade; comunidade/institucionalidade; comunidade/metrópole, favorecendo a busca de uma identidade metropolitana (mesmo que alguns deles não tenham conseguido se manter após as experiências).

No bojo dessa disciplina, várias parcerias de trabalho foram firmadas e, ao longo de três semestres consecutivos (2016/01; 2016/02; e 2017/01), foi possível vivenciar diversos modelos de interlocução com comunidades inseridas em municípios da RMBH. Foram experiências muito ricas e que se constituíram como importantes espaços de aprendizagem, especialmente no que diz respeito à busca por processos mais compartilhados entre a universidade e a sociedade civil (FERRARI *et al*, 2018). Entretanto, se no decorrer dos semestres anteriores, pelo formato e limitação da disciplina, foi possível realizar trabalhos com pouca aproximação aos parceiros, nos semestres que se seguiram (2017/02; 2019/01; e 2018/02) o projeto avançou no sentido de se consolidar como ação extensionista e, com isso, possibilitar uma interlocução bem maior com os moradores e lideranças dos municípios envolvidos.

Nesse novo modelo, propiciado pelos Módulos de Formação em Extensão Universitária<sup>27</sup>, a disciplina pode se aproximar ainda mais das comunidades, a partir de ‘imersões’ nos municípios. Trata-se de uma estratégia metodológica que permitiu a permanência de docentes e discentes junto aos moradores e lideranças de cada território, compartilhando com eles algumas das dificuldades e facilidades da vida cotidiana local. Tais experiências têm transformado o formato da disciplina, bem como as relações entre alunos, professores e comunidades parceiras, no sentido de uma maior aproximação e da criação de vínculos mais profundos, facilitando o entendimento das demandas locais, bem como os horizontes possíveis para sua realização.

Mas, se, por um lado, essas trocas cotidianas têm diminuído as barreiras entre os saberes acadêmico e local, facilitando as interlocuções e decisões sobre os processos em curso, por outro lado, esse formato de trabalho mais aproximado também traz desafios maiores, pelos mesmos motivos. Ou seja, quando algumas barreiras são quebradas e as relações passam a acontecer em ambiente menos hierarquizado as dificuldades para se alcançar os consensos tendem a aumentar, assim como as polarizações (FERRRARI *et al*, 2018). Isso não significa que os processos não sejam produtivos, pelo contrário, tem se constituído como novos desafios mas também como oportunidades para se criar relações menos distanciadas entre cidadãos e universidade, além de abrir espaço para trocas mais efetivas.

Em permanente construção, o projeto dos Lumes segue por caminhos diversos de suas origens, mas nem por isso desvinculado do sentido de integração, participação, troca e cidadania que

---

27 Trata-se, por assim dizer, de uma forma híbrida de extensão que funciona, simultaneamente, tanto como oportunidade para os alunos vivenciarem a interlocução entre a universidade e a sociedade civil a partir de ações coletivas quanto como possibilidade de integração de créditos.

orientou sua criação. Todo esse acúmulo de experiências tem nos demonstrado que o projeto tem horizontes bem maiores do que imaginamos no início. Sua força reside mais nos processos do que nos resultados que alcança, por isso a diversidade de ações e experimentações deve continuar a nortear os trabalhos, estimulando cada vez mais a prática social.

Além disso, ampliar as discussões para além da temática que o motivou inicialmente (planejamento urbano) também tem contribuído para potencializar a participação em torno de interesses da coletividade. Com isso, espera-se fortalecer os encontros e transformações que o projeto pode proporcionar, reforçando sua importância como processo, bem mais do que como produto (LEFEBVRE, 2008).

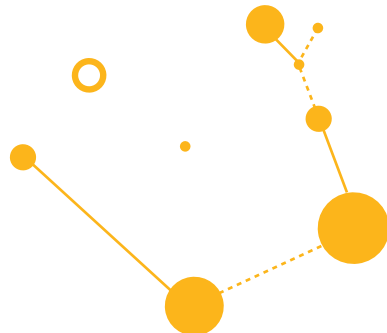


#### **PARA SABER MAIS:**

FERRARI, Junia; ESPINOZA, Hernan; ZANATTA, Lucas Yuri. A Extensão em Construção: Uma experiência de 'imersão' em Raposos/MG. XVIII ENANPUR. Natal, 2019.

LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: editora UFMG, 2008.

SOSA, Maria Florencia. Território, identidade e política: os lugares de urbanidade metropolitana no contexto do planejamento urbano na região metropolitana de Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU) da Escola de Arquitetura da UFMG. Belo Horizonte, 2018.





## **TEMA INTEGRADOR 5: LUTAS AMBIENTAIS**

### **LUTAS E ENCONTROS PELA CRIAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO GANDARELA**

*Rodrigo Lemos e Saulo Albuquerque*

É intenção deste breve texto mostrar que o processo de reconhecimento da importância ambiental da região do Gandarela é também um encontro, um diálogo entre diferentes perspectivas e olhares de mundo. Como processo, a luta pelo reconhecimento da importância ambiental da Serra do Gandarela se modifica ao longo de sua própria trajetória, se reinventa e reconstrói a cada percalço, se fortalece a cada conquista e se encontra na diversidade e na pluralidade. Por isso, considera-se que a discussão em torno da região do Gandarela é ainda maior que a luta pela consolidação da Unidade de Conservação do Parque Nacional da Serra do Gandarela (PARNA Gandarela): ela é um exemplo de luta ambiental e de aproximação entre pessoas e instituições.

A Serra do Gandarela está parcialmente inserida na RMBH, possui um baixo percentual de ocupação antrópica, predominando paisagens naturais, de grande beleza, com importantes cursos d'água, cachoeiras, cavidades naturais, áreas de interesse espeleológico, arqueológico e paleontológico. É uma região que apresenta um aquífero de alto rendimento, com importantes áreas de recargas em cangas ferruginosas e com expressivos fragmentos florestais de mata atlântica. Contribui ainda para a qualidade e para a quantidade das águas do manancial de Bela Fama, localizado no Rio das Velhas e que é responsável pelo abastecimento humano de aproximadamente 1.800.000 pessoas na RMBH.

A formação do Parque Nacional da Serra do Gandarela se insere como uma das ações para a preservação de uma área considerada

ímpar no contexto da RMBH e de grande relevância ambiental. O movimento pela criação do parque é fortalecido pelo apoio popular e de diferentes instituições, uma resposta à implantação da Mina Apolo, empreendimento minerário da empresa Vale S.A. Esse breve texto, contudo, não conseguirá discutir de forma completa essa dinâmica tão complexa, buscando apresentar, portanto, uma perspectiva de entendimento a partir da sociedade civil, lugar de nossa fala.

Importante destacar que toda a luta pela consolidação do PARNA Gandarela se inicia como resposta à atuação da empresa Vale S.A., que começou a articular o projeto de mineração da Mina Apolo inicialmente de maneira informal, fazendo reuniões nas comunidades e adquirindo terras em diferentes localidades. A principal argumentação apresentada pela empresa empreendedora era de que esse seria um grande projeto de mineração – possivelmente o maior do Brasil – e que tinha o potencial de ser um grande complexo de interligação entre diferentes plantas minerárias localizadas no Quadrilátero Ferrífero, uma das mais importantes reservas ferríferas no Brasil.

As principais preocupações com esse projeto, de início, estiveram associadas principalmente com os impactos decorrentes na disponibilidade de água, principalmente considerando que parte da área está localizada acima do manancial de Bela Fama. O discurso do empreendedor, nesse momento, era de que o empreendimento representaria um grande desenvolvimento econômico e regional. Contudo, os impactos das atividades minerárias já eram reconhecidos por diferentes instituições e territórios, mas cada qual com sua temática e respectiva área de atuação.

Diferentes áreas do conhecimento (geografia, geologia, engenharia, sociologia, direito, etc.) já apresentavam fortes críticas ao processo minerário como é feito de forma recorrente. Mas principalmente junto aos movimentos sociais essas discussões se encontravam de modo fragmentado, a partir de variadas

perspectivas e pouco dialogadas em nível de proposta e de debate. As discussões se mostravam setorizadas: renda, violência, meio ambiente, ecologia e outros. Diferentes temáticas que eram até então articuladas de forma separada e com atuação e debates específicos. O processo de discussão frente à ameaça da implantação de um grande empreendimento com significativos impactos ambientais e sociais, dessa forma, potencializou a articulação e a aproximação de diferentes instituições e entidades, tanto ambientalistas quanto aquelas associadas a movimentos sociais e de classe. A partir de seus recortes e frentes de atuação, essas diferentes pessoas e instituições começaram os debates em torno da importância ambiental da região do Gandarela.

As críticas foram construídas não apenas como questionamento ao empreendimento de mineração proposto, mas se manifestaram também por meio das diferentes possibilidades de desenvolvimento que a região resguardava. As instituições formaram então o “Movimento em prol da criação do Parque Nacional das Águas do Gandarela”, atuando em duas principais vertentes: a primeira era pelo reconhecimento e criação do PARNA Gandarela; a segunda, surgida a partir dos diálogos com a comunidade, foi a sugestão de criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Gandarela (RDS Gandarela)<sup>28</sup>.

A proposta de criação do PARNA Gandarela e da RDS Gandarela contou com contribuições de diferentes instituições e pessoas, cada qual potencializando seus debates pelo encontro com a diversidade e com a diferença: estudos técnicos, eventos de educação ambiental e de mobilização social, passeatas, conversas com prefeituras, trabalhadores e moradores das áreas de impacto e diversas outras

---

28 Tanto o Parque Nacional (PARNA), quanto a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) são Unidades de Conservação (UC). Contudo, o Parque é uma UC de proteção integral, portanto tem o uso muito restrito; já a RDS é uma UC de uso sustentável e que permite atividades econômicas que não impactem as dinâmicas ambientais.

ações. Como estratégia, definiram a criação do PARNA Gandarela como prioritária. Essa estratégia tinha como finalidade apresentar os estudos de criação do parque nacional, de forma a fortalecer a atuação da sociedade quando da análise da licença ambiental do empreendimento da Mina Apolo.

Com o objetivo de fortalecer e criar respaldo social em torno do PARNA Gandarela foi construída uma grande rede de apoio entre pessoas e instituições, de forma a conquistar a validação social da proteção ambiental proposta. Foram campanhas de abaixo assinado, audiências públicas (ver foto) nos diferentes municípios, além da consolidação de uma rede social específica para os debates do Gandarela (que ainda hoje possui mais de 1000 membros inscritos). Este processo consolidou a argumentação de que a preservação do Gandarela era uma forte demanda social – validada socialmente – e que tinha o apreço de diferentes instituições, inclusive de municípios e instâncias associadas à dinâmica ambiental: Organizações Não Governamentais, Comitês de Bacia e Subcomitês, Núcleos Manuelzão, Secretarias de Meio Ambiente, Escolas com seus professores e alunos e diversos outros.



Audiência Pública para discussão da formação do Parque Nacional da Serra do Gandarela  
Foto: Maurílio Nogueira

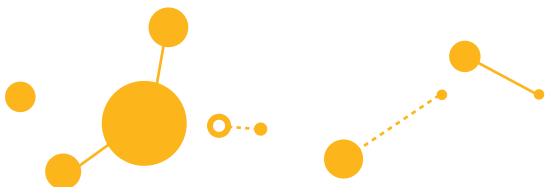
O debate não poderia se ater à região do Gandarela, todavia. Assim, foi realizada uma caravana para levar o debate até Brasília e o movimento político foi percebido também pelo Governo Federal. Dessa forma, o movimento para a criação do PARNA Gandarela conquistou o apoio do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), a partir do qual se iniciou a discussão dos limites e dos critérios, fundamentados em diferentes estudos, para a proteção dessa área tão singular no quadrilátero ferrífero e na RMBH.

Foi criado um grupo de trabalho pelo estado de Minas Gerais, com participação do ICMBIO, e que tinha como finalidade buscar a conciliação entre as atividades de mineração propostas pelo empreendedor Vale S.A. e as dinâmicas de preservação discutidas e socialmente validadas pelo Movimento Gandarela. De forma muito direta, afirma-se que não foi possível um acordo entre perspectivas tão diferentes. Para a mineração, a região era entendida como recurso econômico no quadrilátero **ferrífero**; para o movimento, a região consolidava o quadrilátero **aquífero**, enfatizando uma perspectiva ambiental que contrapõem a lógica estritamente econômica.

O grupo de trabalho realizou diversos encontros, de maneira a analisar e propor possibilidades de delimitação para a área do Parque e da RDS. Após longos anos de luta, em 2014 foi publicado o decreto de criação da Unidade de Conservação que instituiu o PARNA Gandarela.

A conquista não pode ser plenamente celebrada, todavia. Diferentes movimentos sociais denunciaram que a proposta finalizada recortou áreas de alta relevância ambiental para a utilização pelas atividades de mineração e que parte do polígono do parque estava inserido na área da RDS proposta, potencializando conflitos entre possíveis usos tradicionais já reconhecidos e oportunidades de ganho econômico que seriam proporcionados pela RDS. Infelizmente, o critério final – que deveria ser ambiental e ecológico, que possuía respaldo técnico e social – foi focado na dinâmica econômica e consolidado pela pressão do setor da mineração e da empresa Vale S.A.

Isso não tira, de nenhuma forma, o mérito da organização do Movimento pela Serra do Gandarela e de criação do Parque, mas anuncia outros embates e contextos ainda a serem consolidados e discutidos. O processo de licenciamento da Mineração ainda está em andamento e deverá agora ser também relacionado à área do Parque, sua zona de amortecimento e seus impactos. O PARNA Gandarela hoje representa uma expressiva área de proteção ambiental em uma região metropolitana e, mais ainda, é símbolo da possibilidade de luta ambiental para a manutenção de áreas de relevância ambiental e de reconhecimento social.



## TEMA INTEGRADOR 6: URBANIZAÇÃO E NATUREZA

### AGRICULTURAS NA RMBH<sup>29</sup>

*Heloisa Costa, Melissa Luciana de Araújo  
e Patrícia Cristina Coutinho Nardini*

Uma característica marcante da Região Metropolitana de Belo Horizonte é sua diversidade: de paisagens, de relevo, de vegetação, de bacias hidrográficas, de biomas, de manifestações culturais e artísticas, de formas de uso e apropriação do solo, de padrões de habitação, infraestrutura e acesso a equipamentos e serviços, entre outras manifestações. Esta diversidade tanto pode ser fruto de desigualdades históricas que marcam a sociedade brasileira – que precisam, portanto, ser revertidas – quanto pode expressar riqueza de formas de expressão – cantos, histórias, danças, linguagens, tecnologias – de formas de fazer e de criar, de permanências de modos distintos de produção e reprodução cotidiana, que precisam ser incentivadas e ter espaço garantido para prosperar.

Há também uma diversidade de processos produtivos em curso na RMBH, ainda que alguns apareçam com mais centralidade do que outros: as atividades industriais e grandes equipamentos comerciais e de serviços, as atividades ligadas à mineração e as atividades imobiliárias destacam-se na paisagem e geralmente nas políticas públicas por serem importantes geradoras de renda e de tributos para os municípios onde se localizam, sendo sua localização objeto de disputa. Sobrepostas a estas atividades hegemônicas, há um conjunto expressivo de outras atividades econômicas, da pequena produção, do artesanato, dos serviços autônomos, dos pequenos negócios, da produção de subsistência,

---

29 Projeto realizado com fomento e apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Projeto CSA - APQ- 02380-16 "Agricultura urbana e planejamento metropolitano: uma contribuição à construção da trama verde e azul na RMBH".

da troca e dos favores, associadas tanto ao mercado como à reprodução do espaço de vida.

A dinâmica de produção e apropriação do espaço metropolitano expressa, ainda que de forma desigual, estas várias lógicas que se complementam e constituem elemento fundamental do cotidiano de grande parte da população. O acesso à terra é um elemento central, pois, além dela ser disputada por diferentes atividades e agentes sociais, é ela própria uma mercadoria de alto valor. Tal dinâmica, usualmente associada à urbanização, em regiões metropolitanas se estende pela totalidade do território, tanto em áreas urbanas como rurais, misturando de forma criativa atividades usualmente associadas a cada uma destas áreas. Assim, encontramos várias formas de agricultura, de criação de animais, de extrativismo, de experiências de mutirão ou autogestionárias nas áreas urbanas, como encontramos loteamentos, comércio e serviços, indústrias, hotéis e outras atividades em áreas formalmente definidas como rurais. Alguns espaços – como feiras, mercados, festas tradicionais, parques e espaços públicos/coletivos – fazem a mediação entre estes usos, são espaços híbridos, de encontro entre ambas as lógicas, talvez por isto sejam geralmente vivos e encantadores.

Cabe ressaltar, porém, que é a dinâmica capitalista que comanda o processo, atribuindo valor à terra e definindo os patamares de lucratividades das atividades. Com isto, a disputa pela terra e os conflitos de uso são desafios permanentes para o planejamento metropolitano, ameaçando diretamente vários direitos coletivos e humanos: direito à cidade, à natureza, à habitação, à alimentação adequada, entre outros.

Embora as distinções entre urbano e rural, assim como entre urbanização e natureza, sejam cada vez mais fluídas em áreas metropolitanas, em termos legais elas são formalmente bem demarcadas pela figura do perímetro urbano, uma linha imaginária que



separa áreas urbanas e rurais, desta forma também definindo como cada área pode ser usada, comercializada, construída e apropriada. O perímetro passa a ser um elemento de disputa entre os agentes sociais que produzem o espaço e foi considerado um elemento importante no processo de planejamento metropolitano que abrange o PDDI, seu Macrozoneamento e mais recentemente os Planos Diretores municipais que estão em processo de revisão, atendendo aos Estatutos da Cidade e da Metrópole.

Cabe destacar alguns princípios adotados neste planejamento, com vistas a uma reestruturação territorial metropolitana que se apoia em duas ideias-força: a primeira é a criação e reforço de centralidades articuladas por uma rede multimodal de mobilidade, em áreas periféricas e de grande densidade, como forma de diminuir as desigualdades socioespaciais e as necessidades de deslocamento ao espalhar os benefícios das áreas centrais, atualmente muito concentrados em Belo Horizonte e partes de Contagem, equipando-as e trazendo para elas a urbanidade e a diversidade típica dos centros de cidades.

A segunda, detalhada em outro texto desta publicação (ver Tema Integrador 10), tem por objetivo principal articular urbanização e natureza como partes de um mesmo processo socioterritorial, por meio da adoção paulatina de uma trama verde e azul como princípio orientador das formas de ocupação do espaço, que atravessa as linhas imaginárias de separação entre áreas urbanas e rurais, construídas e não-construídas, naturais e artificializadas, articulada pelas águas, pelas serras, pela vegetação, pelos espaços de cultura, recreação e circulação, pelas agriculturas, preferencialmente agroecológicas, entre outras tantas atividades que se espalham pela região metropolitana em várias escalas espaciais.

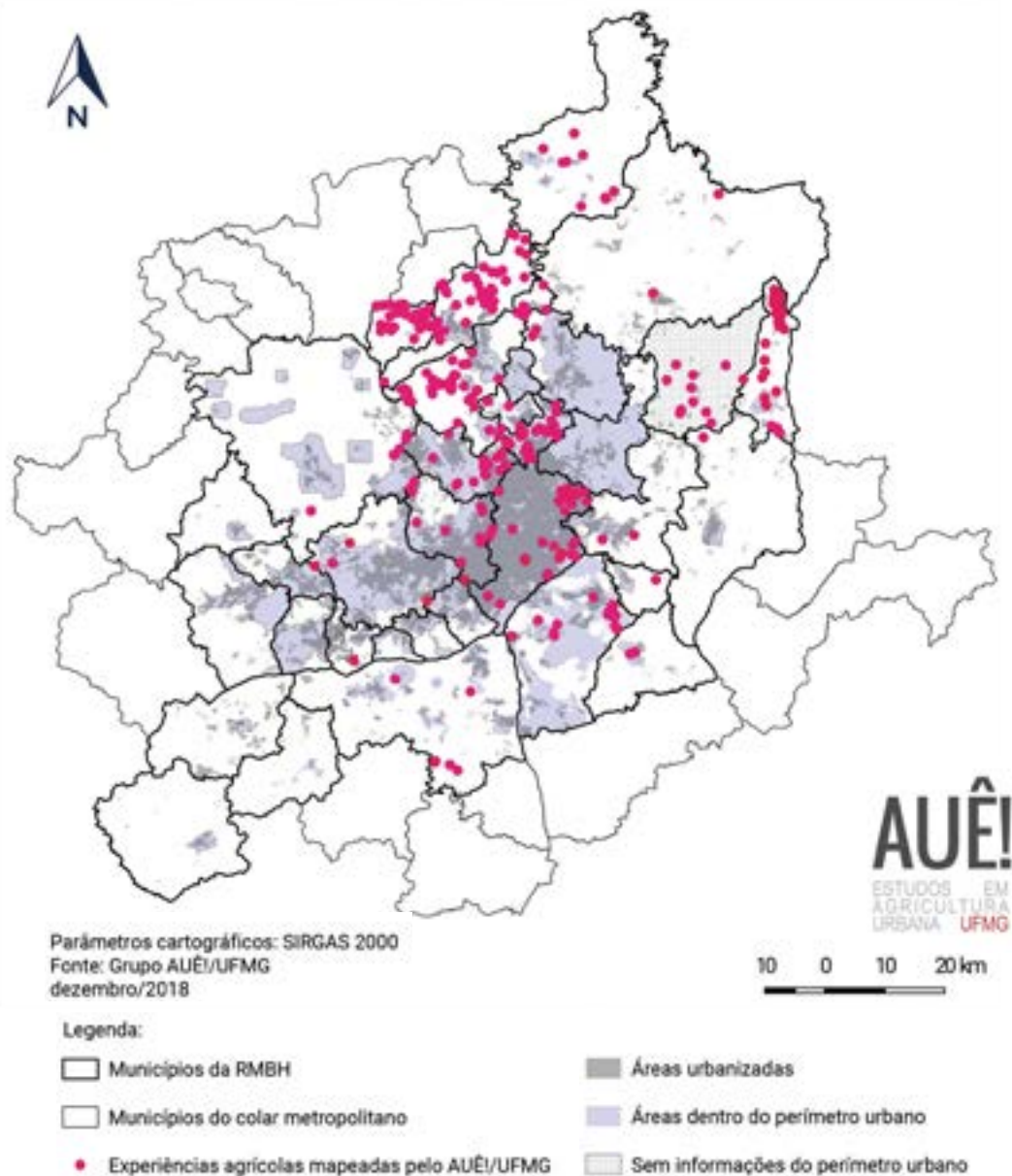
A Figura 6 exemplifica esta complexidade, pois retrata as divisões formais entre áreas rurais, áreas urbanas e, dentro destas, as

áreas urbanizadas, ou seja, loteadas ou construídas que podem ser identificadas por imagens de satélite ou por projetos de parcelamento do solo nas prefeituras municipais. Ao mesmo tempo, é importante dizer que há muitas áreas vazias no interior das áreas urbanizadas, que podem ser usadas para muitas necessidades sociais, como agricultura urbana, novas moradias, áreas de uso coletivo, etc., sem necessidade de ampliação da área urbanizada, evitando aumentar a pressão sobre áreas verdes, áreas rurais e ambientalmente protegidas. A ideia é valorizar e proteger áreas destinadas à produção agropecuária e artesanal, e estimular as atividades produtivas sustentáveis e criativas pelo território metropolitano.

O mapa mostra também um número expressivo de experiências de produção agrícola reforçando o potencial de abastecimento para a região metropolitana a partir de circuitos curtos de produção, aumentando a segurança alimentar e estimulando a produção em pequena escala como uma atividade geradora de renda e de motivação para os moradores metropolitanos.

Na RMBH podemos encontrar uma variedade de práticas agrícolas com características distintas. Vemos iniciativas em muitos municípios que buscam uma agricultura capaz de dialogar com a preservação do meio ambiente, sem uso de agrotóxicos e com relações justas de trabalho e comercialização. No entanto, isto ainda é um desafio, pois muitas práticas agrícolas fazem largo uso de insumos químicos com pouca diversidade de cultivos.

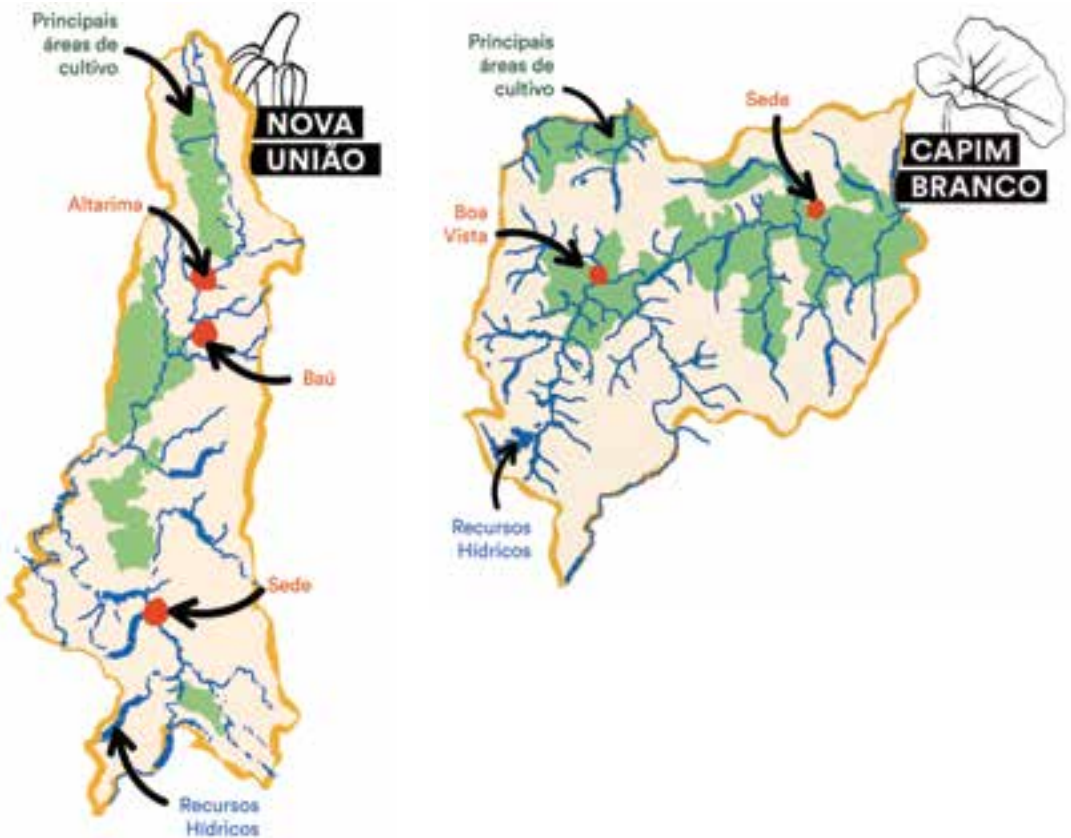
Figura 6 –Experiências agrícolas na RMBH – áreas urbanizadas e perímetro urbano



FONTA: AUÊ!. Caracterização e Mapeamento das Agriculturas na RMBH, 2018.

Vemos que a agricultura move a economia de muitos municípios e também está presente e inserida nas áreas urbanas, apesar da sua invisibilidade. Em Capim Branco e Nova União, por exemplo, cujo caso está mostrado na Figura 7, a agricultura é grande geradora de emprego, contribui para o desenvolvimento econômico, abastece o mercado metropolitano, e em alguns casos, até mercados internacionais.

Figura 7 – Mapa dos municípios de Nova União e Capim Branco

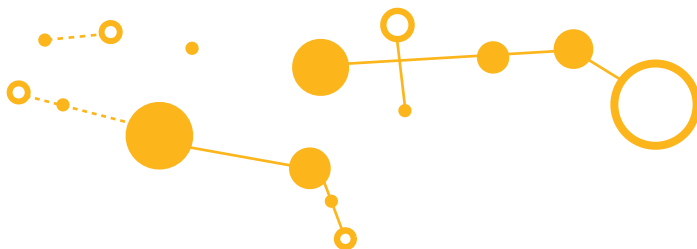


FONTE: Base de dados Equipe de Revisão dos Planos Diretores, Edição Patrícia Nardini, 2018.

Em Capim Branco há várias experiências no centro da cidade, com iniciativas de quintais produtivos e fazendas urbanas. O município é reconhecido como a cidade do orgânico, e apresenta diversas iniciativas de produção sem agrotóxico, agroecológicas e algumas já certificadas por órgãos governamentais. Os principais produtos cultivados são as folhosas e legumes, tendo como principal mercado a venda direta para Belo Horizonte.

Já em Nova União a banana é o produto mais cultivado e comercializado. Há diversas iniciativas de monocultura de banana, muitas das quais ainda utilizando de insumos químicos e tendo como principal canal de comercialização a CEASAMINAS-BH. Destaca-se no município a presença de agricultores familiares, e a fábrica de doces de banana que alcança o mercado de exportação.

Outra iniciativa é a recente produção de peixes para consumo, combinada com o cultivo de folhosas, uma proposta ainda em teste, que tem o intuito de reaproveitar a água utilizada na piscicultura para a irrigação das folhosas, e cuja técnica tem fomentado um espaço de discussão entre as/os agricultoras/es para a construção de novos conhecimentos. Além disso, o município abriga dois assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que trazem a discussão da reforma agrária e possuem algumas iniciativas agroecológicas fundamentadas na busca pela saúde do território.



## **TEMA INTEGRADOR 7: MOBILIDADE URBANA**

### **CONSTRUIR E INVENTAR A INTEGRAÇÃO METROPOLITANA**

*André Veloso*

A mobilidade urbana é uma das lentes pela qual é mais fácil ver o caráter metropolitano da região na qual moramos. Para realizar nosso cotidiano – trabalhar, estudar, fazer compras, se divertir – é necessário que nos desloquemos. Muitas vezes, esse deslocamento é longo, demorado, e depende da necessidade que se tem no dia – se o cidadão trabalha, por exemplo, na FIAT automóveis, em Betim, e mora na cidade de Vespasiano, ele necessariamente terá que percorrer 50 quilômetros diários em cada parte do percurso. Mas, se trabalha na Cidade Administrativa, terá que percorrer menos de 5 km diários, dependendo do bairro em que se mora em Vespasiano.

A mobilidade metropolitana é, então, uma questão de como as moradias, necessidades e desejos da população estão geograficamente espalhados no território e quais meios estão disponíveis para acessá-los. O raio de abrangência dessas necessidades cotidianas dá a dimensão do tamanho e complexidade da RMBH, com seus mais de cinco milhões de habitantes.

Cada forma de deslocamento apresenta vantagens e desvantagens do ponto de vista individual e coletivo. Dirigir um carro pode ser uma ótima solução para chegar de Vespasiano a Betim, mas se todas as pessoas tiverem essa ideia ao mesmo tempo nenhuma delas sairá do lugar pelo engarrafamento formado. Ir de ônibus ou metrô pode ser uma boa ideia, mas é preciso que haja oferta de transporte público na região, e é preciso ter dinheiro para pagar a tarifa. É possível também combinar modos, ir de bicicleta até uma estação de metrô, descer na estação final e depois chamar um aplicativo de

carona. Alguns elementos aparecem aqui para pensarmos cada um dos modos de transporte: tempo, preço, oferta, disponibilidade, acessibilidade, impacto ambiental e impacto econômico.

Foi pensando nesse cenário complexo que em 2012 foi promulgada a Lei Federal 12.587, que estabelece a Política Nacional de Mobilidade Urbana<sup>30</sup>. Assim, algumas diretrizes devem ser consideradas pelos governos, sociedade e demais atores da gestão: a prioridade dos modos de transporte coletivos sobre os individuais, a prioridade dos modos não-motorizados sobre os motorizados, a modicidade da tarifa de transporte coletivo, e assim por diante.

A questão é que, apesar das diretrizes estabelecidas, os atores envolvidos na reprodução cotidiana da mobilidade têm poderes e capacidades muito desiguais. Fala-se aqui de empresas de ônibus, empreiteiras e construtoras para o caso de obras de mobilidade; o governo estadual e os governos municipais e sua capacidade de arrecadação, fiscalização e gestão das questões da mobilidade; e o cidadão metropolitano e as poucas opções que este tem disponível.

O cenário da mobilidade na RMBH nos últimos 15 anos – cujos principais indicadores estão apresentados na Figura 8 – se tornou o seguinte: a) o número de viagens cotidianas mais que dobrou na maioria dos municípios metropolitanos; b) os modos motorizados (carro e moto) mais do que dobraram sua participação na matriz de deslocamentos; c) o transporte coletivo, do qual o ônibus é o modo majoritário, diminuiu sua participação; d) os modos ativos de transporte, que dependem apenas da própria propulsão, como deslocamento a pé e por bicicleta, também perderam participação.

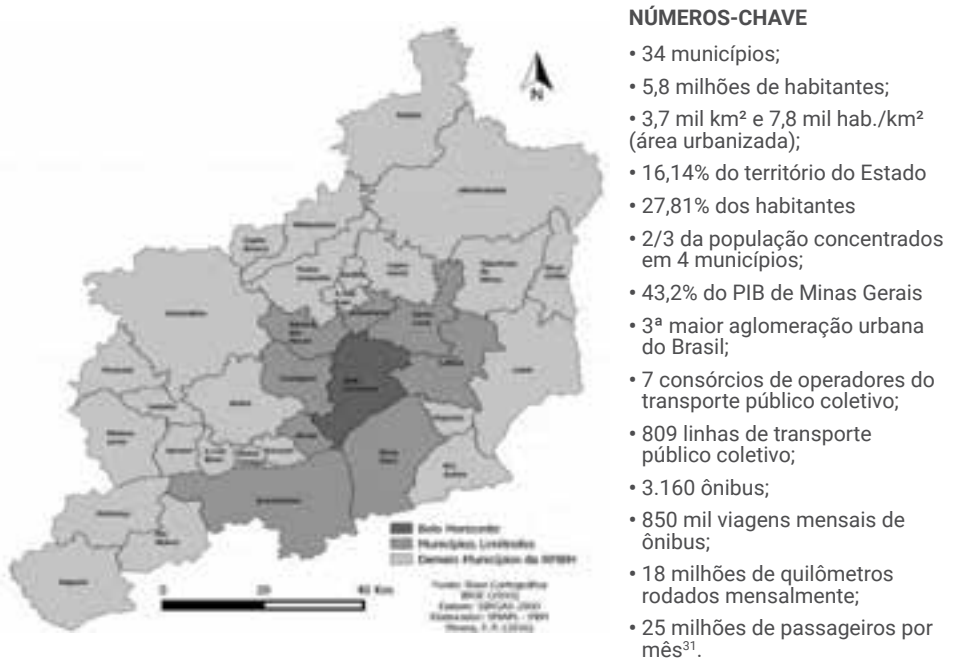
Tudo isso, como se vê, vai justamente na contramão das diretrizes propostas pela Política Nacional de Mobilidade Urbana, e uma das principais razões para que isso tenha acontecido é que os governos não tiveram capacidade de ampliar a oferta de transporte

---

<sup>30</sup> Disponível em [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Lei/L12587.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12587.htm)

público, por um lado, e incentivaram, com políticas de subsídio e obras públicas, a oferta de transporte individual. Se mais viagens estão sendo feitas, elas têm se realizado de maneira mais cara e com resultados ruins para a saúde física e mental da população, com mais acidentes, poluição e congestionamentos.

Figura 8 – Mapa da RMBH e principais indicadores



FONTE: Nossa BH - “Como ser observador metropolitano da mobilidade”, disponível em <http://nossabh.org.br/ficha-4/>.

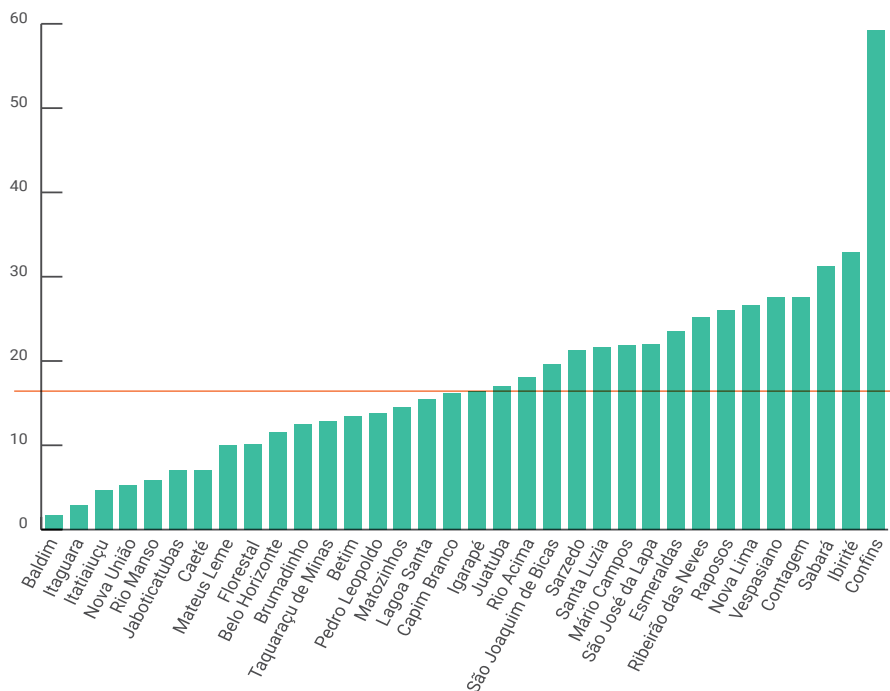
A Figura 9, por sua vez, mostra que a mobilidade afeta de forma desigual os diversos municípios da RMBH. Uma maneira de compreender isso é, por exemplo, comparar o percentual de viagens que tem origem em um município e destino em outro (percentual de

31 Fonte: Subsecretaria de Regulação de Transportes, maio 2015.



viagens externas). Pode-se perceber que, quanto maior este percentual, mais população daquele município depende das oportunidades existentes em outros locais, como é o caso de Confins, Ibirité e Sabará.

Figura 9 – Porcentagem de viagens externas - 2012.



Fonte: Pesquisa de Origem e Destino de 2012.

Transformar a mobilidade urbana é também transformar a forma como nos inserimos no mundo em que vivemos. Pense nas pessoas que você encontra ou deixa de encontrar todos os dias, dependendo da forma como você se desloca. A paisagem de sua rua, bairro e cidade,

os cheiros, os lugares e olhares. Tudo isso depende da forma como nos relacionamos com o espaço público, do que exigimos da cidade e do que a ela devolvemos. As consequências sociais do crescimento do transporte individual motorizado estão ao nosso redor e vão dos acidentes fatais à poluição do ar.

Para mudar esse cenário, é preciso se organizar e buscar a mudança a partir do cotidiano. Além da opção individual por modos de transporte mais sustentáveis, é necessário pressionar os governos para que realizem políticas públicas de melhoria da mobilidade urbana: a) desenvolvimento urbano concentrado, que estimule as centralidades e desestime a necessidade de deslocamento; b) ampliação do transporte público, revisão dos contratos de concessão e fortalecimento da capacidade de fiscalização e gestão coletiva; c) aumento da participação popular nas esferas gestoras, tanto para indicar problemas como para propor soluções; d) busca por soluções estruturais de longo prazo, como a retomada do transporte sobre trilhos, já proposta pela Agência Metropolitana da RMBH.

Como tudo no mundo, não se trata apenas de uma escolha pessoal, há questões e elementos mais amplos e contingentes que nos impedem de mudar. Mas, também como tudo no mundo, o primeiro passo para a mudança é o reconhecimento de sua necessidade.



## TEMA INTEGRADOR 8: TRABALHO

### ECONOMIAS POPULARES NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE: INTEGRAÇÃO ENTRE TRABALHO, CULTURA E TERRITÓRIO

Sibelle Cornélio Diniz

O trabalho é um dos elementos organizadores da vida no território. Ele expressa cultura, que se desdobra em relações de produção e regras formais e informais e que regulam a convivência em comunidade. Além disso, constitui um meio para alcançar a reprodução das famílias, promovendo também a identidade com o território.

Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, é grande a diversidade de articulações no que tange ao trabalho e à renda. Dentre essas, deve-se ressaltar a grande quantidade de trabalhadores que buscam sua reprodução na chamada “economia dos setores populares”. Entende-se como Economia dos Setores Populares *“formas de reprodução da vida não capitalistas assentadas no trabalho que possuem uma racionalidade econômica ancorada na geração de recursos (monetários ou não) destinados a prover e repor os meios de vida, e na utilização de recursos humanos próprios, agregando, portanto, unidades de trabalho e não de inversão de capital”* (Kraychete, 2000, p. 15).

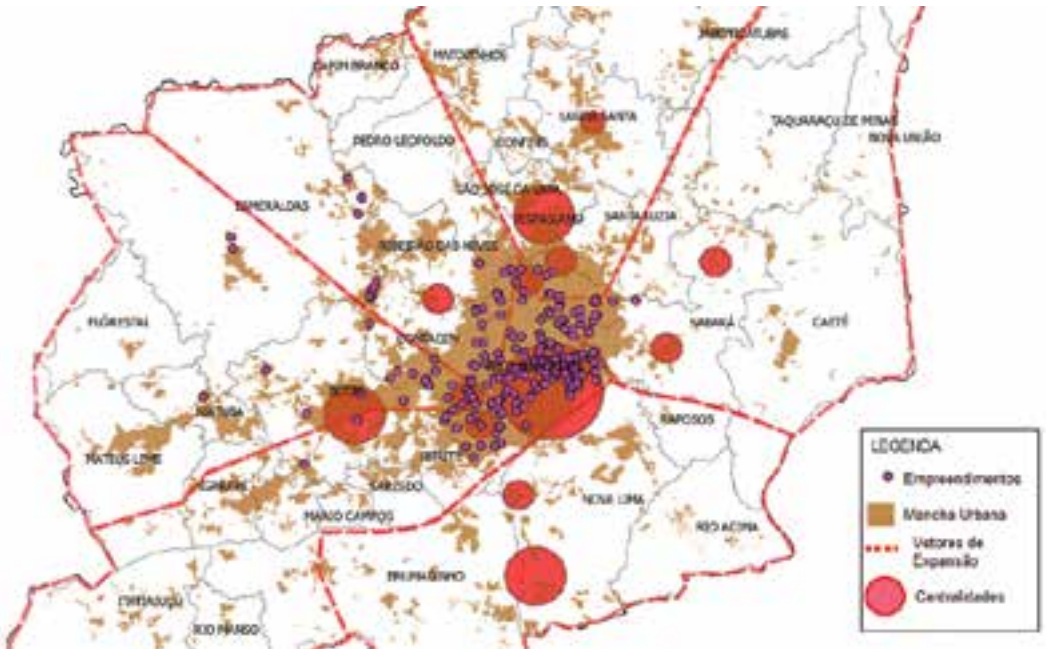
Esse conceito envolve, portanto, as formas da economia popular e solidária, que possuem como objetivo principal não o lucro, mas sim a própria sobrevivência e a “reprodução ampliada da vida” (Coraggio, 2009). Pode-se entender a economia solidária como um subconjunto da economia popular, englobando as cooperativas, associações e grupos informais organizados de forma autogestionária.

As experiências populares e solidárias são importantes para o reordenamento e a gestão territorial, na medida em que promovem o empoderamento de populações visando, em última

instância, o equilíbrio das relações de poder no território, por meio do fortalecimento de associações de produtores, cooperativas de trabalho e redes, que tenham o efeito de promover a identidade territorial (metropolitana).

A Figura 10 apresenta os empreendimentos mapeados pelo Sistema de Informações em Economia Solidária, realizado pelo Ministério do Trabalho e do Emprego entre 2009 e 2012, em cruzamento com os vetores de organização e com as principais centralidades metropolitanas.

Figura 10 – Empreendimentos econômicos solidários na RMBH (SIES 2012), centralidades e vetores de organização metropolitanos



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Sistema de Informações em Economia Solidária (2009-2012) e de definições do Macrozoneamento da RMBH.

Os dados desse mapeamento indicam 238 empreendimentos econômicos solidários na RMBH, dos quais 183 se localizavam em Belo Horizonte. Além da capital, foram mapeados empreendimentos em Contagem (41), Betim (7), Esmeraldas (5), Juatuba (1) e Sabará (1). Mesmo quando localizados fora da capital, os empreendimentos permanecem concentrados na mancha urbana, nos vetores Sudoeste, Oeste e Noroeste. Note-se ainda a alta representatividade nas centralidades de primeiro nível (centro metropolitano – BH) e nos centros de segundo nível (Contagem – região do Eldorado e Cidade Industrial –, Barreiro e Venda Nova).

A Economia Solidária na RMBH contava com 2.289 sócios em 2012, dos quais 81,0% eram mulheres. A Economia Solidária geralmente é impulsionada por motivações de um determinado grupo social (mulheres, desempregados, jovens, idosos, etc.). A maioria dos empreendimentos realiza atividades artesanais (artigos de decoração e vestuário, brinquedos, bijuterias, entre outros). Em menor proporção, estão as iniciativas ligadas às confecções (roupas infantis e moda feminina), produção de alimentos (doces, refeições) e reciclagem (papel, metal e tecido).

Apesar de seu potencial em termos de geração de emprego e renda, os dados evidenciam a dificuldade de identificar redes ou cadeias produtivas da Economia Solidária na RMBH. As práticas econômicas solidárias são, em grande parte, constituídas por iniciativas locais específicas, não necessariamente articuladas entre si e com dificuldades de se sustentarem no tempo, entretanto esses ligados à gestão, à comercialização, ao crédito, entre outros<sup>32</sup>.

---

32 Em Belo Horizonte, tem grande importância o Centro Público de Economia Solidária, espaço ligado à Prefeitura, localizado no prédio ao lado da Praça da Estação, no centro da capital. O local abriga, entre outros, as reuniões do Fórum de Economia Popular e Solidária da Região Metropolitana de Belo Horizonte (FEPS/RMBH), que constitui um braço do Fórum Mineiro de Economia Popular e Solidária (FMEPS), ligado ao Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). A atividade recente do Fórum Metropolitano de Economia Solidária aponta cinco cadeias ou redes em formação na RMBH: confecção, alimentação, reciclagem, higiene e limpeza e artesanato. Os fóruns são constituídos por membros dos empreendimentos econômicos solidários, do poder

Recorrendo à noção de desenvolvimento pensada por Celso Furtado em suas obras sobre cultura e criatividade (1978, 1984, 2012), pode-se pensar o fortalecimento da economia popular e solidária como uma estratégia de potencialização dos valores e da criatividade genuínos de nossa economia. É nas organizações individuais, familiares e associativas, de base popular e solidária, que verificamos a perpetuação e repasse intergeracional do conhecimento tradicional e de formas, em essência, criativas, o que abre a possibilidade de efetiva redução das disparidades e politização das minorias por um desenvolvimento endógeno.

Nesse sentido, deve-se pensar o fortalecimento dessas atividades, por meio de ações de visibilização, consolidação e apoio, bem como a construção de redes de empreendimentos, que incorporem a diversidade territorial e cultural da RMBH. São possíveis atores dessa rede:

- Os empreendimentos ligados aos fóruns municipais e metropolitano de economia solidária, sobretudo aqueles relacionados ao artesanato, reciclagem, produção de alimentos e confecções;
- As experiências de agricultura urbana, agroecologia urbana e agricultura familiar;
- As experiências de turismo de base comunitária e turismo familiar, englobando possíveis redes de restaurantes familiares, produção artesanal de alimentos, ecoturismo, turismo ecológico e turismo rural;
- Os coletivos de arte e cultura, em sua articulação aos centros culturais comunitários e outros equipamentos culturais;
- Os bancos comunitários e suas experiências de moedas sociais.

Em suma, o fortalecimento desses empreendimentos populares e solidários, bem como sua articulação em uma rede metropolitana, surge como estratégia fundamental para a geração de trabalho e renda no território. O robustecimento dessa economia, intensiva em

---

público e de entidades de apoio e fomento, que envolvem diversas instâncias da sociedade civil, como sindicatos, movimentos sociais, instituições religiosas e universidades.

trabalho, com fortes vínculos ao território e elevada preocupação social e ambiental, abrirá caminho para processos de desenvolvimento endógeno na RMBH.



### PARA SABER MAIS:

CORAGGIO, J. L. Economia do trabalho. In: CATTANI, A. D.; LAVILLE, J. L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. Dicionário Internacional da Outra Economia. São Paulo: Almedina Brasil, 2009.

FURTADO, C. *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FURTADO, C. *Cultura e desenvolvimento em época de crise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FURTADO, R. F. A. (Org.). *Arquivos Celso Furtado nº 5: Ensaios sobre cultura e o Ministério da Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

KRAYCHETE, G. et al. (Orgs.). *Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SINGER, P. I. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.



## **TEMA INTEGRADOR 9: MEIO AMBIENTE**

### **PAISAGEM E MEIO AMBIENTE NA DINÂMICA METROPOLITANA: AS SERRAS, AS ÁGUAS E AS PESSOAS.**

*Rodrigo Silva Lemos*

Esse texto tenta aproximar e trazer para o diálogo questões sobre como percebemos e valorizamos em nossas práticas cotidianas as paisagens e o meio ambiente. É uma tentativa de exemplificar e de mostrar como a percepção do território e a valorização ou a desvalorização de alguns marcos da paisagem são escolhas políticas, mas não necessariamente coletivizadas. São escolhas diárias, mas que não percebemos, por não valorizarmos, por não percebermos a sua importância e principalmente por nos atermos ao que existe, ao que é hoje, sem perceber a potência da mudança e da transformação social.

Para exemplificar as discussões, são referenciados dois importantes marcos da paisagem muito presentes em diversos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte: as serras e os cursos d'água. Para discutir as potências, é retomada a dimensão das pessoas, enquanto sujeitos em contínua formação de autonomia. O texto discute como a nossa percepção da paisagem e mesmo do que é ambiente é limitada a formas e a alguns modelos específicos; tenta mostrar como essas diferentes percepções e valorizações nos trouxeram para a conformação atual das paisagens hegemônicas das cidades; e reconhece a potencialidade da mudança e da transformação da sociedade a partir da autonomia na percepção da natureza e na desconstrução das paisagens atuais.

Na língua portuguesa, o conceito de meio ambiente resguarda uma diversidade de significados que não existe em outros idiomas. O conceito composto pelas palavras “meio” e “ambiente” pode ser desmembrado para entendermos a suposta ambiguidade: “meio”



origina-se de estar ao centro, circundado; ambiente tem sua origem no latim, no qual o sufixo “amb” também significa meio, ao redor. Ambiente, portanto, significa “aquilo que nos rodeia” (HOLZER, 1997). A expressão “meio ambiente” utilizada na língua portuguesa, portanto, resguarda em si uma redundância ao utilizar dois significantes que tem como origem e formação aquilo “que está ao redor”.

Ambiente associa-se diretamente a espaço que circunda, que insere. Na modernidade, a ciência e o ser humano tentam desvendar os mistérios do mundo natural, consolidando uma representação de natureza que é separada da dimensão humana e das práticas sociais. Influenciada pela formação do pensamento científico moderno, que ansiava dominar, entender e domesticar as inconstâncias e o caos presentes no meio natural, a concepção de meio ambiente afastou-se das práticas humanas, sendo de forma recorrente entendida como externa às pessoas e ao cotidiano. Esse entendimento da humanidade como aquém e além da natureza teve rebatimento em toda a nossa forma de organização social. Sob essa ótica foi consolidada, na sociedade moderna, uma visão de mundo na qual o meio ambiente e a natureza são compostos por objetos, por coisas que existem independente da representação humana e das diferentes práticas sociais.

Seria algo como pensar que o “meio ambiente e a natureza estão lá fora”, nas serras longínquas, nos rios limpos ou nas matas distantes; a natureza está nos parques, nas áreas protegidas e nunca nas cidades, próximos de nós e do cotidiano. Mas é importante lembrar que apesar de ser recorrente, essa não é uma interpretação correta. O ambiente é tudo que está ao nosso redor e a natureza está também próxima, talvez modificada, mas está perto! Basta olhar com atenção.

O “que está à volta” dos seres humanos não são apenas objetos, mas são também representações e relações sociais, muitas vezes diferentes e talvez conflituosas. O que está à volta compõe

diferentes paisagens e muitas representações sociais que mudam cotidianamente e de forma cada vez mais rápida. Ao nosso redor, hoje tudo é diferente do que foi ontem. Ao olhar para um grande marco natural na paisagem tem-se a imagem de que ele é fixo, contínuo, que esteve ali antes de nascermos e que estará depois que nos formos. Como exemplifica o poeta Carlos Drummond de Andrade:

Chego à sacada e vejo a minha serra,  
a serra de meu pai e meu avô,  
de todos os Andrades que passaram  
e passarão, a serra que não passa. (...)  
Esta manhã acordo e  
não a encontro.  
Britada em bilhões de lascas  
deslizando em correia transportadora.(...)

(“A Montanha Pulverizada” - Carlos Drummond de Andrade - 1902 - 1987)

Os grandes marcos da paisagem, como os cursos d’água, as serras e as montanhas se mostram como algo fixo, imutável – uma continuidade da vida que estava lá com nossos antepassados e estará lá para nossos filhos. As serras, as montanhas e as águas são marcos importantes da paisagem, mas não têm nada de fixo. Elas são também alteradas pela sociedade; sua percepção é construída, assim como os seus usos, as suas finalidades e a sua importância.

A serra que aparentemente não passa, que se mostrava rigorosa com o tempo e imóvel na paisagem descrita por Carlos Drummond de Andrade, em um curto momento não mais está lá. Foi retirada e britada, mudada de endereço com destino ao exterior. Não retornará. Aquele marco se perdeu, talvez para sempre. A técnica e as vontades humanas alteram de forma direta e significativa os espaços naturais, mudando as formas como vemos e percebemos esses locais, como estamos próximos ou distantes de suas realidades e como percebemos a suas alterações.

O meio ambiente e sua percepção mais direta e visível, a paisagem, resguardam em si processos de mudanças que acontecem em muitas escalas e em diferentes tempos. Um exemplo, mostrado na foto abaixo, é o Rio Paraopeba, impactado após o crime ambiental de rompimento da barragem de Feijão, localizada no município de Brumadinho e que vitimou centenas de trabalhadores.



Lama e o Rio Paraopeba, após o rompimento da barragem de Feijão  
Foto: Vivi Costa

O Rio Paraopeba, como paisagem, é também o acúmulo da história das decisões passadas e das atuais, dos acertos e dos erros da sociedade. A paisagem é também produto de como vemos, pensamos e representamos cada uma dessas áreas. A imagem acima mostra um conjunto de prioridades e de formas de intervenção que tomamos enquanto sociedade e que demonstram a valorização que

damos aos nossos patrimônios naturais. Outras formas são possíveis e necessárias, outras economias podem ser desenvolvidas, mas é importante destacar que essa paisagem e modificações foram geradas por sucessivas escolhas políticas de nossa sociedade – escolhas das quais a coletividade muitas vezes não participa ou sobre as quais tem pequena capacidade de intervenção. Discutir o que pode ou não ser feito em uma área é um direito coletivo e político, mas demanda autonomia e organização social.

Os córregos, ribeirões e rios, como remanescentes de uma natureza útil, foram moldados e utilizados como forma de garantir a fluidez necessária para as estruturas humanas de drenagem e de saneamento. Mas qual a representação coletiva e quais significados vinculamos de forma mais geral para os cursos d'água? Ao fazer esse questionamento para crianças e jovens, a resposta mais recorrente é que: “são lugares sujos”; “é onde ficam os esgotos”, “é um local cheio de ratos e de baratas”.

Atribui-se aos cursos d'água um significado ruim, uma representação que é parcial e construída na paisagem atual. Não é relevada a potencialidade! Ao longo da história humana os cursos d'água foram muito mais, ajudaram a trazer alimento, permitir o lazer e gerar riqueza. É preciso reconhecer nos cursos d'água o potencial da mudança na paisagem e nas relações humanas. Os rios, na sociedade moderna e em nossas cidades, também podem ser mais que apenas equipamentos de saneamento. As serras e as montanhas também podem ser mais que apenas recurso natural a ser explorado, ou área a ser ocupada. Tanto as serras quanto às águas podem ser ressignificadas para a construção de um imaginário coletivo de patrimônio a ser valorizado, cuidado e gerido, com respeito à diversidade e aos diferentes e complexos entendimentos e representações sociais.

As serras e as águas são patrimônios naturais e estão diretamente associados à percepção e à valorização que cada pessoa e cada grupo social atribui àqueles locais. Por isso, podemos pensar uma mesma área a partir de diferentes perspectivas e representações sociais. Uma serra pode ser um espaço de contemplação, pode ser área de recarga para um importante manancial, ou ainda recurso mineral utilizado para gerar ganhos econômicos, pode ser espaço religioso e sagrado. Um curso d'água pode ser um espaço de encontro e de lazer, um local de contemplação ou um eixo de esgoto, local de doenças e de sujeira.

A forma como vemos o nosso patrimônio anuncia o nosso destino e as paisagens futuras ainda serão construídas. Se percebemos as serras apenas como minério, cedemos à representação econômica da natureza como recurso, apenas; se vemos os rios como eixos de escoamento de esgotos, perdemos a oportunidade de pensar a cidade de uma forma mais sensível à dinâmica das águas.

“A consciência precede a ação”, já diz o ditado popular. Para construirmos uma sociedade em que os diferentes níveis de patrimônio natural sejam valorizados precisamos construir um movimento de ressignificação do que são os espaços de natureza e como os queremos próximos da nossa dinâmica cotidiana. Isso já acontece em todo o mundo, por meio de variadas iniciativas, mas que têm uma estrutura de pensamento comum: valorizar os elementos de natureza na paisagem é uma oportunidade para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, para a sustentabilidade ambiental e social das cidades e para diferentes atividades humanas.

Nesse breve texto defende-se a ideia de que – para construirmos uma relação de cuidado e de importância para estes dois importantes marcos na paisagem metropolitana –, precisamos antes perceber neles outros valores e qualidades, outros usos e importâncias. É

fundamental construir essas importâncias com a sociedade, por meio do diálogo, entendendo as diferentes representações e os valores que são atribuídos a cada contexto. Mais ainda, é necessário ver na paisagem atual a possibilidade da mudança e da construção de contextos que aproximem a sociedade dos espaços de natureza, permitindo diferentes níveis de integração e de valorização em políticas públicas, ações educacionais e mobilização social. É fundamental ressignificar esses espaços como áreas importantes para as cidades e para as pessoas, construindo lugares de encontro, de contemplação, de valorização e de desenvolvimento econômico.

Perceber a potencialidade desses diferentes eixos e marcos da paisagem é um ato político e que se fundamenta na diversidade e no respeito à diferença de percepções e de contraposição de olhares. Para isso é necessário a construção de formas de diálogo e de aproximação entre as pessoas, de forma a construir e reconhecer as diferentes representações de mundo, das formas de natureza e de sua valorização ou não. Essa aproximação pelo diálogo é um movimento de educação e de construção de autonomia, à medida que também permite e destaca as percepções do sujeito entendido como ser social e não apenas como indivíduo. Pensar essa diversidade de olhar e respeitar a percepção mesmo que antagônica do outro é um exercício de empatia e de reconhecimento das pessoas como partícipes da sociedade e construidoras, pela ausência ou pela presença, das paisagens que ajudamos a moldar coletivamente.

Atualmente existem diferentes iniciativas da gestão pública, de organizações da sociedade civil, de instâncias de planejamento participativo e diversas outras instituições que tentam construir ou ressignificar esses contextos de paisagem. É o exemplo do Macrozoneamento Metropolitano, contratado pela Agência de Desenvolvimento da RMBH; ou do projeto do Subcomitê de Bacias Hidrográficas do Arrudas, que cadastra cuidadores de nascentes

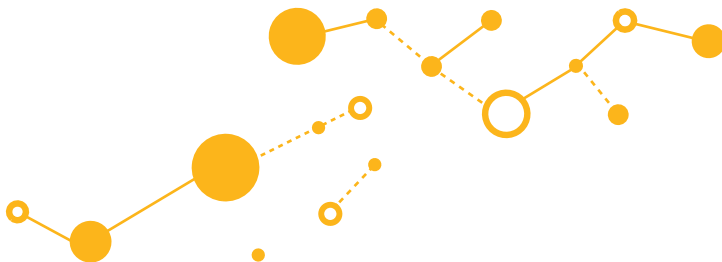
em áreas urbanas; além de diversas outras iniciativas e propostas. Contudo, o maior desafio é construir uma consciência política coletiva de valorização desses marcos da paisagem e dos benefícios econômicos e sociais potenciais que podem trazer para todos nós.

“A educação não muda o mundo. A educação muda pessoas. Pessoas mudam o mundo.”, já afirmou Paulo Freire. Acreditamos que as iniciativas e diversas outras que aqui não puderam ser nomeadas são potenciais de construção dos sujeitos e das pessoas para a compreensão dessas outras potencialidades da paisagem, do entendimento de que o território e a sociedade podem ser melhores, mais justos e equilibrados. Esse processo apenas se constrói em conjunto, juntos e em diálogo.



#### PARA SABER MAIS:

HOLZER, W. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** Revista Território, p. 77–85, 1997.



## **TEMA INTEGRADOR 10: TRAMA VERDE E AZUL**

### **UMA NOVA APOSTA PARA A ARTICULAÇÃO METROPOLITANA**

*Ana Mourão Oliveira*

A *Trama Verde e Azul* é uma proposta que vem sendo construída ao longo do processo de planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte, que se iniciou em 2009, com a elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PDDI-RMBH) e passou por outros dois momentos de desdobramento: o desenvolvimento do Macrozoneamento Metropolitano (MZ-RMBH), entre 2013 e 2015, que é um programa da Política Metropolitana Integrada de Uso e Ocupação do Solo, proposta no PDDI; e a revisão dos Planos Diretores de 11 dos 34 municípios metropolitanos, entre 2017 e 2018, também derivada da mesma política.

Esse processo de planejamento metropolitano tem sido desenvolvido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e agenciado pelo governo do Estado, que assumiu a centralidade na retomada do planejamento e gestão na RMBH. Contudo, além da participação estrutural da UFMG e de outras universidades parceiras na sua elaboração, evidencia-se também uma importante e crescente participação da sociedade civil organizada, até então não muito habituada à atuação no âmbito metropolitano. Todas as etapas do planejamento, até então realizadas, tiveram como orientação comum uma perspectiva crítica e transdisciplinar, participativa e experimental-processual. Ou seja, apostou-se na descoberta coletiva de novas possibilidades para um planejamento metropolitano engajado na luta pela politização e democratização da gestão territorial, a partir do aprendizado social construído ao longo do processo.

O PDDI incorporava a dimensão ambiental em muitas das suas políticas, de maneira transversal, embora ainda fosse uma abordagem fragmentada entre os diferentes eixos temáticos. Já na segunda etapa,



no projeto do Macrozoneamento, iniciou-se a proposta de concepção de um elemento articulador do território metropolitano, tendo as questões ambientais como uma de suas bases fortes. Daí surgiu a *Trama Verde e Azul*. A partir dos adjetivos verde e azul, já pode-se supor, com uma pequena dose de abstração, que se relacione com as dimensões da vegetação e das águas. Pois a ideia nasceu a partir do interesse de se articular os espaços relacionados às políticas de recursos hídricos e de áreas verdes e protegidas, junto com questões culturais e de mobilidade urbana. Uma ideia central para se pensar a *Trama Verde e Azul* era a dos parques lineares, onde seria possível articular tais dimensões.

A proposta vem sendo desenvolvida, portanto, a partir dessa semente plantada no Macrozoneamento, sendo direcionada tanto pelos processos participativos do planejamento metropolitano – onde tem recebido grande adesão popular – quanto pela inspiração em experiências similares ao redor do mundo, além das articulações das equipes técnicas multidisciplinares envolvidas na elaboração dos planos. A *Trama Verde e Azul* teve seu arcabouço conceitual desenvolvido no Macrozoneamento, sendo concebida como um elemento potencial de estruturação metropolitana, alternativo àqueles tradicionais, que são o sistema viário e os centros de comércio e serviços. Pretendia-se propor uma articulação de outros elementos, como as áreas livres (ou não construídas), vegetadas, permeáveis e também os rios e suas margens, assegurando a continuidade entre espaços naturais e rurais na dinâmica urbana da metrópole, incentivando seu uso, sua diversificação e sua proteção.

Em que pese a importante elaboração teórica relacionada à proposta da *Trama Verde e Azul* no âmbito do Macrozoneamento, ela não esteve isenta de falhas e contradições próprias de uma ideia em processo de construção e amadurecimento. Portanto, a sua consolidação conceitual, assim como seu desdobramento

instrumental e normativo mais vinculados às realidades das práticas socioespaciais, foram melhor desenvolvidos na terceira etapa do planejamento metropolitano, qual seja, a recente revisão dos Planos Diretores de 11 municípios da RMBH. Nesse momento, a *Trama Verde e Azul* foi definida como “uma articulação entre elementos ambientais, culturais e econômicos que pretende articular, empoderar e ressignificar territórios marginalizados ou invisibilizados pela lógica tradicional do planejamento”<sup>33</sup>.

Foram, portanto, levantados, ao longo do processo, os elementos constituintes da *Trama Verde e Azul* nos âmbitos municipais e locais. A aproximação aos espaços da vida cotidiana da população possibilitou o reconhecimento dos lugares em que se realizam práticas relacionadas à ideia da *Trama* e daqueles em que é manifesto o desejo comunitário de uso e apropriação. Com isso, foram incorporadas à proposta, além das áreas de proteção ambiental já reconhecidas, outras sugeridas pela população, seja por sua importância para a dinâmica e a qualidade das águas, pelos seus atributos paisagísticos, pelos usos comunitários que já existem ou que são desejados, pelas práticas agrícolas existentes, pela presença de bens, espaços ou manifestações culturais, e pelos desejos manifestos de formas alternativas de mobilidade pelo município.

Finalmente, a proposta consolidou-se em torno da articulação de cinco tópicos estruturantes: marcos ecológicos e paisagísticos; eixos fluviais e áreas de relevância hídrica; agriculturas; patrimônio cultural, natural e arqueológico; e rede de acessibilidade e mobilidade ativa<sup>34</sup>. A proposta foi instrumentalizada no projeto de lei dos Planos Diretores<sup>35</sup>

---

33 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Processo de revisão – Plano Diretor – Município. *Produto 1: Relatório do processo de formação dos grupos de acompanhamento e dos lançamentos dos processos de revisão dos planos diretores*. Belo Horizonte, nov. 2016.

34 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Processo de revisão – Plano Diretor – Município. *Produto 8: Proposta de estrutura territorial*. Belo Horizonte, mar. 2018.

35 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Processo de revisão – Plano Diretor – Município. *Produto 9: Projeto de Lei*. Belo Horizonte, ainda não publicado.

a partir de zoneamentos e propostas viárias que determinaram áreas em que as diretrizes e políticas relacionadas à *Trama Verde e Azul* devem incidir.

As diretrizes são: a) Promover a proteção e recuperação dos cursos d'águas, das áreas de preservação permanente, das áreas livres com vegetação nativa ou cultivada; b) Proteger a produção agrícola, em especial aquela realizada em pequena escala ou oriunda de agricultura familiar; c) Fomentar a produção e a transição agroecológicas; d) Proteger e valorizar o patrimônio cultural, natural, arqueológico, paisagístico e as áreas de manifestações e presença de bens culturais; e) Viabilizar usos recreativos diversificados no território municipal, valorizando seus atributos ambientais; f) Promover a criação de circuitos de mobilidade ativa; g) Estimular o turismo ecológico e cultural; h) Minimizar os riscos ambientais; h) Viabilizar o acesso livre da população às áreas de interesse ambiental e social do município como os rios, suas margens, mirantes e lagoas.

A proposta da *Trama Verde e Azul* encontra-se atualmente estruturada dessa maneira. As informações mais detalhadas podem ser encontradas nos relatórios de revisão dos Planos Diretores e nos respectivos projetos de lei, que ainda serão alvo de aprovação pelas Câmaras Municipais<sup>36</sup>. Sabemos que nem sempre planos inovadores, ousados e que lidam com os conflitos de interesses entre os agentes metropolitanos conseguem ser aprovados ou implantados. Contudo, o aprendizado social, a formação política e a articulação de movimentos em prol de maior justiça social, aspectos que têm sido importantes nesse processo de planejamento metropolitano, podem contribuir para um maior engajamento da população no processo de aprovação e implementação das propostas vinculadas à *Trama Verde e Azul*, assim como à manutenção do debate que ela estimula.

---

<sup>36</sup> Todas as informações, documentos, relatórios e etc., referentes ao planejamento metropolitano iniciado com a elaboração do PDDI, estão disponíveis no site [www.rmbh.org.br](http://www.rmbh.org.br)

## UM EXEMPLO DA PROPOSTA DA TRAMA VERDE E AZUL

Como exemplo apresentamos a proposta resumida da *Trama Verde e Azul* do município de São Joaquim de Bicas. Ela foi elaborada na revisão do seu Plano Diretor, que ainda será objeto de aprovação pela Câmara Municipal. A Figura 11 abaixo identifica seus componentes, instrumentalizados por zoneamentos e propostas viárias, onde devem ser aplicadas as políticas correspondentes.

A Serra de Itatiaiuçu, a Serra da Farofa e a região de Paciência são consideradas marcos ecológicos e paisagísticos do município. Elas são identificadas no mapa por essa grande área verde contínua (na legenda, ZP-1), na porção sul e sudeste do município. Elas devem ter seus atributos ambientais protegidos, além de receberem incentivos para o lazer e o turismo ecológicos.

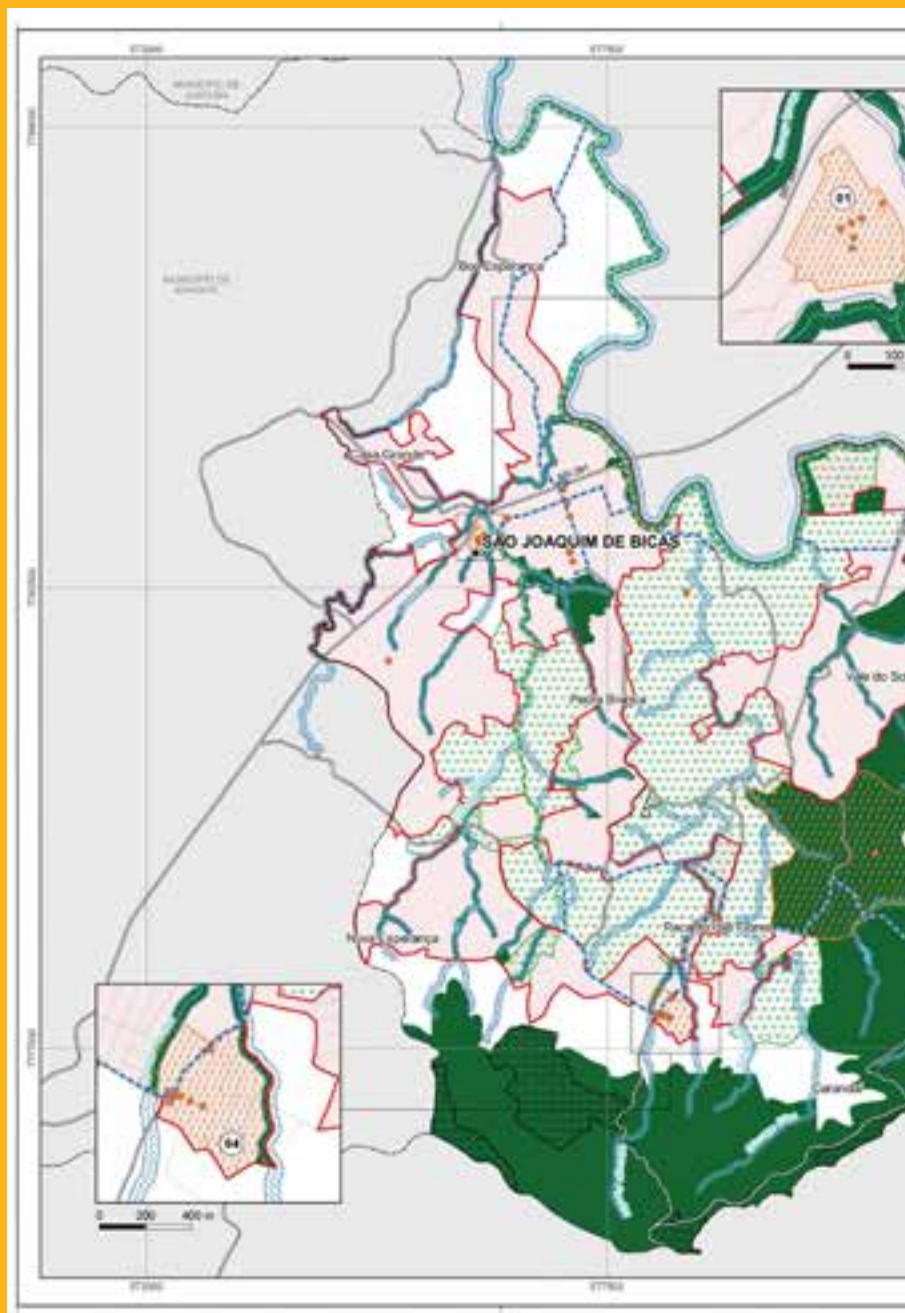
As áreas de atividades minerárias na Serra do Itatiaiuçu, hachuradas em preto no mapa (ZDE-TVA-MIN), devem receber políticas que garantam a execução dos programas de recuperação das áreas degradadas. Novos usos sociais e econômicos condizentes com sua importância ambiental e paisagística deverão ser estimulados.

Dentro das áreas urbanas, coloridas de rosa e com o limite vermelho no mapa, são propostos novos parques, também identificados pela cor verde (ZP-1). Muitos deles estão nas margens dos rios e córregos. Destaca-se especialmente aquele situado entre a região de Retiro do Moinho e a sede do município, devido à sua dimensão e proximidade com a área central. É uma região com declividade elevada, presença de cursos d'água e vegetação expressiva.

A região de Bicas Velha, da Serra da Farofa e dos povoados Fecho do Funil e Nossa Senhora da Paz foram incorporadas à *Trama Verde e Azul* por sua importância cultural, identificados no mapa pela hachura laranja (ZDE-TVA-CULT).

Em Bicas Velha, uma das primeiras áreas povoadas do município, estão localizados os principais bens arquitetônicos históricos do

Figura 11 – Proposta de TVA em São Joaquim de Bicas



## PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO DE SÃO JOAQUIM DE BICAS

### TRAMA VERDE E AZUL - TVA

Folha 01/01



#### LEGENDA

##### COMPONENTES DA TVA

- Lugar de interesse cultural
- Via parque linear proposta
- Via pedestral cicloviária proposta
- ZDE-TVA-AGROECO / Zona de Diretrizes Especiais - Trama Verde e Azul - Agroecologia
- ZDE-TVA-CULT / Zona de Diretrizes Especiais - Trama Verde e Azul - Cultural
- ZDE-TVA-FLU / Zona de Diretrizes Especiais - Trama Verde e Azul - Fluvial
- ZDE-TVA-MIN / Zona de Diretrizes Especiais - Trama Verde e Azul - Territórios Minerários
- ZF-1 / Zona de Proteção I

##### BASE CARTOGRÁFICA

- Perímetro urbano
- Sede de município
- Limite de município
- Ferrovia
- Principais vias
- Vias
- Curso d'água
- Represa



1:85.000

Projeto Nacional: LTR 000045/2009, Fase 2/3  
 Organizações executoras: Equipes e Escritório de PV do Geopark  
 coordenadas de latitude: 19° 00' 00" S e 50° 20' 00" W, respectivamente.

Elaboração: Equipe PD RMBH

Ano: 2018



Agência de Conservação do  
 Geopark



município, como a Praça e a Igreja da Matriz, além de ser um espaço importante para celebrações culturais e convívio social.

O povoado Fecho do Funil também teve importância histórica na formação urbana do município e lá estão presentes bens culturais notáveis, como a Estação Ferroviária, a Capela de Nossa Senhora de Santana e a Ponte Pênsil sobre o Rio Paraopeba.

O povoado Nossa Senhora da Paz, conhecido como Farofas, também conta com monumentos, edificações, praças e celebrações de grande importância cultural.

A Serra da Farofa, por sua vez, é um patrimônio ambiental e paisagístico do município!

As regiões com atividade agrícola existente ou potencial que se encontram próximas a áreas urbanizadas ou a cursos d'água, foram incorporadas à *Trama Verde e Azul* com o intuito de fortalecer a atividade e apoiar a transição agroecológica, garantindo a manutenção da segurança alimentar, nutricional e ambiental. Estão identificadas no mapa pela hachura verde (ZDE-TVA-AGROECO). Essas áreas são aquelas com atividade agrícola inseridas nas áreas urbanas consolidadas, ou no seu entorno próximo; as da região centro-oeste e centro-sul do município, que apresentam importante atividade de agricultores familiares; e as áreas produtivas existentes e potenciais, no povoado de Farofas. Além destas, também foram consideradas como parte da *Trama* as áreas com atividade agrícola que margeiam os cursos d'água importantes, como Rio Paraopeba, o Córrego Farofas, o Córrego do Elias, o Córrego São Joaquim, o Córrego Vila Rica e o Córrego Açoita Cavalos.

Todos os cursos d'água do município, assim como suas margens, também foram incorporados à *Trama Verde e Azul*, já que historicamente os rios vêm sofrendo grande impacto, principalmente pela atividade minerária, pelo desmatamento, ocupação das suas margens e pelo uso de agrotóxicos na agricultura convencional. Essas áreas são, portanto, alvo de políticas de saneamento, proteção e recuperação ambiental. Além

disso, pelo potencial que possuem para o uso comunitário, a proposta prevê ações para a viabilização do amplo acesso da população aos rios e o fomento de atividades de lazer e turismo ecológicos. No mapa, são identificadas pela hachura azul (ZDE-TVA-FLUV).

São também propostos, na *Trama Verde e Azul*, percursos de mobilidade ativa, para serem feitos a pé ou em bicicleta. Eles conectam diferentes regiões do município e, em muitos casos, margeiam os rios e córregos, com propostas de transformarem-se em futuros parques lineares! São identificados no mapa pelas linhas tracejadas em verde (via pedonal ciclística) e em azul (via parque linear). O principal itinerário é ao longo do Rio Paraopeba, por todo o potencial que possui para o lazer, o turismo e a integração metropolitana!







Festa do Preto Velho - Também conhecida como Procissão do Preto Velho  
na Praça do Preto Velho no Bairro Concórdia em Belo Horizonte /MG  
Foto: Élcio Paraíso

A large crowd of people, mostly wearing white clothing, is gathered at night. In the background, there is a white tent structure. The scene is illuminated by warm, yellowish lights, creating a festive atmosphere. The text '3. CRÉDITOS E EQUIPE' is overlaid in white, bold, sans-serif font at the bottom of the image.

### 3. CRÉDITOS E EQUIPE



## SOBRE A REALIZADORA

*Favela é Isso Aí:* organização não governamental fundada em 2004 a partir dos resultados do Guia Cultural das Vilas e Favelas de Belo Horizonte. A organização foi criada com o objetivo de proporcionar a construção da cidadania a partir do apoio e divulgação das ações de arte e cultura da periferia. Busca também contribuir para a redução da discriminação em relação aos moradores de vilas e favelas, promover geração de renda para os grupos culturais, melhorar as condições do fazer artístico e contribuir para os processos de transformação social através da arte e da cultura. Veja [www.favelaeissoai.com.br/](http://www.favelaeissoai.com.br/)

## EQUIPE PERIFERIAS EM REDE 2018

*Coordenação geral:* Clarice Libânio

*Equipe audiovisual:* César Maurício, Fernando Libânio e Roberth Michael

*Articulação comunitária:* Nil César e Rodolfo Ataíde

*Arte gráfica:* Carol D'Alessandro

*Comunicação:* Cristiano Silva

*Pesquisa:* Josemeire Alves, Luísa Nonato e Thales Santos

*Bolsistas:* Alexsandro Claudio (Trigger), César Zanandreis, Dandara Aimée dos Santos, Maria Clara Ribeiro e Tiphany Gomes

*Produção:* Jeane Moreira

*Gestão financeira:* Janete Pinheiro

*Técnico de luz e som:* Aparecido Donizete Oliveira



## **SOBRE OS AUTORES E FOTÓGRAFOS**

*Alexsandro Trigger* é artista plástico pela Escola Livre de Artes / ELA, Pesquisador em processos audiovisuais analógicos e coordenador educativo do Muquifu - Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos.

*Ana Mourão Oliveira* é bióloga, mestre em planejamento territorial e gestão ambiental pela Universidade de Barcelona e doutoranda em geografia pelo IGC/UFMG.

*André Veloso* é doutorando em economia e ativista da mobilidade urbana, participa do Movimento Tarifa Zero BH.

*Caroline Craveiro* é geógrafa, mestre em Geografia, especialista em Administração Pública e em Estudos Ambientais e servidora efetiva da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

*César Zanandreis* é produtor cultural e graduando em Pedagogia na UFMG. Foi bolsista de pesquisa do projeto Periferias em Rede.

*Clarice de Assis Libânio* é antropóloga, doutora em arquitetura e urbanismo pela Escola de Arquitetura / UFMG e coordenadora-executiva da ONG Favela é Isso Aí.

*Consuelo Abreu* é fotógrafa e desde 2004 investiga de forma independente as manifestações culturais tradicionais, como os congados e folias, documentando, especialmente, as comunidades menos conhecidas em Minas Gerais.

*Dandara Aimée dos Santos* é graduanda em pedagogia, estudante das dinâmicas raciais e de gênero e suas implicações na educação. Voluntária na Educafro Minas.



*Daniel Galdino Netto* é estudante de economia da UFMG e foi bolsista do projeto Lumes RMBH.

*Daniela Andrade* é arquiteta e urbanista com MBA em gestão de negócios pela FGV e graduanda do último ano no curso de Relações Econômicas Internacionais pela FACE-UFMG.

*Eduardo Maia Memória* é arquiteto e urbanista, mestrando em arquitetura e urbanismo pela Escola de Arquitetura da UFMG; e coordenador de Informação, Comunicação e Representação do Plano Metropolitano - RMBH - UFMG, desde 2009.

*Élcio Paraíso* é fotógrafo, formado em Jornalismo. Trabalhou como fotojornalista por mais de uma década. É sócio da Bendita Conteúdo & Imagem e vem, desde 1997, documentando com um olhar autoral os rituais e festejos populares em Minas Gerais.

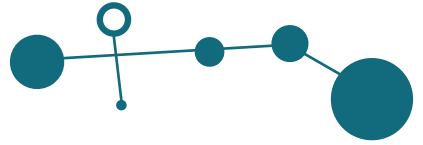
*Fernando Libânio* é proprietário da Acanga Filmes e trabalha com Fotografia e Audiovisual há mais de 20 anos.

*Flávia Mourão Parreira do Amaral* é engenheira civil e sanitaria; foi Diretora Geral da Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte no período de 2015 a 2018.

*Gustavo Nogueira de Souza* é graduado em Geografia pela UFJF/MG e graduando em Ciências Econômicas pela FACE-UFMG.

*Heloisa Costa* é arquiteta, urbanista, doutora em demografia e professora titular do Departamento de Geografia do IGC-UFMG. É coordenadora do AUÊ! Grupo de Estudos em Agricultura Urbana.





*Josemeire Alves Pereira* é historiadora, Doutoranda em História Social (Unicamp). Integra a equipe da Casa do Beco como Gestora e Assessora Institucional.

*Juliana Ribeiro de Aquino* é graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFJF e bolsista da ONG Favela é Isso Aí e do Programa Lumes.

*Junia Ferrari* é arquiteta urbanista, com mestrado e doutorado na área, e professora do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG.

*Jupira Gomes de Mendonça* é docente na UFMG, Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela UFRJ, Pesquisadora do CNPq e Co-Coordenadora do Núcleo BH do Observatório das Metrôpoles.

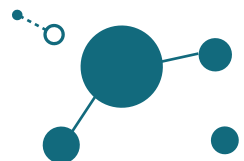
*Leopoldo Curi* é arquiteto e urbanista formado pela PUC-MG em 2002. Há 17 anos trabalha com planejamento urbano e regional e ordenamento territorial. Atualmente se dedica à pesquisa acadêmica de mestrado no NPGAU-EAD/UFMG.

*Lucien André Regnault Marques* é analista internacional, bacharel em Relações Econômicas Internacionais pela FACE-UFMG.

*Luísa Nonato* é graduanda em Geografia pelo IGC-UFMG, pesquisadora no Projeto Periferias em Rede e vinculada ao Observatório da Juventude da UFMG.

*Luiz Gustavo Ferraz Coelho* é arquiteto e urbanista pela Escola de Arquitetura / UFMG.

*Maria Clara Ribeiro Soares* é formada em história pela PUCMINAS e produtora cultural do Instituto Semifusa. Foi bolsista de pesquisa do projeto Periferias em Rede.





*Melissa Luciana de Araújo* é do Grupo de Estudos em Agricultura Urbana AUÊ!, da UFMG.

*Patrícia Cristina Coutinho Nardini* é do Grupo de Estudos em Agricultura Urbana AUÊ!, da UFMG.

*Pedro Henrique Cícero Ferreira* é bacharelando em Geografia pela UFMG.

*Roberto Luís Monte-Mór* é arquiteto, urbanista, doutor em Planejamento Urbano pela UCLA, professor no Cedeplar/Face e NPGAU/Arquitetura, ambos da UFMG. Coordenador do PDDI/RMBH.

*Rodolfo Ataíde* é gestor cultural e fotógrafo, graduado em gestão em marketing e Diretor administrativo do Instituto Cultural Semifusa.

*Rodrigo Lemos* é geógrafo, doutor em geografia e análise ambiental pelo Instituto de Geociências da UFMG.

*Saulo Albuquerque* é gestor ambiental, mobilizador social e produtor agroecológico.

*Sibelle Diniz* é economista, doutora em economia pelo Cedeplar/UFMG, onde é professora adjunta. Atua nos temas: economia popular e solidária, economia social, economia da cultura.

*Thales Santos* é bacharel em Ciências Sociais pela UFMG, professor de sociologia na rede pública, educador social e Coordenador de Pesquisas na ONG Favela é Isso Aí.

*Tiphany Gomes Rodrigues* é dançarina, coreógrafa, professora de dança e estagiária do Projeto Periferias em rede da ONG Favela é Isso Aí.

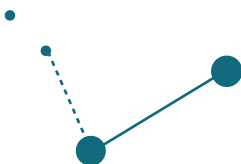






Foto: Élcio Paraíso



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-60740-14-7



9 788560 740147

coordenação:



patrocínio:



realização:

